

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**JANELAS ENTREABERTAS: HISTÓRIAS DE MULHERES SOVIÉTICAS EM
MOVIMENTO – DE 1960 AO TEMPO PRESENTE**

LÚCIO GELLER JUNIOR

PORTO ALEGRE

2022

LÚCIO GELLER JUNIOR

**JANELAS ENTREABERTAS: HISTÓRIAS DE MULHERES SOVIÉTICAS EM
MOVIMENTO – DE 1960 AO TEMPO PRESENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Linha de pesquisa: Cultura e representações

Orientadora: Prof. Dra. Regina Weber

PORTO ALEGRE

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Carlos André Bulhões Mendes

VICE-REITORA

Patricia Pranke

DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Hélio Ricardo do Couto Alves

VICE-DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Alex Niche Teixeira

COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Igor Salomão Teixeira

VICE-COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Arthur Lima de Avila

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Luziane Graciano Martins

CIP - Catalogação na Publicação

Geller Junior, Lúcio
Janelas entreabertas: Histórias de mulheres
soviéticas em movimento - de 1960 ao tempo presente /
Lúcio Geller Junior. -- 2022.
200 f.
Orientadora: Regina Weber.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2022.

1. Mulheres. 2. Histórias de vida. 3. Movimento. 4.
Geração. 5. União Soviética. I. Weber, Regina, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LÚCIO GELLER JUNIOR

**JANELAS ENTREABERTAS: HISTÓRIAS DE MULHERES SOVIÉTICAS EM
MOVIMENTO – DE 1960 AO TEMPO PRESENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Linha de pesquisa: Cultura e representações

Orientadora: Prof. Dra. Regina Weber

Porto Alegre, 6 de setembro de 2022

Resultado: Aprovado com recomendação de publicação da dissertação

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabiano Pellin Mielniczuk

Departamento de Ciência Política

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Mariluci Cardoso de Vargas

Programa Nacional de Pós-Doutorado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Méri Frotscher Kramer

Departamento de História

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Era uma vez um czar naturalista que caçava homens.
Quando lhe disseram que também se caçam borboletas e
andorinhas, ficou muito espantado e achou uma
barbaridade.

Carlos Drummond de Andrade, *Anedota Búlgara*.

É como se o livro dos tempos pudesse
Ser lido trás pra frente, frente pra trás
Vem a história, escreve um capítulo
Cujo título pode ser: nunca mais.

Gilberto Gil, *O fim da história*.

AGRADECIMENTOS

Nunca teremos tempo para nos despedir como gostaríamos. Eu já deveria saber disso. Afinal, a história nunca acontece exatamente como o imaginado. Ela é feita de acontecimentos inesperados, encontros perdidos e oportunidades desperdiçadas, que deixam um sabor inosso na boca de quem a vê em retrospecto. Mas, o inverso também é possível. Ocasões impróprias, acasos e mudanças repentinas podem nos surpreender sutil e positivamente. Nestes agradecimentos quero falar daqueles e daquelas que, na imperfeição de nossos encontros e desencontros, tive a oportunidade de conhecer ao longo desses dois anos de mestrado e dos que, longe ou perto, me acompanham desde muito tempo atrás.

Não poderia deixar de falar, primeiramente, das quatro entrevistadas desta pesquisa que, gentilmente, disponibilizaram um pouco de seu tempo para compartilhar comigo suas histórias de vida. Anna Savitskaia, Cristina Antonioevna Dunaeva, Elena Constantinovna Gaissionok e Irina Aragão dos Santos, minha mais profunda e sincera gratidão. Em se tratando de desencontros, lamento ter descoberto apenas no final da pesquisa a documentação produzida pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) sobre Irina, e também seus familiares, no Brasil e na União Soviética. Em contrapartida, me alegro em saber que, ao indicar a localização eletrônica dos arquivos, ajudei de alguma forma a sanar suas dúvidas acerca do espectro de vigilância que pairou sobre sua vida.

Agradeço a confiança e a amizade de minha orientadora Regina Weber, que sempre me abriu muitas portas ao longo desses anos. Obrigado pela presença constante nos momentos em que precisei de ajuda, pela liberdade de me deixar fazer escolhas e, sem dúvida, por me trazer

de volta ao “chão” quando as minhas ideias já estavam na estratosfera. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob coordenação dos professores Igor Teixeira e Arthur Ávila, e a todos os professores que conheci, e voltei a ver, nos últimos anos: Arthur Ávila, Benito Schmidt, Carla Rodeghero, Denise Jardim, Mariluci Vargas, Regina Weber, Rodrigo Weimar e Temístocles Cezar.

Meu agradecimento especial à professora Mariluci, que acompanha o desenvolvimento dos meus estudos sobre a União Soviética desde a graduação em História e que foi fundamental na elaboração desta pesquisa de mestrado, sempre com ótimos conselhos e sugestões. Também sou grato ao professor Benito que, de mesma forma, apontou novos caminhos e possibilidades de leitura. Não posso deixar de lembrar do professor Temístocles, que com sua gentileza buscou tornar as aulas em formato virtual um ambiente mais agradável, além de ser sempre o primeiro leitor de meus escritos ensaísticos.

Agradeço ao conselho editorial da *Revista Aedos* que tive o privilégio de presidir entre 2021 e 2022, bem como ao amigo e ex-chefe Bruno Laitano pela confiança de passar o cargo para este “burocrata soviético” que, não fosse o respeito pela ordem democrática e a leitura de Foucault, teria se eternizado no poder. Brincadeiras à parte, preciso dizer que aprendi muito como editor e, não sozinho, acredito ter contribuído com a divulgação de conhecimento científico especializado no país. Além de toda a equipe de editores, deixo um agradecimento especial à minha amiga e colega de gerência Maria Eduarda Magro.

Aos amigos que, mesmo longe, estiveram comigo, expresso a minha mais profunda gratidão. Não foram anos fáceis, mas certamente teriam sido muito mais difíceis sem vocês. Obrigado Júlia Klassmann por – já nem sei mais há quanto tempo – ser a melhor amiga que eu poderia ter. Obrigado por estar sempre comigo quando precisei, seja com longas conversas, seja com breves conselhos, além das nossas inúmeras gargalhadas. Agradeço à amiga Rhaylla Fernandes que, embora também não tenhamos nos visto com tanta frequência, foi, e continua sendo, alguém por quem tenho muito carinho.

Agradeço às amigas que, tanto ao meu lado no mestrado, quanto por outros caminhos, estiveram igualmente junto comigo. Paula Riberio, Bruna Moreira, Julien Mello, Marina Albugeri e Bruna Mattos, obrigado pelas risadas, dramas, “bobagens eruditas” e conversas prazerosas. Aos amigos do promissor grupo *Quarentena teórica*, Maria Eduarda, Bruno Laitano, Pedro Batistella, Yuri Leonardo e João Camilo que, além de debater historiografia, criaram um espaço de apoio e de trocas acerca das nossas incertezas mútuas sobre a profissão e a disciplina histórica. Deixo meu agradecimento especial ao Yuri, ao Pedro e ao João, companheiros de eventos acadêmicos, produções bibliográficas e dilemas da vida. Este último,

sobretudo, por compartilhar o interesse pelos estudos soviéticos e pós-soviéticos. Um assíduo leitor das minhas provocações direcionadas ao *estado da arte* da temática no Brasil e referência na escrita de Svetlana Aleksiévitich. Infelizmente, não pude atender a oferta de participar de sua dissertação. Deixo, quem sabe, para a tese. Cobrarei em *rublos*.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento desta pesquisa, sem o qual não poderia ter me dedicado da mesma forma. Exatamente por isso, não deixo de manifestar a importância da ampliação da cobertura das bolsas de mestrado para que outros talentosos pesquisadores e pesquisadoras tenham as mesmas oportunidades que tive de desenvolver trabalhos de qualidade. A sociedade brasileira merece, e é capaz de produzir, com seriedade, conhecimento a serviço do bem comum.

Às professoras da banca de qualificação, Mariluci Vargas e Méri Frotscher, que também compõe a de defesa, pelas suas valiosas críticas e sugestões e, especialmente, por apontarem as lacunas que o meu olhar, muitas vezes viciado de tanto ler sobre um mesmo assunto, deixou escapar. Além do professor Fabiano Mielniczuk, por aceitar participar desta última, que é a finalização da pesquisa.

Por fim, sou imensamente grato ao apoio e ao carinho da minha família nessa jornada, especialmente meus pais, Simone e Lúcio Geller, e minhas duas avós, Clari Geller e Elsa Schust, depois de tanto tempo afastados. A vocês todo o meu amor e carinho.

RESUMO

No presente trabalho estudo as histórias de vida de quatro mulheres oriundas da União Soviética e radicadas atualmente no Brasil. Uma delas, Anna Savitskaia, nasceu em Donetsk, na Ucrânia; as outras três, Cristina Antonioevna Dunaeva, Elena Constantinovna Gaissionok e Irina Aragão dos Santos, nasceram em Moscou, na Rússia. O meu objetivo é analisar como elas expressam sentidos de pertencimento a partir do que narrativamente recordam do passado vivido na União Soviética; e, da experiência da mudança. Em termos teórico-metodológicos, este trabalho inscreve-se nas perspectivas historiográficas sobre memória e histórias de vida narradas, de modo que as experiências das entrevistadas são acessadas por meio da análise de fontes orais, concebidas a partir de situações de entrevista, bem como apontamentos de encontros não gravados em diários de campo e trocas de mensagens durante as etapas da pesquisa. Questões como a maneira que elas operam experiências geracionais, de gênero, de mobilidade e de engajamento político-intelectual na construção de uma identificação soviética, foram costuradas através da análise da estruturação de suas narrativas e dos sentidos atribuídos ao vivido.

Palavras-chave: Mulheres. Histórias de vida. Movimento. Geração. Pertencimentos. União Soviética. História oral.

ABSTRACT

In the present work, I study the life stories of four women from the Soviet Union, residing in Brazil. The first, Anna Savitskaia, was born in Donetsk, Ukraine; the other three, Cristina Antonioevna Dunaeva, Elena Constantinovna Gaissionok and Irina Aragão dos Santos, were born in Moscow, Russia. My objective is to analyze how they express belonging, based on what they narratively remember from the past lived in the Soviet Union; and, from the experience of change. In theoretical-methodological terms, this work starts from the historiographical perspectives on memory and narrated life stories, so that the experiences of the interviewees are accessed through the analysis of oral sources, conceived from interview situations, as well as notes from unrecorded meetings in field diaries and message exchanges during the research stages. Issues such as the way in which they operate generational, gender, mobility and political-intellectual engagement experiences in the construction of a Soviet identification were organized through the analysis of the structuring of their narratives and the meanings attributed to their experiences.

Keywords Women. Life stories. Movement. Generation. Belongings. Soviet Union. Oral history.

RESUMEN

En este trabajo, estudio las historias de vida de cuatro mujeres de la Unión Soviética que actualmente viven en Brasil. Una de ellas, Anna Savitskaia, nació en Donetsk, Ucrania; las otras tres, Cristina Antonioevna Dunaeva, Elena Constantinovna Gaissionok e Irina Aragão dos Santos, nacieron en Moscú, Rusia. Mi objetivo es analizar cómo expresan sentido de pertenencia a partir de lo que recuerdan narrativamente del pasado vivido en la Unión Soviética; y, desde la experiencia del cambio. En términos teórico-metodológicos, este trabajo se enmarca en las perspectivas historiográficas sobre la memoria y las historias de vida narradas, por lo que se accede a las vivencias de los entrevistados a través del análisis de fuentes orales, concebidas a partir de situaciones de entrevista, así como apuntes de encuentros registrados en diarios de campo e intercambios de mensajes durante las etapas de investigación. A través del análisis de la estructuración de sus narrativas y los significados atribuidos a sus vivencias, se entrelazan cuestiones como la forma en que operan experiencias generacionales, de género, de movilidad y de compromiso político-intelectual en la construcción de una identificación soviética.

Palabras clave: Mujeres. Historias de vida. Movilidad. Generación. Pertenencia. Unión Soviética. Historia oral.

LISTA DE FIGURAS

Prefácio:

- Figura 1. Moscou, Rio Moscou, década de 1960..... 15

Introdução:

- Figura 1. Defesa da monografia, 20 de dezembro de 2018..... 20
- Figura 2. Passaporte de Anna, validade 1991-1996..... 24

Capítulo 1:

- Figura 1. Kolomenskoye, 1989..... 81

Capítulo 2:

- Figura 1. Esmeraldino, década de 1960..... 112
- Figura 2. Galina (centro), década de 1960..... 112
- Figura 3. Esmeraldino (terceiro, à esquerda), década de 1960..... 115
- Figura 4. Irina (centro), década de 1980..... 115
- Figura 5. Diploma de Letras romano germânicas, 11 de junho de 1988..... 123

Capítulo 3:

- Figura 1. Certificado de formação em grego, 21 de junho de 1988..... 140
- Figura 2. Histórico escolar, lado A..... 141
- Figura 3. Histórico escolar, lado B..... 141
- Figura 4. Elena, década de 1980..... 147
- Figura 5. Irina (de pé), década de 1960..... 151
- Figura 6. Galina e Irina, década de 1960..... 165
- Figura 7. Galina e família, década de 1960..... 166
- Figura 8. Família reunida na aldeia, final da década de 1970..... 167
- Figura 9. Galina e amigas, década de 1960..... 171
- Figura 10. Galina e sua prima, final da década de 1950..... 172

ALFABETO RUSSO E TRANSLITERAÇÃO

А а	a	З з	z	Р р	r	Ш ш	ch
Б б	b	И и	i	С с	s	Щ щ	sch
В в	v	Й й	i	Т т	t	Ъ ъ	-
Г г	g ou gu	К к	k	У у	u	Ы ы	y
Д д	d	Л л	l	Ф ф	f	Ь ь	-
Е е	ie ou e	М м	m	Х х	kh	Э э	e
Ё ё	io	Н н	n	Ц ц	ts	Ю ю	iu
Ж ж	j	О о	o	Ч ч	tch	Я я	ia
		П п	p				

Fonte: Cursos Lumina - Leitura, Análise e Método: Anton Tchekhov e Liev Tolstói (adaptado), 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3SrEjIR>>.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	16
INTRODUÇÃO	19
<i>Como fui parar... lá do outro lado?</i>	19
<i>Como continuar... e para onde seguir?</i>	22
<i>Back In The U.S.S.R</i>	26
<i>Uma abordagem geracional</i>	29
<i>Movimento e diferença</i>	32
<i>Gênero, engajamento e erudição</i>	36
<i>(Des)arrumando as malas</i>	39
<i>Seguir as vidas à janela da memória</i>	43
<i>Inventariando vozes, imagens e palavras</i>	47
1. INTERMEDIÁRIO	50
<i>A cegueira é para todos</i>	50
<i>Quando os “fins” se encontram</i>	52
<i>Um momento de suspensão</i>	54
<i>Repertórios e rascunhos</i>	57
<i>Cruzando fronteiras</i>	60
<i>Dúvidas que compõem a prática</i>	63
<i>Um cartão de visitas</i>	67
<i>Quem entrevista o entrevistador?</i>	72
<i>Romper com a Cortina de Ferro</i>	76
<i>Imagens e palavras em movimento</i>	81
<i>Distante, mas não sozinho</i>	89
2. PRÓXIMO	92
<i>Em algum lugar do tempo</i>	92

<i>Os filhos da guerra</i>	94
<i>Uma história de todas as famílias</i>	101
<i>Mitos, silêncios e histórias tardias</i>	106
<i>Vidas entrelaçadas e diferenciadas</i>	111
<i>Cantar e traduzir a vida</i>	119
<i>Pasárgada e os seus pesadelos</i>	125
<i>O que a gente está construindo?</i>	130
3. DISTANTE	135
<i>Documentos e lugares</i>	135
<i>Receber sem pedir</i>	138
<i>A menina que pensa diferente</i>	144
<i>Dividir a chave dourada</i>	149
<i>A parte ideológica</i>	156
<i>Penso em minha mãe</i>	164
<i>Cultura e socialismo</i>	172
<i>Fazer o socialismo</i>	177
CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS	189
<i>Fontes Orais</i>	189
<i>Fontes virtuais</i>	189
<i>Diários de campo</i>	190
<i>Bibliografia</i>	191

PREFÁCIO

Durante a escrita deste trabalho, enquanto observava uma fotografia e ouvia pela terceira ou quarta vez a gravação da uma entrevista concedida a mim, lembrei de uma passagem de *Austerlitz*, de W. G. Sebald, que me pareceu sugestiva naquele momento:

[...] se Newton realmente supunha que o tempo era uma corrente como o Tâmis, então onde está a fonte do tempo e em que mar ele por fim deságua? Todo rio, como sabemos, tem necessariamente limites dos dois lados. Mas quais seriam, nessa perspectiva, as margens do tempo? Quais seriam as suas qualidades específicas que correspondem talvez àquelas da água, que é fluída, bastante pesada e translúcida? De que modo diferem as coisas imersas no tempo daquelas que jamais foram por ele tocadas? Por que razão as horas da luz e da escuridão são mostradas na mesma circunferência? Por que o tempo fica eternamente parado em um lugar e voa e se precipita em outro? Não se poderia dizer, disse Austerlitz, que o tempo ao longo dos séculos e dos milênios foi ele próprio pouco contemporâneo? Afinal de contas, não faz muito tempo que ele começou a se difundir por toda parte.¹

A imagem que me encarava, porém, não era a do rio Tâmis e tampouco retratava a capital inglesa. Diante de um conjunto de prédios largos, sob um céu de poucas nuvens, estava o rio Moscou. Em suas águas, descia uma embarcação nas imediações do Parque Gorki, no centro da capital russa da década de 1960. Nela, era possível observar algumas daquelas características físicas que instigavam Austerlitz. As margens, em ao menos um dos lados; a fluidez, a densidade e a visibilidade das águas; e, os elementos que eram por elas tocados e envolvidos, especialmente os tripulantes da embarcação que eram conduzidos, ou rebatidos, pela correnteza. No entanto, da mesma forma que se perguntava o personagem de Sebald, havia uma

¹ SEBALD, W. G. *Austerlitz*. São Paulo: Companhia das Letras. 2008. p. 102-103.

cisão entre tudo isso que podia ser *quantificado* da imagem e as *qualidades* atribuídas pela sua detentora, Irina Aragão dos Santos, ao longo de nossas conversas (*Figura 1*).

Figura 1. Moscou, Rio Moscou, década de 1960.



Fonte: Irina Aragão dos Santos (arquivo pessoal), 2021.

Quando justaposta à outras imagens, documentos e palavras ditas e selecionadas por ela e todas as outras mulheres que entrevistei – Cristina Antonioevna Dunaeva, Elena Constantinovna Gaissionok e Anna Savitskaia –, as águas do rio Moscou tornaram-se, como queria Austerlitz, bem mais “contemporâneos” do que aquilo que *foram*, simplesmente, no passado, em sua passagem, ou melhor, no seu curso. Ao falarem do que as ligam àquele mundo capturado pela fotografia, elas fazem escolhas e incorporam aspectos que dependem da forma como querem se *apresentar* no presente e através do presente. Assim, segundo Georges Didi-Huberman, “se é verdade que tudo o que está vivo sucumbe às razias do tempo”, é pelas mesmas águas que “nascem novas *formas e configurações* cristalizadas que, uma vez invulneráveis aos elementos, sobrevivem e esperam apenas o pescador de pérolas que as trará à luz do dia”.²

Com minhas entrevistadas, procurei escrever uma história sobre as possibilidades de identificação com o antigo Estado socialista a partir do que recordam sobre suas vidas nele e da passagem para outro mundo. Afinal, todas elas vivem atualmente no Brasil. Confesso que parte da minha decisão de apoiar-me em histórias de vida, nessas condições, vem da montagem do documentário *Funeral de Estado* (2019), construído a partir de imagens de arquivo inéditas, do

² DIDI-HUBERMAN, Georges. *Luz contra luz*. Lisboa: KKYM, 2015. E-book Kindle. *Grifos meus*.

diretor ucraniano Sergei Loznitsa. Porém, com uma proposta inversa, embora eu exalte o seu trabalho. Loznitsa, como respondeu ao diretor italiano Pietro Marcello, quer falar mais de “códigos culturais” do que de “manifestações privadas”, sem que isso anule qualquer interação entre as duas instâncias. Com o mesmo entendimento, ainda assim eu farei o oposto, porque acredito que, ao *rés do chão*, se abre a possibilidade de encontrar os sentidos atribuídas às ações e percepções que levaram à identificação ou ao repúdio dos primeiros. O que talvez me coloque mais próximo do filme *A árvore da vida* (2011), de Terrence Malick.

Lúcio Geller Junior

Vale Verde e Venâncio Aires (e Porto Alegre), julho de 2022.

INTRODUÇÃO

O deslocamento no espaço é o indício primeiro, o mais óbvio, da mudança; ora, quem diz vida, diz mudança.

Tzvetan Todorov.¹

Não é verdade que há palavras para tudo.

Herta Müller.²

Como fui parar... lá do outro lado?

Em 11 de novembro de 2017 conheci Anna Savitskaia. Na ocasião eu era somente mais um curioso, na presença de muitos outros curiosos, que ocupava uma cadeira no auditório do *Sindicato dos Municipários de Porto Alegre* (SIMPA) para ouvi-la em um evento chamado *As Mulheres na Revolução Russa*. Ela, embora não tenha sido uma testemunha direta do episódio em questão, até porque completava apenas 53 anos, ministrava uma conferência que intercalava referenciais teóricos sobre o assunto com vivências particulares na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Anna ocupava uma posição de caráter “duplo”: era uma intelectual e, ao mesmo tempo, uma contadora de histórias. Atitude que desempenhava, aos meus olhos, com grande brilhantismo. Mas quem era ela? Ou melhor, como foi apresentada e, mesmo antes, como essa figura chegou aos meus ouvidos?

O mês do evento, como se pode imaginar, abrangia a efeméride do centenário da Revolução Russa.³ Eu, à época, estava no sexto semestre da licenciatura em História na

¹ TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. *Revista de Letras*, v. 39, 1999. p. 13.

² MÜLLER, Herta. *O rei se inclina e mata*. São Paulo: Globo, 2013. p. 16.

³ Embora conhecida como Revolução de Outubro, tal nomenclatura obedece ao calendário juliano, que depois de fevereiro de 1918 foi substituído pelo gregoriano, passando a data para novembro. GONZÁLEZ, Wenceslao. *La reforma del calendario*. Las tentativas de transformar el calendario gregoriano. Cádiz: eWT, 2012. p. 46.

Universidade Federal do Rio do Grande do Sul (UFRGS), há aproximadamente um ano de ter que elaborar minha monografia de conclusão; e, como parte dos itinerários acadêmicos, participava dos mais variados eventos. Foi quando tomei conhecimento da oportunidade de ouvir uma “ex-tradutora do serviço militar soviético”, Anna. O que referendava o convite para vê-la era de que se tratava não apenas de uma especialista em linguística formada em Kiev, na Ucrânia, desfrutando da aludida patente, mas de uma pessoa que viveu por muito tempo na própria União Soviética. De antemão, ela me foi apresentada dentro daquela mesma relação de ambivalência que percebi em 11 de novembro, ou seja, entre a “reflexão” e a “vida”.

No final daquele mês, dia 30, puxaria uma cadeira para assisti-la outra vez, em um encontro promovido pela Associação dos Licenciados em Filosofia na UFRGS: *A Revolução Russa e a Experiência Soviética*. Nesta ocasião, ela estava acompanhada de seu marido, Oleg Savitskii, com quem dividia a cena. Já eu começava a tomar nota de algumas informações sobre o casal: data e local de nascimento, formação e assim por diante. O denominador comum dos eventos, a Revolução Russa, era muito mais do que um capítulo da história de seu país. Era visto como uma espécie de *big bang* que começou há cem anos, no qual emergiu o mundo em que viveriam e viram ser abatido. As palavras deles embalavam assim as suas idiossincrasias rumo a aurora revolucionária de 1917. Aspecto que parecia não caber em um simples bloco de notas, incutindo-me a ideia de tornar essas vozes protagonistas de uma pesquisa.

Depois desses primeiros lances do olhar, eu levaria ainda mais seis meses para encontrá-los. A essa altura, já estava bem mais próximo da conclusão do curso e o aparecimento desses personagens se aquiesceu, enfim, em torná-los motivo de investigação. Este tempo transcorrido foi também o momento que levei para fazer um primeiro contato e, não menos importante, formular o que eu queria saber daquilo que eu nunca havia apreciado em um trabalho empírico: *a memória*. Esse intervalo serviu-me então para adquirir referenciais e construir uma noção para operar tal categoria. O que espero poder detalhar com maior cuidado teórico em breve, sem restringi-la a uma única parte do texto. Não obstante os conceitos, era preciso definir o método. Este que, diferente da problemática anterior, não posso chamar de “nova”, dentre todas as pilhas de livros, artigos e fotocópias lidas durante um curso de quatro anos, nunca havia, de fato, executado: *a história oral*. Em que pesem as discussões sobre a sua tipificação como metodologia, que não perderei de vista, era através destes dois termos que eu buscava me equilibrar para levar questões às histórias de vida que eu queria continuar ouvindo.⁴

⁴ Ver a quarta seção do capítulo 1.

Em 2 de maio de 2018, localizei Anna pela rede social *Facebook*. A contatei através de uma mensagem de texto em que me apresentei como um estudante interessado em explorar as falas que ela desenvolvia sobre si nos eventos precedentes. Um dia depois veio a resposta. “Fico muito contente com a escolha do tema do teu trabalho!” – disse logo de início – “Mas queria te pedir uma coisa” – indicou em seguida – “a gente pode se encontrar para bater um papo geral sobre o teu tema? Mais para tu me mostrar que material tu estás usando e a gente pode trocar ideias também, algumas até podem te servir na orientação do tema.”⁵ Ela, como viria a saber, tem uma agenda corrida de aulas particulares de língua inglesa e russa. Mesmo assim, conseguiu um horário. Dia 10 de maio, quando pela proximidade de trajeto de um e de outro em Porto Alegre, logramos nos sentar para tomar um café e conversar nas imediações do Campus Central da UFRGS. Eu com meu primeiro diário de campo e ela com algumas cópias de texto, em russo, e o livro de Graziela Schneider, *A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética: artigos, atas, panfletos, ensaios* (2017), de baixo do braço.

Pode parecer óbvio, mas para mim foi o início de um importante aprendizado. Ainda que estivéssemos em lugares diferentes meses antes, ela no palco e eu na plateia, circulávamos por ambientes de saber muito semelhantes, além de livros, filmes, jornais e outros tantos meios de saber. Anna não apenas tinha suas próprias ideias sobre o trabalho historiográfico, me sugerindo “materiais”, como sobre o uso da história oral. “Então marcamos uma entrevista, eu falo, você grava e depois a gente vê o que mais precisa” – concluiu ela depois de me informar uma série de questões sobre a sua vida. Embora fosse a sua primeira participação em uma investigação do gênero, a comunicação era para ela uma arte. O que não foi diferente em nossas sessões, que se deram entre os meses de julho e outubro de 2018.⁶ O Campus Central acabou se tornando nosso ponto de encontro. Ela com seus “materiais” em mãos e um forte abraço quando me encontrava. Feitas as entrevistas, em meio a tudo que ela me contou, a pergunta que resolvi explorar foi como seus últimos anos na União Soviética eram contados, com vistas a entender como ela compreendia a sua “parada” no Brasil.⁷

Ela esteve presente na defesa de minha conclusão de curso no final de 2018 com o marido e a filha – última vez que nos vimos pessoalmente. Tudo que já escrevi sobre ela, em

⁵ SAVITSKAIA, Anna. *Mensagens no Facebook*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 03 mai. 2018d.

⁶ SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista 1*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 31 jul. 2018a (01:21:52); *Id. Entrevista 2*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 13 set. 2018b (01:15:41); *Id. Entrevista 3*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 25 out. 2018c (21:03).

⁷ GELLER JR., Lúcio. *Os tremores da queda: memória e trajetória de Anna Savitskaia, das reformas à dissolução da URSS (1985-1992)*. 2018. 88 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Licenciatura em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

desdobramentos futuros, sempre a encaminhei e, na maioria das vezes, ela agradeceu ao “meu biógrafo” e comentou o que achou.⁸ Desde então, continuamos “batendo papo”.

Figura 1. Defesa da monografia, 20 de dezembro de 2018.



Fonte: Lúcio Geller Junior (arquivo pessoal), 2018.

Como continuar... e para onde seguir?

Depois de concluir o meu trabalho e começar a apresentá-lo em alguns círculos acadêmicos, não foram poucas as ocasiões em que ouvi perguntas do tipo: “uma imigrante ex-militar da União Soviética? Ela foi do Exército Vermelho? Participou da Revolução Russa ou da Segunda Guerra Mundial?”⁹ Mesmo com os cálculos de idade que logo eram realizados, ou pela minha resposta, a negativa à essa curiosidade não a deixa menos instigante. O simples fato de anunciar que trabalhei com a vida de alguém que veio da União Soviética parecia evocar inúmeros sentidos. Algo até muito semelhante à forma que Anna se relacionava com a história de sua antiga região. Ela, como avaliava, reforçava o fato de integrar relações de parentesco com veteranos da “Grande Guerra Patriótica”, como os avós maternos russos, Nikoláievna Mikháilova e Alieksandr Mikháilov.

À sombra dessas impressões, enquanto realizava as minhas entrevistas em 2018, o *Levada Analytical Center*, instituto não governamental russo de pesquisas sociais, realizava o

⁸ *Id.* Anna Savitskaia: ou, como narrar uma vida na União Soviética (1964-1988). *Aedos*, v. 11, n. 25, 2019.

⁹ Cito aqui dois momentos, no *X Encontro Regional Sul de História Oral*, em agosto de 2019, em que apresentei a comunicação “... e pelas tantas ficamos sem país”: memória e trajetória de Anna Savitskaia, das reformas à dissolução da URSS (1985-1992); e, no *VI Encontro de Pesquisas Históricas*, em setembro de 2019, com *Os tremores da queda: memória e trajetória de Anna Savitskaia, das reformas à dissolução da URSS (1985-1992)*.

Russian Public Opinion, consulta que ouviu 1600 cidadãos russos sobre suas opiniões acerca da história do país no século passado. Em relação à guerra, 81% dos entrevistados afirmou ter algum familiar envolvido. Destes, 58% disseram que acabou morto ou declarado desaparecido. Em um nível mais íntimo, sobre qual “sentimento” o fim do conflito despertava, 48% responderam “alegria pela vitória”, contra 21% de “luto pelos milhões que morreram”; e, 30% declararam sentir “ambos”. Sem focar em nenhum caso específico, foi perguntado também “quais palavras seriam mais adequadas” para descrever a União Soviética, sendo que dessa vez não apenas russos, como 1600 ucranianos, foram ouvidos. Entre os primeiros, a maioria escolheu “hospitalidade”, 62%; enquanto os segundos se dividiram; 26 % seguiram os russos e 30 % a rotularam de “hipócrita”.¹⁰

Em outra frente de caráter público, a obra da escritora bielorrussa Svetlana Aleksievitch, laureada com o Nobel de Literatura em 2015, desde 2016 desembarcava no Brasil: *A guerra não tem rosto de mulher* (2016 [1985]), *Vozes de Tchernóbil* (2016 [1997]), *O fim do homem soviético* (2016 [2013]), *As últimas testemunhas* (2018 [1985]) e *Meninos de zinco* (2020 [1989]).¹¹ Em pouco tempo, tornaram-se os livros mais cobiçados do país. Sem me estender muito, destaco que Aleksievitch contou histórias, amparada em um vasto volume de entrevistas, sobre “a vida humana comum” na União Soviética. Porém, como afirma, sem os olhos de uma historiadora, e sim, como uma “pessoa de humanas”.¹² Entre o que eu e ela fazíamos, havia uma diferença de “compromissos”, sobretudo devido a esses “olhares” que ela própria assinalava.¹³ Salvo essas diferenças, ela não deixava de reservar tempo para ouvir o que as pessoas tinham à dizer e comunicar isso a um público.

Embora a escrita da autora tenha começado antes do socialismo de Estado ruir, seu sucesso internacional é posterior. Feito que reside na sua capacidade de inserir-se dentro de uma recente irrupção do passado soviético na arena pública – ponto que gostaria de chegar.¹⁴ De uma *sovietomania* – o interesse pela cultura, a estética e os costumes –; passando pelas “guerras de memória” no Leste Europeu; até uma “geopolítica da memória” na diplomacia euroasiática; a presença desse passado em um mundo pós-soviético supera limites nacionais e

¹⁰ LEVADA ANALYTICAL CENTER. *Russian Public Opinion 2018*. Moscou: [s. n.], 2019. p. 163-164. Disponível em: < <https://bit.ly/3cvxMHy> > Acesso em: 18 mar. 2020.

¹¹ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a; *Id. O fim do homem soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b; *Id. Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016c; *Id. As últimas testemunhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018; *Id. Meninos de Zinco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

¹² *Id.*, *O fim do homem soviético...*, *op. cit.*, p. 24.

¹³ SCHMIDT, Benito. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*, v. 10, n. 19, 1997. p. 12 -13.

¹⁴ Ver a oitava seção do capítulo 1.

espectros políticos.¹⁵ E é aqui que a obra de Aleksiévitich se encontra com as percepções sobre a minha pesquisa e as estatísticas acima. Eu mesmo, antes de buscar saber o que as lembranças de Anna poderiam dizer, fui um aficionado pelo cinema soviético. Fiquei encantado pela forma como *A Greve* (1924), *O Encouraçado Potemkin* (1925) e *Outubro* (1927), de Sergei Eisenstein, contavam a história da Revolução Russa e pelas cores que *Dersu Uzala* (1975), de Akira Kurosawa, ou *A Cor da Romã* (1969), de Sergei Parajanov, lhes conferiam. Imagens que além de dizerem algo sobre a luta dos povos ou o clima cultural, tocam, afetam, inflamam. Próximo dos que se surpreendiam com o que eu contava sobre Anna, ao conhecê-la eu também me esforcei para imaginar sua vida a partir das imagens que o mundo ao meu redor ofereciam.

Como aprendi com ela, para lembrar, tal como para pensar, é preciso imaginar. A imaginação permite ver mais do que está, ou não, *tautologicamente* na frente de alguém.¹⁶ Em nossa primeira entrevista, recordo como me surpreendi com o tempo que Anna destinou para descrever os detalhes do apartamento que dividiu com a família em Kiev. “Eu acho que a mesa e as duas poltronas eram feitas na ex-Iugoslávia”, os móveis da “sala eram da Romênia” e “tinha uma sacada coberta, calefação...”, dizia ela cerrando o olhar, como alguém que se esforça para arrancar centelhas da memória. Depois pude compreender que o apartamento mentalmente construído, sempre em uma bem humorada associação com o *agora* – “nunca na minha vida eu passei mais frio do que aqui no Rio Grande do Sul” – sinalizava o desejo de tornar as imagens da União Soviética menos cinzentas do que as que ela considerava nos cercar: “quando a gente assiste os filmes soviéticos parece tudo padronizado, mas vai ver então!”¹⁷ Como afirma Didi-Huberman, “uma imagem – quer seja mental, literária ou plástica – além de representar alguém ou significar alguma coisa, manifesta um desejo”.¹⁸

Desejo este que eu compartilhava com Anna. Através de suas histórias esperei oferecer uma experiência de vida matizada por suas lembranças pessoais. À época, opondo-me à perspectiva de uma União Soviética monolítica, sem espaço para pensar diferente.¹⁹ Atualmente, são essas contingências do universo de discursos sobre o passado, esse manancial de aspectos a serem abordados em análises sobre percepções sociais – sem excluir delas a ação dos historiadores –, que movem o meu desejo de continuar estudando o mundo soviético.

¹⁵ Ao invés de *sovietomania*, alguns analistas usam “nostalgia soviética”. Como não me remeto apenas à Rússia, prefiro a transnacionalidade do primeiro. Já os outros dois foram cunhados para pensar os usos políticos do passado soviético que passaram a integrar demandas sociais e agendas políticas. KALININ, Ilya. Nostalgic Modernization: the Soviet Past as “Historical Horizon”. *Slavonica*, v, 17, n. 2, 2011; FEDOR, Julie; KANGASPURO, Markku; LASSILA, Jussi; *et al* (orgs.). *War and Memory in Russia, Ukraine and Belarus*. Cham: Springer, 2017.

¹⁶ DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 39.

¹⁷ SAVITSKAIA, Entrevista I... *op. cit.* s.p.

¹⁸ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Livres olhos da história*. Lisboa: KKYM, 2019. E-book Kindle.

¹⁹ Ver a sétima seção da introdução.

Inquietações que acompanham o modo como passei a entender o meu ofício. Como aprendi com Keith Jenkins, “o passado e a história não estão unidos um ao outro de tal modo que se possa ter uma, e apenas uma leitura de qualquer fenômeno”.²⁰ Como vi com Aleksiévitich, diferentes discursos, podem condensar-se em objetos de interesse semelhantes. Não há protocolos prévios para as narrativas existirem. Ambiguidade que excede qualquer sede de pureza na medida em que nem eu, nem Anna, estamos excluídos desse planetário discursivo. A título de exemplo, enquanto falávamos sobre as angústias que pairavam sob Kiev durante o desastre de Tchernóbil, ela logo indicou: “Eu li um trecho da Aleksiévitich. Ela descreve o sofrimento dos bombeiros que participavam. Heróis. Não é nada bonito. Tu lê e chora.”²¹

Nessa direção, aceno ao convite de Paul Ricoeur de estimar pelo “arbítrio do cidadão”, cujo “olhar estrutura-se a partir de sua experiência” e, no limite, é quem tem a última palavra.²² Por isso, passei a querer ouvir mais narrativas como as de Anna. O dia a dia, os sabores, os sons, a guerra, os tempos. Estilhaços de vidas que, como as dela, viram-se mover entre um Estado que buscou viabilizar o *télos* de uma “sociedade sem classes” e uma jovem democracia como a brasileira. Há, sem dúvida, uma dimensão política nessas escolhas. Trata-se de falar de experiências de vida sob diferentes ideais de convívio no mundo. Com isso, preciso dizer que minha identificação com a indignação que moveu os críticos do capitalismo – sem comungar, da *fé* nos ventos do progresso²³ – é assimétrica ao que foi colocado em “prática” (socialismo de Estado). Historiograficamente, posiciono-me entre as críticas às concepções humanistas do sujeito e o aspecto (auto)crítico do marxismo sobre as afirmações de verdade.²⁴ Penso, porém, que o antigo “espectro que ronda” é hoje assombrado pela ideia de que não há mais nada pela frente, senão um “futuro regressivo”, corolário da ruína do bloco socialista.²⁵ Transição que, ao mesmo tempo, não evoluiu de modo sereno rumo a formas mais democráticas de coexistência.

Inspirado na capacidade do passado de brilhar no presente, sem o *laudo* de quem quer que seja, invisto agora em um trabalho sobre percepções e práticas de vida que motivaram e direcionaram ações. Fragmentos tecidos pelas memórias de quem conta e o olhar de quem escuta. Histórias de quem se viu transitar entre “formas de partilhar o mundo”.²⁶ Condição para

²⁰ JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 27.

²¹ SAVITSKAIA, Entrevista 1... *op. cit. s.p.*

²² RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2007. p. 347.

²³ BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: *Obras Escolhidas*, vol. 1: magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense, 1984. p. 226.

²⁴ SCOTT, Joan. History-writing as critique. In: JENKINS, Keith; MORGAN, Sue; MUNSLOW, Alun (orgs.). *Manifestos for History*. Londres: Routledge, 2007. p. 23.

²⁵ CRUZ, Manuel. *Adiós, historia, adiós*. El abandono del pasado en el mundo actual. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014. p. 152-153.

²⁶ AZOULAY, Ariella. Potential History: Thinking through Violence. *Critical Inquiry*, v. 39, n. 3, 2013. p. 557.

uma visão não só mais plural dos passados, como de futuros. Para *fazê-lo*, comecei, segundo Janaína Amado, “revirando” minhas fontes, como indico logo abaixo.²⁷

Back In The U.S.S.R

Permitam-me introduzir uma situação que acredito elucidar os *insights* que me levaram a persistir na minha pesquisa. Em minha última entrevista, dia 25 de outubro, havia pedido a Anna que levasse algum objeto pessoal, na tentativa de ouvir como ela lhe atribuiria sentido.²⁸ O que acabou sendo mais de um: quatro documentos certificatórios de sua formação no curso de Línguas Romano Germânicas na Universidade Taras Shevchenko de Kiev e seu passaporte, emitido em sete de agosto de 1991. Este último ganhou mais atenção, ao recordar da “ilusão” e do “desejo” que ela e outros nutriam à época sobre a “continuidade” da União Soviética: “tudo vai se ajustar”, afirmava, mas “acabou”.²⁹ Essas colocações renderam análises sobre a forma como ela olhava para o devir de sua vida. Porém, deixei escapar um pequeno detalhe nas informações deste documento. Emitido cinco meses antes do epílogo soviético, a validade do passaporte se estendia até agosto de 1996. Data que permaneceria num limbo de realizar-se no mundo em que ela via-se como parte, mas que chegada àquela altura não mais perduraria.

Figura 2. Passaporte de Anna, validade 1991-1996.



Fonte: Anna Savitskaia (arquivo pessoal), 2018.

²⁷ AMADO, Janaina. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. *História*, 14, 1995.

²⁸ HEYMANN, Luciana Quillet. O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. *História, Ciências, Saúde*. v.19, n.1. 2012.

²⁹ SAVITSKAIA, Entrevista 3... *op. cit.*

O músico Paul McCartney, em uma das faixas mais memoráveis do *White Album* (1968) dos *Beatles*, canta “*I’m back in the USSR, you don’t know how lucky you are*”.³⁰ A canção fala de um cidadão soviético que acabou de chegar de Miami Beach, no estado norte-americano da Flórida, e comemora a volta ao país de origem. Hoje, passadas mais de cinco décadas, o viajante de McCartney, assim como o passaporte de Anna, há muito vencido, não podem mais voltar à “USSR”. Passaram a experimentar, como no romântico relato de viagem de Andrew Meier pela Rússia pós-soviética, *Terra Negra* (2003), a “gravidade zero na terra”.³¹ Certamente, nem um mundo é – ou foi – sempre o mesmo, *ad aeternum*, mas aberto a relações sociais polimorfas em diferentes domínios da vida de seus residentes. Portanto, a cidadania que penso aqui é concebida menos em termos de categorias que organizam *a priori* as pessoas no âmbito nacional, do que na polifonia de “formas de estarem juntas”,³² expressas pelas suas próprias experiências, sejam elas em versos ou em documentos, dos quais alguém pode criar sentidos, como fizera Anna.

Neste detalhe é possível encontrar ainda mais níveis de referências. Primeiro, a sua própria escolha, contra outros documentos que permaneceram no silêncio de suas gavetas.³³ Segundo, embora menos evidente em sua fala, uma perspectiva que nem mesmo a historiografia deixou de reproduzir sobre o “fim” daquele mundo. “A União Soviética não existe mais” – assim começa o historiador polonês Moshe Lewin em *O século soviético* (2005) – “mas”, assegura, “ainda faz parte da biografia de milhões”.³⁴ Suas obras são “inesquecíveis”, considera o inglês Eric Hobsbawm, comentando o filme *O Encouraçado Potemkin*, que lembra ter assistido “num cinema de Charing Cross, na década de 1930”.³⁵ Aliás, o sucesso de uma *Era dos extremos* (1994), reside em grande medida na capacidade de inserir-se nessa “percepção cada vez mais compartilhada do fim de um *ciclo*, de uma *época* e, afinal, de um *século*”.³⁶ Perspectiva que consolidou a imagem de um *ex-mundo*, ou um “objeto ausente” por excelência, do qual restaria apenas fixar na recordação o que *passou*.

A chegada desse *não lugar* no passaporte de Anna, a partir da ruína da narrativa revolucionária desfraldada pela bandeira soviética, passou a ser comumente representado como esse momento de adeus. Com efeito, entre o diagnóstico de Francis Fukuyama de um “fim da história”³⁷ e as reações de seus críticos, que apontavam as inúmeras transformações de um

³⁰ Estou de volta à URSS, vocês não sabem o quão sortudos vocês são. THE BEATLES. *Back In The U.S.S.R.* Londres: Abbey Road Studios: 1968. CD (2:43). Tradução do inglês, como todas as outras, de minha autoria.

³¹ MEIER, Andrew. *Terra Negra*. Uma viagem pela Rússia pós-comunista. São Paulo: Globo, 2005, p. 68.

³² AZOULAY, *op. cit.*, p. 565.

³³ HEYMANN, *op. cit.*, p. 274.

³⁴ LEWIN, Moshe. *O século soviético*. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 7.

³⁵ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 183.

³⁶ TRAVERSO, *op. cit.*, p. 29. *Grifos meus*.

³⁷ FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

“século de extremos”, essa noção de “virada de época” aparecia dos dois lados. Conforme a acepção de Reinhart Koselleck, essa *debacle* constitui-se como um “tempo em suspensão”, que levou à *quebra* entre o “espaço de experiência” – “o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados” – e o “horizonte de expectativa” – “o não experimentado”, que “apenas pode ser previsto”.³⁸ Segundo Enzo Traverso, a “expectativa desapareceu, enquanto a experiência tomou a forma de um monte ruínas”, introduzindo aquele temor entre os movimentos que lutaram, e lutam, para mudar o mundo, de que, parafraseando o seminal *Manifesto Comunista* (1848), os fantasmas que rondam hoje “não são as revoluções do futuro, mas as revoluções fracassadas do passado”.³⁹

Nessas condições, as referências que encontrei levaram-me a um universo de problemas políticos e historiográficos, em que o próprio *pathos* do historiador ficaria em evidência.⁴⁰ Diante disso, me coloquei na tarefa de, com o apreço às possibilidades de diálogo da história oral, rastrear mais “passaportes suspensos”, como epíteto de vidas, que: a) *identificam-se*, à sua maneira, com a União Soviética e; b) *interpretam* a si mesmas a partir da sua passagem por aquela sociedade e os caminhos em outra. Com isso, procuro compreender *como elas expressam sentidos de pertencimento a partir do que narrativamente recordam do passado vivido no antigo Estado socialista; e, da experiência da mudança*. Opto pela ideia de “pertença”, e não de identidade, pelo seu caráter menos prescritivo, segundo Luisa Passerini;⁴¹ com o qual posso analisar ainda como experiências geracionais, de gênero, de mobilidade e de engajamento político-intelectual operam na construção de uma identificação soviética. Como Anna, nascida em 1964 e radicada em Porto Alegre desde 1992, minha busca girou então às voltas de figuras que moveram-se “entre a perda de raízes e a descoberta de radares”,⁴² isto é, advindas das antigas repúblicas da União Soviética e acomodadas em distintas capitais brasileiras.⁴³ Assim, cheguei em três mulheres, afora Anna, egressas da capital russa: Irina Aragão dos Santos, Elena Constantinovna Gaissionok e Cristina Antonioevna Dunaeva.

³⁸ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 309-310.

³⁹ TRAVERSO, *op. cit.*, p. 38;

⁴⁰ Caso da chamada *Historikerstreit*, a polêmica sobre como interpretar o passado na Alemanha em 1986. O que, segundo Sabina Loriga, trouxe questões sobre os limites da ambição de “separar-nos do presente para aprendermos o passado”. LORIGA, Sabina. O eu do historiador. *História da Historiografia*, v. 5, n. 10, 2012. p. 248

⁴¹ Os “pertencimentos” estão muito mais ligados às emoções do que às “narrativas individuais e coletivas sobre e sobre os outros, apresentação e rotulação, mitos de origem e mitos de destino”. PASSERINI, Luisa. *A memória entre política e emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 128-130.

⁴² ROLLEMBERG, Denise. *Exílio*: entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 18.

⁴³ Rússia, Bielorrússia, Ucrânia, Armênia, Geórgia, Azerbaijão, Moldávia, Quirguízia, Uzbequistão, Cazaquistão, Tadjiquistão, Turcomênia e as três repúblicas do Báltico, Lituânia, Estônia e Letônia.

As circunstâncias em que nos encontramos, todavia, não poderiam ser mais distantes do que eu havia imaginado: à sombra da pandemia do novo *coronavírus*. Condição que impactou tanto na forma delas narrarem suas vidas, quanto na minha escrita, castigadas pelos temores do momento e evidenciando, por um viés súbito, meu *pathos*.⁴⁴ Por ora, irei explicar *o que*, ao encontrá-las, me fez fincar os olhos em suas histórias.

Uma abordagem geracional

Cristina, Irina e Elena, assim como Anna, residem atualmente em capitais brasileiras. Cristina em Brasília, Distrito Federal; e, Irina e Elena na cidade do Rio de Janeiro. Elena nasceu em 1961 e passou alguns períodos no Brasil, ainda em 1990 e depois em 1993, antes de mudar-se para o Rio de Janeiro com as três filhas, nascidas na Rússia, e o marido brasileiro, em 1996. Cristina nasceu em 1975 e chegou um pouco mais tarde, também na companhia do esposo, russo, em 1999, passando por outras cidades antes. Irina, nascida em 1965, foi a que veio mais cedo, em 1971. Depois de uma curta temporada em Salvador, Bahia, foi com o irmão e os pais para o estado da Guanabara, cidade do Rio de Janeiro, após 1975, mas seguidamente continuou retornando a União Soviética, muitas vezes com estadias mais longas, junto dos parentes que lá permaneceram, sobretudo quando destinadas aos estudos de nível superior.

Todas elas expressaram-me diferentes relações coletivas e de parentesco. Cristina e Irina, por exemplo, são filhas de pais brasileiros, emigrados para a União Soviética em situações distintas, e mães do país de destino. O pai de Cristina, como declara, “era filho de uma família de comunistas brasileiros” exilados na década de 1970. Trata-se, no caso, do mais velho dos sete filhos de Luiz Carlos Prestes, um dos principais ícones da esquerda brasileira, com Maria do Carmo Prestes (pseudônimo de Altamira Rodrigues Sobral), Antonio João. A família permaneceu exilada na União Soviética por quase uma década em função da última ditadura, retornando em 1979, com a anistia política. Já a mãe, Elena, vinha de uma “família simples”, porém com alguns “membros destacados”, o que para ela significava, em uma acepção próxima a de Anna, vínculos com certos aparatos governamentais soviéticos e algum nível de participação na Segunda Guerra Mundial.⁴⁵

Em contrapartida, o pai de Irina, Esmeraldino Aragão dos Santos, mudou-se para Moscou em 1962 depois de ser selecionado pelo Instituto de Intercâmbio Cultural Brasil – Rússia, a fim de ingressar no curso de medicina da Universidade da Amizade dos Povos Patrice

⁴⁴ Ver a segunda seção do capítulo 1.

⁴⁵ DUNAEVA, Cristina Antonioevna. *Entrevista 1*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Brasília (entrevistada), 05 jan. 2021a. (00:57:04). s. p.

Lumumba (UAPPL). Não tinha ligações partidárias com a esquerda brasileira, tampouco com uma das figuras mais biografadas das últimas décadas, como Prestes.⁴⁶ Pelo contrário, como salienta Irina, “vinha de uma família humilde que não teria a menor condição de pagar para ele, ou mantê-lo estudando medicina por tanto tempo, sem que pudesse trabalhar”.⁴⁷ Durante sua passagem pela União Soviética, casou-se com Galina Dubovtseva, mãe de Irina. Ela também não veio de uma “família de posses” e, como os laços maternos de Anna e Cristina, é igualmente descrita como atravessada por histórias da guerra.

Os laços familiares de Elena não são exceção, na medida em que ela vincula até mais de um segmento ao conflito. Como os pais de Anna, Emma e Yakov Záitsev (ela russa e ele ucraniano), os pais de Elena, os russos Lídia e Konstantin Gaissionok, são por ela considerados “filhos da guerra”. “Humanos” que passaram por inúmeros sofrimentos em seus primeiros anos de vida.⁴⁸ Seus antecessores, da mesma forma que os avós de Anna, foram vistos, por outro lado, lutando em outros *fronts*: o cuidado dos filhos, a fome, o trabalho, partos prematuros. Mil pedaços de batalhas cotidianas.⁴⁹ A ligação dela com o Brasil, por sua vez, veio primeiro da amizade que nutriu, a propósito, com a família Prestes. No caso, com os que lá permaneceram depois de 1979 e constituíram famílias, como o pai de Cristina. Depois, através de seu futuro marido, Arnaldo Mariz. Ele, convém assinalar, foi para a Rússia em 1969 estudar eletrônica na Escola Técnica de Leningrado, à maneira de Esmeraldino anos antes.

Em suma, tanto Cristina quanto Elena, diferente de Irina, foram para o Brasil logo nas primeiras décadas da Rússia pós-soviética. Escolha atribuída, em grande medida, aos laços familiares que continham e as necessidades de mudança. Anna, tal qual as duas primeiras, foi para o Brasil no mesmo período, mas diferente de todas as três, a sua escolha demandou um resgate de vínculos do marido, Oleg, com descendentes de familiares que migraram para o sul do país após a Revolução Russa. Possibilidade que avançou pelo fato dele, graduado na mesma instituição que ela, ser formado em língua portuguesa. “Uma coincidência daquelas”, considerou.⁵⁰ Em todo caso, todas essas histórias trazem algum tipo de identificação, singular e pessoal, com a União Soviética. Pertencimento construído a partir do que cada uma disse sobre como foi a sua experiência de “partilhá-la”. Por conseguinte, interpretam isso por meio

⁴⁶ GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. A política da memória na construção biográfica de Luiz Carlos Prestes (1945-2015). Doutorado em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. p. 16-17.

⁴⁷ SANTOS, Irina Aragão. *Entrevista 1*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Rio de Janeiro (entrevistada). 23 out. 2020. *s.p.*

⁴⁸ GAISSIONOK, Elena Constantinovna. *Entrevista 1*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Rio de Janeiro (entrevistada), 13 nov. 2020a.

⁴⁹ Ver a segunda seção do capítulo 2.

⁵⁰ SAVITSKAIA, *Entrevista 3... op. cit., s.p.*

do redirecionamento de suas vidas em outro país, o Brasil, e das transformações do antigo. Pluralidade de caminhos percorridos a partir de diferentes (im)possibilidades, percepções e sonhos que tornaram-se uma das primeiras razões para escolhe-las. É possível questionar como essas identificações, fundadas em relações particulares, familiares e de mobilidade, são expressas na maneira que elas contam suas vidas.

Acompanhar seus caminhos me permite ajudar a compreender os itinerários de uma geração que passou pelo fim do socialismo de Estado, o que influenciou seus destinos até o tempo presente, e que, como dito, muitas vezes confunde-se com uma noção de “eclipse” dos grandes projetos de transformação social. Isso porque, há um certo tempo, muitos estudos sobre políticas de memória no espaço pós-soviético destacam certos “marcadores geracionais”, cuja principal referência, porém, é a Segunda Guerra Mundial.⁵¹ Embora ela seja uma marca importante nas histórias de Anna, Cristina, Elena e Irina, não é a única. De modo que outras vivências menos vistas nestes estudos, como a desintegração da União Soviética e a circulação entre lugares, transcendendo o espaço nacional, podem até mesmo desestabilizar essas divisões.

A razão de reuni-las pensando em sua geracionalidade está em compreender a forma como elas se situam biograficamente e organizam os tempos. Concepção de Ute Daniel que une a crítica de Mannheim à concepção de geração,⁵² com os conceitos temporais de Koselleck – caros à trama de sentidos que envolve o mundo soviético –, permitindo uma leitura a partir do modo como elas se veem em um determinado “espaço de experiência” e reagem as quebras de continuidade – mudanças políticas radicais ou deslocamentos.⁵³ Foi pensando assim que Cristina retratou, positivamente, o final de 1980: “realmente foi algo que marcou nossa geração, porque a gente viveu uma grande mudança histórica [...] E aí coincidiu com a adolescência, começo da juventude. Teve vários shows de rock. As bandas de rock poderiam tocar abertamente”, mas, adverte, que se poderia ter feito, “uma transição para um tipo de sociedade menos perniciosa que hoje em dia”.⁵⁴ Exemplo que, como muitos outros, mostra uma percepção geracional na construção das experiências de tempo, em que ecoam diferentes “espaços” e “horizontes”. Diante de minhas preocupações sobre as formas de se viver, é possível oferecer assim maneiras de se imaginar, sonhar e perceber a vida a partir de experiências diversas, entendidas como compartilhadas.

⁵¹ WOLFE, Thomas. Past as Present, Myth, or History? Discourses of Time and the Great Fatherland War. In: LEBOW, Richard Ned; KANSTEINER, Wulf; FOGU, Claudio (ed.). *The Politics of Memory in Postwar Europe*. Durham, EUA: Duke University, 2006. p. 253-255.

⁵² MANNHEIM, Karl. El problema de los generaciones. *Reis*, n. 62. 1993. p. 195.

⁵³ DANIEL, Ute. Historia geracional. In: *Compendio de Historia Cultural*. Madrid: Alianza, 2005. p. 306-307.

⁵⁴ DUNAEVA, *Entrevista 1... op. cit., s.p; Id. Entrevista 2*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Brasília (entrevistada), 11 jan. 2021b. (01:04:21).

Além disso, há mais um motivo, o qual precisarei aprofundar-me, que diz respeito aos *substantivos* empregadas aqui. Exilados, migrantes, mulheres, soviéticas, russas... emergiram de seus relatos para *bagunçar*, no bom sentido, a minha interpretação. Eis o que a história oral ofereceu ao colocar-me à *altura da vida*. Afinal, segundo Benjamin, “quem voa, vê apenas como a estrada atravessa a paisagem”; quem caminha, sente “o modo como ela, em cada curva, faz saltar do terreno plano [...] objetos distantes, mirantes, clareiras, perspectivas”.⁵⁵ Devo confessar que muito disso já apareceu em minhas pesquisas anteriores, mas por achar que excediam a minha competência e coragem, fiquei distante. Ainda que se percorra uma estrada, é fácil permanecer com a cabeça nas alturas.⁵⁶ Foi preciso ouvir as vibrações daquele universo de discursos públicos, escavar referências e, sobretudo, tornar inteligível a minha experiência como um *ato de respeito* frente as vidas que narro, para não me furtar de analisá-las agora.

A metáfora da caminhada sugere ainda outro aspecto: o movimento. Portanto, quando se fala do repertório acima, ligado a marcadores psicológicos, emocionais e corporais, fala-se mais de *verbos* do que de *substantivos*; a *vir a ser* do que *ser*. Estes, sem dúvida, fazem parte da vida e permitem vê-la com mais nuances, razão pela qual também me fez escolher essas quatro histórias. Mas, não são *inatos*. É preciso historicizá-las, como explico a seguir.

Movimento e diferença

Como a palavra “geração”, todas as outras surgiram das vozes delas ou da minha, quando as compartilhei a fim de discutir suas implicações. Relação que faz com que eu rejeite qualquer tipo de delimitação estanque entre “sujeito” e “objeto”, pois o que mais tive com elas foi aprendido.⁵⁷ Dito isso, começo pela semântica dos deslocamentos. Exilados, emigrados, imigrantes, enfim, há todo um rol de palavras que designam aquilo que se “desenraizou”, como disse Rollemberg. O que não denota, conforme Ulf Hannerz, que elas sejam substâncias que podem ser colocadas dentro de uma garrafa.⁵⁸ Se o termo exílio têm laços com a antiga tradição ocidental do *ostracismo*, os expatriados do século XX estão ligados ao risco que a sua permanência em um certo lugar causaria. Enquanto que para os emigrados, geralmente em busca de uma vida diferente, a possibilidade de escolha não lhes é totalmente abolida.⁵⁹ Ainda assim, é preferível compreender tais aspectos mais como ziguezagues, pois mesmo com o fim

⁵⁵ BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única. Infância berlinense*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 14.

⁵⁶ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Pensar debruçado*. Lisboa: KKYM, 2015. E-book Kindle.

⁵⁷ Ver a nona e a décima seção do capítulo 1.

⁵⁸ HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, v. 3, n. 1, 1997. p. 14.

⁵⁹ GUINSBERG, Enrique. Migraciones, exílios y traumas síquicos. *Política y Cultura*, n. 23, 2005. p. 162.

das razões que impediam a família de Cristina de retornar, seu pai, por exemplo, escolheu ficar, convertendo-se, se o critério adotado for o grau de decisão, em um emigrado.⁶⁰ Já Irina, que por anos circulou entre o Brasil e a União Soviética, via-se muito mais com alguém *on the road* do que uma pessoa impelida a ir e vir.⁶¹ Por isso, é preciso evitar o substancialismo, ouvindo *como* elas se relacionam com o espaço.

Adoto essa concepção porque acredito que ela se intersecciona bem com as de cidadania e geracionalidade (*a partir de* e não *a priori*). Dessa maneira, posso assinalar, no momento em que seus relatos tornaram evidente, o que Traverso denomina de *hermenêutica da distância*, isto é, como elas enfrentam o mundo para o qual se dirigiram e dele miram o anterior.⁶² Esta categoria, a rigor, é mais utilizada para exilados e como não reduzo os tipos de deslocamento a uma situação jurídica, faço uma oportuna troca, substituindo *distância* por *movimento*: uma *hermenêutica do movimento*. A mobilidade, como trago, não diz respeito apenas ao transitar do corpo (distância ou proximidade), mas, segundo Luisa Passerini, a “emoções reconhecíveis”, ou seja, a como o *movimento é motivado e mobilizado* (termos de mesma raiz etimológica, do latim *movere*, “pôr-se em movimento”) e estrutura narrativamente um relato, uma *história em movimento*.⁶³ Passerini, aliás, desenvolveu essa ideia a partir de suas pesquisas, com base na história oral, sobre mulheres migrantes do Leste para o Oeste Europeu após a queda do Muro de Berlim. Deixa que aproveito para registrar outros trabalhos que, embora tragam perspectivas diferentes, se ocupam da história oral de egressos de países pós-socialistas, como os de Gabriele Rosenthal e Katarzyna Waniek, que acompanharam, respectivamente, alemães saídos da União Soviética e poloneses rumo a Alemanha Ocidental.⁶⁴

No Brasil, parte considerável das produções de história oral sobre o assunto, sob o enfoque da etnicidade, são dedicadas aos que chegaram no país até a primeira metade do século XX.⁶⁵ *Estado da arte* que torna premente estudos sobre fluxos mais recentes para o Brasil, na

⁶⁰ Ver a quarta seção do capítulo 2.

⁶¹ Ver a nona seção do capítulo 1.

⁶² TRAVERSO, Enzo. *La historia como campo de batalla*. Buenos Aires: FCE, 2012. p. 238.

⁶³ PASSERINI, *op. cit.*, p. 128.

⁶⁴ ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: A interrelação entre experiência, recordar e narrar. *Civitas*, v. 14, n. 2, 2014; WANIEK, Katarzyna. Jovens migrantes poloneses na Alemanha de 1989 a 1999: Autoalienação e anomia interacional. *Civitas*, v. 14, n. 2, 2014.

⁶⁵ Em levantamento recente, Daniel Gevehr e Gabriel Bortoli constataram que a história oral é o principal recurso metodológico dos trabalhos sobre migrações no Brasil. GEVEHR, Daniel; BORTOLI, Gabriel. Contribuições para os estudos culturais no campo das migrações contemporâneas: uma revisão da literatura recente. *Aedos*, v. 12, n. 27, 2021. Regina Weber, ao analisar mais de oitenta teses e dissertações, destacou que a maioria destes trabalhos foi “sobre imigrantes que se instalaram nos estados do sul e sudeste do país.” WEBER, Regina. Estudos sobre imigrantes e fontes orais: identidade e diversidade. *História Oral*, v. 16, n. 1, 2013. p. 13. A preferência pelo recorte temporal mencionado, exemplificado pelo caso dos estados do sul, pode ser vista no acervo do portal *Estudos sobre grupos étnicos no Sul do Brasil*, disponível em: <https://bit.ly/3f1SKjW>. Acesso em: 06 jan. 2022.

esteira da crise do socialismo de Estado. A propósito, este vínculo entre mobilidade e etnicidade não escapa da galeria lexical de minhas entrevistadas. Aspecto que aproveito agora para explicar como o dizer-se russa, ucraniana ou, de modo geral, soviética, será aqui considerado. Análogo aos riscos da semântica do deslocamento, é preciso compreender, primeiro, que essas autodenominações não dizem respeito a *diferença em si*. Nenhuma destas expressões de diferença possui um referente estável, seus significados variam conforme os repertórios do mundo. O que não significa que elas careçam de valor, como se fossem meras “fantasias”. Digo isso porque estou ciente de que falar sobre qualquer tipo de diferenciação não é fácil. Certamente, as pessoas podem agir como se determinados marcadores fossem *destino* e, como resultado, lhes atribuem tenacidade e poder. E, ao mesmo tempo, de que outros podem reivindicá-la como uma forma de identificação, afinal, os processos culturais são dinâmicos.

Assim, se o caráter construtivista das diferenciações não denota falta de relações de poder, a sua reivindicação, conforme Avtar Brah, tampouco precisa ser construída como uma “essência última que transcende limites históricos e culturais”.⁶⁶ Vejam, aqui não estou falando apenas de como ler a diferença, mas também de possibilidades de coexistência. E, que maneira melhor de pensar isso do que em um mundo onde, durante mais de setenta anos, segundo Aleksiévitich, “no laboratório do marxismo-leninismo, cultivaram uma espécie humana peculiar, o *homo sovieticus*”? Longe de seu messianismo, que o julga como um “plano” de “refazer o ‘velho homem’, o antigo Adão”, não creio em um referente universal de ser humano que já não tenha criado sentidos dentro de distintos laboratórios culturais. O *homo sovieticus* é, de fato, a metonímia de um ideal de identificação com a sociedade soviética, mas não mais construída do que qualquer outra. Porém, concordo com Aleksiévitich no sentido de que ele não é “apenas o russo, mas também o bielorrusso, o turco-meno, o ucraniano, o cazaque...”.⁶⁷

Se a leitora, ou o leitor, olharem outra vez o passaporte de Anna, verão que nele constam duas identificações. À esquerda, a cidadania (гражданство), e à direita, o local de nascimento (место рождения). No primeiro item, constam as siglas da unidade política de residência (URSS) e, no segundo, o local de filiação nacional (Ucrânia). Um, designa o *homo sovieticus*, e o outro, segundo Aleksiévitich, tudo mais que ele pode ser. Duas distinções jurídicas decorrentes das bases sob as quais a União Soviética foi edificada. A primeira, diz respeito à forma que ela adotou para tornar-se um ente político e promover o seu ideal de pertencimento: o Estado nação. A segunda, a adequação deste com o seu *télos* e o legado do regime dos tsares:

⁶⁶ BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, n. 26, 2006. p. 331-340.

⁶⁷ ALEKSIÉVITCH. *O fim do homem... op. cit.*, p. 19-20.

um império do Pacífico Norte aos montes Cárpatos na Europa Central, reunindo diferentes línguas, credos e grupos.⁶⁸ Dessa maneira, o primeiro Estado socialista do mundo também tornou-se, em 1922, o primeiro a institucionalizar um tipo de federalismo etnoterritorial.⁶⁹

Evidentemente, tudo isso é do âmbito estatal, que coloca as identificações em termos de assimetrias “culturais”, e não das experiências pessoais, como me interessa. O que não quer dizer, como dito, que tais relações não tenham valor. Contudo, para não assimilar a diferença como *diferença de fato*, preciso ler como minhas entrevistadas narram as suas experiências de alteridade. Procedimento que, ao mesmo tempo, pode oferecer espaços fecundos para relações de diferenciação menos essencialistas, como defendo a partir de Brah, dado que, ao adquirir significados em relações específicas, se “atribui significado dando sentido a essas relações na vida cotidiana”. Processo capaz de gerar “histórias coletivas” plurais, “ligando biografias através de *especificidades contingentes*”.⁷⁰

Mais do que modos de ler, posso apresentar formas heterogêneas de compreender a “diferença”, e nela compreender-se, com as histórias de minhas entrevistadas, porque mostro como seus significados não são monolíticos. Entremeadas a outros aspectos, como o *movimento*, as diferenças podem até mesmo convergir para “alargar horizontes” sobre formas de se viver junto.⁷¹ Elena, ao final de nossa última entrevista, observou que só quando vivia no Brasil, no qual as “referências são diferentes”, conseguiu ver melhor seu antigo lar: “com essa distância, viver em um outro país, você tem bem mais claro as possibilidades de avaliar o que você tinha, recebeu sem pedir”.⁷² Palavras que mostram não apenas a função da distância frente a diferença, mas um tipo de “desprovincialização”.⁷³ Sem dúvida, apresentar a experiência da mobilidade,

⁶⁸ SUNY, Ronald. Ascensão e queda da União Soviética: o império de nações. *Lua Nova*, n. 75, 2008. p. 86-87.

⁶⁹ Desde o início, a União Soviética “se definiu como um Estado multinacional federativo, nunca como Estado nacional”. A propósito, na terminologia soviética, “nacional” não é sinônimo de Estado, mas de relações étnicas. LEMONTE, Marco. *Profetas do apocalipse: os autores ocidentais com visão catastrofista sobre o problema das nacionalidades na URSS*. Mestrado em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. p. 16-17. Diferente de Estados em que a identificação é atribuída via “direito ao solo” (*jus soli*), em que se é cidadão do lugar de nascimento, ou de “naturalização jurídica” – eu, nascido no Brasil, sou um cidadão brasileiro, a despeito de qualquer filiação – a União Soviética separou cidadania de ascendência. Com base no “direito de sangue” (*jus sanguinis*), esta última era conferida de acordo com os laços territoriais e culturais, reconhecidos pelo Estado, de cada pessoa. Assim, havia o cidadão soviético, ucraniano, russo e outros tantos que fossem igualmente titulares de repúblicas, regiões autônomas ou com extensão demográfica. Servindo-me da metáfora de Yuri Slezkine, a União Soviética configurou-se como um tipo de “apartamento comunal” que, debaixo de “horizontes” quiçá mais coletivos, perenizava diferenças, ora alocando certas populações em seus “cômodos”, ora apartando outras que não atendiam aos seus critérios. SLEZKINE, Yuri. The USSR as a Communal Apartment, or How a Socialist State Promoted Ethnic Particularism. *Slavic Review*, v. 53, n. 2, 1994. p. 415

⁷⁰ BRAH, *op. cit.*, p. 362. *Grifos originais*.

⁷¹ Ver a segunda seção do capítulo 3.

⁷² GAISSIONOK, Elena Constantinovna. *Entrevista 2*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Rio de Janeiro (entrevistada), 18 nov. 2020b, (01:02:25). s.p.

⁷³ PASSERINI, *op. cit.*, p. 124.

ou qualquer outra, como um caminho para o pluralismo, corre o risco de subestimar o lado “muito sofrido” de todos os eventos, como disse Elena na mesma conversa. Ainda assim, é “preciso extrair do passado possibilidades para imaginar um futuro diferente”.⁷⁴ Entretanto, a saída desse dualismo, não precisa fundar um segundo – o da absolvição do passado contra as urgências do presente –, pois é na busca por diferentes modos de existência que os *substantivos*, como sugeri, tornam-se *verbos*, garantindo as qualidades polifônicas do tempo.

À distância ou não, quem estranha suas “referências” mostra, segundo Margareth Rago, “que não somos naturais, que somos históricos e que, portanto, podemos ser diferentes”.⁷⁵ Contingências igualmente presentes na última expressão levantada por elas, demandando os mesmos cuidados semânticos, com quem fecho, em seguida, as razões “verbais” que me fizeram escolher essas quatro histórias: o ser mulher.

Gênero, engajamento e erudição

Na esteira do que disse Rago, aprendi com Judith Butler que, se alguém diz “ser” algo, certamente isso não é tudo o que esse alguém “é”. Primeiro, porque o que se “é” refere-se à relações construídas em diferentes tempos, nem sempre coerentes ou conscientes, que tendem a determiná-lo. A própria ideia de uma pessoa substantiva, “portadora de vários atributos essenciais e não essenciais”, como “um ‘núcleo’ de gênero preestabelecido”, é uma compreensão específica, e portanto histórica, do que é um sujeito.⁷⁶ Que é também paradoxal, afinal, se “o gênero são os significados culturais assumidos” pelo corpo sexuado, “não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira”; pela lógica, eles seriam sempre idênticos. Por isso, é preciso designar igualmente os meios pelos quais os próprios sexos são construídos como instâncias politicamente neutras ou anteriores à cultura.⁷⁷

Segundo, porque é impossível “ser” uma categoria unitária, nenhum termo logra ser tão exaustivo assim. Não pela eminência de traços predefinidos, pois como em qualquer outra diferenciação, estes devem ser explicados e não supostos. E sim, pelas suas intersecções com as várias modalidades já arroladas (étnicas, regionais, etc.). É importante salientar tudo isso, porque nenhuma categoria usufrui da condição de “variável independente”, cada uma “é constituída pela outra e é constitutiva dela”.⁷⁸ Não obstante, embora toda diferença suscite a

⁷⁴ AZOULAY, *op. cit.*, p. 566.

⁷⁵ RAGO, Margareth. Autobiografia, gênero e escrita de si: Nos bastidores da pesquisa. In: AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito (org.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 213.

⁷⁶ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 29.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 24-25.

⁷⁸ BRAH, *op. cit.*, p. 351.

ideia de divergência ao que é “semelhante”, em geral os significantes de dominância, estes não são menos construídos, ainda que em outro sentido. Logo, quando me refiro à quatro mulheres soviéticas, o faço de acordo com a forma que elas definiram as categorias da diferença em sua experiência e como a minha relação com elas foi mediada, pois como haveria de estar fora desses jogos, se tampouco posso superar as minhas contingências (homem guei, branco, cisgênero)? Dessa maneira, posso assinalar como elas interpretaram o gênero dentro das suas vidas e como dele elas procuraram tirar partido em relações específicas.

Uma leitura pertinente acerca da transversalidade das diferenças consiste em explorar o já conhecido *homo sovieticus* que, como recentemente demonstrou Thaiz Senna, além de uma constelação de nacionalidades, expressa diversas relações de gênero. Segundo a historiadora, a concepção do “soviético”, bifurcada na oposição do Novo Homem e da Nova Mulher,⁷⁹ diluiu a segunda frente ao paradigma da virilidade do primeiro, e, não sem objeção, em detrimento de sua luta pela igualdade.⁸⁰ Como em outros estudos, desde a precursora obra de Wendy Goldman,⁸¹ tais questões são observadas sobretudo em períodos anteriores ao que eu abarco, embora como sugeriu Senna, ao menos nos discursos estatais, elas ressoaram até o fim da União Soviética. Em minhas entrevistas, o ambiente escolar ganhou proeminência para abordar essa persistência.⁸² Apesar do papel das mulheres “dentro da revolução” ser ensinado desde cedo, como salientou Elena,⁸³ em atividades manuais, segundo Cristina, “a gente aprendia a cozinhar e a costurar e os meninos aprendiam marcenaria”, além de disciplinas sobre patriotismo “ligadas à essas questões mais, não sei, viris, não sei qual o termo... do corpo”.⁸⁴

A Grande Guerra Patriótica (1941-1945) é outro espaço privilegiado por muitos destes estudos. Até porque, a guerra foi uma maneira de manter ativo o *ethos* revolucionário como uma espécie de “segunda revolução” contra uma ameaça que colocou “todos os povos do Leste” em risco.⁸⁵ Para Cristina, apropriada de relatos familiares sobre o conflito, foi exatamente assim que a guerra seguiu viva entre as gerações como uma “história de todas as famílias”.⁸⁶ Por isso, olhar também para os que se reconhecem como um grupo de idade, distantes da guerra, é uma forma de demonstrar o movimento dos discursos, inclusive sobre o paradigma da divisão

⁷⁹ Ver a terceira seção do capítulo 2.

⁸⁰ SENNA, Thaiz Carvalho. *Mulheres soviéticas em múltiplos fronts - discursos estatais e pessoais confrontados (1941-1945)*. Doutorado em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2021. p. 43-44.

⁸¹ GOLDMAN, Wendy. *Mulher, Estado e Revolução: política da família soviética e da vida social entre 1917 e 1936*. São Paulo: Boitempo, 2014.

⁸² Ver a quinta seção do capítulo 3.

⁸³ GAISSIONOK, *Entrevista 2... op. cit., s.p.*;

⁸⁴ DUNAEVA, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

⁸⁵ WOLFE, *op. cit.*, p. 260-261.

⁸⁶ DUNAEVA, *Entrevista 2... op. cit., s.p.*

sexual. Desde *partizanki* e enfermeiras no *front* até crianças responsáveis pelo ambiente doméstico, passando por comunidades rurais em que apenas mulheres, depois da guerra, “faziam tudo”, encontro em cada uma das histórias delas lembranças desafiadoras a qualquer universalismo pretensamente neutro.⁸⁷ Não obstante, reuni cada uma dessas percepções por meio da história oral. Condição que considero um ganho, pois, segundo Silvia Salvatici, ao ouvir o drama de mulheres durante a guerra do Kosovo (1998-1999), é possível questionar os valores habitualmente agregados aos eventos bélicos, “como os papéis de defensor e defendido” (masculino e feminino), ao cruzar a fronteira entre o público e o particular.⁸⁸

Todas as lembranças sugeridas permitem enxergar ainda um último aspecto. Se os leitores e leitoras recordarem, Anna trouxe em nosso primeiro encontro um livro, mas não qualquer livro, era a recente compilação de textos de autoras soviéticas, organizada por Graziela Schneider, que poderiam, segundo ela, me “orientar”. Um indício, confirmado em nossas conversas, de como suas lembranças eram politicamente engajadas e comprometidas com o princípio da igualdade. Além do mais, quando falava sobre a sua vida, como todas as outras entrevistadas, ela muitas vezes fazia um trabalho semelhante ao meu, isto é, dotada de muita erudição, escolhendo, interpretando e mesmo historicizando alguns assuntos. A historiografia, aliás, perpassa as carreiras profissionais de Cristina e Irina, com quem conheci muitos dados, referências e, especialmente com Irina, imagens de um imenso acervo de fotografias particulares.⁸⁹ Formada em teatro musical, Elena completa o quarteto sempre me aproximando, em nossas conversas, do mundo das sinfonias de Tchaikovski.

Uma vez mais, é preciso explicar o que estou chamando de “intelectual”. Como há muito indagava-se Antonio Gramsci, trata-se de uma categoria com densidade histórica que designa o exercício crítico de uma função específica.⁹⁰ Do lugar que ocupa, este estará sujeito à relações de poder variadas que, segundo Michel Foucault, não agem pela mera repressão vertical, mas distribuídas, induzindo e formando prazeres, saberes e discursos, os quais permitem, ao mesmo tempo, a sua própria subversão.⁹¹ Assim é também o “engajamento”, na medida em que até o mais “universal” dos intelectuais não deixa de estar ligado a outras tantas posições. Portanto, mais do que as avultadas experiências de diferenciação, as relações de saber estão igualmente presentes na mediação de nossas conversas, de modo que as sinalizo da mesma forma. Contudo,

⁸⁷ As comunidades rurais aparecem apenas nas histórias e Cristina e Irina, ao contrário das outras.

⁸⁸ SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*, v. 8, n. 1, 2005. p. 39.

⁸⁹ Ver a décima seção do capítulo 1.

⁹⁰ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

⁹¹ FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. p. 43-44.

para não arriscar tornar alguma destas categorias meros conteúdos suplementares, preferi não dedicar nenhum capítulo específico, as explorando conjuntamente no fluxo do texto.

Como se pode perceber, são muitas as interconexões presentes nas histórias que busco contar, as quais espero ter evidenciado de modo satisfatório. Por outro lado, algumas discussões próprias da história soviética e pós-soviética foram sugeridas sem situar sua própria historicidade e seus interlocutores. Nesse sentido, uma revisão bibliográfica pode contribuir para evidenciar o que estou levando nas “malas” e onde busco inserir-me.

(Des)arrumando as malas

Entre os mais recentes balanços historiográficos sobre a União Soviética, o seu caráter altamente polêmico, decorrente de diversas posições políticas sobre projetos de futuro e da relação dos historiadores com o seu “eu”, é sempre um ponto convergente.⁹² Aliás, as primeiras descrições surgiram ainda no calor da Revolução Russa, como a cobertura do correspondente norte-americano John Reed, *Os dez dias que abalaram o mundo* (1919), prefaciada pelo futuro dirigente da União Soviética, Vladimir Lênin.⁹³ Essas primeiras impressões originaram toda uma mitologia ao redor da ideia de uma insurreição popular paradigmática.⁹⁴ Leon Trotsky, mesmo no exílio, conclui em 1930 os três volumes da *História da Revolução Russa*, reificando o mito epopeico e difundindo conceitos que se tornariam caros ao pensamento marxista, como a “lei de desenvolvimento desigual e combinado”.⁹⁵

Na década de 1930, algumas leituras começaram a agrupar a União Soviética ao lado do *Reich* de Adolf Hitler e do *Regno* de Benito Mussolini sob o signo do “totalitarismo”. Nascido como adjetivo para denunciar o último e depois incorporado por este, o termo foi desenvolvido pelos asseclas de Mussolini como negação do “liberalismo” e do “comunismo”.⁹⁶ Para o filósofo fascista Giovanni Gentile, sua doutrina era “totalitária” na medida em que a via como uma “síntese” do Estado e do indivíduo (*Stato totalitario*).⁹⁷ Com a Segunda Guerra Mundial, converte-se em palavra-chave do vocabulário político, variando conforme o papel dos soviéticos ao longo do conflito. É apenas durante a Guerra Fria que a categoria adquire *status*

⁹² FERNANDES, Luis. Leituras do Leste: O Debate sobre a Natureza das Sociedades e Estados de Tipo Soviético. *BIB*, v. 2, n. 38, 1994; SEGRILLO, Angelo. Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens. *Projeto História*, v. 41, 2010; WHITE, Duncan. *Cold warriors: writers who waged the literary Cold War*. Londres: Harper Collins, 2019.

⁹³ REED, John. *Os dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

⁹⁴ TRAVERSO, La historia como campo... *op. cit.*, p. 71.

⁹⁵ TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa*. 3 Volumes. Brasília: Senado Federal, 2017.

⁹⁶ Como não cabe me estender nessas tipologias, indico: TRAVERSO, Enzo. *El totalitarismo: historia de un debate*. Buenos Aires: Eudeba, 2001. p. 15-28.

⁹⁷ GENTILE, Giovanni. The Philosophic Basis of Fascism. *Foreign Affairs*, v. 6, n. 2, jan., 1928. p. 299-302.

teórico a partir de duas obras antagônicas: *Origens do totalitarismo* (1951), de Hannah Arendt, e *Origens da democracia totalitária* (1952), de Jacob Talmon. Para Arendt, ela convergia do imperialismo e das teorias racistas do século XIX; já Talmon, a via como um problema da própria ideia de democracia nascida das “luzes”.⁹⁸ Afora os abismos que as separam, essas teorias nutriram a ideia de uma sociedade soviética *aplainada*. Somada à geopolítica, vários historiadores, como Robert Conquest, tornarem-se verdadeiros *cold warriors*.⁹⁹

As principais leituras anglo-saxãs, de 1950 a 1960, destacaram fatores estruturais, como o “atraso” econômico que gerou fatores de tensão social. Mesmo assim, a revolução não foi vista como uma confluência de forças dialéticas, e sim como um “acidente histórico”. O que poderia ser resolvido por meio de reformas, à moda ocidental, teria sido logrado por um grupo de “conspiradores” que tomaram o poder.¹⁰⁰ Versão que explicaria o totalitarismo, pois este acaba com quaisquer novos “acidentes” por meio do exercício do “terror”. Revisões vieram já em 1950, a exemplo de Edward Carr,¹⁰¹ mas é somente após o Maio de 68 – com a rejeição dos pressupostos da Guerra Fria – que se estabelece uma “interpretação social” mais matizada.¹⁰² Contudo, ao passo que a ortodoxia *cold warrior* era agora criticada, os estudos sociais da Revolução Francesa eram acusados por François Furet de terem criado uma ligação teleológica de 1789 com 1917.¹⁰³ Tudo isso, porém, foi engolido pelo colapso do bloco socialista, fazendo os *cold warriors* saírem triunfantes. Como regozijou-se o historiador Martin Malia, era com isso comprovada a ilegitimidade de um “empreendimento que foi errado desde o início”.¹⁰⁴

Historiadores como Lewin e Hobsbawm, por sua vez, produziram sínteses para mostrar as vivas transformações que a Revolução Russa originou e, com a disponibilização de documentos *in loco*, novos estudos surgiram. No Brasil, o historiador Angelo Segrillo abriu caminho com a primeira tese do país, calcada em arquivos oficiais.¹⁰⁵ Em contrapartida, muitos veteranos passaram a reavaliar as suas leituras frente as novas demandas representacionais, como o inglês Steve Smith.¹⁰⁶ O que não foi bem visto por outros, como Hobsbawm, que

⁹⁸ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 249-266; TALMON, Jacob. *The origins of totalitarian democracy*. Londres: Secker & Warburg, 1952. p. 38-49.

⁹⁹ CONQUEST, Robert. *The Great Terror: Stalin's Purge of the Thirties*. Nova Iorque: Vintage Books, 2018.

¹⁰⁰ SUNY, Ronald. Revision and Retreat in the Historiography of 1917: Social History and Its Critics. *Russian Review*, v.53, n.2, p.165-182, 1994. p. 166

¹⁰¹ CARR, Edward. *A Revolução Russa de Lênin a Stálin (1917-1929)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

¹⁰² Cf. FITZPATRICK, Sheila. *La revolución rusa*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

¹⁰³ FURET, François. *Pensar la Revolución francesa*. Barcelona: Petrel, 1980. p. 16-19.

¹⁰⁴ MALIA, Martin. The Hunt for the True October. *Commentary Magazine*. Nova Iorque, 10 out. 1991. [s.p] Disponível em: < <https://bit.ly/3vAgt0V> />. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹⁰⁵ SEGRILLO, Angelo. *O declínio da URSS. Um estudo das causas*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

¹⁰⁶ SMITH, Steve. Writing the history of the Russian revolution after the fall of communism. *Europe-Asia Studies*, v. 46, n. 4, 1994. p. 564.

atribuiu ao triunfo dos *cold warriors*, tais autorreflexões, rotuladas de “subjettividades pós-modernas”.¹⁰⁷ Para Hobsbawm, o que faltou nessas *querelas* foi acrescer a dose de objetividade para mostrar “o que se passou” e não “o que significa”. Smith concluiu sua crítica com um rol de temas a se estudar: gênero, identidades étnicas, etc. Porém, não foi esse o motivo da taxaço de Hobsbawm, na medida em que tudo isso poderia ser disciplinadamente interpretado; e sim, com as percepço mais pluralista sobre outras formas de se contar o passado e menos seguras com os meios linguísticos usados para descrevê-lo, à maneira das proposições de Smith.

Há, sem dúvida, espaço de engajamento em Hobsbawm, seu limite é a evidência, linha que separaria a disciplina do que rotulou de “grupos particulares, nacionalistas, feministas...”.¹⁰⁸ Contudo, se há algo que os analistas da historiografia soviética concordam é que, dos *cold warriors* aos “rebeldes” de 68, sua escrita foi marcada por inúmeras disputas. Portanto, sob o dilema das subjettividades éticas e a ambiço, embora igualmente moral, da objetividade para ser um “bom historiador”.¹⁰⁹ Não obstante, o que indicou Smith nunca foi sobre exceder tal instância, mas conceituar sem timidez as posiço compartilhadas com alguns destes grupos, antes de rotulá-los com ojeriza. Tornar as idiossincrasias do investigador um problema, ao invés de sufocá-las. Conhecer o universo de formas de se contar o passado e nisso considerar seus *usos e abusos*, pautando *porque* fazê-lo como historiográfica é importante. Evidenciar os limites da linguagem, sobretudo quando se quer dar “rosto” a um século dito *breve e extremo*.

Demorei um pouco mais nesse último ponto porque nele reside uma questão crucial ligada aos contornos das histórias de minhas entrevistadas, ao debate do “eu” do historiador e às noço de “fechamento” de época: a *memória*. Para situar um pouco melhor o seu papel nessa querela historiográfica, retomo o que disse sobre os anos marcados pelas revisões de cunho social. Afinal, nessa época houve uma valorizaço da memória nos estudos humanísticos, acompanhada pela volta do antigo mito revolucionário, amparado em uma *prescriço mnemônica*: “era preciso inscrever os eventos do passado em nossa consciência histórica para nos projetarmos para o futuro”.¹¹⁰ Uma memória, à maneira da décima primeira tese *Sobre Feuerbach* (1845), para “transformar o mundo”.¹¹¹ Porém, as esperanças dos “rebeldes” seriam abaladas pelo entardecer do socialismo no Leste. Sua imagem de futuro transformou-se em uma categoria de passado, como o tom de despedida que tanto Hobsbawm como Malia ressoaram.

¹⁰⁷ HOBBSAWM, Eric. Manifesto pela renovaço da História. *Biblioteca Diplô*. 01 dez. 2004. Disponível em: < <https://bit.ly/3aI91ae> >. Acesso em: 30 mar. 2021.

¹⁰⁸ *Id, ibid.*

¹⁰⁹ AVILA, *op. cit.* p.38.

¹¹⁰ TRAVERSO, A melancolia de esquerda... *op. cit.*, p. 16;

¹¹¹ MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 535.

Sem pelo o que *lutar*, essa memória inspiradora converteu-se em objeto de *luto* para preencher o vazio hodierno. Principal faceta da experiência temporal contemporânea que François Hartog nomeou *regime presentista de historicidade*: quando o presente é para si seu próprio horizonte.¹¹² O que explicaria, segundo Hartog, a emergência de uma nova figura no espaço público: a vítima. Para ela, o único tempo disponível é o presente do drama que, há pouco ou há muito, eclodiu em sua vida.¹¹³ Modelo paradigmático disso, foi a iniciativa de unificar os valores do liberalismo, consoante a derrota da sua “alternativa”, na lembrança do Holocausto.¹¹⁴ Mesmo sob os riscos de torná-lo, como advertiu Theodor Adorno, uma releitura “aberração no curso da história”,¹¹⁵ o genocídio tornou-se um ícone global da barbárie. Nele, recordações de outras violências se espelharam, refletindo até mesmo alguns de seus vícios, como a redução do passado “a um confronto binário entre vítimas e carrascos”.¹¹⁶

Muitos intelectuais reagiriam a isso resgatando obras como *A memória coletiva* (1950), de Maurice Halbwachs,¹¹⁷ para traçar os *limites* entre história e memória. Para Pierre Nora: “a memória instala a lembrança no sagrado”. É “desculpabilizadora”, completa Robert Frank. E permite “uma história em forma de ponto de interrogação”, lastimou François Bédarida. Assim, cumpre à história, postulou Nora, ser a “libertadora” da memória. Do contrário, disse Roger Chartier: se dissolve o seu “*status* de conhecimento”.¹¹⁸ Tais enunciados, vale dizer, emergiram ao redor dos embates contra o *revisionismo apologético*. Ainda assim, incutiram a ideia de que a memória sacraliza recordações, enquanto a disciplina, privada de contingências, as desmistifica.¹¹⁹ Ponto análogo ao de Hobsbawm sobre a objetividade, mas que frente a emergência de memórias eticamente carregados, resvala ainda na viabilidade de se “dividir, de modo estanque, realidade e descrição”.¹²⁰

¹¹² HARTOG, François. *Regimes de historicidade*. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 149-156.

¹¹³ *Id.* El tiempo de las víctimas. *Estudios Sociales*, Bogotá, n. 44, p. 12–19, 2012. p. 15.

¹¹⁴ ASSMANN, Aleida. The Holocaust – a Global Memory? Extensions and Limits of a New Memory Community. ASSMANN, Aleida; CONRAD, Sebastian (orgs.). *Memory in a global age: discourses, practices and trajectories*. Houndsmills, Basingstoke, UK ; New York, NY: Palgrave Macmillan, 2010.

¹¹⁵ ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 120.

¹¹⁶ TRAVERSO, A *melancolia de esquerda...* *op. cit.*, p. 57. Sem dúvida, as interpretações de Traverso, bem como as de Hartog, não tratam de uma realidade dada, mas de experiência temporais *tipo-ideal*, na acepção weberiana.

¹¹⁷ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

¹¹⁸ NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*, v. 10, dez. 1993. p. 9; FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In. CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe (org.) *Questões para a história do presente*. São Paulo: Edusc, 1999. p. 111; BEDÁRIDA, François. Tempo presente e presente da história. In. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 224; CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 217.

¹¹⁹ CATROGA, A representificação do ausente... *op. cit.*, p. 65.

¹²⁰ SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In. NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 75-76. *Grifos meus*.

Esses entraves repetem-se na historiografia soviética. Até 1980, a memória da resistência ao *Reich* agregava valores patrióticos de *luta* ao *ethos* revolucionário, a exemplo do compêndio *História da Grande Guerra Patriótica da União Soviética* (1960, 1975, 1985). O que não inibiu revisões, como observou Jerzy Topolski no caso polonês; e, reposicionamentos radicais, como do historiador Dmitri Volkogonov.¹²¹ Após a *debacle*, vários países que viveram sob a égide soviética começaram a recordar a guerra, inversamente, como parte de um *luto* nacional. Foi assim que na Ucrânia, a carestia de 1930, o Holodomor, tornou-se a principal recordação do país, à moda do Holocausto.¹²² Aliás, esta região é berço do maior número de estudos memorialísticos, à base da história oral.¹²³ Em sua maioria, cobrindo até meados do século XX, como atestam as obras de Orlando Figes e Jehanne Gheith e Katherine Jolluck.¹²⁴ Ademais, parte expressiva das críticas à memória foram feitas em vista da cena euroriental. Nela, afirma Henry Rousso, discípulo de Bédarida: memória é “liberdade”, parafraseando Nora.¹²⁵ Sim, a lógica está invertida, mas bebe da mesma dicotomia, revelando, paralelamente, suas contingências éticas. Neste caso, contra àquela história de cunho patriótico-revolucionário.

É imperioso perguntar então: *o que fazer?* De minha parte, não ofereço “fórmulas” ou sentenças tão seguras de si sobre tais questões, as quais não prego qualquer impugnação. Para quem quiser, parafraseando o compositor Arnold Schönberg, “ainda há muita música boa para ser escrita em Dó maior!”¹²⁶ Mas, como disse, existem razões que me movem e que fazem com que eu *diga* algo, apesar dos limites. É o que farei agora, depois de revirar tantas leituras, exibindo as saídas que coloquei em minhas malas para seguir as minhas entrevistadas.

Seguir as vidas à janela da memória

Como os distintos ramos da historiografia analisada confirmam, mais do que ambições objetivistas, há sempre uma tendência de colocar o “passado em prática,” como definiu Hayden White: “por todas aquelas memórias, ilusões, porções de informações errantes, atitudes e valores que o indivíduo ou o grupo convocam das melhores maneiras para justificar, dignificar,

¹²¹ FRANCISCON, Moisés; OLIVEIRA, Dennison. A ocupação da Polônia (1939) na historiografia oficial soviética. *Recôncavo*, v. 8, n. 14, 2018; TOPOLSKI, Jerzy. Polish historians and Marxism after World War II. *Soviet Thought*, v. 43, n. 2, 1992; DIAS, Reginaldo. O revisionismo histórico na União Soviética e na Rússia pós-soviética: anotações sobre a obra de Dmitri Volkogonov. *Espaço Acadêmico*, n. 189, 2017.

¹²² TRAVERSO, A melancolia de esquerda... *op. cit.*, p. 59.

¹²³ VON PLATO, Alexander. A descontinuidade da ruptura do sistema e reorientação pessoal. *História Oral*, v. 10, n. 2. 2007. p. 10-21

¹²⁴ FIGES, Orlando. *Sussurros: a vida privada na Rússia de Stalin*. Rio de Janeiro: Record, 2019; GHEITH, Jehanne; JOLLUCK, Katherine. *Gulag Voices*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

¹²⁵ ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 100.

¹²⁶ SMITH, *op. cit.*, p. 569.

escusar” etc.¹²⁷ O que não me permite advogar a favor de visões dicotômicas, na medida em que “a historiografia também funciona como fonte produtora (e legitimadora) de memórias e tradições, chegando mesmo a fornecer *credibilidade cientista* a novos mitos de (re)fundação de grupos e da própria nação,” a serviço de qualquer “ismo” (comunismo, liberalismo etc.).¹²⁸ Embora isso não negue as distinções de cada uma, nem que para cada passado público positivo, haja outros tantos *presentismos* nocivos que causam o desejo de “libertá-los” dos mitos. Contudo, como disse Benjamin, todo “Messias”, o incumbido de “desacralizar”, “não vem apenas como salvador; ele vem também como vencedor do Anticristo.”¹²⁹

Concebido desta forma, parto do pressuposto da “incomensurabilidade” entre o ato de recordar experiências de vida e as narrativas históricas, como uma tentativa de transformar *paradoxo* em *problema*, animado por um dos aspectos mais admiráveis da história oral, metodologia que insisto em explorar: o caráter *cocriativo* de uma situação de *entrevista*.¹³⁰ Como humoradamente disse Irina, ciente de meu trabalho, não é um “depoimento policial”.¹³¹ De fato, ambos estamos (e somos) sujeitos à (e *de*) contingências de gênero, classe, etnia, credo e assim por diante. Contingências da história, da memória, das entrevistadas e, certamente, do entrevistador. Pensar à base do “incomensurável”, como creio, é não resignar-se ao presente da memória sem aceitar qualquer absolutismo da história ao assinalar que, como na epígrafe de Herta Müller, não “há palavras para tudo”. Para “explicar qualquer coisa”, como suspirou Irina ao final de uma entrevista, “leva tempo”.¹³² Por isso, é preciso considerar que, frente a isso, cada um, “em cada um de seus gestos, por humilde ou complexo ou rotineiro que seja, não cessa de operar escolhas” contingenciadas.¹³³

No entanto, como tornar um paradoxo funcional? Minha opção: partindo outra vez do que tenho. Neste caso, do método de entrevista adotado desde minhas primeiras incursões: a *história de vida*. Modalidade que compreende sequências narrativas mais longas; da infância, passando pelas relações socioculturais nas quais alguém pode sentir-se parte, até o tempo presente. As questões que direcionei às minhas entrevistadas, sempre oferecendo incentivos e afunilando assuntos a partir de um roteiro de perguntas passível de acréscimos e subtrações

¹²⁷ WHITE, Hayden. O passado prático. *Artcultura*, Uberlândia, v. 20, n. 37, p. 9 - 19, 12 dez. 2018. p. 16.

¹²⁸ CATROGA, *op. cit.*, p. 77. *Grifos meus*.

¹²⁹ BENJAMIN, *Teses sobre o conceito... op. cit.*, p. 224.

¹³⁰ PORTELLI, Alessandro. História oral: uma relação dialógica. In. *História oral como arte de escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 10.

¹³¹ SANTOS, Irina Aragão. Entrevista 1... *op. cit.*, s.p.

¹³² SANTOS, Irina Aragão. *Entrevista 2*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Rio de Janeiro (entrevistada). 18 nov. 2021. s.p.

¹³³ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da Imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte*. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 13.

conforme o ritmo da conversa,¹³⁴ ativaram múltiplas vivências. O que me permitiu explorar como elas identificam-se com a União Soviética e interpretam-se a partir do translado no Brasil, dimensionando todas aquelas percepções de movimento e diferenciação. Não obstante, nem elas, nem ninguém, recordam *factos* passivamente, mas estruturam sentidos através do narrar, motivo crucial de não precisar abdicar da *história de vida*. Aliás, estrutura e narrativa são palavras-chave, que não indicam rigidez, mas mutabilidade. As estruturas são as formas em *dever* da narrativa, surgindo ora como tragédia, ora como comédia; ora longe, ora perto; demandando a minha atenção para *o que* e *como* narrar. Enquanto que a narrativa é a própria marca da “incomensurabilidade”, em que não devo buscar decifrar apenas o que ela se refere, o que está fora dela, mas o que ela quer fazer no agora, para aonde quer voar.

Narrar não é o mesmo que viver, nem expressa totalmente qualquer si mesmo. Na construção da história de vida, segundo Judith Butler, é “instituído um ‘eu’ narrativo que se sobrepõe ao ‘eu’ cuja vida passada” procura relatar-se. Este, ao mesmo tempo que estrutura uma história, é *assombrado* pelo fato de que não pode “conceber uma história definitiva”, diante dos limites do recordar.¹³⁵ Porém, antes de fechar as malas e assumir o papel de libertador da memória, conforme Butler, é preciso perguntar: a impossibilidade de alguém ser totalmente transparente e relatar a si é um fracasso ético? Certamente não. Afinal, penso eu, nenhuma pessoa é, em cada ocasião, a mesma que se apresenta nos discursos, assim como a história não é, como visto, espelho do passado. O que não as tornam inexplicáveis se a impossibilidade de qualquer coisa ser idêntica a si mesma for colocada em termos de *como isso procura agir*. Em outras palavras, narrar lembranças, escrever histórias, conduzem desejos e ações sobre o outro na medida em que estes são produzidos, segundo Butler, a partir de uma “cena de interpelação”: *enquanto minhas entrevistadas estavam pensando sobre si, também falavam comigo, elaborando uma relação com um outro*.¹³⁶ O impossível é portanto um olhar sensível que lanço sobre as narrativas para ver como elas procuram agir sobre a própria interlocução, e vice-versa.

Vice-versa? Levado ao limite lógico, apenas uma das partes envolvidas (eu) exerce o poder de colocar em palavras as histórias produzidas, de modo que não tenho como invocar um *deus ex machina* para me (auto)avaliar na escrita do texto. Contudo, é esta condição que torna possível falar em uma leitura que abarque a minha ação enquanto historiador. As mulheres da realidade de letras que textualizo aqui, não são idênticas a sua realidade carnal. Segundo Durval

¹³⁴ LEH, Almut. Problemas ético-investigativos na pesquisa com testemunhas históricas. *Tempos Históricos*, v. 17, n. 2, 2013. p. 14.

¹³⁵ BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 55. *Grifos*.

¹³⁶ *Id.*, *ibid.*, p. 51.

Muniz de Albuquerque, “há uma distância intransponível entre ser carne e ser letra”. O que eu lhes ofereço é apenas mais uma camada de texto, “o fantasma de um corpo feito de carnes, enunciados e imagens”.¹³⁷ Não digo com isso que eu simplesmente inventei suas histórias, mas que a “realidade” de suas vidas chegou-me como narrativa. Eis a minha *assombração*. Tudo que digo nestas páginas é efeito do olhar de outro. Produto da coalescência das palavras que o “eu narrativo” usou para montar uma imagem de si, com as que eu usei na impossibilidade de torná-las carne ou me ver de fora. Versos arbitrários, sem qualquer “compromisso de fundo com aquilo sobre o qual se lançam”,¹³⁸ escritos e reescritos, montados e desmontados no interior do texto, e em função de como as *histórias de vida* me afetaram e como eu desejei construí-las.

Exemplo disso é o próprio título desta dissertação. “Janelas entreabertas” é o resultado de outras duas tentativas fracassadas de nomeá-la. O mudei tantas vezes porque suas versões anteriores careciam de adequações mediante as reações de minhas entrevistadas, as quais me permitiram aprender o que é dialogar com pessoas que compreendem os nossos limites narrativos. E mais, como dito, minha pesquisa foi seriamente impactada pelas circunstâncias da pandemia que o mundo atravessa desde 2020, de modo que quando comecei jamais havia imaginado criar minhas fontes senão frente a frente. Porém, afora as conversas com Anna em 2018, todos os meus encontros subsequentes foram remotos. Condição que, à época, levantou a suspeita, minha e de muitos colegas, se em uma interpelação virtual nós não estaríamos apreendendo aspectos importantes da oralidade detrás de uma “vidraça” menos transparente, imposta pela ausência de contato em um espaço contíguo. Em minha experiência, sentar-me diante Anna, de fato, não foi igual a entrar dentro das casas de Cristina, Elena e Irina pelas *janelas* de nossos computadores. Contudo, dialogando virtualmente com elas, pude aprender que o encontro que produz as narrativas não é um ponto transcendental em que alguém captura em pleno voo o éter das narrativas. Presença e ausência não são substâncias, mas *diferenças relacionais construídas*, as quais, segundo Didi-Huberman, me interessa ver como atuam.¹³⁹

Insistir em uma tautologia da presença, como passei a acreditar, é até mesmo ir contra a incomensurabilidade do narrado e do vivido, porque por mais bem sucedidas que fossem minhas entrevistas com Anna, em momento algum nós não deixamos de nos ver por detrás da incompletude da fala. Como disse o atormentado personagem do escritor alemão W. G. Sebald, Austerlitz: “nos olhávamos *à travers une brèche d’incomprehension*”.¹⁴⁰ Em outras palavras,

¹³⁷ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Narrar vidas, sem pudor e sem pecado: as carnes como espaço de inscrição do texto biográfico ou como uma biografia ganha corpo. *Albuquerque*, v. 12, n. 24, 2020. p. 15-16.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 23.

¹³⁹ DIDI-HUBERMAN, *O que vemos...* op. cit., p. 203-205.

¹⁴⁰ SEBALD, op. cit., p. 256.

não há situações em que não nos vemos através de *janelas entreabertas*. Essa incapacidade, segundo o semiólogo russo Yuri Lotman, não é uma deficiência, mas uma condição de todas as linguagens que, mesmo com ambições universais, necessitam de camadas de gramática para criar uma imagem inteiriça do mundo, ainda que não haja nada nele que diga “mundo”.¹⁴¹ Aliás, o correspondente linguístico da palavra *janela* (derivação latina do nome do deus romano com duas faces em sentidos opostos, *Janus*), em russo, é *aknó* (окно), oriundo do eslavo oriental antigo que significava “olho”. É mais ou menos esse o sentido que quis expressar em meu título: para narrar qualquer coisa é preciso olhar, mas não há como “ver” sem “perder”, pois olhar demanda espreitar-se em brechas estreitas, vidros quebrados ou janelas semicerradas que, possivelmente, olham de volta.

Ainda assim, apenas “brilhos passageiros” podem ser vistos pelas janelas.¹⁴² Neste caso, as histórias contadas pelas minhas entrevistadas, além de outros *corpus* documentais, muitos deles em poder delas, como fotografias. Pedacos com os quais construo o meu trabalho, como descrevo, finalmente, a seguir.

Inventariando vozes, imagens e palavras

A contar de 2018, com as três realizadas com Anna, somo um total de dez entrevistas para a escrita deste trabalho, as quais serão incorporados posteriormente ao acervo do Repositório de Entrevistas de História Oral (REPHO/UFRGS), junto de suas respectivas transcrições. Há um intervalo entre aquelas obtidas no âmbito da monografia e as outras sete, iniciadas em 2020. Embora eu já tenha escrito sobre as entrevistas com Anna, trazê-las de volta é uma oportunidade de revisitar várias das minhas perguntas e conclusões à época, e também de enriquecer o meu trabalho atual colocando-as lado a lado com outras experiências, modos de contar e, especialmente, as avultadas diferenças situacionais. Todas elas possuem distintas quantias e durações. Irina, tal como Anna, conseguiu encontrar-se três vezes comigo, sendo uma destas a mais extensa das entrevistas feitas, com cerca de duas horas. O tempo, em geral, foi de uma hora, uma hora e meia cada. Com Cristina e Elena, fiz duas entrevistas cada, sempre de pouco mais de uma hora. Sem dúvida, considerando a metodologia da *história de vida*, a expectativa sempre gira ao redor de conversas mais duradouras, com as quais é possível até mesmo se aprofundar em algumas lembranças. Por isso, preciso assinalar duas singularidades.

¹⁴¹ LOTMAN, Yuri. *Cultura y explosion: lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social*. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 12.

¹⁴² DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vagalumes*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 43.

Primeiro, além das dez entrevistas gravadas, deixei de mencionar outros quatro encontros, dois com Irina, um com Cristina e outro com Elena, que foram apenas apontados em diário de campo. Na verdade, foram conversas que iniciaram com o propósito de apresentar a pesquisa, mas que acabaram se tornando tão ricas quanto as que foram gravadas. Por sorte, representam o “giro no parafuso” de que fala Angela de Castro Gomes, isto é, quando o primeiro entrevistado é a própria “pessoa que irá fazer um monte de perguntas” sobre a vida do outro.¹⁴³ No meu caso, dou até mais um *rodopio*. Com a eclosão da pandemia, muitas dessas primeiras aproximações ocorreram por meio de inúmeras trocas de *e-mail*. Apenas com Cristina, foram mais de 20 até a primeira conversa, em que muitos elementos biográficos foram surgindo. Nem todas, é verdade, foram tão eloquentes assim, mas não posso deixá-las de lado, pois, conjuntamente, me permitem construir um arranjo das relações estabelecidas, evitando que as respostas dadas pareçam estáveis.¹⁴⁴ O que também é fundamental para “construir a investigação como um espaço formativo”.¹⁴⁵

Segundo, assim como minhas entrevistas com Anna, foi necessário me adequar às agendas de Cristina, Irina e Elena. Na maioria das vezes, entre um compromisso e outro ou entre o preparo e a condução de uma aula e outra, pois todas elas lecionam ativamente dentro de suas áreas de formação. O presente de nossas vidas foi igualmente importante para a consolidação de alguns diálogos mais sucintos e outros mais segmentados (as duas últimas entrevistas com Irina foram realizadas pouco mais de um ano depois da primeira, em novembro de 2021). Discorremos sobre suas vidas em meio à agitação oriunda da pandemia, da crise política e social e da experiência do isolamento em nossos hábitos ordinários. Sete entrevistas foram conduzidas diante desse horizonte de expectativa, e destas apenas duas foram feitas após o arrefecimento do contágio com o avanço da vacinação no Brasil. Dessa maneira, não deixo de levar em conta como elas manejaram essa situação para falar de suas lembranças e como buscaram tirar partido da distância entre as nossas *janelas* para abrir caminhos de diálogo.

A propósito, não foram poucas as oportunidades que elas me ofereceram para encontrar outros “brilhos” significativos em suas histórias. Um conjunto de fotografias familiares foi apresentado por Irina para falar sobre a sua vida em nossa primeira entrevista. Obtive a sua autorização para a reprodução de dezoito delas no âmbito desta pesquisa, com as quais farei dois usos. O primeiro será feito tal como a documentação particular de Anna, ou seja,

¹⁴³ GOMES, Angela de Castro. História oral, historiadores e questões sensíveis: um giro no parafuso. In. *História oral e historiografia: questões sensíveis*. São Paulo: Letra e Voz, 2020. p. 188.

¹⁴⁴ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, n. 14, fev. 1997. p. 36.

¹⁴⁵ KIND, Luciana; CORDEIRO, Rosineide. Os encontros que compõem o ofício de pesquisar. *Athenea Digital*, v. 16, n. 2, 2016. p. 313.

explorando a relação que elas desenvolvem com os arquivos, com vistas aos sentidos que pautam sua seleção, preservação, avaliação e ordenamento.¹⁴⁶ E o segundo, em coalescência com a forma que ela apresenta sua vida diante de mim. Nesse sentido, a pergunta aqui não é apenas o que determinado dispositivo visual significa, mas também *por que é convocado, como é utilizado, qual a sua orientação, enfim, que efeito busca causar?*¹⁴⁷ Mesmo sem recorrer a imagens, estendo a última interpretação, aliada às leituras de Butler, sobre a *interpelação* de todas as quatro entrevistadas em suas distintas situações de entrevista.¹⁴⁸

Os três capítulos da dissertação exploram todos esses lampejos que se estreitam pelas frestas de suas *janaleas* de diferentes perspectivas. No primeiro capítulo, apresento uma discussão acerca das minhas dúvidas em relação à história oral em ambientes virtuais e da noção de “presença”, delineando cada passo da investigação. Dos momentos de estagnação, passando pelas saídas encontradas, até os momentos de entrevista. Trata-se, ao mesmo tempo, de um estudo crítico da construção da minha relação com as entrevistadas, e vice-versa; dos significados que esperávamos encontrar em um e outro; e, das descobertas e aprendizados que tivemos durante nossos encontros. Em suma, considerando a centralidade da ideia de movimento, é uma leitura sobre como nos *estreitamos* em nossas janelas. Assim também são os próximos dois capítulos. Como sugeri, muito se fala na importância do *afastamento*, corporal e emocional, para observar o mundo que ficou para trás, mas o que seria estar, ou melhor, ser *próximo*? Através desta pergunta, discuto no segundo capítulo os sentidos de proximidade com a União Soviética que elas buscaram construir, para no terceiro analisar os momentos em que elas se colocam como leitoras longínquas de suas próprias vidas. Com isso, devo dizer que a minha escrita se organiza em três níveis: intermediário, próximo e distante. Obviamente, essas divisões são bem mais instrumentais do que empiricamente observáveis, por isso não deixo de assinalar as suas trocas e interações.

Por fim, no desafio de procurar oferecer experiências de vida plurais que possibilitem estranhar o tempo e abrir espaços para imaginar futuros diferentes, busco construir estas, a partir dos fragmentos que cintilam e se depositam nas janelas, de maneira igualmente sortida. Sem terminar com uma imagem única, mas como um “inventário das camadas de signos, das camadas de símbolos e imagens que constituem esse corpo e esse sujeito que diz Eu”.¹⁴⁹

¹⁴⁶ HEYMANN, *op. cit.*, p. 274.

¹⁴⁷ DIDI-HUBERMAN, *Pensar debruçado... op. cit., s.p; Id., O que vemos... op. cit.*, p. 209.

¹⁴⁸ BUTLER, *Relatar a si... op. cit.*, p. 51.

¹⁴⁹ ALBUQUERQUE JUNIOR, *op. cit.*, p. 23.

1. INTERMEDIÁRIO

Não me acreditarás se eu te disser o que tenho diante de mim, todas as imagens da igreja estão com os olhos vendados, Que estranho, por que será, Como hei-de eu saber, pode ter sido obra de algum desesperado da fé quando compreendeu que terá de cegar como os outros, pode ter sido o próprio sacerdote daqui, talvez tenha pensado justamente que uma vez que os cegos não poderiam ver as imagens, também as imagens deveriam deixar de ver os cegos, As imagens não veem, Engano teu, as imagens veem com os olhos que as veem, só agora a cegueira é para todos.

José Saramago.¹

A cegueira é para todos

Embora muita água já tenha passado por debaixo da velha ponte da aporia sobre separar o tempo do historiador do passado perscrutado, como disse anteriormente, tudo aquilo que não atendia pelo nome da razão, até muito pouco tempo atrás, me pareceria algo de outra ordem, ou mesmo de fora do tempo. “Nesse planeta”, como bem colocou Temístocles Cezar, “as fugas do tempo não passam de perda da consciência ou um desvio esquizofrênico que pode nos levar para aquilo que boa parte dos historiadores consideram seu pior (des)caminho, seu maior pesadelo, um vale da morte: o anacronismo”.² Seja por puro azar, coincidência ou qualquer outra palavra pouco usual aos escritos historiográficos, eu me senti exatamente assim ao iniciar este trabalho: perdido. Pior. Semanas antes de mais de 1/3 da humanidade submeter-se a algum tipo de isolamento, em decorrência de uma infecção de rápida transmissão, eu havia concluído a leitura do clássico *Ensaio sobre a cegueira* do escritor português José Saramago, que como eu completava um quarto de século.

¹ SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 301-302.

² CEZAR, Temístocles. Barteby & Nulisseu: a arte de contar histórias de vida sem biografias. In. AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito (org.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 229

O enredo da obra é por demais conhecido. Progressivamente, a população de uma comunidade é acometida por uma cegueira luminosa, como se os olhos das pessoas se afogassem em um “mar de leite”; o governo implementa medidas de confinamento; e, como num lampejo, as contradições das personagens afloram, revelando faces antes desconhecidas.³ Fora das páginas de Saramago, nem mesmo o esforço de mitigar os efeitos sanitários e sociais de uma doença com potencial mortífero apareceu como uma prioridade nas agendas de inúmeras autoridades durante a pandemia, possibilitando à morte ceifar vidas em grandes quantidades e fomentando o mal da indiferença. Além de um vírus contagioso, o mundo passou a conviver também com uma *infodemia*, mais antiga que o vírus, é verdade, mas intensificada na sua presença. Uma explosão de informações em fluxo contínuo que só alimentou “a crença de que estar atualizado com as últimas notícias é o mesmo que estar certo”, criando um campo propício, paradoxalmente, para a disseminação das chamadas *fakenews*.⁴

A cegueira luminosa e a “metade de ruindade” que compõem a “massa que nós somos feitos”⁵, não me faziam pensar apenas na crítica ao “branqueamento” da violência do passado colonial português que, enquanto leitor metido a crítico literário, retirei de Saramago. Parecia que eu havia recebido um “texto na garrafa” sobre os momentos que vivenciaria ao longo de um período aparentemente inacabável. Assim, mais do que o valor de artefato histórico que eu até então atribuía à ficção, ela me ajudou a suplantar o receio de me perder no suposto vale do anacronismo. Permitiu-me pensar como a minha relação com o presente, a mim tão semelhante às páginas de Saramago, se encontraria com os tempos das histórias que eu investigaria. Mais do que isso, no meio do turbilhão de mudanças na vida ordinária, o ás da prosa portuguesa me ajudaria a entender o sentido de seguir com meu trabalho, apesar dos limites, e a necessidade de não omitir as sensações que envolviam fazê-lo nestas circunstâncias.

Primeiro, porque ao lado de toda catástrofe está o branqueamento do passado, como agente de sua perpetuação.⁶ Por isso, não faço qualquer assepsia dos tempos em que esta pesquisa transcorreu. Pelo contrário, os conjugo como mais uma camada de historicidade, evidente na forma como as histórias que ouvi foram contadas. Irina, com quem eu conversei em outubro de 2020, passou depressa pela apresentação de si (quando nasceu, onde nasceu etc.) para focar na época em que retornou à União Soviética, em 1985, quando aprovada na mesma

³ SARAMAGO, *op. cit.*, p. 63.

⁴ PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdeí. Atualismo: Pandemia e historicidades no interminável 2020. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 47, n. 1, 2021. p. 4.

⁵ SARAMAGO, *op. cit.*, p. 40.

⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. As sombras brancas: trauma, esquecimento e usos do passado. In. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 177.

universidade do pai. Isso porque foi nesse período em que lá ela passou por “uma quarentena de pelo menos uma semana ou duas”. Como todos os alunos que vinham de fora, passou “por um *check-up*, do primeiro fio de cabelo até a unha do pé”. Depois disso, os profissionais encarregados viam “se você tinha alguma necessidade médica especial” e “vacinavam muitos estudantes”.⁷ Lembranças que em situações distintas talvez não teriam sido escolhidas da mesma forma.

Segundo, como trago na epígrafe deste capítulo, toda cena de interpelação é constituída por meio de dois repertórios que procuram agir reciprocamente. Sempre limitados, de modo que a “cegueira é para todos”, conforme ensina Saramago. A admissão dessa “ética da cegueira comum”, segundo Butler, permite espantar o fantasma do anacronismo ou de que qualquer texto, ou personagem, é concebido de maneira tranquila, sem desejos, inquietações e medos.⁸ Essas e outras atribuições inscritas neste trabalho *não implicam em uma defesa da desrazão*. Pelo contrário, numa maneira de tornar a “situação humana mais fácil de entender” e menos metafísica, como sugere Norbert Elias em sua bela biografia de Mozart.⁹ Desse ponto de vista, o compartilhamento de lembranças sensíveis e pessoais, diante da tempestade informacional, possibilitou minhas entrevistadas, ainda que momentaneamente, pararem para pensar quem foram, quem acreditam ser e quem querem ser.¹⁰

Dito isso, tal como observei a maneira como minha relação com Anna foi se desenvolvendo no início da introdução, pretendo apresentar neste capítulo a forma como *encontrei* minhas novas entrevistadas e discutir os caminhos para a viabilização da pesquisa, bem como o aprendizado que isso me proporcionou. Para isso, recorro a anotações em meus diários de campo e fragmentos de contatos iniciais e encontros preliminares, com o intuito de tornar tais percursos analíticos e propositivos no que diz respeito ao uso da história oral.

Quando os “fins” se encontram

Francamente, devo dizer que a escolha de escrever este capítulo talvez não aconteceria não fosse a dramática situação em que mundo se viu em 2020. Não veria do mesmo modo, quem sabe, a necessidade de tornar visíveis as formas como as intempéries levaram a diferentes aprendizados e transformaram muitas de minhas perspectivas sobre o ofício. Não obstante, em um mar de atingidos dia após dia pela pandemia, das formas mais brutais até as mais sutis, a

⁷ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

⁸ BUTLER, *Relatar a si mesmo... op. cit., p. 60.*

⁹ ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 19.

¹⁰ RODEGHERO, Carla Simone; WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Pode a história oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid 19: tempo, testemunho e história. *Estudos Históricos*, v. 34, n. 74, 2021.

problemática de fazer história do tempo presente colocou-me não apenas diante da *copresença* de minhas protagonistas,¹¹ mas da introjeção de percepções que eu mesmo buscava compreender a partir delas. Como a ideia, por exemplo, de que algo se “dissolvia” em nossas vidas com a pandemia, tal qual muitas das representações dos episódios decorrentes da queda do Muro de Berlim, em 1989. Na historiografia, não foram poucas as tentativas de apreender os fenômenos deste presente à luz daqueles mesmos parâmetros interpretativos sobre a disrupção da União Soviética. Em uma nítida busca pela inserção da pandemia em uma ideia de “fim”, espelhando-se em Hobsbawm, Lilia Schwarcz chegou a sugerir que ela era seria a derradeira marca de *quando acaba o século XX*:

[...] Hobsbawm tem razão: os séculos não terminam com o virar da folhinha do calendário, mas quando grandes crises colocam em questão verdades que já pareciam consolidadas. A grande marca do século XX foi a tecnologia e a ideia de que ela nos emanciparia e libertaria [...] Graças a ela, acreditávamos estar nos livrando das amarras geográficas, corpóreas, temporais. Não estávamos! Ao deixar mais evidente o nosso lado humano e vulnerável, a pandemia da covid-19 marca o final do século XX [...] Nossa marcha desenfreada pela tecnologia agora se depara com essa pandemia, e começamos a nos despedir, tristemente, da utopia do século XX.¹²

Essas considerações aproximavam-se das mesmas percepções que para mim eram apenas um campo de análise. Guardadas as devidas proporções, a minha intenção de olhar para experiências pessoais envoltas nessa névoa do “fim”, foi desafiada pela transformação do meu presente em um lugar rodeado de significados similares. Adequados ou não, tais diagnósticos autenticavam uma vez mais as tentativas dos historiadores de colocar o “passado em prática”.¹³ Cercado por essas incertezas, eu recordava de sentidos que me pareciam ainda mais semelhantes com este presente na expressão das “desilusões” de Anna sobre o início da década de 1990, com a ofensiva da agenda neoliberal na antiga União Soviética: a espera de “que as coisas continuassem”, se “ajustassem”, mas que no fundo essas eram apenas outras tantas “utopias”.¹⁴ A situação fazia com que este seu epitáfio das expectativas ganhasse para mim um novo sabor: o do meu presente. Sem dúvida, meu retorno afetivo às palavras de Anna poderiam incidir sobre o jogo de palavras “histórias (co)movedoras”, criado por Alistair Thomson para entender a “emoção da separação” em histórias orais de migrantes. Até porque, segundo o historiador, elas não são (co)movedoras apenas para o narrador, mas para a sua audiência.¹⁵ Nesse sentido, ainda que de outra forma, uma sensação de deslocamento, separação, desconforto recaía sobre mim.

¹¹ DOSSE, François. História do Tempo presente e historiografia. *Tempo e Argumento*, v.4, n.1, 2012. p. 15.

¹² SCHWARCZ, Lilia. *Quando acaba o século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 6-13.

¹³ WHITE, *op. cit.*

¹⁴ SAVITSKAIA, *Entrevista 3... op. cit.*

¹⁵ THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341,-364 2002.

Embora a formulação de Thomson seja suficiente para expressar esses vínculos emocionais entre o presente e o meu campo de estudos, acredito ser necessário indicar que não se trata de cair na malfadada “ilusão biográfica”, ou em uma espécie de “ilusão de presente”.¹⁶ Os problemas que venho levantando dizem respeito ao caráter necessariamente dialógico de trabalhar *com* e *no* presente. Embora seja possível projetar suas vicissitudes sobre o passado, o historiador, conforme Loriga, “não é, inevitavelmente, um adepto fiel do seu tempo”, incorrendo no supostamente “ilusório”; afinal, quando “volta do passado, não é mais o mesmo”.¹⁷ Em outras palavras, quando eu, e outros historiadores, nos atentamos com o nosso tempo, seja através da evocação de outras representações historiográficas ou das vozes de outras experiências, como pensei em relação à Anna, é porque nossa viagem por outros tempos não é só de “ida e volta”. Ela pode transformar nossas visões sobre o agora através do outrora.

Digo “pode” porque isso não é algo inerente. Deste modo, começo pelo que me levou, na vida pessoal e na pesquisa acadêmica, em meio a todas aquelas tentativas de entender o que estava acontecendo e conseguir agir, a rotular o cenário de 2020 como de dissolução.¹⁸ Portanto, com um sentido de descontinuidade.

Um momento de suspensão

Todo o meu relato sobre Anna, desde as conferências por ela ministradas até a sua participação na minha defesa de monografia, foi construído à luz de um princípio tácito: *foram encontros presenciais entre dois corpos em um mesmo ambiente*. Sem nenhuma problematização. O que fiz intencionalmente, com vistas a provocar as reflexões que quero agora apontar. À época, contudo, e até mesmo depois da submissão deste meu novo projeto para a seleção do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UFRGS, não posso dizer o mesmo. Em nada do que eu já havia escrito sobre a minha prática, ou planejado para o futuro, considerei, previ, ou mesmo questioneei, o fato dos meus *encontros* acontecerem de outro modo a não ser presencialmente.

Afora aqueles estímulos vindos do debate acadêmico e da esfera pública após começar a comunicar os meus resultados em 2019, a sequência desta pesquisa, como outrora, se deu dentro dos moldes institucionais e dos níveis de formação do meu ofício. O que implica em

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 186-190.

¹⁷ LORIGA, *op. cit.*, p. 255.

¹⁸ Em respeito aos que foram drasticamente atingidos pela pandemia (enlutados, órfãos, desempregados, etc.), preciso adiantar que a minha visão sobre o período é marcada pelas demandas profissionais daquele momento, de modo que não que desejo que elas sejam generalizadas ou comparadas com essas outras experiências.

todo um novo conjunto de compromissos, demandas e espaços de atuação que lhes são próprios. Porém, embora assumindo novos compromissos, minha busca por mais repertórios de vida seguia com a percepção de que isso iria acontecer contanto com a *presença física* dos indivíduos em um mesmo espaço. No máximo, com algum contato por *e-mail*, rede social, e assim por diante. Logo, o rastreamento das fontes obedecia a um inaudível fator espacial: imigrantes da União Soviética radicados em Porto Alegre, região metropolitana e, quem sabe, em outras localidades. Baseava-me, portanto, nas minhas próprias possibilidades de deslocamento para chegar até estes, consoante ao período que a pesquisa deveria ser realizada. Havia, por um lado, uma expectativa de *continuidade* da fórmula presencial; que era, por outro, baseado nas minhas experiências anteriores e escopos futuros.

Entretanto, a chegada da pandemia suscitou-me uma série de dilemas. Enquanto que em 19 de dezembro de 2019 celebrava a aprovação de meu projeto de pesquisa, o início do semestre na pós-graduação viria a coincidir com a chegada da pandemia. Medidas sanitárias excepcionais logo tornaram-se necessárias para a contensão da disseminação. Aulas foram temporariamente suspensas, diversos setores de serviços migraram para o sistema *home office* e muitos eventos foram provisoriamente postergados. Isso tudo começava a ser implementado na esteira da adoção de práticas de segurança sanitária, recomendadas pelos órgãos internacionais competentes, para evitar uma abrupta explosão de contágios. Para evitar tal cenário, um das principais medidas requeridas foi a do *distanciamento social*.

Era o momento de chegada de todas aquelas percepções acerca do que estava acontecendo. Particularmente, surgia diante de mim uma impressão de quebra das expectativas de começar um novo percurso acadêmico e pessoal. Como seria possível dar prosseguimento a um trabalho que, até aquele momento, vinha ocorrendo conforme o que se tornaria um risco para a saúde tanto do entrevistador quanto dos entrevistados? Foi assim que, por muitas semanas, me vi em suspensão. Em contrapartida, para diversos âmbitos da sociedade, a resposta para estas inseguranças, vieram através da utilização das práticas *home office*. Com isso, uma significativa parcela da sociedade começava a se enxergar através de conexões de internet. Digo parcela, pois esta questão deve ser circunscrita a uma série de fatores que vão desde as possibilidades das pessoas cumprirem o distanciamento até o acesso aos meios eletrônicos.¹⁹

¹⁹ É o que Ricardo Antunes chamou de “capital pandêmico”, “pois sua dinâmica é muito mais brutal e intensa para a humanidade que depende do próprio trabalho para sobreviver”, dada a divisão sociosexual e racial do trabalho. Assim, com ficção sob distanciamento social “os/as desempregados/as, os/as informais, os trabalhadores intermitentes, os/as uberizados/as, os/as subutilizados/as, os/as terceirizados/as, isto é, aqueles que não têm direitos sociais e que recebem salários somente quando executam algum trabalho”? E mais, em relação ao que disse sobre o acesso à internet, o que dizer daqueles que moram em locais sem a devida cobertura, que não têm computadores e tampouco outras pessoas com outros aparelhos para lhes ajudarem? Por fim, entre aqueles que ainda assim

Faço essas considerações para salientar que, de modo algum, compartilho as minhas experiências com o desejo de igualar os meus problemas com toda a trama de diferentes riscos impostos pela pandemia. Falo apenas em meu nome. Ao mesmo tempo, também não posso mutilar as minhas suscetibilidades em um escrita que não expresse as dores de escrever, pensar e criar nessas circunstâncias. Assim, espero que isso seja lido tal como a forma que busco apreender as narrativas de vida: *entreabertas*. Dito isso, sigo comentando que, embora eu tenha me inserido rapidamente nesse movimento em direção ao virtual, sobretudo devido ao cumprimento das demandas acadêmicas, minha pesquisa permanecia envolta pela ideia de que, quanto às entrevistas, era preciso aguardar para que estas pudessem ser realizadas como *deveriam* ser: frente a frente. Ideia que, com o agravamento da crise, parecia cada vez mais distante de ocorrer em um curto prazo. Apenas em meados do primeiro semestre da pós-graduação, comecei a conjecturar as possibilidades de realizar entrevistas *online*. No entanto, era algo que eu ainda compreendia como um recurso puramente *instrumental*. A ideia da presença permanecia na minha cabeça na medida em que eu teria que fazer aquilo, daquela forma, *apenas pela excepcionalidade da situação*.

Conforme as possibilidades de viabilização das entrevistas começavam a adquirir feições menos calamitosas, ainda que estivesse irreflexivamente reticente com elas, outro impasse começava a me assombrar. Por onde iniciar uma busca que deveria ser feita, não apenas pelas condições de isolamento, mas também pelas restrições impostas aos locais de pesquisa de modo totalmente remoto? Talvez pela forma como cheguei até Anna em 2017, a vendo a poucos metros de distância em um auditório lotado, parecia difícil pensar em outras alternativas, mesmo que, como sabia, esta não era a única forma de conhecer uma pessoa que poderia ser entrevistada. Que fazer? Aceitar as soluções que iam surgindo às pressas e justificar a sua adoção por mera conveniência, correndo o risco de resignar-me à maneira de Furet, aceitando que é preciso “viver no mundo como ele é”?²⁰ Ou, do contrário, as ignorando no aguardo da tão esperada “normalidade” – ou, do “novo normal”²¹ – para continuar do ponto em que parei? Ambas as opções certamente me deixariam em um veio muito estreito. Por quanto tempo eu ficaria olhando a maré subir?

migram para a versão *home*, como fica a “separação entre *tempo de trabalho e tempo de vida* (visto que as nefastas metas ou são preestabelecidas ou se encontram *interiorizadas* nas subjetividades que trabalham)”? ANTUNES, Ricardo. *Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado*. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 18-28. *Grifos originais*.

²⁰ FURET, François. *The Passing of an Illusion: The Idea of Communism in the Twentieth Century*. Chicago: University of Chicago Press, 1999. p. 502.

²¹ SEGATA, Jean. Há um grande pesadelo por trás da ideia de um “novo normal”, diz antropólogo. *Sul 21*, 3 out. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3metWrg>>. Acesso em: 26 nov. 2020.

Minha intenção ao compartilhar essas inquietações não é expressar nem um tipo de autoindulgência, mas demonstrar que todos esses passos hesitantes, que de uma forma ou de outra impactaram nos resultados da pesquisa, não devem ficar de fora da discussão sobre a forma como encontrei minhas personagens, pois foram a partir delas que resolvi seguir meu caminho. Contra essa paisagem que se assemelhava a um “amontoado de ruínas” e a sedução do vento que “sopra do paraíso”, acreditei ser preciso “juntar os fragmentos” e escová-los a “contrapelo”.²² Primeiro, porque o pluralismo que defendi páginas atrás não me permitiria deixar de ver e experimentar os meios que, da esfera pública, buscavam, com alguma segurança, romper o distanciamento. Segundo, porque me era necessário discuti-los em termos de o que trazem ou o que deixam de trazer consigo. Entretanto, ao passo que é fundamental buscar enxergar além do “normal”, é igualmente necessário questionar os *pressupostos* que me guiavam até aquele momento.

Nessa direção, o virtual sempre pareceria um estranho, pois eu assumia a proximidade dos corpos como a própria forma de se fazer história oral. Era a sua *essência*. Para compreenderem um pouco melhor como cheguei até uma visão um pouco mais crítica sobre tais aspectos, observo nas próximas seções as formas como tudo isso foi construído.

Repertórios e rascunhos

Embora tenha utilizado em vários momentos até aqui a palavra *encontro*, creio que seja preciso fazer algumas considerações mais precisas. A primeira delas diz respeito às fontes demandadas da história oral. Nesse sentido, segundo Portelli, este não seria um bom termo. No nível de investigação, as fontes orais não são encontradas, pois elas “não existiriam sob a forma em que existem sem a presença” – sim, a presença, diz Portelli – de entrevistador e contador.²³ É o seu caráter *cocriativo*. Não obstante, o termo pode se referir ao *meio* que permite a interação. É este o caso, por exemplo, das vezes que entrevistei Anna no *campus* da universidade em 2018, ou seja, os ambientes e os lugares que viabilizam o encontro de dois corpos em um mesmo espaço. Há, todavia, uma ambiguidade nesta última tipificação. Os meios devem sempre cobiçar a proximidade física dos corpos, alguém poderia perguntar. E, sendo assim, por que deveria sê-lo? Seria a necessidade da dupla presença dos interlocutores para o exercício de *cocriação*, como nas considerações de Portelli, o motivo desse desejo? Essa era uma dúvida, decorrente da própria gramática de meu repertório teórico, que pairava na minha cabeça. Logo, me pareceu imperativo pensar o que eu estava falando ao empregar o termo presença?

²² BENJAMIN, *op. cit.*, p. 225-226.

²³ PORTELLI, *História oral... op. cit.*, p. 10.

A base do meu pensamento, revirando minhas referências de até então, estava na perspectiva que, em meados de 1970, vii na história oral um método que não diz respeito apenas ao registro do que é dito, mas ao *ato* de se comunicar. Aspecto que ganhou lugar, sobretudo, entre as críticas aos limites da transcrição. Segundo Portelli, em texto de 1979:

A fileira de *tom* e *volume* e o *ritmo* do discurso popular carregam implícitos significados e conotações sociais irreproduzíveis na escrita – a não ser, e então de modo inadequado e não facilmente acessível, como notação musical. A mesma afirmativa pode ter consideráveis significações contraditórias, de acordo com a *entonação* do relator, que pode ser representado objetivamente na transcrição, mas somente descrito *aproximadamente* nas próprias palavras do transcritor.²⁴

Desse ponto de vista, nem a melhor das transcrições pode expressar o conjunto de elementos que compõe uma narrativa oral. É sempre limitado, pois não se trata apenas de conteúdo, mas de todas aquelas subtutualidades – o tom, o volume, o ritmo e a entonação, a decisão de falar ou não na língua materna, os gestos, as expressões faciais e os movimentos do corpo, que dão *significado* aos termos. O corpo é quem fala.²⁵ Singularidade que foi melhor definida por Portelli através do conceito de *performance*, como expresso em texto de 2000:

Assim como a memória, a própria narrativa também não é um texto fixo e um depósito de informações, mas sim um processo e uma performance [...] na oralidade, não estamos lidando com um discurso finalizado, mas com o discurso em processo [...]. Portanto, quando falamos em história oral deveríamos pensar mais em termos de verbos do que de substantivos: *rememorar* mais do que *memória*, *contar* mais do que *conto*. Dessa maneira, podemos pensar nas fontes orais como algo que acontece no presente em vez de apenas como um testemunho do passado.²⁶

A performance, para Portelli, diz respeito à *condução do diálogo* no presente, ou melhor, no instante em que as lembranças são performatizadas. É o aspecto *presentificante* da história oral. Nessa perspectiva, a presença significa, por um lado, a *interação* que constitui um conjunto de elementos variados, das palavras aos gestos. Por outro, ela não expressa de maneira categórica um entendimento sobre o comparecimento dos corpos em um mesmo espaço para tanto. Embora essa correlação não seja fortemente reivindicada pela teoria, a sua relativização não é evidente. Ambiguidade que me levaria a crer que todas aquelas subtutualidades se perderiam em outro meio. Por isso, senti a necessidade de refletir sobre os meios (físicos ou virtuais). Haveria algum meio intrínseco à presença? E, mesmo que se negue, quais as suas possibilidades em encontros remotos?

A minha percepção só começaria a mudar ao colocar em prática alguns experimentos, que não partiram apenas de uma revisão do meu repertório teórico. E sim, de rascunhar a minha

²⁴ PORTELLI, *O que faz a história oral... op. cit.*, p. 28.

²⁵ KARPF, Anne. *The Human voice: the story of a remarkable talent*. Londres: Bloomsbury, 2011. p. 8.

²⁶ PORTELLI, *História oral... op. cit.*, p. 19. *Grifos originais*.

relação com a tecnologia. Comecei com um paradoxo: enquanto eu lamentava a perda da presença na pesquisa, mais atividades virtuais eu realizava ao longo do ano. Afinal, a tecnologia inundava o dia a dia.²⁷ Dessa contradição, resolvi investir contra a minha paralisia. Em primeiro lugar, eu passei a reconhecer que ela, não apenas enquanto o meio que me partiria entrevistar, mas como uma peça-chave em outras instâncias da disciplina, nunca fora uma completa novidade.²⁸ Isso em etapas até mais digitais da produção acadêmica – a escrita, a leitura das fontes etc. Porém, mesmo em circunstâncias analógicas, é possível notar a sua participação, como no caso da utilização de aparelhos de gravação portáteis em entrevista de história oral.²⁹

De fato, a história oral está ligada ao surgimento do registro em suportes técnicos. Em minhas entrevistas anteriores, por exemplo, eu utilizei o gravador de voz do meu *smartphone* contando com a possibilidade de desacelerar a velocidade do áudio, o que me permitiu captar palavras antes abafadas pelos sons do ambiente. Assim, para Marcela Evangelista, Marta Rovai e Suzana Ribeiro, se a história oral caminha junto às condições técnicas de cada época e lugar,

[...] a introdução de novos métodos de captação de histórias individuais ou coletivas acena para uma onda de discussões cujo principal objetivo é permitir que a história oral, em sua relação intrínseca com o tempo presente, *absorva os novos componentes técnicos e tecnológicos do mundo contemporâneo* e consiga relacionar seu uso com todo o conjunto de procedimentos já utilizados e consolidados teoricamente.³⁰

Concordo. No entanto, rascunhando minha prática logo à frente, acredito ser preciso ir um pouco além dessa dimensão instrumental, rumo a uma reflexão sobre o potencial de ressignificação da historiografia que a tecnologia comporta.³¹ Para Ethan Kleinberg, delimitando o olhar sobre as tecnologias apenas ao suporte que torna uma atividade mais ágil,

[...] estamos em risco de as usarmos para simplesmente trocá-las por outras mais antigas. Assim, o artigo online se parece exatamente com o publicado no jornal. O e-book é indistinguível do códex. Estamos batendo nossas cabeças contra o limite analógico ao contrário de nos confrontarmos para ver *como essas inovações podem mudar o caminho que pesquisamos, escrevemos e ensinamos sobre o passado* [...] [Concentra-se mais] na tecnologia do que no que a tecnologia pode fazer.³²

²⁷ PEREIRA; ARAUJO, *op. cit.*, p. 12.

²⁸ Conforme Serge Noiret, “da delimitação de uma hipótese de pesquisa à descoberta, ao acesso e à gestão dos documentos e das fontes, até conseguir os fundamentos narrativos, e sobretudo, até a comunicação da história e dos resultados da pesquisa”, muitas problemáticas passam por um monitor e por uma conexão de internet. NOIRET, Serge. História Pública Digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, 2015. p. 32-33.

²⁹ PORTELLI, Alessandro; NECOECHEA GRACIA, Gerardo. Elogio de la grabadora: Gianni Bosio y los orígenes de la historia oral. *Historias*, n. 30, 1993. p. 5-6.

³⁰ EVANGELISTA, Marcela; ROVAI, Marta; RIBEIRO, Suzana. Audiovisual e história oral: utilização de novas tecnologias em busca de uma história pública. *Oralidade*, v. 5, n. 10, 2011. p. 91. *Grifos meus*.

³¹ LAITANO, Bruno Grigoletti. (Con)figurações do historiador em um tempo marcado pela disrupção tecnológica. *Esboços*, v. 27, n. 45, 2020.

³² KLEINBERG, Ethan. *Historicidade espectral: teoria da história em tempos digitais*. Vitória: Milfontes, 2020. p. 39.

Guardadas as devidas proporções, os problemas ligados à relação entre a disciplina e a tecnologia começavam a não parecer tão distantes daquelas acerca da memória.³³ Basta somente *utilizá-las*, a fim de as “desacralizar”, como matéria-prima da análise? Ou, no caso específico da tecnologia, tratando-a como um artifício, um autômato, programado para atender as minhas necessidades? Essas perguntas se situam na primeira dimensão do argumento de Kleinberg que, ao meu ver, estão em sintonia com os dilemas entre história e memória. Isto é, “descobrir novos caminhos de adquirir a evidência e então *colocá-las nas mesmas caixas*”.³⁴

Por coerência, vi que seria necessário estabelecer uma relação menos tenaz ao afirmar essas singularidades, o que nem por isso as homogeneízam, observando *o que podem fazer*, como sugere Kleinberg. Um primeiro passo nessa abertura do olhar veio da situação que contribuiu para que eu localizasse Irina e Cristina.

Cruzando fronteiras

Entre agosto e outubro de 2020, participei do Ciclo de Palestras Voprós, promovido pelo Centro de Estudos Asiáticos (CEA) da Universidade Federal Fluminense (UFF), cuja temática foi gênero, sexualidade e minorias étnicas na União Soviética. O evento, como outros que participei, ocorreu através da plataforma de videoconferências *Google Meet*, reunindo participantes de diferentes regiões do país.³⁵ Muito disso se deveu ao fato do evento ter alcançado audiências fora de seus limites espaciais. Sem dúvida, por si só, este aspecto não deve ser tomado como motivo para afiançar qualquer tipo de credibilidade autoevidente do meio, ainda mais diante das já avultadas condições impostas pela pandemia. Apesar disso, não posso dizer que circular virtualmente não me incutiu a ideia de atentar para o seu o potencial de cruzar os meus limites no que tange os próprios procedimentos de pesquisa.³⁶

Esse *insight* surgiu de algo que percebi no meio dos debates do Ciclo, em meados de setembro. Além da diversidade de assuntos, muitos ouvintes tinham sobrenomes que pareciam

³³ Ver a sétima seção da introdução.

³⁴ KLEINBERG, *op. cit.*, p. 39.

³⁵ Todas as 13 conferências do Ciclo estão disponíveis para o acesso do público no canal oficial do evento no *YouTube*, em: <<https://www.youtube.com/channel/UCkCLWZ8aUMhCoeVoTRaog5g>>

³⁶ Obviamente, como consideram Evangelista, Rovai e Ribeiro na passagem atrás citada, tenho consciência de que a empregabilidade dos componentes virtuais em história oral não nasceu com a pandemia EVANGELISTA; ROVAI; RIBEIRO, *op. cit.* No início do novo milênio, Thomson já se perguntava sobre os efeitos da “revolução digital” na disciplina. THOMSON, Alistair. Four Paradigm Transformations in Oral History. *The Oral History Review*, v. 34, n. 1, 2007. p. 70. Ao recuperar as minhas hesitações e releituras, não quero simplesmente reforçar a autoridade do uso, mas quiçá oferecer densidade teórica, entendida enquanto o “modo de compreensão da condição histórica de nós mesmos e do mundo”, na acepção do historiador Zóltan Boldizsár Simon. SIMON, Zóltan Boldizsár. *Os teóricos da história têm uma teoria da história?* Vitória: Milfontes, 2020. p. 17. Afinal, ao meu ver, os momentos de reflexão são muitas vezes os que oxigenam a historiografia. Este ponto de vista foi também compartilhado por outros historiadores, como indico na seção seguinte.

pertencer a alguns ramos linguísticos da Europa Oriental. Indícios de uma possível participação de pessoas que talvez pudessem ter alguma relação com a minha pesquisa. Pude apreender isso de maneira sistemática através da lista de participantes que tornava-se visível durante as conferências naquela plataforma. Com isso, resolvi escrever para uma das coordenadoras do evento, Thaiz Carvalho Senna, à época doutoranda em História pela UFF, me apresentando:

Boa tarde Thaiz, tudo bem? Quem escreve é Lúcio Geller Junior, sou mestrando do pós-graduação em História da UFRGS e venho acompanhando as mesas do Voprós. Minha pesquisa é sobre imigrantes das ex-repúblicas da União Soviética no Brasil. Utilizo da metodologia da história oral para analisar histórias de vida de pessoas que viveram sob o socialismo e como estes contam suas experiências.

Ao final, com algumas ideias em mente, fiz perguntas mais específicas:

[...] escrevo, de maneira não compromissada, para saber se você teria, se for possível, informações sobre outros pesquisadores que também trabalham com imigrantes da URSS e mesmo se você teria contato ou notícia de pessoas nascidas lá e residentes no Brasil atualmente - e que, talvez, teriam interesse em compartilhar suas memórias.³⁷

Perto do final do dia, ela me retornou. Felicitou-me pela pesquisa, mencionou outros especialistas no assunto e indicou quatro pessoas nascidas na Rússia que acreditava estarem dispostas a falarem comigo. Logo pude perceber que muitos daqueles nomes eram os que eu já havia notado durante o evento e, como assinalou Thaiz, eram todas mulheres nascidas na União Soviética e hoje residentes no Brasil. Imediatamente formulei um *e-mail* padrão e enviei para todas elas. Um primeiro parágrafo com saudações, seguido pela exposição da pesquisa, a forma como tomei conhecimento do seu contato e o convite para conversarmos um pouco mais:

Como estou acompanhando o Ciclo de palestras Voprós, promovido pelo Centro de Estudos Asiáticos, contatei a organizadora, Thaiz Senna, para falar sobre a minha pesquisa e saber notícias sobre outros pesquisadores na área e pessoas que, talvez, pudessem, ou gostariam, de contar histórias sobre a vivência na URSS. Ela, que agradeço muito, mencionou o seu nome como alguém que talvez tivesse interesse em comunicar memórias sobre a experiência na URSS. Deste modo, venho por meio deste e-mail fazer um convite e, também, me colocar à disposição para falar mais sobre a pesquisa, caso queira, se puder e quiser, contribuir com suas histórias de vida.

Por fim, eu sugeria como isso poderia ser feito diante do fato de que “as pesquisas da [minha] universidade, que antes necessitavam de encontros presenciais, agora passaram para o meio virtual”; o que, “no meu caso, [demandaria que] tanto a assinatura da documentação de consentimento quanto as entrevistas”, seguissem, enfim, desta mesma forma.³⁸ Em certa medida, eu estava como em maio de 2018, quando buscava entrar em contato pela primeira vez com Anna, depois de passar um período estudando e formulando problemas de pesquisa. A

³⁷ GELLER JR., Lúcio. Pesquisa sobre imigrantes da URSS. *GMAIL*. Enviado em: 23 set. 2020.

³⁸ *Id.* Pesquisa sobre memórias da URSS. *GMAIL*. Enviado em: 24 set. 2020.

diferença era que agora conhecia um pouco menos as pessoas que contatei, a não ser pelas informações dadas por Thaiz e pelos vínculos profissionais que encontrei: todas elas eram servidoras de instituições de ensino superior. Registros que localizei na plataforma *Lattes*. Não obstante, eu me preocupava com o uso de outro meio para estabelecer o diálogo. Embora tenha sido incentivado pelo potencial das conversas virtuais, as dúvidas sobre os possíveis entraves da presença permaneciam. Aspecto que estava fora de minhas preocupações em 2018.

Afora os hábitos de distanciamento para a realização das entrevistas, outro aspecto acompanharia minhas mais novas candidatas a entrevistadas. Nenhuma delas era residente do Rio Grande do Sul. Todas as indicações que me foram feitas eram de pessoas do sudeste e do centro-oeste do país.³⁹ As sugestões, dessa maneira, correspondiam aos horizontes de pesquisa de minha fonte, Thaiz, que também foi escolhida por mim como interlocutora. Pesquisadora das relações de gênero na União Soviética, com foco na ação feminina em múltiplos *fronts* durante a “Grande Guerra Patriótica”, conheci o seu trabalho durante o Voprós e, antes de investir em estabelecer um contato, já havíamos trocado algumas referências bibliográficas.⁴⁰ É evidente que eu poderia ter feito essas conexões e buscado encontrar, sob as mesmas condições, pessoas do meu entorno geográfico. Naquele momento, a única distância seria a marcada pela velocidade dos dados de internet. Entretanto, é justamente isso que quero frisar, *foi essa tensão entre o isolamento e a capacidade de circular por diferentes distâncias online, que repercutiu na maneira como cheguei até elas.*

Eu poderia ter simplesmente agradecido a gentileza de Thaiz e arquivado o *e-mail* para que, em circunstâncias menos restritivas, eu pudesse ir até as respectivas localidades para conversarmos pessoalmente. Contudo, resolvi não esperar e, como mostrei, as contatei no dia seguinte. Primeiro, porque elas satisfaziam o recorte que me interessava. E, segundo, porque eu também havia, de fato, descentralizado minha busca. Só não imaginava ir tão longe! Não obstante, essa distância também nos aproximava a partir de alguns indicadores da minha pesquisa anterior. Embora Anna tenha nascido em Donetsk, ela viveu a maior parte de sua juventude na capital da Ucrânia, Kiev. Irina e Cristina vinham de Moscou. As três, embora tenham passado por outros lugares antes, se estabeleceram em capitais do país anfitrião. Aspectos que poderiam matizar tais experiências.

Metaforicamente, não apenas elas, mas eu havia cruzado fronteiras. Entre a suposta perda da presença e as mudanças em curso que, em contrapartida, me apresentaram possíveis

³⁹ Ver a quarta seção da introdução.

⁴⁰ Em 2021, ela concluiu sua pesquisa de doutorado que resultou na tese que faço uso: SENNA, *Mulheres soviéticas em múltiplos... op. cit.*

reinvenções. Na prática, foi isso que me ajudou a rever meus questionamentos sobre a presença e o meu instrumentalismo tecnológico. Aliás, é exatamente através da inflexão do segundo que cheguei até a reavaliação do primeiro. Nela, demorei para chegar, mas o fiz porque toda a situação que descrevi constituiu o conjunto de tentativas que me levaram a esse primeiro passo: entender que não se trata de um simples “lucro” da virtualização, em que a tecnologia é somente um “território” da História a ser explorado, como visto com a memória. Assim, transpor a minha intenção tácita de não me estender para além de minhas possibilidades regionais, não ocorreu por pura conveniência tecnológica, mas como seu *efeito*.⁴¹ Nesse sentido, a dimensão técnica não foi uma simples “máquina” programada para resolver os meus problemas, mas um “exoesqueleto” ajustado ao “olho humano”.⁴² Ela não fez o meu trabalho, e eu não o fiz sem ela. Como bem disse Kleinberg, “não são as ferramentas que irão conduzir a uma mudança, mas as *ideias* e a *imaginação*”.⁴³ As mudanças passam pela *invenção* de novos caminhos, e não pela expectativa de adequá-las aos preceitos anteriores, para retornar à suposta “normalidade”.⁴⁴

Com essa mudança de olhar, em que não simplesmente passei a usar a tecnologia, mas assumi que ela faz parte da forma como abordei dois nomes para a minha pesquisa e, sobretudo, como sai de um momento de estagnação, retornei ao meu dilema sobre a presença. Imbuído agora da ideia de que minha angústia não era apenas teórica, mas ética. Da ordem de como conseguir fazer um “bom” trabalho naquele momento?

Dúvidas que compõem a prática

Quando digo que minhas incertezas não são apenas teóricas, de forma alguma estou defendendo que elas não devam ser teoricamente aprofundadas. Até porque, sem teoria, eu não chegaria a lugar nenhum. Com isso, quero apenas dizer que, mesmo ciente das singularidades do intercâmbio entre entrevistador e narrador, diante de situações temerosas, como a pandemia, os antigos receios de falhar com a história oral, correndo o risco de a deslegitimar

⁴¹ Perspectiva que não teria conseguido desenvolver sem a ajuda de outros colegas que passaram por dilemas muito parecidos, os quais discutimos em coletânea recente: PORTAL, João Camilo; GELLER JUNIOR, Lúcio; BATISTELLA, Pedro. Pandemia, fronteiras regionais e estudos da memória: conexões e virtualidades a partir do IV Encontro Discente de História da UFRGS. In: DARSKI, Bárbara et al. (orgs.). *A produção historiográfica em tempos de crise: IV Encontro Discente de História da UFRGS*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022.

⁴² NICODEMO, Thiago Lima; CARDOSO, Oldimar. Meta-história para robôs (bots): o conhecimento histórico na era da inteligência artificial. *História da Historiografia*. v. 12, n. 29, 2019. p. 31-33.

⁴³ KLEINBERG, *op. cit.*, p. 56. *Grifos meus*.

⁴⁴ Embora dirigidas à técnica cinematográfica, resgato as palavras de Benjamin sobre a relação entre imaginação e tecnologia: “O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana. [Façamos] do gigantesco aparelho técnico do nosso tempo o objeto das inervações humanas”. BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Obras Escolhidas, vol. 1: magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1984. p. 169.

historiograficamente, voltaram a assombrar muitos pesquisadores, como eu. A crítica ao seu modelo positivista, interessado no valor de registro do passado, alguém poderia dizer, é feita desde meados de 1970, como apresentei com Portelli.⁴⁵ Como disse, o que a torna “diferente” não é uma barreira que induz ao “erro”,⁴⁶ mas um recurso, próprio da sua dinâmica, para compreender os “processos de afloramento de lembranças”.⁴⁷ Porém, embora passados os anos de luta pela sua afirmação entre a comunidade historiadora, o velho paradigma de objetividade, segundo Anna Sheftel e Stacey Zembrzycki, segue vivo. A noção de “ilusão biográfica”, por exemplo, é hoje mais um enunciado, esticado ao limite de sua profundidade, para a “suspeição” de “qualquer valor cognitivo das histórias de vida”, do que qualquer outra coisa.⁴⁸

Mas o que isso tem a ver com as minhas questões? Bem, nesse instante é a distância virtual que está cercada de suspeitas sobre a apreensão de informações e interpretações das fontes. Ainda que inúmeras ações de história oral sobre a experiência *da* pandemia,⁴⁹ bem como a continuidade de pesquisas, como a minha, *na* pandemia, tenham ocorrido; reticências pairam sobre os procedimentos adotados em termos de “poluição” do processo. Assim, a ideia de presença, que há muito serviu para assinalar a maturidade das preocupações da história oral, surge agora como uma hipotética barreira diante de suas subtextualidades cocriativas. Mesmo sem uma equiparação categórica entre presença (a dinâmica de interação) e comunicação *em* presença (o meio físico), como mencionei antes, o medo de “perder” algo importante da história de alguém, mostrou como esses sentidos permanecem turvos e incutem ainda as ambições de objetividade que disciplinaram o campo.⁵⁰

⁴⁵ A história oral possui uma longa história que remonta às primeiras décadas do século XX, com vários projetos. A institucionalização acadêmica data dos anos sessenta. CAUVIN, Thomas. A ascensão da História Pública: uma perspectiva internacional. *NUPEM*, v. 11, n. 23, 2019. p. 12. O positivismo dos primeiros anos não é sinônimo de “ingenuidade” dos pesquisadores, ou que estes subestimavam os efeitos da memória, mas uma postura de legitimação de um método, à época heterodoxo para a disciplina histórica, dentro de um ambiente de erudição ainda dominado pelo paradigma objetivista. SHEFTEL, Anna; ZEMBRZYCKI, Stacey. Who’s Afraid of Oral History? Fifty Years of Debates and Anxiety about Ethics. *The Oral History Review*, v. 43, n. 2, 2016. p. 342.

⁴⁶ PORTELLI, O que faz a história oral... op. cit., p. 32.

⁴⁷ THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e memória. *Projeto História*, v. 15, 1997. p. 52 - 54.

⁴⁸ OLIVEIRA, Maria da Glória. Para além de uma ilusão: indivíduo, tempo e narrativa biográfica. In: AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito (org.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 62.

⁴⁹ Em âmbito internacional, é possível citar algumas plataformas que oferecem um acervo de entrevistas em seus endereços eletrônicos: *Collecting Covid-19* da Universidade de Edimburgo, disponível em <https://bit.ly/3q2CT9P>; *Covid-19 Memories*, da Universidade de Luxemburgo, disponível em <https://bit.ly/3cKtgHI>; o projeto de três universidades alemãs, *Coronarchiv*, disponível em <https://bit.ly/3q8TIFI>; e, *Corona Archive*, da Universidade de Kansai, disponível em <https://bit.ly/3zz2zyW>. No Brasil, surgiram iniciativas semelhantes: o acervo *História Oral na Pandemia*, da UFF; o projeto *Documentando a experiência da COVID-19 no Rio Grande do Sul*, liderado pelo Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, disponível em <https://bit.ly/3JE4qau>; e, o *Memórias Covid-19*, criada na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), disponível em <https://bit.ly/3tE2UQe>.

⁵⁰ SHEFTEL; ZEMBRZYCKI, op. cit., p. 345.

Foram essas desconfianças, expressas em orientações dissonantes sobre realizar ou não as entrevistas, que levaram Ricardo Santhiago e Valéria Magalhães a reavaliarem antigos projetos que contaram, pontualmente, com encontros virtuais. Experiências em que, na impossibilidade financeira de se deslocarem, foram realizadas remotamente. Aliás, Irina mesmo, em nosso primeiro encontro, trouxe essa questão da redução dos custos: “você viria até o Rio de Janeiro só para conversar comigo”?⁵¹ Assim como Cristina, que disse, também em nossa conversa prévia: “que bom conversar com você, mesmo à distância”.⁵² Ambas estavam cientes de que, em meio aos infortúnios do presente, foram os ambientes virtuais que, apesar de tudo, nos permitiram dialogar. Este ponto, no entanto, não me era mais tão estranho, como discorri anteriormente. E sim, chegada a hora do olho no olho, o que ficaria pelo caminho, como igualmente se indagavam Santhiago e Magalhães. É lamentável, afirmam, mas foi apenas com uma crise global que muitos buscaram ver isso com mais cuidado, isto é, “os sentidos de presença e ausência” e as certezas sobre se eles estão “necessariamente ligados à proximidade ou ao distanciamento físico/corporal”.⁵³

A pandemia, de fato, pode ser um brutal catalisador dessas questões. Contudo, elas não são completamente novas. Há quase uma década, Eduardo Maranhão Filho fazia perguntas parecidas com as de hoje. No seu caso, porque as próprias narradoras, muitas delas em situação de vulnerabilidade, solicitaram dele o uso da comunicação à distância, presencial em *off* e até mesmo textualmente.⁵⁴ Seria “uma entrevista por Facebook tão válida quanto uma entrevista ‘ao vivo’”, pergunta-se; e, “há necessidade de uma precisão aparentemente milimétrica e territorial entre trabalho de campo *on* e *off*”?⁵⁵ É interessante notar que, em ambos os casos, a dúvida remete não apenas ao processo de comunicação, mas à legitimidade frente ao modelo supostamente mais recorrente. O que, ao meu ver, é paradoxal diante do esforço de mais de meio século pela valorização da criação da fonte, em que todas as limitações da narrativa não a “poluem”, mas a tornam mais complexa e histórica.⁵⁶ Colocar as lembranças em palavras, como

⁵¹ GELLER JR, Lúcio. *Diário de campo de 19 de outubro de 2020*. Venâncio Aires; Rio de Janeiro.

⁵² *Id.* *Diário de campo de 14 de dezembro de 2020*. Venâncio Aires; Brasília.

⁵³ SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. *Anos 90*, v. 27, p. 1–18, 2020. p. 4.

⁵⁴ MARANHÃO FILHO, Eduardo. (Re/des)conectando gênero e religião - peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook. 2014. 686 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

⁵⁵ *Id.* “Me adiciona?/ pode entrevistar pelo Facebook?”: (Re/Des) Conectando procedimentos operacionais através de etnografia, história oral e observação ciborgues. *Poder & Cultura*, v. 3, n. 6, 2016. p. 267. *Grifos originais*.

⁵⁶ GOMES, *op. cit.*, p. 183.

disse Portelli, já é um primeiro “filtro”.⁵⁷ Não há qualquer matéria em estado puro, longe ou perto.

Por isso, depois de revirar as minhas referências, conclui que as preocupações atuais são, em grande medida, mais governadas pela ideia de se fazer um “bom trabalho”, do que de carência bibliográfica. Ponto em que, como mostrei a partir de minha experiência com a historiografia soviética e a distinção história/memória,⁵⁸ resguarda os conflitos da presença do “eu” do historiador contra um trabalho mais objetivo, que legitime suas credenciais científicas. Na história oral, os embates da presença ativam posições parecidas, haja vista que, para compreender o processo de criação é necessário que o pesquisador traga a sua subjetividade em um exercício de autorreflexão. É o que fazem os autores e autoras mencionados e eu, ao abirmos nossos itinerários de pesquisa, muitas vezes recorrendo a outros campos do conhecimento, para ler as entrevistas mais como uma *convenção*, passível de mudanças culturais, do que um objeto imutável.⁵⁹ A propósito, como lembra Regina Weber, a pesquisa histórica com depoimentos orais, “trilha um caminho aberto por sociólogos e antropólogos”, ainda que menos habituada à descrição da “forma como eles foram coletados”.⁶⁰

É nesse sentido que resolvi usar meus diários de campo e todo o material criado com elas *on e off*. Folheando-os páginas atrás e logo mais à frente, consigo dividir como cheguei em Irina e Cristina, bem como os aspectos envolvidos em suas indicações; e, como relatarei quatro seções adiante, como localizei Elena. Mais do que mostrar como elas não são *sujeitos coesos* que brotaram, de maneira estável, em meu texto, pude refletir como “a forma de contato interfere no tipo de amostra que se obtém”, e vive versa.⁶¹ Primeiro, porque ao se fecharem as portas do contato social, abriram-se as janelas do virtual, que acabaram mediando toda a nossa interação. Segundo, em face de nossa consciência recíproca, minha e delas, sobre esse tipo de “ecologia midiática”,⁶² compreendi tanto o papel que elas atribuíam ao mundo virtual – corresponder ao meu convite, como nos dois exemplos anteriores e nos que trarei adiante – quanto a minha própria relação com a tecnologia. O que me parece fundamental para assinalar que há sim o desenrolar de uma presença (interação), ainda que não seja *em presença*.⁶³

⁵⁷ PORTELLI, *História oral... op. cit.*, p. 18.

⁵⁸ Ver a sétima e a oitava seção da introdução.

⁵⁹ SANTHIAGO; MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 5.

⁶⁰ WEBER, Regina. Relatos de quem colhe relatos: pesquisas em história oral e ciências sociais. *Dados*, v. 39, n. 1, 1996. p. 163-165.

⁶¹ *Id.*, *op. cit.*, p. 168.

⁶² SANTHIAGO; MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 4.

⁶³ Recordo de um relato de Portelli sobre uma entrevista dentro de um carro. Como será que o ritmo da estrada moldou a contação de histórias? PORTELLI, *Para além da entrevista... op. cit.*, p. 36.

A prática em história oral, como é sabido, é o lugar do inesperado, revelando a distância que muitas vezes existe com as orientações *ordinárias*. Deixar de bater cabeça com os meios, que não possuem garantias inerentes sobre os resultados obtidos, para ver *como foi* conversar remotamente, só me foi possível ao questionar os meus medos e trabalhar a partir da “dúvida”, como sugerem Sheftel e Zembrzycki.⁶⁴ Esse “espaço formativo”, segundo Luciana Kind e Rosineide Cordeiro,⁶⁵ foi fundamental, inclusive, para pensar a história de vida à base do que chamei de “impossível”.⁶⁶ Ponto de vista em que lancei mão de imagens literárias, como as de Müller e Sebald, para dizer que todo “eu” é sempre narrativamente limitado, assim como a escrita da história; e, de Saramago que, em menos linhas do que Butler e Didi-Huberman, o que em nada os desqualifica, me elucidou para ver que toda narrativa é sempre uma troca ativa e incomensurável frente ao “real”. O que me alivia em escrever na primeira pessoa, como recomenda Gomes,⁶⁷ e afugenta o fantasma do anacronismo, pois “aceitar ser afetado não implica identificar-se com o ponto de vista” corrente, mas “fazer justiça àquilo que nele é afetado, maleável, modificado pela experiência de campo”.⁶⁸

Mas mais importante ainda é uso das palavras de minhas próprias entrevistadas, que em muitas situações me entrevistaram e avaliaram os seus próprios depoimentos no fluxo da conversa. Bem como um entendimento sobre conversarmos através de *janelas entreabertas* e um sentido sobre prestar um relato. Cada experiência, diz Irina, “vai depender também de tudo aquilo que foi a vida dessa pessoa lá [na União Soviética], e como foi a vida dela depois”, para construir um relato.⁶⁹ É um “olhar que não pode ser generalizado”, ressalva Cristina.⁷⁰ Modos de se situar e *entre-vistar* que trago em seguida.

Um cartão de visitas

Nessa direção, analiso agora minhas primeiras incursões com Cristina, Irina e Elena, as articulando com as de Anna, depois de fechar e abrir as “janelas da consciência”, parafraseando Friedrich Nietzsche.⁷¹ Como mencionei seções atrás, das candidatas que talvez pudessem falar comigo, duas delas me retornaram, Cristina Dunaeva e Irina Aragão. A primeira me respondeu dia 9 de outubro, no início da manhã; e, a segunda, quatro dias depois, perto do final da noite.

⁶⁴ Que isso ajuda na autorreflexão, eu concordo e corroboro; que isso “nos permitirá sermos melhores praticantes”, segundo as autoras, eu já não tenho tanta certeza. SHEFTEL; ZEMBRZYCKI, *op. cit.*, p. 345.

⁶⁵ KIND; CORDEIRO, *op. cit.*, p. 313.

⁶⁶ Ver a oitava seção da introdução.

⁶⁷ GOMES, *op. cit.*, p. 181.

⁶⁸ KIND; CORDEIRO, *op. cit.*, p. 312.

⁶⁹ SANTOS, *Entrevista 2... op. cit.*, s.p.

⁷⁰ DUNAEVA, *Entrevista 2... op. cit.*, s.p.

⁷¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 47.

Suas respostas, em conjunto, carregam alguns pontos muito semelhantes, mas também muitas particularidades. Por um lado, ambas começam por agradecer o meu contato e, em seguida, mostram interesse pela pesquisa, assentindo à participação como depoentes. Por outro, como fizera Anna em 2018, algumas indagações e proposições me foram colocadas.

Começo por Cristina. Em uma mensagem breve, disse logo de início: “Será um prazer conversarmos sobre tua pesquisa e posso ajudar no que for possível, claro”. Em seguida, indicou-me o endereço virtual de acesso de sua tese de doutorado e comentou, “abordei nela alguns aspectos que podem lhe interessar (como o racismo e a discriminação por marcadores étnicos na URSS e na Rússia contemporânea)”.⁷² Cristina, como viria a saber, é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestra em História da Arte pela mesma instituição e, atualmente, professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB). Sua tese, defendida em 2013, chama-se *Preconceito racial e xenofobia na Rússia contemporânea: os mecanismos de categorização étnica e a dicotomia entre “nós” e “outros”*; e, trata-se de um estudo sobre a evolução dos discursos discriminatórios no período pós-soviético.⁷³

Com essa resposta, não pude deixar de recordar do primeiro retorno que recebi de Anna, em que ela mesma se adiantava em propor uma conversa sobre a minha pesquisa, com vistas a “servir na orientação”.⁷⁴ De modo semelhante, Cristina também apresentava-se consciente do tipo de conversa que eu estava buscando e de sua própria relação intelectual com o assunto. Contudo, como há muito disse Portelli, e acredito fazer sentido na forma como desejo construir o meu texto, quando “a voz do pesquisador é cortada, a voz do narrador é distorcida”.⁷⁵ Digo isso porque, se existem semelhanças nas respostas de uma e de outra, não é somente porque Cristina era mais uma pessoa que frequentava espaços e discussões semelhantes, mas porque a maneira como eu me apresentei guardava aspectos muito próximos à forma como me dirigi a Anna. Eu permanecia sendo um pesquisador interessado em ouvir histórias de vida, sem interesses prévios em experiências “monumentais”.

Em resposta, procurei relatar um pouco mais as minhas experiências, quem eu já tinha entrevistado, como foi, o que eu procurava saber e, para concluir, explicava como estava

⁷² DUNAEVA, Cristina Antonioevna. [Resposta 1] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Cristina Antonioevna Dunaeva. *GMAIL*. Enviado em: 09 out. 2020.

⁷³ *Id.* *Preconceito racial e xenofobia na Rússia contemporânea: os mecanismos de categorização étnica e a dicotomia entre “nós” e “outros”*. 2013. 263f. Tese de Doutorado (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

⁷⁴ SAVITSKAIA, Mensagens no Facebook... *op. cit.*

⁷⁵ PORTELLI, O que faz ... *op. cit.*, 36.

pensando a realização das entrevistas que, a partir de agora, “seriam por meio virtual, contando, é claro, com a sua disponibilidade de tempo, horário e data para marcar estes encontros, assim como a plataforma ou aplicativo de chamada que você se sinta mais confortável”.⁷⁶ Como Cristina participava, assim como eu, do Voprós e, sendo professora, naquela altura da pandemia, minha mensagem já *presumia*, devo dizer, que ela já esperasse que nossos encontros fossem virtuais. Contudo, como não tinha como saber qual, ou quais, meios de comunicação ela operava, deixei a ela a decisão de onde nos encontraríamos. O que, em circunstâncias presenciais, não foi tão diferente da maneira como encontrei Anna. Nós negociamos o espaço, o dia e a hora que ficaria mais cômodo dentro da rotina de cada um. Seis minutos depois, Cristina me retornou: “podemos marcar uma conversa”. Sua atenção havia se direcionado quase por completo para a primeira parte de minha mensagem, na qual ela buscava inserir a sua experiência: “Nasci em 1975 e na época da dissolução da URSS tinha 15-17 anos, morava em Moscou (e morei por lá até 1999). Foi um período muito intenso e conturbado, será ótimo reviver estas memórias.”⁷⁷

A questão da data, de fato, levaria ainda um bom tempo para chegar até um acordo. Depois desta última mensagem, Cristina me retornaria apenas dia 26 de outubro, desculpando-se pela “demora”, pois estava com problemas de agenda. Afinal, nos aproximávamos do período de fechamento de avaliações dentro do calendário de algumas universidades.⁷⁸ Assim, ela pediu para conversarmos após o dia 14 de novembro, data que acabou passando para o dia 30; depois 7 de dezembro; e, por fim, um mês depois da primeira tentativa, dia 14. Mesmo assim, em meio a tantos desencontros, trocamos no meio disso mais alguns *e-mails* relativos aos procedimentos de pesquisa. Em 12 de outubro, perguntou-me se a entrevista seria anônima e gravada. Sobre o primeiro ponto, respondi que poderia ser como preferisse, e: “no momento da escrita da dissertação, posso substituir por um nome ‘fantasia’, que você pode escolher”,⁷⁹ um artifício teoricamente consolidado na história oral desde muito tempo, completei. Em seguida, afirmei que sim, a entrevista seria gravada, mas que antes eu enviaria um termo de consentimento sobre o uso do material, em que seria possível decidir se: “será anônima ou não, se fará uso de imagem ou apenas de áudio e se estou autorizado a utilizá-la”.⁸⁰ O modelo de documentação de

⁷⁶ GELLER JR, Lúcio. [Resposta 1] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. *GMAIL*. Destinatário: Cristina Antonioevna Dunaeva. Enviado em: 10 out. 2020.

⁷⁷ DUNAEVA, Cristina Antonioevna. [Resposta] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Cristina Antonioevna Dunaeva. *GMAIL*. Enviado em: 10 out. 2020.

⁷⁸ *Id.* [Resposta] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. *GMAIL*. Enviado em: 26 out. 2020.

⁷⁹ GELLER JR, Lúcio. [Resposta 2] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Cristina Antonioevna Dunaeva. *GMAIL*. Enviado em: 12 out. 2020

⁸⁰ *Id.*, [Resposta 2] ... *op. cit.*

consentimento e cessão de direitos que eu faria uso era o mesmo que eu usei com Anna.⁸¹ Não obstante, aproveitei para mencionar que, após a realização da entrevista, eu enviaria cópia dos arquivos da gravação, bem como a transcrição da entrevista para seguirmos nossa negociação, neste caso sobre a “autoridade” do resultados.⁸²

Enquanto esperava nosso encontro chegar, resolvi buscar neste interim, como havia feito no passado, me cercar de informações que pudessem me servir de base para a elaboração das perguntas. Como nem mesmo havia ouvido Cristina, que iria proferir uma fala sobre relações étnico-raciais na Rússia contemporânea no último dia do Voprós, comecei pelo “cartão de visitas” que ela mesma me ofereceu, sua tese de doutorado. Como disse, trata-se de uma pesquisa sobre este mesmo tema que ela discorreria durante a sua comunicação, mas, mais especificamente, sobre os elementos descritos no subtítulo da trabalho: o “nós” e os “outros”, isto é, as dinâmicas entre o “grupo receptor”, os cidadãos reconhecidos como “anfitriões”, e os “migrantes” que se direcionam para o antigo país da socióloga, a Rússia. Em um pequeno prólogo, no qual tece algumas “palavras livres” a respeito do que resolveu estudar, as quais conclui que, por sentir “na pele como as coisas andam mal no meu país de origem”, o objetivo de seus esforços “é o de tentar reconhecer a possibilidade de uma reviravolta na situação atual e a esperança de um mundo melhor”.⁸³ Com isso, resolvi atentar para os elementos autobiográficos presentes na escrita de sua tese que, não obstante, abarcava questões como a circulação transnacional e os múltiplos vínculos que aqueles que se deslocam estabelecem com as ideias de pertencimento local e nacional, que ela própria buscava fazer parte. Eu começava a adquirir consciência sobre alguns aspectos da vida de Cristina através daquilo que ela buscava expressar, autobiograficamente, em análises sobre condições semelhantes à sua. Eu a via *deslocar-se* através da forma como ela, de modo relacional, via os “outros” se deslocarem.

A propósito, aquilo que ela chamava de “nós”, diante dos “outros”, era visto como parte de sua vida. Ela estava dentro do “nós” que olhava para o “outro” na Rússia. Em suas palavras:

Subjetivamente, situo-me dentro do grupo que descreverei como sendo o ‘nós’. Nasci e cresci em Moscou, o russo é minha língua materna. Aprendi na escola que ‘nós’ (os russos) levamos a emancipação, a cultura, o progresso e, em suma, o bem e a mudança para melhor à multidão de povos que habitam o país. Não havia dúvida sobre a superioridade da cultura russa (não estudávamos ou estudávamos em um grau muito menor as produções de outros povos do país), nem sobre a obviedade dos clássicos da literatura russa serem o foco principal dos estudos primários em todas as escolas da

⁸¹ REPHO. *Manual de Procedimentos do Repositório de Entrevistas de História Oral – REPHO/UFRGS*. Porto Alegre, nov. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3ACaNaI>> Acesso em: 12 set. 2020.

⁸² FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; e SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra & Voz, 2016. p. 62-63.

⁸³ DUNAEVA, *Preconceito racial... op. cit.*, p. 3-5.

URSS – nesse sentido, contraditoriamente descrita como ‘uma família de povos’, um dos slogans principais do estado.⁸⁴

A alteridade faz parte da experiência em que Cristina busca subjetivamente se situar, entre o local de nascimento e a língua materna, passando pela suposta “obviedade” da centralidade de sua cultura em relação às demais. Falar do “outro” é para ela algo muito complicado, dada a sua posição dentro do “nós”. É como se “andássemos sobre um rio congelado”, diz ela, onde qualquer passo precipitado pode levar ao “afogamento”. Porém, permanecer imóvel “também seria a morte”. Isto é, apenas contemplar a paisagem, sem buscar agir sobre ela, cumprindo seu papel de intelectual, apesar dos limites, seria algo igualmente nocivo. A solução que encontra para conseguir falar sobre o assunto, e o elemento que para ela seria imprescindível para fazer isso, vem, como coloca, do “*distanciamento* de meu lugar de origem permitindo-me escrever da situação que analiso encontrando-me *fora* dela e, ao mesmo tempo, *dentro* dela: com um pé dentro e outro fora.”⁸⁵ É portanto o *estranhamento* derivado da separação da terra natal que para ela revela-se frutífero para seguir em frente, realizando assim um verdadeiro exercício hermenêutico, posto que a distância, segundo Traverso, “faz a realidade aparecer com outro aspecto”.⁸⁶ Sem contar a emoção que a faz trilhar um caminho cheio de perigos ao falar de algo tão próximo e, ao mesmo tempo, tão distante.⁸⁷

Dessa maneira, na mesma medida em que busca enfatizar que toda a cultura é “provincial”, ainda que elas possam imaginar-se como o “centro” da razão e do progresso, como resgata a partir de sua experiência na Rússia soviética, isso só lhe parece “consciente” quando, na condição de um “outro”, passa a viver no Brasil. Para deixar de ver o seu país como o “único”, foi preciso estar *entre mundos*, dentro e fora deles. É isso que entende como aquilo que lhe permitiu escrever a respeito dessas problemáticas no campo das humanidades, ou seja, de como pensar a diferença. Nesse sentido, Cristina apresenta uma espécie de função do deslocamento na sua vida enquanto uma oportunidade de fazer uma mediação, entre a cultura de seu local de origem, a partir do país para onde partiu, e aqueles que, ao contrário do seu movimento, foram até ele. Perspectiva que parte da ideia que, segundo Rollemberg, “a distância que faz sofrer é a mesma que permite uma pausa para a reflexão e a aprendizagem”, que abre a possibilidade – “levando a bagagem acumulada –, de construir uma *visão ampla de mundo*.”⁸⁸

⁸⁴ *Ibid.*, p. 19.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 20-21. *Grifos meus*.

⁸⁶ TRAVERSO, *La historia como campo... op. cit.*, p. 238.

⁸⁷ PASSERINI, *op. cit.*, p. 128.

⁸⁸ ROLLEMBERG, *op. cit.*, p. 33-34. *Grifos meus*.

Nesse meio tempo, enquanto lia sobre a relação de Cristina com a migração e a União Soviética, no aguardo de uma primeira conversa, eu me aproximava e, inclusive, já entrevistava Irina. A insiro nas próximas duas seções, antes de concluir meu relato sobre Cristina, porque acredito que, as articulando, eu consiga apresentar uma outra possibilidade de observar como alguém que transplanta-se de um lugar para o outro se vê. Perspectiva que, curiosamente, não começou pelo questionamento do ponto de vista dela, mas do meu.

Quem entrevista o entrevistador?

Irina, que me respondeu quatro dias depois, encontrou disponibilidade para conversarmos já na semana seguinte. Na verdade, ela mesma foi quem fez a sugestão em seu primeiro *e-mail*. “Gostaria de ouvir mais sobre o seu trabalho”, disse ela, “e, então, poderíamos falar do meu vínculo com a Rússia e a URSS. Creio que tenho muitas perguntas, inclusive por que agora há tantos pesquisadores sobre a URSS...”.⁸⁹ Diferente de todas as respostas que recebi, esta, mesmo que indicando o interesse pelo meu trabalho, não o relacionava diretamente com percursos intelectuais individuais de reflexão sobre o assunto que poderiam servir de “orientação”. Embora minha apresentação tenha sido a mesma, a recepção foi outra. O que, em primeiro lugar, traz um terceiro fator àquelas minhas considerações acerca da relação entre entrevistador e entrevistado. Além das posições e da voz do pesquisador que pude exprimir das respostas de Anna e depois de Cristina, o retorno de Irina reflete a maneira como uma candidata a entrevistada se reporta ao entrevistador.⁹⁰ Ela partia de minha posição, ciente de meus possíveis interesses, para questionar essa figura que quer saber sobre a sua vida.

Li sua mensagem apenas no outro dia pela manhã. Agradei pelo retorno, concordei em marcarmos uma conversa e apenas perguntei qual seria o melhor dia da semana, horário e canal de comunicação.⁹¹ Dois dias depois, me retornou dizendo que gostaria de conversar na segunda-feira, dia 19 de outubro, às 4 horas da tarde, pela plataforma *Google Meet*.⁹² Na mesma hora confirmei a data e informei que enviaria o endereço de acesso trinta minutos antes do horário da conversa. Até este dia, porém, a pergunta que ela me havia feito não saía de minha cabeça. Por que tinham tantos pesquisadores da União Soviética nos últimos tempos? Da minha parte, eu não me sentia dentro dessa suposta multidão. Pelo contrário, enquanto pesquisador do sul do

⁸⁹ SANTOS, Irina Aragão dos. [Resposta] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Irina Aração dos Santos. *GMAIL*. Enviado em: 13 out. 2020.

⁹⁰ PORTELLI, Para além da entrevista... *op. cit.*, p. 29.

⁹¹ GELLER JR, Lúcio. [Resposta] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. *GMAIL*. Enviado em: 14 out. 2020

⁹² SANTOS, Irina Aragão dos. [Resposta 2] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Irina Aração dos Santos. *GMAIL*. Enviado em: 16 out. 2020.

país, eu me via sempre buscando acomodar o meu trabalho dentro de distintos temas e perspectivas teóricas. Em termos de recorte temporal, a longa tradição de pesquisas sobre a história soviética, sobretudo a anglo-saxã,⁹³ centrava-se nas primeiras décadas e em fontes escritas. O que não era o meu caso. Estudos de períodos mais recentes eram reféns da própria contemporaneidade dos fenômenos, como é o caso do veio que se abriu no Brasil, depois dos anos 2000, com a disponibilização de arquivos desclassificados. Pesquisas que acompanhavam migrantes dos antigos países socialistas, principalmente os assentados no Rio Grande do Sul, recaiam em sua maioria no início do século XX.⁹⁴ Por fim, no entrecruzamento destes ângulos, trabalhos que utilizavam a história oral, em períodos semelhantes, cobriam muito mais as vivências nos lugares de origem.⁹⁵

Minha primeira reação, antes de saber o que ela realmente estava querendo saber com aquela pergunta, foi me agarrar às certezas de minhas referências, o que imediatamente me levou a discordar da colocação e querer responde-la negativamente. Sim, há uma longa tradição de estudos soviéticos, mas a minha leitura, razão da forma como escolhi o meu caminho, era diferente. Em contrapartida, com essa postura irredutível, eu não estava pensando no lugar onde, embora não diretamente, nos conhecemos. Isto é, em uma conferência cujo propósito era justamente trocar leituras, com um grande número de pesquisadores do assunto. Era, enfim, o tal pluralismo de ideias que eu tanto defendia, mas na prática, constrangedoramente, resvalava ao assumir uma postura estanque. Então a resposta parecia agora caminhar rumo a um sim, pois ainda que meus recortes me levassem a um lugar que eu lia como muito particular, nada garantia a *presunção* de que eu não pudesse ser lido como alguém que, de outra forma, me dedicava àquele assunto. Porém, não foi nem a primeira nem a segunda opção que acabamos discutindo. Na verdade, muito pouco disso foi dito quando nos encontramos pela primeira vez.

Chegado o dia da conversa, eu a aguardava ansioso, conferindo várias vezes as saídas de áudio e vídeo do meu computador para que nada desse errado. Irina entrou pontualmente às 4 da tarde, me cumprimentou e perguntou como eu estava. Eu a saudei de volta, respondi que estava bem e devolvi a pergunta, que foi respondida da mesma forma. Com isso, resolvi começar a falar exatamente o mesmo que respondi a Cristina em minha segunda mensagem, isto é, minhas experiências, o que estava procurando saber e assim por diante. Retomei o que tinha dito no *e-mail* sobre como consegui o seu contato e adentrei naquelas questões processuais. Ela assentia com a cabeça para grande parte daquilo que eu falava e, pelo que me

⁹³ Ver a sétima seção da introdução.

⁹⁴ Ver a quinta seção da introdução, especialmente a nota 65.

⁹⁵ *Id.*, *ibid.*

era possível ver por meio do enquadramento de sua câmera, ela olhava para baixo e tomava nota de algumas coisas em um caderno. Antes de concluir, fui tomado pela impressão de que eu já estava falando muito e passava por cima de pontos que pudessem ser, de fato, o motivo de suas dúvidas. Assim, fiz uma pausa, soltei o ar como se tivesse falado até o perdê-lo e perguntei se até aquele momento havia alguma dúvida.⁹⁶

Quanto ao que tinha dito sobre meu trabalho anterior e o que buscava agora, Irina respondeu como se não tivesse muitas dúvidas de que eu “sabia o que estava fazendo” e que eu parecia bem “empolgado”. Quanto a isso, não parecia haver problemas, nem em relação aos procedimentos que eu não havia terminado de comentar. Ela buscava expressar um perfeito entendimento de como eu fazia aquilo dentro dos parâmetros do meu ofício. Afinal, isso não era nenhuma novidade para ela. Em 2014, Irina havia concluído o doutorado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), defendendo uma tese sobre a cultura material no Brasil oitocentista;⁹⁷ campo de estudos que a acompanhou no mestrado pela mesma instituição; e, conjuntamente, na sua formação em Desenho Industrial (UFRJ) e no mestrado em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Instituição em que atua no Departamento de Artes. De certa forma, como eu já sabia dos percursos profissionais de todas elas e que Irina, em especial, compartilhava da mesma profissão que eu, institucionalmente acima de mim, não era apenas uma questão de conseguir a “confiança do entrevistado”.⁹⁸ Mas também a sua aprovação intelectual. Acredito que tenha sido este o principal fator que me levou a procurar nos referenciais de meu projeto argumentos para a sua pergunta e, quando nos encontramos, de buscar explicar milimetricamente meus protocolos. Afinal de contas, eu conversava com uma historiadora erudita.

O principal interesse dela, porém, não era saber se meu trabalho era aprovável ou não, nem o que me diferenciava de “tantos pesquisadores”, mas simplesmente *por que* eu queria fazê-lo. Embora colocada dentro do campo histórico, sua pergunta não deixava de ser pessoal. Mesmo em termos históricos, o que ela queria saber não era tanto sobre a função do historiador, mas sobre a função dada à história, quando ele “põem mãos à obra”.⁹⁹ Isso torna-se mais evidente quando Irina começa a explicar que o que a preocupava não era tanto se eu respeitaria as regras do *métier*, mas uma suposta *sovietomania* dos últimos anos. Um interesse, que não se

⁹⁶ GELLER JR, Lúcio. *Diário de campo de 19 de outubro... op. cit.*

⁹⁷ SANTOS, Irina Aragão. *Tramas de afeto e saudade: em busca de uma biografia dos objetos e práticas vitorianos no Brasil oitocentista*. 2014. Tese (Doutorado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁹⁸ GOMES, *op. cit.*, p. 188.

⁹⁹ JENKINS, *op. cit.*, p. 25.

limitava apenas aos meios acadêmicos, de revirar o passado soviético em função do presente.¹⁰⁰ Da divulgação das obras de Aleksiévitich até a premiada minissérie *Chernobyl* (2019), eram para ela alguns exemplos desse uso do passado soviético. E nisso, como via, muitos “pesquisadores” – e aqui já os apreendendo em um sentido que se estende a outros meios de se relacionar com o passado, como jornalistas, escritores, etc. – se veem compelidos a observar esse fenômeno; seja para “desacralizá-lo”, como diria Nora, ou, e ao mesmo tempo, inserir-se pessoalmente, ainda que de modo crítico, nele.

Essas observações de Irina, devo confessar, vieram justamente naquele momento em que eu estava revisitando a minha pesquisa e refletindo sobre aqueles aspectos que me faziam querer continuar.¹⁰¹ De modo que a minha resposta à sua pergunta acabou indo nessa direção. Comentei sobre as circunstâncias em que conheci Anna, isto é, dentre as discussões sobre a efeméride do centenário da Revolução Russa; os questionamentos direcionadas a mim sobre quem ela era; a minha relação, enquanto alguém que ouvia histórias de vida, com Aleksiévitich – enquanto leitor –; e assim por diante. Afirmei então que compartilhava com ela a percepção de que havia muitas produções sobre o passado soviético. Mas que queria as enxergar, com a difícil tarefa de me movimentar entre o positivo e o nocivo, como diferentes formas de apresentá-lo. No que disse isso, Irina logo completou com: “é muito difícil falar sobre a União Soviética, é uma realidade muito complexa”.¹⁰² E, em seguida, começou a relatar como se sentia no meio de todos os cenários sugeridos. Das vezes que se incomodava com as perguntas que algumas pessoas faziam a ela – “é verdade mesmo que isso aconteceu lá?” dizia enfezada –; do que os próprios usos lhe causavam; e, outras tantas situações.

De certa forma, aquela complementaridade entre a reflexão e a vida que me chamara a atenção nas falas de Anna e na expressão textual de Cristina, era assumida por Irina, quando direcionada a mim, como algo que, para aquele que viveu, era muito difícil de ser gerido. Mas, sobretudo, de torná-la discursivamente compreensível. Para Irina, todos os usos, assim como todo tipo de escrita da história, eram limitados.¹⁰³ O que se tornava ainda mais complicado, aos seus olhos, no momento em que ela as pensava a partir daquilo que viveu. Irina buscava expressar uma ideia de que, como sabia dos incontornáveis limites da representação do pretérito por meio de nosso ofício, o mesmo aconteceria com qualquer tentativa sua de contar. Somado ao fato de que isso recairia, especialmente, sobre o seu “eu”. “É muito difícil falar”, porque é

¹⁰⁰ HARTOG, *Regimes de historicidade... op. cit.*, p. 157.

¹⁰¹ Ver a segunda seção da introdução.

¹⁰² GELLER JR, *Diário de campo de 19... op. cit.*

¹⁰³ JENKINS, *op. cit.*, p. 28.

tudo muito “complexo”, com disse. Segundo Butler, “os termos usados para darmos um relato de nós mesmos, para nos fazer inteligíveis para nós e para os outros, não são criados por nós: eles têm caráter social e estabelecem normas sociais”. O que, paradoxalmente, pode sempre constituir uma falta de “substitubilidade em que nossas ‘histórias’ singulares são contadas”.¹⁰⁴

Contudo, ainda que incidissem todas essas incompletudes sobre o *ato de contar*, à maneira de Cristina, não dizer nada também seria igualmente “mortal”. E é por isso que, sem deixar de fazer essas considerações sobre as *incompletudes* da narrativa, ela disse ter aceitado o meu convite. Nesse sentido, sondar quem eu era, ver como eu me relacionava com a história e como possivelmente ofereceria a sua experiência de vida na forma acadêmica, era mais do que uma maneira de entrevistar o entrevistador antes da entrevista.¹⁰⁵ Foi uma forma de antecipar alguns aspectos de si, que certamente agiriam sobre o momento seguinte, e de “quebrar o gelo”, para seguir na mesma metáfora, sobre as limitações e incertezas de ambos os lados. Ninguém é capaz de lembrar de tudo, como *Funes, o memorioso*, de Jorge Luís Borges, para construir um relato inteiro e “complexo”.¹⁰⁶ Nem pode medir exatamente a sua distância para falar sobre alguma coisa, a não ser penetrando de corpo e alma.¹⁰⁷ Para Irina, consoante às autorreflexões textuais de Cristina, *parar* para me perguntar era tão necessário quanto contar alguma coisa, ainda que isto servisse apenas para indicar que nunca se é a mesma pessoa que se apresenta no discurso. Daí a sua pergunta: “por que fazer isso?”.

As suas indagações revelam mais do que precauções sobre o narrar, mas a dinâmica central do lembrar: o esquecer. Esquecimento, no sentido que as duas expressam, não é uma simples força negativa, mas o ponto de equilíbrio, de alívio do peso de ter que lembrar de tudo. É o instante da autorreflexão para seguir em frente. Segundo Nietzsche, é necessário “um pouco de *tabula rasa* da consciência, para que novamente haja lugar para o novo.”¹⁰⁸ E como houve! A começar pela dúvida sobre o título de meu projeto.

Romper com a Cortina de Ferro

De volta ao jogo de espelhos entre o passado dos historiadores, dos romances, das minisséries e do seu próprio “eu”, Irina me lançaria à incompletude de minhas próprias categorias de análise para dialogar com a sua experiência pessoal, questionando, logo de início, o título de minha pesquisa. Provisoriamente, eu havia chamado o meu projeto de *Além da*

¹⁰⁴ BUTLER, *Relatar a si mesmo... op. cit.*, p. 33.

¹⁰⁵ GOMES, *op. cit.*, p. 189.

¹⁰⁶ BORGES, Jorge Luís. *Obras completas. 1923-1972*. Buenos Aires: Emecé. 1987. p. 483.

¹⁰⁷ DIDI-HUBERMAN, *Pensar debruçado... op. cit.*, s.p;

¹⁰⁸ NIETZSCHE, *op. cit.*, p. 47.

Cortina de Ferro: memória e narrativa autobiográfica de imigrantes soviéticos. Título que remete a uma representação historiográfica seguido pela perspectiva de análise e as fontes. Nas mensagens trocadas, no entanto, a denominei apenas pelo título principal e descrevi ao longo do texto do que se tratava. Em todo caso, Irina divergia dos meus termos. Para ela, a presença da expressão *Cortina de Ferro* referendava um ponto de referência criado pela lógica da Guerra Fria para se observar a União Soviética. De fato, essa figura de linguagem surgiu no vocabulário político anglo-saxão *pari passu* ao acirramento dos projetos de sociedade, um dos quais socialista, que servia para demarcar essa divisão.¹⁰⁹ Categoria ideal que está dentro do mesmo campo de disputas da noção de “totalitarismo”,¹¹⁰ oferecida às vezes até como um sinônimo, tratada ora como fato – “os regimes totalitários como realidade histórica” –, ora como conceito – “o Estado totalitário como uma nova e inclassificável forma de poder” – e teoria – “um modelo de domínio definido por elementos comuns aos diversos regimes totalitários”.¹¹¹

Entretanto, minha expectativa com o título, como a respondi, estava no *Além*. Por meio de itinerários particulares queria enfatizar a tensão entre a geografia do espaço público e do espaço privado e, com isso, matizar o próprio esquematismo das explicações correntes.¹¹² Apesar disso, e isso me era de fato um ponto cego, mesmo buscando tornar a expressão menos transparente, eu continuava repetindo a fórmula da expressão como um parâmetro, prévio e estável, para entender os percursos de vida. Conforme Irina, a questão não era se ninguém atendia exatamente ao estar *dentro* ou fora *dela*, ou se muitos estavam para *além* dela; e sim, que o meu olhar se aproximava do passado a partir de uma realidade pré-determinada, que para o seu modo de enxergar o mundo “nunca fez sentido, era o lugar onde nos colocavam”.¹¹³ Antes de ouvir o que elas teriam a dizer, eu já havia as emoldurado dentro de um “outro”, amplificando mitos e estereótipos. E não, como agentes ativos da sua própria experiência. Eu havia ignorado completamente que as relações socioeconômicas e culturais são também um espaço de

¹⁰⁹ A expressão foi cunhada para designar especificamente os domínios da União Soviética na Europa Central e do Leste. Ela popularizou-se a partir de um discurso do primeiro-ministro britânico Winston Churchill, em 5 de março de 1946, na cidade de Fulton, Missouri, nos Estados Unidos. Nas palavras do premier, de “Estetino, no Báltico, a Trieste, no Adriático, uma *cortina de ferro* desceu pelo continente. Atrás dessa linha estão todas as capitais dos antigos estados da Europa Central e Oriental. Varsóvia, Berlim, Praga, Viena, Budapeste, Belgrado, Bucareste e Sofia, todas essas cidades famosas e as populações ao seu redor estão no que devo chamar de esfera soviética, e todas estão sujeitas, de uma forma ou de outra, não apenas à influência soviética, mas a altas e, em muitos casos, crescentes, formas de controle de Moscou”. Estes e outros discursos de Churchill estão disponíveis no *The Churchill Centre and Museum at The Cabinet War Rooms*. CHURCHILL, Winston. *The Sinews of Peace. Selected Speeches of Winston Churchill*. The Churchill Centre and Museum at The Cabinet War Rooms. 5 mar. 1946. Disponível em: < <https://bit.ly/3Dle8fn> > Acesso em 28 mar. 2022. Tradução minha.

¹¹⁰ Ver a sétima seção da introdução.

¹¹¹ TRAVERSO, *El totalitarismo...* op. cit., p. 11.

¹¹² PORTELLI, *História oral...* op. cit., p. 17.

¹¹³ GELLER JR, *Diário de campo de 19...* op. cit.

contestação, em que “posições de sujeito e subjetividades diferentes e diferenciais são inscritas, reiteradas ou repudiadas.”¹¹⁴ O que me causou um certo constrangimento, pois eu não devia nada a *Cortina de Ferro*. A minha ênfase deveria repousar sobre elas e em respeito a elas. Isso, por um lado, era mais um dos tantos limites da representação, mas que só pude atentar, na prática, por meio de uma “negociação entre forças culturais, que pode atenuar o domínio do pesquisador sobre as outras culturas e vozes e da narrativa”.¹¹⁵ E, por outro, uma forma de aprender, e estudar, “enquanto nós conversávamos”.¹¹⁶ Outro importante aspecto, nem sempre valorizado, de *ler a pesquisa com história oral desde antes da efetiva situação de entrevista*.

Antes de concluir a minha apreciação sobre as indagações de Irina, peço licença para passar, rapidamente, por alguns trechos da entrevista que realizamos em 18 de novembro de 2021 – nosso segundo encontro virtual. A adianto porque foi nela que resolvi retomar o que Irina havia me dito em *off* sobre a noção de *Cortina de Ferro*, em que ela sabiamente me respondeu: “Na verdade você apenas reiterou um discurso corrente”. Afirmção com a qual eu logo concordei. No entanto, expliquei que a minha intenção era justamente “transformar isso num problema”, ou melhor, em uma pergunta direcionada a ela. Foi assim que questionei como Irina se “sente em relação a esses termos da Guerra da Fria?” Não apenas o que eu havia usado, mas “a própria ideia de fim da União Soviética, a dissolução da União Soviética, que são termos correntes no senso comum e, alguns deles, [inscritos] dentro da própria lógica da Guerra Fria”. Como se estivesse à procura de uma lista de todos as expressões que, em geral, a União Soviética era comumente tipificada, ela começou a formular sua resposta da seguinte maneira:

[...] antes o argumento era que ‘tudo que vinha do Leste Europeu era a Cortina de Ferro, como se do outro lado da Cortina não houvessem ‘punhos firmes’. Como se as outras estruturas fossem o contrário. Essa ideia do ir e vir e da liberdade. Liberdade de quem? Quem, de fato, tem direito a voz? Quem tem, de fato, direito a deslocamento? Quem tem, de fato, direito a transformação? Como se, a partir da Cortina pra dentro, nada disso houvesse; e, pro lado de fora, tem tudo isso. O que é uma falácia, uma mentira [...] E incomoda porque pra que a Cortina de Ferro fosse legitimada como um cenário você tem que ter uma oposição a esse cenário. Aliás, até pro nome se estabelecer você tem que criar esse cenário.¹¹⁷

Para chegar no que ela sente sobre isso, no que a “incomoda”, Irina estrutura a sua fala a partir de um trabalho de crítica às explicações esquemáticas, no sentido de que, se há uma realidade social que pode ser circunscrita dentro de um cenário ideal, é preciso procurar entender qual o parâmetro assumido para tipificá-lo dessa maneira. Contra qual modelo o

¹¹⁴ BRAH, *op. cit.*, p. 361.

¹¹⁵ COSTA, Cléria Botelho. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. *História Oral*, v. 17, n. 2, 2014. p. 64.

¹¹⁶ GOMES, *op. cit.*, p. 197.

¹¹⁷ SANTOS, *Entrevista 2... op. cit., s.p.*

mundo da *Cortina Ferro* é contraposto e se suas diferenças são, de fato, abissais; se não existem limites em ambos, ou mesmo pontos de encontro. É o que Irina coloca em dúvida ao direcionar certos aspectos que caracterizam esse discurso ao mundo de “fora da cortina”. Dessa interpretação, ela parte para um exemplo caricatural de sua rotina profissional:

I: Eu vou te dar um exemplo de ontem [...] Eu pedi para eles assistirem [os alunos da faculdade], como o último filme do semestre, um dos filmes da trilogia do [Sergei] Eisenstein. Eu pedi pra eles assistirem *A Greve*, que eu acho que ainda é um pouco mais leve.

L: Sim, é o primeiro.

I: É, *A Greve* é o primeiro. Aí eu pedi pra eles assistirem e ontem eles estavam me entregando o resultado do trabalho [...] Aí, de repente, um dos meninos que falou que gostou mais ou menos, ele é um pouco mais maduro do que a turma [...] ele me perguntou se era verdade tudo aquilo que aparecia nos filmes norte-americanos [...] E aí eu dei um exemplo de um filme que não cheguei nem a ver inteiro, porque eu vi só uma cena, que parece *Um russo em Nova Iorque*, uma história dessas. O cara arranhou uma namorada lá em Nova Iorque e, quando ela faz aniversário, ele leva pra ela um rolo de papel higiênico. Então assim, pra quem não sabe o que está acontecendo na União Soviética, em termos de abastecimento, a rotina, é engraçado, *cá, cá, cá*, que ridículo alguém dar de presente um papel higiênico. Não estou dizendo que não é ridículo dar um rolo de papel higiênico. Eu estou dizendo que acho ridículo fazer graça por presentear o papel higiênico perante aquela situação.¹¹⁸

Em seguida, Irina passa dessa situação recente em sala de aula, em que ela busca assinalar, a partir de uma imagem cinematográfica, a construção desse personagem imaginário que vive sob a *Cortina de Ferro*, para um exemplo pessoal na União Soviética:

I: [...] no inverno a gente saía depois das aulas e tal, e você andava pela Avenida Lênin – ela é enorme, larga, tem lojas bacanas, de tudo que você pode imaginar – e, de repente, você via uma senhora, vestida com casaco de pele, chapéu de pele e com uma braçada de rolos de papel higiênico na mão. Um barbante, com vários rolos. Ela conseguiu aquilo em algum lugar. Então assim, é ridículo? É. Agora, eu não sei se isso é motivo de você definir isso como toda a estrutura.

L: Huhum.

I: Não sei. Por que que ninguém fala que, em compensação, todas as pessoas daquele período tiveram condições de ter nível superior? [...] Que modelos de comportamento nós queremos pra nossa sociedade? Entende? E aí assim, me incomodam vários desses termos porque eles são unilaterais.¹¹⁹

Irina, portanto, intercala a *a)* crítica conceitual com os discursos de diferenciação, ainda vivos, sobre um “ser soviético” essencializado; *b)* a sua experiência particular dentro desse mesmo mundo imaginado; e, finalmente, *c)* o seu ponto de vista sobre o assunto. O “russo” que convive com o acesso restrito de bens de consumo é uma imagem hollywoodiana corrente,¹²⁰

¹¹⁸ *Id., ibid.* O filme mencionado chama-se, originalmente, *Moscow on the Hudson* (1984) e foi traduzido, no Brasil, como *Um Russo em Nova Iorque*. A comédia dirigida por Paul Mazursky e protagonizada por Robin Williams, conta a história de um saxofonista soviético que pede asilo político nos Estados Unidos e precisa se acostumar com o novo estilo de vida.

¹¹⁹ *Id., ibid.*

¹²⁰ GELADO, Roberto; COLÓN, Pedro. Hollywood and the representation of the Otherness. A historical analysis of the role played by movies in spotting enemies to vilify. *Index Comunicación*, v. 1, n. 6, 2016. p. 15.

sobretudo durante a chamada *zastói* (застой), como popularizou-se no vocabulário político russo o termo para os anos de dificuldade de abastecimento.¹²¹ Com base nas velhas teses *cold warriors*,¹²² esse estereótipo reforça a imagem de uma população passiva; sequestrada do Ocidente e subordinada a uma lógica de governança, sem “raízes autênticas” e pautada pelo exercício do terror, que interrompeu a evolução histórica da Rússia rumo ao liberalismo.¹²³ O personagem descrito por Irina, nada mais é do que o “outro” que encarna o inverso de todo o conjunto de valores que lhe são estranhos: “pro lado de fora”.

Quando insere a sua experiência, Irina não procura simplesmente negar essa imagem, até porque ela descreve algo semelhante, visto com seus próprios olhos, mas articular que a aparente cultura “excêntrica” dos outros não é, substancialmente, pior do que a cultura de qualquer outro. O que, mais uma vez, não anula a necessidade de repensá-la, questão em que o humor pode sim ter um efeito crítico. No entanto, isso não deve ser feito reduzindo o repertório de experiências a uma única figura, ainda mais fruto da mesma lógica de diferenciação, escamoteando todos os outros domínios sociais que alguém poderia ter acessado na União Soviética. No seu caso, e como já era o de seu pai, fundamentalmente o direito à educação.¹²⁴ Finalmente, convém lembrar que ela começa a desenvolver a sua reflexão pela menção à proposta de discutir um filme criado a partir de outros paradigmas, *A Greve*.¹²⁵ Até porque, como ela conclui, a *Cortina de Ferro* diz mais sobre quem está fora dela, “aqueles que [nos] colocam na posição que [estamos]”, do que sobre a vida na União Soviética.¹²⁶

Depois de adiantar o posicionamento de Irina sobre os discursos da diferenciação, é oportuno retornar agora às considerações de nosso encontro preliminar. Principalmente porque, do momento em que parei, Irina começaria a falar, justamente, sobre a forma como procurava “se ver”, ou seja, quem eram as vozes silenciadas pelo discurso da *Cortina de Ferro*. Como visto, ela reconhecia-se, para mim, como a narradora de sua própria história de vida e, ao questionar meu ponto de vista, situava-se, à maneira como escreveu Cristina ou narrou Anna, dentro de um “nós”. Contudo, olhava de uma forma diferente das outras para a ideia de distância. O que ficou mais evidente em sua segunda colocação sobre a minha pesquisa naquele

¹²¹ SCHNAIDERMAN, Boris. *Os escombros e o mito: a cultura e o fim da União Soviética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 16.

¹²² Ver a sétima seção da introdução.

¹²³ As outras 14 repúblicas recebem, em geral, uma atenção menor. SUNY, *Revision and Retreat... op. cit.*, p. 167.

¹²⁴ Ver a quinta seção do capítulo 2.

¹²⁵ *Stachka* (Стачка), em russo, o filme dirigido por Sergei Eisenstein conta o desenrolar de uma greve anos antes da Revolução Russa. É um dos principais expoentes do movimento artístico construtivista. Ver: BATISTA JR., Natalício. Cinema e revolução: o construtivismo russo e a montagem dialética, bases da pedagogia política das imagens de Eisenstein. *Lutas Sociais*, v. 21, n.39, 2017.

¹²⁶ SANTOS, *Entrevista 2... op. cit.*, s.p.

momento. “Eu não sou uma migrante”, afirmou depois de conversarmos sobre os problemas do título. Nesse instante, Irina começava a falar mais sobre o seu vínculo com a União Soviética. Contou-me que era filha de pai brasileiro e mãe russa. O primeiro teria ido para lá ainda jovem para estudar na Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba, em Moscou, na década de 1960, onde acabou conhecendo e se casando com a segunda. Anos depois, ela nasceria e viveria na Rússia até os 7 anos de idade. Momento em que os pais decidem mudar-se para o Brasil. Porém, isso não a impediria de voltar, em outras ocasiões, a União Soviética, das quais passaria importantes períodos de vida lá.¹²⁷

Para Irina, migrar, deslocar, enfim, todas as palavras que buscavam exprimir os sentidos da movimentação no espaço pareciam inadequadas. Todas lembravam algo muito definitivo. O que não era o seu o caso. Todas eram, portanto, limitadas. Para Irina, como disse Todorov, sua vida é o próprio movimento. Ela se via como alguém *em trânsito*. O que, ao mesmo tempo, não impedia a sua alteridade entre o “lá” e o “cá”, o “nós” e os “outros”, como expressou. Não apenas pela abertura de sua visão de mundo em outro lugar, e sim por viver em circulação. Argumento que também serve para desestabilizar a separação estanque entre o viver dentro ou fora da *Cortina de Ferro*. Conforme desenrolava esses problemas, intercalando experiências com reflexões teóricas, mais se confirmava para ela que a tarefa a que eu me propunha era muito “complicada”. Ao mesmo tempo, era isso que nutria o seu desejo de participar.

Por fim, começamos a nos encaminhar para marcar uma data para a entrevista. Irina propôs que esta fosse já na sexta-feira, dia 23, às 3 horas da tarde e me perguntou se podia mostrar algumas fotografias enquanto falasse, pois isso a ajudaria no diálogo. Respondi que estava disponível e que todo o material que ela quisesse apresentar seria muito bem-vindo. Na ocasião, mais do que imagens foram entregues.

Imagens e palavras em movimento

Como em nosso primeiro encontro, Irina chegou pontualmente. Foi, como disse, uma entrevista de mais de duas horas, interrompida apenas pela lembrança de que ela tinha uma reunião de trabalho dali a pouco. A plataforma que nos encontramos, o *Meet*, era um recurso que ela já possuía intimidade, participando de conferências ou ministrando aulas. A propósito, se até àquela altura eu estava imaginando que o que ela havia me pedido se constituiria em virar as páginas de algum álbum de fotografias na direção da câmera de seu computador, eu estava completamente enganado. Nos primeiros minutos transcorridos de gravação, Irina logo disse

¹²⁷ GELLER JR, Diário de campo de 19... *op. cit.*

sorrindo: “eu separei uma pasta de fotos que eu tenho digitalizadas pra te mostrar” e, completou, “eu não tive tempo de digitalizar coisas novas, mas eu tenho muita coisa”.¹²⁸ E assim, através da ferramenta de projeção, ela apresentou uma série de imagens. Da mesma forma que ela se preparou para questionar a minha pesquisa; e, posteriormente, como articulava as suas recordações com uma noção elaborada de história, fundamentando os seus pontos de vista; Irina organizou, classificou, interpretou e historicizou fotografias pessoais.¹²⁹ “O que eu acho legal quando a gente vê essas fotos, é que nós vemos padrões de época”, dizia ela sobre uma foto da mãe junto de outras amigas na década de sessenta, em Moscou.¹³⁰

Enquanto a escutava e fazia algumas perguntas, todas muito pontuais até pelo menos a primeira hora de conversa, meu campo de visão mirava uma tela retangular dividida em duas partes. De um lado, havia o enquadramento que Irina deu a si mesma, focando em seu rosto. De outro, fotografias variadas, todas elas em preto e branco, que ganhavam um sentido e um ordenamento através de sua narrativa. A sequência e a duração de cada uma em tela foi ditado pela sua própria escolha, assim como fizera Anna presencialmente; e, o que ela tinha a dizer sobre determinada fotografia. Em alguns momentos, ela passava rápido para a imagem seguinte; em outros, ela se demora em detalhes específicos e perguntava se eu os localizava ou conseguia distinguir certo elemento, cena ou paisagem naquela constelação de rostos, expressões, sabores, aromas e formas, como quando falava sobre sua visita aos jardins de *Kolomenskoye* (Коломенское), nas imediações de Moscou – antiga região imperial anexada à capital da Rússia na década de sessenta (*Figura 1*).

¹²⁸ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit.*

¹²⁹ RAGO, *op. cit.*, p. 215.

¹³⁰ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit.* Ver a sétima seção do capítulo 3.

Figura 1. Kolomenskoye, 1989.



Fonte: Irina Aragão dos Santos (arquivo pessoal), 2021.

I: Isso que você está vendo são flores, aquelas pra gente soprar, que depois sai uma sementinha...

L: Tipo dente de leão, assim?

I: É. E aí fica uma réplica da casa de Pedro, Pedro, o Grande. Bem lindo o lugar.¹³¹

Embora sedutora a ideia de pensar que, de um lado, havia a gestualidade e a voz de Irina; e, do outro, uma sequência de imagens congeladas, elas não foram reduzidas a um simples apêndice iconográfico da fala. Com a participação ativa das imagens, Irina “mediava uma galeria de seus possíveis retratos”.¹³² Em que elas não constituíam um mero “espelho da história”, pois como ela já havia registrado, toda tentativa de espelhar o vivido encontrará *rachaduras*.¹³³ E sim, um uso da capacidade das imagens de “tornar sensível um certo instante,

¹³¹ Pedro, o Grande, foi *tsar* (título nobiliárquico do chefe da monarquia russa) de 1682 até 1725. *Id, ibid.*

¹³² ALBUQUERQUE JUNIOR, *Narrar vidas, sem pudor... op. cit.*, p. 19.

¹³³ SMITH, Bonnie. *Gênero e História: homens, mulheres e prática histórica*. Bauru: EDUSC, 2003. p. 13.

uma certa duração, uma certa memória”,¹³⁴ como a do voo dos dentes de leão; o encanto pela arquitetura imperial em meio à Moscou que ela circulava na década de oitenta. Objetos e lugares que ela me convidava a conhecer através do arranjo das imagens que *adquiriam* movimento e *ofereciam* movimento a sua narrativa. Sem esquecer, uma vez mais, dos recursos disponibilizados para a contação de histórias que, na mesma medida em que dividiram nossos olhares, os fundiram em um tipo próprio de narração e visualização. Muito próximo das feições faciais de cada um e com as fotografias em dimensão ampliada. Curiosamente, algo que lembrava a montagem dos filmes de Eisenstein, em que imagens de personagens e objetos eram intercalados em tela para comunicar um conceito ao interlocutor.¹³⁵

Verdade seja dita, quando me propus a contar histórias de vida, ampliando as possibilidade de experiências, em grande medida pensei nisto a partir da forma como Irina deixava as imagens voarem em sua narração. O que também faz parte da minha postura de respeito aos seus relatos que, como disse, não produzem apenas “objetos” ao pesquisador, mas análises do próprio relato no curso da contação. Nesse sentido, pude aprender que imagens são muito mais do que “documentos visuais”. Um relato, propriamente dito, é “feito de palavras e imagens inconsúteis”, pois para recordar é preciso imaginar, o que resulta na elaboração de aparências e discursos imagéticos.¹³⁶ Na entrevista em que Irina elabora seu olhar sobre a noção de *Cortina de Ferro*, que é uma figura de linguagem, ela não apresentou nenhuma fotografia, mas não deixou de criar uma visualidade para explicar o seu ponto de vista, contrastando lembranças de imagens do cinema com memórias. Assim fizera Anna quando me descreveu minuciosamente seu apartamento em Kiev,¹³⁷ e do mesmo modo fizeram Cristina e Elena.¹³⁸

Esta última, a propósito, que não tomei conhecimento por meio de Thaiz, teceu, ou melhor, desmontou, tal como Irina, a expressão de meu título para chegar em um entendimento sobre o seu transitar entre a União Soviética e o Brasil. Interpretação que preferiu, como as outras, valer-se apenas da criação verbal das imagens. Nessa direção, passo aqui para o meu encontro com Elena. Não somente pela convergência de temas abordados, mas porque a localizei por meio de Irina que, como disse, ofereceu mais do que imagens sobre a sua vida, ela me proporcionou a oportunidade de visualizar outras vidas. Ocorre que depois de concluirmos nossa primeira entrevista, Irina disse que tinha “trabalhado” durante aquela semana. Na hora

¹³⁴ DIDI-HUBERMAN, *Livres olhos... op. cit., s.p.*

¹³⁵ RAMOS, Alcides Freire. Eisenstein, a Utopia do Cinema Revolucionário. In. BLAJ, Ilana; MONTEIRO, John. (Org.). *História & Utopias*. São Paulo: ANPUH/CNPq, 1996. p. 199.

¹³⁶ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 117.

¹³⁷ Ver a segunda seção da introdução.

¹³⁸ Ver, respectivamente, a quinta e a sexta seção do capítulo 2.

confesso que não entendi, mas ela logo me explicou. Após conversamos na segunda-feira, Irina comentou com outras pessoas provenientes da União Soviética, e do seu círculo de relações pessoais, que um pesquisador a contatou para realizar entrevistas. Imediatamente agradei pelo seu intermédio e perguntei de quem se tratava. Irina respondeu que nenhuma delas havia mostrado ainda muito interesse em razão de problemas particulares. Disse que continuaria insistindo em encontrar alguém conhecido que pudessem falar comigo. Afinal, como concluiu, “quanto mais histórias de vida, mais complicado se mostra de entender.”¹³⁹

No final daquele mês, dia 31, próximo ao meio dia, recebi uma mensagem sua em resposta a enviada por mim no dia anterior com os arquivos da gravação. “Por aqui estou tentando fechar as notas da primeira avaliação de minhas disciplinas. Estou soterrada de trabalho” e, completou, “caramba, falei muito” – reagia ao tempo de duração da entrevista. Agradeceu o compartilhamento e disse que aguardava a transcrição, que como eu havia informado ainda não tinha concluído. Por último, lembrou daquilo que me disse ao final de nossa entrevista e comentou:

Falei com 3 pessoas que pareciam ideais para você entrevistar, mas, infelizmente, somente uma delas aceitou participar do trabalho. Duas pessoas estão com problemas de saúde na família. Então aqui vai o contato de Elena Constantinovna Gaissionok [...] Recomendo que entre em contato com ela o quanto antes, para que ela não desista...¹⁴⁰

Escrevi na mesma hora. Utilizei o corpus do meu *e-mail* padrão, acrescentando que a mediação foi feita por Irina – e, não menos importante, sem a expressão *Cortina de Ferro*. Enquanto aguardava uma resposta, fui procurar me informar um pouco mais sobre a nova colaboradora, no que acabei descobrindo que ela já havia participado de outras entrevistas, ainda que com vistas a outras problemáticas e áreas do conhecimento. Em 2019, Michelle Boesche dos Santos defendeu a dissertação de mestrado em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP), *A fala cênica e o trabalho vocal do ator: propostas de Elena Constantinovna Gaissionok e Antunes Filho*. O estudo, voltado ao mundo das artes cênicas, aborda o que promete no título. Elena, a que me interessava, é apresentada a partir de sua relação com a autora, que a conheceu em 2004, quando ainda “dava aulas particulares no seu apartamento”, antes de tornar-se, em 2012, professora de artes cênicas da Casa das Artes de Laranjeiras (CAL), no Rio de Janeiro.¹⁴¹

¹³⁹ GELLER JR, *Diário de campo de 19... op. cit.*

¹⁴⁰ SANTOS, Irina Aragão dos. [Resposta 3] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Irina Aração dos Santos. *GMAIL*. Enviado em: 31 out. 2020.

¹⁴¹ SANTOS, Michelle Boesche Alves dos. *A fala cênica e o trabalho vocal do ator: propostas de Elena Constantinovna Gaissionok e Antunes Filho*. 2019. 128f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. p. 22.

Muito do interesse da autora pela proposta artística de Elena era expresso pela formação e atuação dela na União Soviética. Bem como as técnicas por ela empregadas:

Elena dava aulas particulares desde 1999 para atores e cantores no Rio [...] Ela foi simpática, contou um pouco sobre a sua trajetória (com um português embalado pelo seu sotaque russo), que fora atriz e cantora na Rússia, que fez sua formação lá e que havia vindo para o Rio de Janeiro em 1996, com o marido brasileiro, tradutor de língua russa, e as suas três filhas pequenas.¹⁴²

Quando nem bem tinha terminado de ler a dissertação, eis que meu celular acusa o recebimento de um *e-mail* ao cair da noite. Era ela. Com um breve “boa noite”, Elena escreveu: “Muito interessante o seu trabalho. Vou participar com o maior interesse”.¹⁴³ Fim de conversa. A sua resposta acompanhava a velocidade com que Irina a contactou e que, em seguida, eu a escrevi. Assim, pensando que talvez eu pudesse estar sendo inconveniente, deixei para retornar no dia seguinte, no que a agradei e perguntei se podíamos marcar uma conversa, através de alguma plataforma de sua escolha. Dois dias depois, ela me retornou com a proposta de nos encontrarmos dia 6 de novembro, às 3 horas da tarde, através do *Skype*.¹⁴⁴ Salvo algumas perdas de conectividade, minha e dela, conseguimos conversar na hora marcada. Nos cumprimentamos e, como o que escrevi para Cristina e comuniquei para Irina, comecei por aquelas falas iniciais que já se tornavam cada vez mais convencionais. Elena assentia com o que eu ia dizendo, mas não comentou que já havia participado de uma outra entrevista – ainda que sem o uso da expressão “história oral”. Disse que “estava tudo bem”, pois, como Irina e Cristina, acostumou-se com os ambientes virtuais porque era o meio que agora ministrava suas aulas.

Um silêncio prevaleceu até que resolvi perguntar se ela tinha algo a dizer sobre o fato de eu querer estudar a União Soviética, buscando saber se, à maneira de Irina, existia alguma inquietação em relação aos meus motivos. Com isso, Elena começou falar sobre o que ela imaginava ser o meu interesse sobre a sua vida. Com um ordenamento muito semelhante ao da narrativa concebida com Michelle Santos, ela mencionou o ano que chegou ao Brasil, quem a acompanhou e como se estabeleceu profissionalmente no país¹⁴⁵. Disso, ela foi em direção a sua vida na União Soviética: nascida em Moscou, filha de pais russos, o que aprendeu na terra natal em termos de formação, experiências de vida e sentimentos e trouxe na bagagem para o

¹⁴² *Ibid*, p. 23.

¹⁴³ GAISSIONOK, Elena Constantinovna. [Resposta] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Irina Aração dos Santos. *GMAIL*. Enviado em: 31 out. 2020.

¹⁴⁴ Id. [Resposta 2] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Irina Aração dos Santos. *GMAIL*. Enviado em: 03 nov. 2020.

¹⁴⁵ Afora meus apontamentos em diário de campo, ela narrou os mesmos assuntos em nossas entrevistas gravadas. Ver a segunda seção do capítulo 3.

novo país.¹⁴⁶ O ponto que ela parecia querer chegar era que, afora as causas decorrentes da ação de movimentar-se, sempre se podia aprender algo com aquilo: trocar experiências, mudar os modos de pensar, enfim, carregar algo que, doravante, pode ser resignificado.¹⁴⁷ O que para ela era importante dizer, direcionando-se a minha pergunta, para quem, como eu, “busca entender o meu país”.¹⁴⁸ Concordei e disse que este era um dos motivos da minha iniciativa.

Se Irina havia começado pelas dificuldades de expressar qualquer ponto de vista sobre a União Soviética para chegar em como as suas particularidades enquanto uma *não migrante* desestabilizam certos esquematismos, revelando, inclusive, a presença de discursos que a “exotizam”, Elena constrói um olhar semelhante a partir de um procedimento diferente. Ela não parte dos discursos correntes para referendar as limitações destes com a sua experiência. Como enunciei, ela apresenta a dinâmica de elaboração das experiências de mudança que possibilitam uma nova consciência de si,¹⁴⁹ para então questionar algumas interpretações frequentes e colocar advertências sobre “o porquê de meu trabalho”.¹⁵⁰ Exemplo disso, é quando ela mesma procura imagens do que vê como tentativas de reduzir a vida na União Soviética a um único caminho – ainda que o título do meu trabalho já não fizesse mais isso – encontradas na situação que estávamos vivendo. Isto é, na epidemia viral e de “informações, muitas delas falsas”.¹⁵¹ Esta última, desde as primeiras semanas de pandemia, propagou uma associação entre as restrições de circulação e dispositivos “totalitários” de controle dos indivíduos, sendo o próprio governo federal brasileiro um dos seus principais vetores.¹⁵²

Esse nexos *infodêmico* que, tal como Irina, era sentido por Elena através de perguntas que ela dizia ouvir, à época, sobre sua vida pregressa. “Era mesmo verdade que isso aconteceu lá”, repetia ela a dúvida que mostra a sobrevivência e o uso de imagens que não caíram no esquecimento com o fim da Guerra Fria. Por sinal, em nossa segunda entrevista, ocorrida em 18 de novembro, Elena adiantou a pergunta que eu conjecturava a Irina sobre a *Cortina de Ferro* para o nosso segundo encontro; e, questionou, recorrendo a uma expressão de tonalidade, porque, “pra vocês”, a União Soviética era sempre uma “coisa vermelha”!¹⁵³ Sua noção de União Soviética não dizia respeito a elementos estruturais (organização da economia, por exemplo) ou da teoria política, mas ao que, nos termos de Aleksiévitich, poderia ser chamado

¹⁴⁶ GELLER JR, Lúcio. *Diário de campo de 06 de novembro de 2020*. Venâncio Aires; Rio de Janeiro.

¹⁴⁷ GUINSBERG, *op. cit.*, p. 168.

¹⁴⁸ GELLER JR, *Diário de campo de 06... op. cit.*

¹⁴⁹ GUINSBERG, *op. cit.*, p. 169.

¹⁵⁰ GELLER JR, *Diário de campo de 06... op. cit.*

¹⁵¹ PEREIRA; ARAUJO, *op. cit.*, p. 9.

¹⁵² PORTAL, João Camilo; GELLER JUNIOR, Lúcio. “Chegou a hora de ucranizar!”: usos do passado e nacionalismo nas manifestações públicas em defesa de Jair Bolsonaro. *Esboços*, v. 28, n. 48, 2021. p. 283.

¹⁵³ GAISSIONOK, *Entrevista 1... op. cit.*, s.p.

de “socialismo interior”; ou seja, o que ela compreende.¹⁵⁴ Segundo Elena, em referência ao nexo anterior, o problema da “violência” ocorrida na União Soviética, que mesmo depois da dissolução continuou “em Chechênia, Criméia, Geórgia, várias, várias dessas repúblicas”, está em “não pensar nos povos”, em “fazer tudo ‘bruto’”.¹⁵⁵ Porém, insistir em a enxergar como uma “coisa” de tonalidade única, alimentando falsas simetrias, é mais remédio que veneno para superar os abusos e os fracassos que residem, justamente, nas “condições de vida”?¹⁵⁶

Já em nossa primeira entrevista, realizada na semana anterior, dia 13, Elena quase sempre oferecia uma resposta acompanhada de uma pergunta ou, como mencionado, de um dilema. Por um lado, ela buscava responder as perguntas com muita rapidez e concisão. Todas as nossas conversas sempre giraram ao redor de pouco mais de uma hora, que era o seu limite para começar a ministrar suas aulas. Por outro, ela procurava mostrar que queria fazer o tempo, embora curto, proveitoso. Às vezes, ao concluir uma história, me dizia “próxima”, “outra”, “mais uma pergunta”. Pelo enquadramento que ela havia dado a si mesma, eu podia ver seus braços, que gesticulavam enquanto falava, me acenando para pedir mais perguntas. Nosso diálogo, deste modo, ficou com poucos momentos de uma longa narrativa de vida. Em contrapartida, a cada “próxima pergunta”, ela completava com um “você entendeu”? Assim, Elena parecia buscar um meio de me envolver, de modo que a velocidade da contação não me impedisse de criar amarrações entre suas respostas. A brevidade, nesse sentido, era uma forma de me ouvir e escutar o que eu estava pensando.

A inquietação de Elena, sua preocupação com o interlocutor e com entendimento dos termos empregados, foram fatores importantes, devo admitir, para a transformação de minhas próprias inquietudes de pesquisador em oportunidades de autorreflexão neste texto. Ouvir a sua maneira de interpretar e comunicar um ponto de vista, foi o impulso que me faltava para tirar as minhas impressões sobre a tecnologia, dilemas teóricos e medos disciplinares. O mesmo posso dizer sobre a decisão de não me calar sobre o momento em que este trabalho foi feito, os equívocos e o que não foi possível realizar. Circunstâncias em que, até no plano dos temas, propriamente ditos, foi possível perceber a sobrevivência de imagens que ultrapassam os “fins”, *stricto sensu*, das épocas; seja a associação entre as minhas expectativas frustradas e as de Anna;¹⁵⁷ ou, a simetria nociva de nossos tempos *infodêmicos*, denunciada por Elena.

¹⁵⁴ ALEKSIÉVITCH. *O fim do homem... op. cit.*, p. 20.

¹⁵⁵ GAISSIONOK, Entrevista 1... op. cit., s.p. A persistência de diferentes formas de violência, mencionada por Elena, diz respeito ao “aparecimento de novas formas de ditadura, declarada ou latente, bem como o aparecimento de novas formas de guerra étnica e religiosa”, nos territórios do antigo bloco socialista. RANCIÈRE, Jacques. *Ainda se pode falar em democracia?* KKYM: Lisboa, 2014. p. 6.

¹⁵⁶ GAISSIONOK, Entrevista 1... op. cit., s.p.

¹⁵⁷ Ver a segunda seção do capítulo 1.

Até o final do interminável ano de 2020, que não trouxe senão o agravamento da crise no início de 2021, eu me ocuparia da transcrição das sessões com Elena, as quais eu a entregaria em março. Tempo em que comecei a esboçar este entrecruzamento de imagens, palavras e aprendizados; e, também, a efetuar contatos incompletos, mas que pareciam “conhecidos há um bom tempo”.¹⁵⁸

Distante, mas não sozinho

O aguardado contato refere-se à primeira conversa virtual que tive com Cristina, que ocorreria apenas no dia 14 de dezembro de 2020. Como muitas questões e perguntas já haviam sido trocas textualmente, enquanto remarcávamos datas, rimos, logo depois de nos apresentarmos, que até “já nos conhecíamos”. No fim, a conversa prévia com Cristina foi muito rápida. Por estarmos muito próximos do final do ano, resolvemos marcar as sessões para o mês seguinte. A primeira no dia 5 e a segunda na no dia 11. Ao acessar o *Meet*, opção de Cristina, eu já atentava para algumas questões que procurei observar nas entrevistas anteriores, como o enquadramento que ela buscava dar a si mesma – foco mais distante, como Elena –; as inclinações e as gesticulações – bem mais pontuais, sem a solicitação da “pergunta seguinte”. Não obstante, se Irina buscava conduzir sua narrativa com as fotografias e, mesmo quando sem elas, com imagens mnemônicas; e, Elena buscava me envolver por meio de respostas mais diretas e abertas à dúvida, Cristina narrava a vida pessoal intercalando camadas de lembranças particulares e familiares com referências e conceitos da historiografia e da ciência política.

C: O meu pai é brasileiro. Ele morou lá como exilado político, entre 19[73] e 19[90]. A minha mãe é russa, de Moscou. Então, como meu pai era filho de uma família de comunistas brasileiros, ele e a família tiveram acesso a muitas coisas na União Soviética, que somente a elite local tinha, a partidária. Não sei se você já abordou a burguesia soviética. A chamada *nomenklatura*.

L: Sim, sim. A burocracia partidária né, nesse sentido?

C: Exato.¹⁵⁹

No trecho citado, é possível observar, em poucas linhas, a forma como Cristina estrutura o que conta. Não o escolhi por acaso, ele corresponde ao exato início de sua narrativa em nossa primeira entrevista e assinala a organização que indiquei. Nele é possível perceber as camadas de lembranças se articulando com as camadas conceituais, bem como o cuidado para que estas últimas façam sentido a mim. Mas diferente de Elena, que procura sublinhar mais os dilemas da interpretação, Cristina preocupa-se em medir até que distância o meu alcance sobre a história soviética chega. Não para saber se estou ciente de determinada discussão ou do meu nível de

¹⁵⁸ GELLER JR, Lúcio. *Diário de campo de 14 ... op. cit.*

¹⁵⁹ DUNAEVA, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

profundidade teórica, mas se, sabendo de minha condição enquanto historiador, eu apreendia as relações socioculturais ligadas a sua história, como quando me pergunta se estou a par do significado do termo *nomenklatura*.¹⁶⁰ Assim, ela organiza a sua narrativa, tanto nesta quanto na segunda entrevista, em alguns momentos estendendo-se mais sobre as histórias pessoais e em outros menos, dando lugar para as lembranças de outros familiares e pessoas próximas.

Algumas vezes, no meio das sequências narrativas mais longas, Cristina abria pequenos “parênteses” para inserir algumas histórias menores, em geral sempre bem humoradas, como quando, em nossa segunda entrevista, disse ter aprontado uma “presepada com o irmão”, o deixando várias horas trancado em casa depois de perder as chaves do seu apartamento, um dia antes de visitarem o *Mausoléu de Lênin*.¹⁶¹ Em outras ocasiões, a referência aos conceitos, que em dado momento eu começava a absorver em minhas perguntas a Cristina, levavam ao diálogo teórico, ainda que sem renunciar à experiência, para o centro da conversa. Como quando perguntei qual era o seu olhar sobre as outras repúblicas soviéticas:

C: [...] eu estudei né, no doutorado, esta questão das imigrações [...] Muita gente perdeu cidadania. Os russos que moravam em outras repúblicas [depois da dissolução], tiveram que optar por uma nacionalidade, ou da Federação Russa ou, sei lá, da Ucrânia, da Geórgia. Tinham muitas famílias interretnicas, o que criou problemas [...] Então muita gente precisou mudar de lugar, de moradia, e muita gente teve perdas grandes nesse processo todo [...] Enfim, eu não tenho muito contato com as pessoas, sabe, de outras repúblicas, mas eu imagino que ninguém queria muito continuar dentro da União Soviética, não.¹⁶²

Como em seu “cartão de visitas”, Cristina não deixa de se situar como alguém que falava a partir de um “nós”, sobre os “outros”. Assim, a construção de sua narrativa, entremeada de memórias e posições teóricas, ambas politicamente engajadas, como as de Anna, Elena e Irina, reforça a imbricação entre a vida e a reflexão de uma intelectual erudita – aspecto que, se bem lembram, eu havia notado nas falas de Anna. Mesmo aquilo que chamei de “parênteses” em suas histórias não deixam de fazer sentido enquanto uma preocupação constante em mostrar que sua experiência não pode ser generalizada. Até a aparente trivialidade da “presepada” que apresentei antes está ligada ao que ela disse inicialmente sobre as condições de vida da sua família, pois “era muito difícil conseguir ir lá [no *Mausoléu de Lênin*]” e “um amigo do meu avô, que trabalhava no Partido [Comunista da União Soviética], não sei qual era o cargo dele,

¹⁶⁰ O termo *nomenklatura* (номенклатура), que se popularizou no vocabulário político da década de 1980, especialmente pelas críticas do próprio dirigente Mikhail Gorbachev, designa figuras que ocupavam altos postos de comando partidário e estatal na União Soviética, exercendo um significativo poder econômico e político. ALBUQUERQUE, César Augusto. *Perestroika em curso: uma análise da evolução do pensamento político e econômico de Gorbachev (1984-1991)*. 267 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. p. 103-106.

¹⁶¹ DUNAEVA, *Entrevista 2... op. cit., s.p.*

¹⁶² *Id., ibid.*

conseguiu entradas pra gente ir”.¹⁶³ As condições de vida e identificações com um grupo reconhecido enquanto um “nós” (os russos), aproximam, por meio das particularidades, a forma como Cristina se vê em relação às demais entrevistadas. Dos discursos sobre a vida dos “outros” confrontados pela experiência de *não reconhecimento* da primeira; os dilemas de escolher ou usar qualquer definição como saída para os problemas do presente, apontados por Elena; até a distante tentativa de Anna de tornar as imagens da União Soviética menos cinzentas; reforçam o sentido que elas próprias buscam imprimir em seus relatos: exibir mais possibilidades, singularidades, imagens e palavras, enfim, mais vida à vida.

Para elas, apesar de todos os limites, é preciso dizer alguma coisa, daí a importância de reconhecê-los e se situar. Nesse sentido, preciso destacar que o desejo de compartilhar comigo toda essa pluralidade de experiências se traduziu também na forma como elas aceitaram o meu convite. Há quase quatro anos, Anna carregava cópias de texto e um livro para me “ajudar” na pesquisa. Hoje, mesmo à distância, Cristina, Elena e Irina, cada uma à sua maneira e dentro das suas possibilidades diante do momento que vivíamos, continuaram me ajudando. Buscaram construir, com todas as idas e vindas, laços de solidariedade naquele momento e com os recursos disponíveis. Seja Irina com suas fotografias; Cristina com suas referências autorais; ou Elena, que buscava tornar o nosso pouco tempo produtivo e instigante.

Eis aí um ensinamento de Saramago, em que nem mesmo as mais solitárias e isoladas imagens podem ficar sem que alguém as veja. E é por isso eu me senti no dever de entregar um texto à altura de suas vidas e dos seus anseios pela troca, comigo, de experiências.

¹⁶³ *Id., ibid.*

2. PRÓXIMO

Dentro dessa repartição, sacramentada pela águia oficial, ocorrem alterações que nunca se tornam visíveis. Diante da barreira erguida pelo erário se esboroa a eterna lei da criação e da destruição; enquanto lá fora, ao redor do prédio, árvores florescem e depois perdem as folhas, crianças crescem e anciões morrem, casas arruinam e depois ressurgem sob outras formas, a repartição demonstra seu poder reconhecidamente sobrenatural através de uma imutabilidade atemporal.

Stefan Zweig.¹

Em algum lugar do tempo

Iniciei o capítulo anterior dedilhando algumas palavras sobre o meu medo de acabar “fora do tempo”; da tempestade do presente me colocar à deriva nos mares do anacronismo; os quais pude suplantar no abrigo das palavras de minhas entrevistadas e no escrutínio de minha própria subjetividade e de minhas leituras. Não começarei este próximo capítulo de maneira diferente, a não ser pelo seu lugar no tempo, ou melhor, do seu *não lugar*. Se antes o problema era o de parecer estar fora, aqui o problema será o de estar tão próximo que nada parece mudar. Obviamente, como já disse, nada disso é do reino do diretamente observável, da matéria em estado puro, mas do perceptivo, em que mais de um tipo de apreensão pode existir, se relacionar ou se transformar. Seja como for, o que estou apontando diz respeito a uma impressão apresentada por Elena depois dela discorrer sobre as causas que a levaram ao Brasil, quando perguntei se o fim do socialismo de Estado demarcava algum tipo de *antes e depois* na sua vida. Sua resposta, a saber, foi apenas um rápido e seguro “nada”; reiterado, depois da minha visível expressão de surpresa, por um “nada, absolutamente nada”.²

¹ ZWEIG, Stefan. *Êxtase da transformação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 15.

² GAISSIONOK, *Entrevista 2... op. cit., s.p.*

A minha pergunta, em contrapartida, já foi construída com base em um contrassenso, ao dizer “a União Soviética já deixou de ser a União Soviética”. Sem dúvida, tropecei nas palavras. Como ela ainda pode ser o que não é mais? Mas eu não havia me dado conta naquele momento sobre o que disse. Contudo, antes disso, enquanto conversávamos sobre a repercussão mundial da queda do Muro de Berlim, Elena já havia dito que “pra gente isso foi um ato normal, é lógico, é lógico, chegou ao final”.³ Apesar do curso das mudanças, para ela seu fluxo era bem menos do que o “caráter inesperado e disruptivo” projetado em ambas as situações.⁴ Nada era tão intempestivo ao ponto de não se conseguir ver mais nada, senão transformação. Na verdade, o seu próprio “êxtase”, servindo-me do brilhante título da obra póstuma de Stefan Zweig, parecia conferir uma certa imutabilidade perceptiva, em que “nada” deixa de resguardar ainda uma certa “normalidade”, segundo Elena; ou, até mesmo, de ser sentido no presente como uma espécie de *continuum* descontínuo, conforme a minha contraditória pergunta.

Percepções temporais assim denotam um tipo de “redução ao presente”, tomando emprestadas as palavras de Fredric Jameson, em que a própria aceleração dos acontecimentos os aproximam de uma espécie de “grau zero”.⁵ Isto é, os “horizontes de expectativa” que toda mudança pode despertar já estão no próprio presente dos acontecimentos, retomando as categorias de Hartog e Koselleck. Portanto, o aparentemente “atípico” é, parafraseando Elena, “lógico”, ou seja, parte daquilo que já se vive. A minha surpresa com a sua resposta, embora eu mesmo tivesse reproduzido algo semelhante, possivelmente veio da maneira como Anna demarcava a sua relação com o fim da União Soviética. O passaporte que ela me trouxe em nosso último encontro era como um artefato da *passagem* de um mundo para o outro, em que as expectativas não estavam já no presente dos acontecimentos, mas depositadas no futuro, conforme ela descrevia:

A: A queda do muro foi... aconteceu em... 1989.

L: Isso.

A: Acho que em novembro né... novembro foi?

L.: Sim, foi final do ano.

A: Sim, acho que, inclusive, mais próximo do meu dia de aniversário. Eu lembro que a gente sentiu muita... alegria. No sentido sabe, aqueles ‘começos’, os ‘começos’. O começo e a ‘mudança’. ‘Agora que vai começar a mudança pra melhor’ [...] A gente na verdade estava esperando que as coisas continuassem, só que vai ser igual, por exemplo, na França ou países de sucesso. Países capitalistas de sucesso [...] Na verdade, o que que a gente [esperava] com essa mudança era pra uma *utopia, que não existia!*⁶

³ *Id., ibid.*

⁴ TRAVERSO, A *melancolia de esquerda...* op. cit., p. 29.

⁵ JAMESON, Fredric. O fim da temporalidade. *ArtCultura*, v. 13, n. 22, 2011. p. 203-206.

⁶ SAVITSKAIA, *Entrevista 3...* op. cit. s.p.

Em um exercício de imaginação, se eu buscasse colocar as percepções de Elena e Anna dentro da epígrafe de Zweig, trecho da narrativa histórica em que o autor buscou apresentar os impactos da Primeira Guerra Mundial na Europa, seria tentador deixar a primeira dentro da “repartição”, lugar onde nada muda; e, a segunda, “lá fora”, mais suscetível às “leis de criação e destruição”. Afinal, esta última não apenas deixa explícito que vê mudanças, como as deseja; e, ao mesmo tempo, quer uma certa continuidade daquilo que lhe agrada na vida ordinária. Apesar de, ao final, chegar em um solo comum ao de Elena, em que a dimensão utópica acaba, posteriormente, reduzida aos ditames do presente. Os “começos”, apropriando as palavras de Anna ao vocabulário de Hartog, são para si os seus próprios horizontes.⁷

Porém, tal analogia não apenas empobreceria o caráter dinâmico da narrativa do escritor austríaco, como reduziria as percepções de Elena e Anna a um tipo de esquematismo que, à maneira do capítulo anterior, prefiro fugir. Isso sem falar no que pensam Irina e Cristina. Em que cômodo se poderia inserir o olhar, no dizer de Irina sobre a dissolução, de que “é engraçado, [pois] ao mesmo tempo que a gente sente tudo isso, a vida continuava. Você continuava tendo teatro, continuava com o transporte funcionando. Só que assim, é como a gente pensa em crise, aqueles que são os mais vulneráveis”.⁸ Ideia que, se eu insistisse na divisão acima, estaria no mínimo a meio caminho do “nada” de Elena e dos “começos” de Anna, sem permanecer exatamente em um só lugar. E o que dizer de quem pensou a década de 1980 não apenas como uma “cesura na ordem do tempo”,⁹ mas como um momento, diferente de tantos outros na União Soviética e na Rússia de hoje, em “que as pessoas realmente discutiam política”, colocando em prática o ideal “de que as mudanças podem ser feitas”, segundo Cristina.¹⁰

Para não empalidecer a tentativa de Zweig de mostrar como as percepções de tempo podem conviver, entrecrocando continuidades e rupturas; nem correr o risco de dizer que alguém aqui está mais aquém ou além destas; é melhor procurar pelas formas de situar a vida. Olhar as suas possibilidades, até mesmo aquelas não atingidas, neste mundo de percepções ditas “normais”, “lógicas”, “utópicas” e assim por diante.

Os filhos da guerra

Por um lado, o olhar de Elena, à primeira vista, parece distanciar-se bastante do de Anna no que se refere à dissolução, ao menos em termos de expectativas. Por outro, a forma como

⁷ HARTOG, *Regimes de historicidade... loc., cit.*

⁸ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

⁹ HARTOG, *Regimes de historicidade... op. cit., p. 188.*

¹⁰ DUNAEVA, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

elas se apresentaram em nossas primeiras entrevistas e o que resolveram contar, deixam essas fronteiras um pouco mais tênues do que parecem, sobretudo porque tudo isso estará presente no ponto em que elas supostamente divergem. “Eu nasci no ano de 1961”, inicia Elena, que é “o começo da época depois do [Josef] Stalin, com todas as suas perturbações; e, pós-stalinismo, quando começamos, com [Nikita] Khrushchov, a ficar mais abertos, mais saudáveis na sociedade. E é o ano em que Iuri Gagarin foi para o espaço”, termina sorrindo.¹¹ De uma maneira igualmente alegre, Anna diz, “eu nasci em 1964. Inclusive, dia 7 de novembro, que é 25 de outubro. A mãe sempre me chamava de ‘a minha filha revolucionária’”.¹² Em ambas as narrativas, há um vínculo entre o particular e uma noção de coletividade, que é também uma forma de “localização biográfica no tempo”.¹³ Daí a importância de criar uma imagem de si com a ajuda de camadas de lembranças e de cenas que talvez façam sentido para o interlocutor. Neste caso, da luta revolucionária rumo a um novo mundo até a corrida espacial.¹⁴

O particular, por sua vez, não diz respeito apenas ao “si mesmo” de Elena e Anna, em seu duelo contra as condições de narração,¹⁵ mas a um repertório bem mais amplo de relações de convivência e sentidos socialmente compartilhados, reforçando ainda mais o desejo de situar-se, suspender ou entrelaçar épocas. Essa apresentação não deixa de pressupor que “diante de nós existe um outro que não conhecemos e não podemos apreender totalmente”.¹⁶ Em outras palavras, elas falam sobre si e sobre o seu mundo de uma maneira, e não de outra, pensando em “quem és tu?”, isto é, eu, o pesquisador interessado em ouvir sobre suas vidas e que conhece um pouco da história soviética. É nessa trilha que Elena avança em sua narrativa, na sequência do que disse anteriormente.

Eu sempre, ultimamente, gosto de contar isso, porque pra gente, a nossa história, do nosso país, ela *reflete muito na família*. Porque meus pais são *filhos da guerra*. Aqueles humanos que não tinham infância. Eles nasceram, mãe em [19]36, pai em [19]37, em plena ditadura, vamos dizer, do stalinismo. E o que isso acompanhava? Que eles tinham casa. Eles tinham recursos pra viver, mas a alimentação era muito pobre. Ao mesmo tempo, vamos dizer, os hábitos dentro da casa - bem, bem pobre -,

¹¹ GAISSIONOK, *Entrevista I... op. cit., s.p.*

¹² SAVITSKAIA, *Entrevista I... op. cit. s.p.* As diferenças entre os calendários gregoriano e juliano podem ser vistas na primeira seção da introdução, especificamente na nota 3.

¹³ DANIEL, *op. cit.*, p. 306.

¹⁴ É importante notar que as localizações biográficas dos discursos de Elena e Anna articulam o passado pessoal com uma noção de circunstâncias mais gerais, donde ressoam expressões como a “época depois do [Josef] Stalin”, definida como “mais saudável”. No vocabulário político soviético, a propósito, a década de 1960 é comumente chamada de *ótiepiel* (оттепель), em alusão ao título do romance do escritor Ilya Erenburg, *Degelo* (1954), que descrevia os anos sob Stalin como um “longo inverno”. NOVIKOVA, Olga. La política de la memoria: moldear el pasado para construir la sociedad democrática (la URSS y el espacio postsoviético). *Historia del presente*, v. 9, 2007. p. 73. No mundo anglófono, a expressão de Conquest, “o grande terror” (ver a sétima seção da introdução), popularizou-se para se referir à violência do regime de Stalin.

¹⁵ BUTLER, *Relatar a si mesmo... op. cit.*, p. 31.

¹⁶ *Id., ibid.*, p. 45.

nessa época já tinha ao alcance de todo mundo eletricidade, universidades, escolas de nível muito bom, muito alto. Não tinham diferenças entre classes, tinha quem trabalhava nas fábricas e intelectuais, *intelligentsia*. Mas, ao mesmo tempo, com essas classes, não se pode distinguir que aqui é o bairro só da *intelligentsia* e aqui é o bairro só dos trabalhadores. Normalmente, todo mundo vivia no mesmo prédio, com os apartamentos um na frente do outro.¹⁷

Esta passagem demonstra de maneira eloquente a visão de Elena sobre a União Soviética que, segundo ela, está diretamente ligada à família. Afirmação que pode, ao mesmo tempo, soar um tanto paradoxal frente ao seu preciso “nada”, assinalado no início do capítulo, quando da dissolução deste mesmo mundo. Chegarei neste problema ao final deste capítulo. Por ora, me apresso em dizer que não se trata de uma mudança radical da narrativa, mas de uma interpretação que, na diferença, a aproxima das outras percepções. Contudo, antes de falar sobre as reflexões inscritas na narrativa de Elena, mencionarei a mesma sequência que foi dada por Anna em sua apresentação, para ajudar na compreensão da hipótese que acabei de sugerir.

A: Vamos falar da mãe primeiro. O nome da minha era Emma. Ela nasceu na Sibéria, na cidade de Barnaul, perto de Novosibirsk. Quando começou a Grande Guerra, o pai dela era militar de carreira. Inclusive, ele era tanquista e foi até Berlim [...] A minha avó materna... não era médica, nem técnica de enfermagem, se chamava... [...]

L: Sim.

A: Era muito importante. Algumas empresas foram evacuadas da parte europeia da União Soviética para fugir do ataque dos nazistas e a chegada das tropas. Para poder produzir, inclusive, para o *front*. Então foi na Sibéria, mas não sei, isso eu não lembro, como eles acabaram no Cazaquistão, que era a república soviética. Então, isso durante a Guerra. Depois, quando a guerra acabou, o avô foi encaminhado. Porque foi muito centralizado, onde precisava dos profissionais. Passou a morar em Kaliningrado, que foi anexada [...] Então, quando foi para lá, a minha mãe decidiu fazer a faculdade de pedagogia. Fez na cidade de Kalinin [...] fica a uns 60, 70 Km de Moscou. Lá ela fez faculdade e lá que ela conheceu o pai. O meu pai nasceu em Donetsk [...] Era jovem, não participou da Guerra, mas foi estudar na Academia Militar, e era tipo Engenheiro dos Alimentos. Em Kalinin que eles se conheceram, se casaram, e lá nasceu minha irmã mais velha, Larissa. Então, depois disso, eu acho que eles chegaram a morar por um tempo em Kaliningrado, com o avô, porque eles se formaram, então estavam esperando ser encaminhados. Porque na União Soviética, em geral, nos anos [19]50 e [19]60 especialmente, se faz parte da Academia Militar, tu é encaminhado. Não pode ser formar e ‘eu que vou escolher’. É encaminhado para onde tem mais necessidade. Então, eu acho que eles foram morar, já com a Larissa, ela era pequenininha, com o avô em Kaliningrado, por uns 2 ou 3 anos. Depois foram para a Polônia. A parte da Polônia que o pai trabalhou foi tipo um quartel soviético, que tinha em todas as outras repúblicas. Nos países satélites socialistas.¹⁸

Anna, como se pode notar, apresenta um conjunto de lembranças familiares ainda mais abrangente do que o de Elena para falar de si. A propósito, quando ouvi que Elena seguia um caminho muito semelhante ao seu, não pude deixar de perguntar a ela sobre a vida de seus avôs e avós, talvez até mesmo adiantando algo que fosse contar logo depois de falar sobre os pais.

¹⁷ GAISSIONOK, *Entrevista 1... op. cit., s.p. Grifos meus.*

¹⁸ SAVITSKAIA, *Entrevista 1... op. cit., s.p. Grifos meus.*

E: Vida pesada. Vida muito pesada. E isso passa pra gente. Eles não tem vergonha, e não tem medo de falar disso, ao contrário. Por isso, *a gente tem a capacidade de comparar a nossa vida com a vida dos nossos pais, e dos nossos avós*. E, no meu caso, o bisavô também, que salvou a sua família saindo da aldeia, lá no ano de [19]28 ou [de] [19]29. Ele simplesmente colocou todo mundo na carroça e levou pra cidade. Largou a casa, porque ele poderia ser capturado pela... KGB. *Não sei como falar*. Como ele era bem sucedido na vida, ele tinha tudo na aldeia, e, por isso, com medo, ele colocou toda a família na carroça e levou pra cidade, bem longe disso [...] A minha vó, naquela época [década de 1940], ela acabou de dar à luz, o segundo filho. Na verdade eram gêmeos. E, como na véspera do parto o marido bateu nela, ela perdeu o filho. O parto foi antes. E, depois, na família tinha a frase: *graças a Deus ele morreu*. Um deles morreu! Porque começou a guerra. Não tinha como comer, não tinha nada. A minha vó trabalhava 18 horas por dia. A minha mãe com seis anos sustentava, não sustentava, tomava conta da casa e do seu pequeno irmão. E, por isso, a vida deles era muito pesada... Muito raro a minha vó lembrar disso, falar disso... Muito raro.

L: Era um assunto difícil.

E: Era. O meu pai foi tirado de Leningrado, do bloqueio de Leningrado, uma semana antes do bloqueio cair. Porque tinha bombardeio, ele estava na rua e um estilhaço entrou na cabeça dele. Ele até agora tem um buraco ‘desse tamanho’ na cabeça.

L: Quantos anos ele tinha?

E: Ele nasceu em 19[37], isso foi em 19[42]. Cinco anos.

L: Ele era pequeno

E: Isso. Ele estava na rua. O mais engraçado, não engraçado, triste, que ele lembra muito disso. Como eles comiam gato, sopa de gato, sopa de ratos. Ele lembra isso muito.

L: Eles eram da cidade de Leningrado?

E: Sim, meu pai sim.

L: Então eles viveram toda aquela chegada das tropas alemãs.

E: Não, os alemães não entraram na cidade.

L: Sim, quero dizer a ameaça. A invasão eu digo de todo o território.

E: Sim, bombardeio. Essa vida pesada, eles lembram.¹⁹

Ainda que a minha curiosidade tenha movido as suas lembranças sobre os avós, Elena insere algumas de suas histórias sem perder a relação com o que já contava sobre os pais, assim como fez Anna. Nas duas narrativas, a menção da data de nascimento, ligada a alguma efeméride do calendário soviético, não é um convite para seguir, de maneira linear e crescente, pelas recordações da vida pessoal. Pelo contrário, o nascimento é o ponto de partida para “rebobinar” outras vidas, como se as suas próprias vidas as carregassem; como se cada época fosse impregnada de outras tantas que sobrevivem ao largo da voracidade do tempo. Não por acaso, são também histórias de *sobre-vivência*, de dor, de violência, de luta pela vida que, no “abrigo precário dessas palavras”, lutam agora “para atravessar o tempo”.²⁰ Todas elas se passam em um “espaço de experiência” comum, em que “se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento”;²¹ o da Grande Guerra Patriótica, conforme a denominação da historiografia soviética, para o período que vai da invasão da *Wehrmacht*

¹⁹ GAISSIONOK, *Entrevista 1... op. cit., s.p. Grifos meus*.

²⁰ FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 208-209.

²¹ KOSELLECK, *op. cit.*, p. 309.

(Forças Armadas da Alemanha) até a derrota do Terceiro Reich.²² Obviamente, há ainda outros elementos que articulam e fragmentam as narrativas, como a fome e a violência masculina, que logo adiante receberão o devido destaque. De início, quero pontuar apenas que, no âmago de suas primeiras palavras, isto é, “gosto de contar isso” ou “vamos falar da mãe primeiro”, há um desejo de pensar a si em função de relações geracionais, que são, em grande medida, assumidas em termos de pertencimento, ou não, a determinados “espaços de experiência”, ainda que lhes possam ser alheios, conforme Koselleck.²³

Embora cada uma delas cultive este solo de maneira diferente, até porque se tratam de experiências singulares, é preciso destacar que tanto Anna quanto Elena resolveram falar de uma “experiência radical”, no sentido que elas mesmas atribuem à guerra. Esta decisão, segundo Daniel, suscita outro aspecto de geracionalidade. A saber, a reação a uma aparente quebra de continuidade, decorrente de uma mudança exasperada, quando aqueles que se reconhecem como parte de uma geração passam a situar outras pessoas e outras épocas.²⁴ Neste caso, a invasão da União Soviética superou extraordinariamente diversas outras guerras na região pelo seu nível de ferocidade e destruição.²⁵ Anna, por exemplo, repercute a dimensão e a intensidade do conflito através da efetiva participação de seus avós no campo de batalha. Informada por uma noção de espaço e de tempo, ela mapeia com grande liberdade os lugares por onde estes teriam passado, sejam pelas funções que exerciam ou pelas necessidades impostas; bem como a duração da época descrita, que não cessa até a expansão da União Soviética pelo Leste Europeu, atestado pela menção ao “encaminhamento” compulsório de seus familiares no pós-guerra. Na verdade, as duas noções estão inscritas uma dentro da outra, na medida em que são igualmente pensadas em termos de *extensão*. Afinal, segundo Didi-Huberman, “dizer eu é situar-se no espaço mas também no tempo”.²⁶

Mesmo que as ações de seus familiares sejam outras, Elena não faz diferente. Ela localiza, por exemplo, a passagem do pai, ainda criança, pela guerra. Mais precisamente, em uma das principais cidades da frente ocidental; Leningrado (ao norte), que junto de Moscou (ao centro) e Stalingrado (ao sul) estiveram à beira da rendição passados seis meses desde o início da invasão, em junho de 1941. No entanto, como ela mesmo alerta, “os alemães não entraram”. Obviamente, a um preço muito alto, expresso pelos bombardeios, as mutilações e a privação de

²² Ver a sétima seção da introdução, especialmente a partir da página 35.

²³ KOSELLECK, *op. cit.*, p. 310.

²⁴ DANIEL, *op. cit.*, p. 307.

²⁵ Estimativas afirmam que 700 cidades e 70.000 aldeias foram arrasados, 25 milhões de pessoas ficaram desalojadas, 31.000 indústrias e 65.000 quilômetros de ferrovia foram destruídos. O número de cidadãos soviéticos mortos é ainda hoje objeto de debate, mas a maioria das avaliações chega a 20 milhões. WOLFE, *op. cit.*, p. 252.

²⁶ DIDI-HUBERMAN, *Pensar debruçado... op. cit.*, s.p;

meios básicos de subsistência, como a alimentação, reunidas na história do pai.²⁷ Nesse sentido, a duração dessa “vida pesada”, como denomina, também não acaba em abril de 1945, quando as forças soviéticas entraram em Berlim, mas se *estende* pelas histórias, na mesma época mencionada por Anna, daqueles “humanos que não tinham infância”. Destaco esta expressão pois ela me permite assinalar outro aspecto da geracionalidade, o seu uso político.

Segundo Daniel, a ideia de uma reação frente a ruptura da experiência mostra-se evidente quando se sente a necessidade de “construir uma ponte para superar abismos”, como os que se abriram na Segunda Guerra Mundial, por meio de um vocabulário político, fundado em uma noção de geração, em que abundam termos como “combatentes”, “veteranos de guerra” e assim por diante.²⁸ Nessa perspectiva, não é coincidência que o conceito de “geração de guerra” tenha se destacado na União Soviética pós-guerra, devido ao tamanho da catástrofe provocada pela invasão nazista. No entanto, como qualquer termo, ele não carrega um sentido único. De um lado, houve – e em certa medida ainda há – o esforço do Estado socialista em legitimar seu *status* de libertador do Leste Europeu dos “bárbaros fascistas”, assegurando o seu “bilhete de entrada para o clube das potências mundiais”;²⁹ e, a transformação do período da resistência até a famosa fotografia de um soldado fixando a bandeira soviética no topo de *Reichstag*, em um ícone do discurso patriótico. De outro, há um incontável número de histórias de sofrimento, como as notadamente descritas por Elena, que ainda assim não deixaram de ser utilizadas pelo Estado com o propósito de desenvolver uma concepção da guerra como uma continuação de 1917, agora “experimentado” por todos os cidadãos soviéticos.³⁰

Nas falas de Elena e Anna, há algo que as aproxima bastante do conceito de “geração de guerra”. Todavia, adequado às ações de seus familiares. As duas reconhecem nas histórias de seus pais uma infância atravessada pela destruição, em que tornaram-se, no dizer de Elena, “filhos da guerra”. Os de Anna convivendo com as demandas que chegavam do *front* e, posteriormente, do aparato militar; e, os de Elena, perdendo a infância, conforme o sentido que ela busca transmitir, ao assumirem grandes responsabilidades, sobretudo a mãe, e sofrerem na carne a violência da guerra, como sofreu o pai. Os avós, e até mesmo bisavós, aparecem como aqueles que precisaram dividir-se entre as linhas de combate e o cuidado da família. Mesmo

²⁷ Cerca de 1 milhão de habitantes, 1/3 da cidade, morreram durante o cerco de Leningrado. O pico de óbitos ocorreu no inverno de 1941 para 1942, por diversas razões. Segundo Senna, “o frio era uma delas – a energia elétrica e o aquecimento foram desligados por falta de combustível e, em outubro de 1941, estavam permitidos somente para alguns prédios oficiais [...] Havia também a fome, segunda vez presente em Leningrado (a primeira havia sido entre 1919 e 1921, durante a guerra civil) [...], [que] fazia as pessoas comerem de tudo, de cola de madeira a vaselina, de gatos a estreme. SENNA, *Mulheres soviéticas em... op. cit.*, p. 381.

²⁸ DANIEL, *op. cit.*, p. 308.

²⁹ ZHURZHENKO, *op. cit.*, p. 6.

³⁰ WOLFE, *op. cit.*, p. 254.

que os de Elena não tenham efetivamente guerreado, a jornada de trabalho intensa da avó para sustentar filhos e filhas, é narrada como um dos tantos efeitos daquele momento. Não é preciso dizer mais uma vez que, a miséria que recaiu sobre suas vidas, não é circunscrita apenas ao auge do conflito, até porque, lembra Elena, seus pais, na década de 1950, ainda que com uma certa melhoria do nível de vida, eram “muito pobres”; e, seu bisavô, mesmo antes da guerra, era perseguido pelo regime de Stalin.

Nesta última menção, contada brevemente, convém sublinhar que Elena se refere à polícia secreta como KGB. Esta organização aparece nas histórias de outras entrevistadas, as quais apresentarei em outros momentos. Porém, na época em que o bisavô de Elena teria sido afugentado pelo aparelho de vigilância, entre 1928 e 1929, como conta, ele se chamava OGPU, sigla que designa o Diretório Político Unificado do Estado. Formado a partir da Comissão Extraordinária para a Luta contra a Sabotagem e a Contrarrevolução, de 1917, o órgão passou por diversas mudanças de *status*, todas elas ligadas ao serviço de inteligência e segurança, e nomenclatura, ao longo dos anos. A mais duradora delas foi, de fato, a KGB, que funcionou de 1954 a 1991.³¹ Em alguns depoimentos de perseguidos ou de seus familiares, como os ouvidos por Gheith e Jolluck, é perceptível a aplicação da sigla KGB para as mais variadas épocas.³² Contudo, ao contrário das autoras, que enfatizam a “imprecisão histórica” do emprego do termo pelos seus entrevistados, prefiro pensar, a partir do depoimento de Elena, no seu uso enquanto epíteto para o patrulhamento da vida privada na União Soviética. Não obstante, detrás do aparente “erro”, há uma procura pela transmissão do sentido das dificuldades passadas pela sua família, que foram tanto “externas” (a guerra) quanto “internas” (o stalinismo), com antecedentes e continuidades. Além disso, é preciso sempre lembrar da epígrafe de Müller, como faz Elena ao declarar: “não sei como falar.”

Finalmente, nenhuma delas começa pelas dificuldades de suas famílias a fim de estabelecer uma simples linha evolutiva entre um *antes* e um *depois*. Apesar de servir, como disse Elena, para “comparar a nossa vida”, isso não implica necessariamente em uma ideia de avanço. Pelo contrário, a dor e o sofrimento imposto pela catástrofe da guerra serve para que ela não seja minimizada “em face da tendência dominante do progresso, do esclarecimento, do

³¹ Durante os anos em que Stalin liderou o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, entre 1922, quando surgiu a OGPU, e 1953, quando o ditador morreu, o órgão foi um dos principais instrumentos de coerção policial com o objetivo de alcançar a coletivização da agricultura e a industrialização do Estado socialista. Segundo Traverso, a mescla de “modernização”, se é que seus resultados podem ser medidos em toneladas de aço, e “autoritarismo estatal”, culminou no sistema de exílio interno (*Gulag*, criado em 1929); no trabalho forçado; em deportações; e, “em processos políticos dignos da Inquisição”. TRAVERSO, *El totalitarismo... op. cit.*, p. 149.

³² GHEITH; JOLLUCK, *op. cit.*, p. 71.

humanismo supostamente crescente”, segundo Adorno.³³ Por isso, segundo ela, eles não tem “vergonha” nem “medo” de falar. Quando perguntei em que ocasiões seus pais contavam as histórias da guerra, na sequência da narrativa inicial, ela respondeu “contavam se a gente perguntava. Nunca tinha isso de ‘*olha só a gente viveu tão difícil*’”. Nessa direção, as vidas que Elena carrega em sua narrativa não estão inscritas apenas no passado da catástrofe, mas no “presente de sua sobrevivência”,³⁴ pois, continua ela, “quando perguntavam, eles contavam como o pão foi dividido, como a sopa foi cozida e dividida [...] O meu pai não aguentava, *a vida toda*, o pão no chão. Ele saía do sério ao ver se alguém deixou o pão cair no chão.³⁵ Em outras palavras, as vidas narradas por Elena sobrevivem não apenas pela transmissão das lembranças do que se *viveu*, mas também em sinais e brilhos passageiros do seu presente, como pequenas migalhas de pão caídas no chão.

Tempo e espaço, presente e passado, elaboração e emoção possuem margens muito movediças nos discursos de Elena e Anna. Sendo assim, quando elas falam da rigidez da vida, elas não estão falando de vidas abstratas. Mas de registros deixados nos corpos que vivem nas suas palavras. Quais vidas habitam essas narrativas é o que discutirei na próxima seção, com a ajuda de minhas outras entrevistadas.

Uma história de todas as famílias

Como disse Traverso, observar as celebrações da vitória do 8 de maio de 1945 é um instrumento interessante para explorar diferentes pontos de vista sobre a história do século XX, que podem variar segundo a percepção “de um ocidental, de um oriental e de uma perspectiva pós-colonial”.³⁶ A começar pelos esforços de cada um dos agentes envolvidos na tarefa de se relacionar com o passado. Isso considerando apenas as políticas governamentais que, ainda assim, não são monolíticas. Passada a euforia da capitulação do Terceiro Reich, Stalin proibiu a publicação de memórias do *front* e o Dia da Vitória foi cancelado como feriado oficial, cedendo lugar a um discurso de reconstrução orientado para o futuro.³⁷ O mesmo só seria reabilitado dentro daquele paradigma de “experiência comum”, a partir da década de 1960, servindo como baluarte da política de manutenção do *ethos* revolucionário do governo de quase

³³ ADORNO, *op. cit.*, p. 130.

³⁴ DIDI-HUBERMAN, *Sobrevivência dos...* *op. cit.*, p. 52.

³⁵ GAISSIONOK, *Entrevista 1...* *op. cit.*, s.p. *Grifos meus*.

³⁶ TRAVERSO, *A melancolia de esquerda...* *op. cit.*, p. 62.

³⁷ KANGASPURO, Markku; LASSILA, Jussi. From the Trauma of Stalinism to the Triumph of Stalingrad: The Toponymic Dispute Over Volgograd. In: FEDOR, Julie (ed.) *et al. War and Memory in Russia, Ukraine and Belarus*. Cham: Palgrave Macmillan Memory Studies, 2017. p. 150.

duas décadas de Leonid Brejnev.³⁸ Apesar disso, todo heroísmo que a memória de uma guerra oferece, sempre pode realçar certos contrastes entre as experiências vividas e as percepções promovidas pelas mais distintas agendas políticas.

Foi isso que Thomson observou em suas entrevistas com combatentes australianos da Grande Guerra (1914-1918) que, contrariando o seu “mito nacional”, admitiram até um certo remorso em seu alistamento;³⁹ e, é o que eu, guardadas as devidas proporções, percebo nos relatos anteriores. Há neles, por um lado, esse caráter de não conformidade plena com o discurso generalista, ainda que trocas sejam possíveis, haja vista a questão geracional. Por outro, há um aspecto que não diz respeito apenas às ideias e atitudes que fogem do esperado, mas a emoções que compõe o sujeito da narrativa. Quando Anna traça as ramificações de sua família desde a guerra, ela vai acumulando identificações sobre os seus antepassados, as misturando e alternando com o tempo. Atravessada pelo componente geracional, ela parte do local (as cidades de origem) em direção ao regional (a evacuação da “parte europeia”), o nacional (Cazaquistão, Polônia, Rússia e Ucrânia), até chegar em uma ideia de pertencimento a comunidade soviética (a circulação pelos “países satélites”), em um sentido *glocal*.⁴⁰ Mas essas não são as únicas diferenciações construídas. Na verdade, elas permitem observar outras categorias que, entrelaçadas, mostram como o “sujeito não existe sempre como um dado”.⁴¹

Permitam-me fazer uma breve digressão teórica a fim de melhor situar o que estou sugerindo. Vejam, assim como os veteranos ouvidos por Thomson, do soldado no topo do *Reichstag* ao avô de Anna que se dirigiu até Berlim, tais histórias procuram expressar o ideal de identificação com a sua comunidade. Estes dois últimos, correspondem a uma iniciativa de longa data de criação do *homo sovieticus*. Desde cedo, o Estado socialista procurou apresentar novos signos para os sujeitos que prefigurariam a sociedade do futuro. Exemplo disso é a ideia do *Novo Homem*, que encarnaria a figura do revolucionário. O “sujeito” soviético, todavia, era herdeiro do socialismo clássico, “em especial sua identificação implícita do universalismo com uma visão e uma capacidade de agir (*agency*) masculina”,⁴² representada sempre como sexualmente viril, na crença de que isto basta para saber “o que é um homem”.⁴³ Caberia às chamadas *jiénskii voprós* (женский вопрос), ou “questões femininas”,⁴⁴ a crítica ao paradigma

³⁸ WOLFE, *op. cit.*, p. 260-261.

³⁹ THOMSON, *Recompondo a memória... op. cit.*, p. 55.

⁴⁰ PASSERINI, *op. cit.*, p. 119.

⁴¹ BRAH, *op. cit.*, p. 366.

⁴² TRAVERSO, *A melancolia de esquerda... op. cit.*, p. 34.

⁴³ REESER, Todd. *Masculinities in Theory*. An Introduction. Sussex Ocidental: Wiley-Blackwell, 2010. p. 75.

⁴⁴ Embora essas críticas, muitas delas anteriores ao Estado socialista, pudessem ser reconhecidas pelo que muitos chamariam de feminismo, prefiro manter o termo no sentido original para não confundi-lo com os debates feitos a partir da segunda metade do século XX. Ver ainda: SENNA, *Mulheres soviéticas em... op. cit.*, p. 34-41.

da virilidade no interior das representações. Afinal, em sua interpretação, “revolução socialista também significava revolução sexual”.⁴⁵ O corpo não deveria ser uma instância limitadora, e sim um vetor de liberdade. Com isso, surge a figura da *Nova Mulher*, capaz de assumir valores tradicionalmente atribuídos ao masculino em função das supostas predeterminações sexuais, “como racionalidade, eficiência, posição social, coragem”, entre outros.⁴⁶ Não obstante seus esforços pelo reconhecimento dos privilégios de gênero, a divisão sexual se manteve na medida em que a crítica acabou assimilando a oposição binária para reivindicar a igualdade de valores, de modo que o *Novo Homem* e a *Nova Mulher* foram diluídos dentro do *homo sovieticus*. Este, por querer-se universal, tornou-se sinônimo do primeiro; enquanto a segunda, como se já integrada, foi assimilada de maneira suplementar.

Durante a guerra, quando o *homo sovieticus* foi chamado a assumir valores de autosacrifício e amor pela terra natal, seus silêncios tornaram-se ainda mais eloquentes. Segundo Salvatici, “o *pathos* de esposas, mães e irmãs, geralmente retratado numa imagem de resistência feminina passiva”, é habitual em muitas construções do “acontecimento guerra”.⁴⁷ O que não foi diferente no caso soviético em que, mesmo quando no *front*, o signo da mulher foi colocado pelo discurso oficial na retaguarda das hostes masculinas. Aliás, a imagem mais comum que Senna observou, ao analisar uma série de cartazes de guerra, foi a da enfermeira, uma profissão hierarquicamente inferior ao da médica, cuja palavra carrega um sentido familiar – *medsestra* (медсестра), sendo *sestra* (сестра), irmã.⁴⁸ No relato de Anna, embora seja destacando a participação do avô na marcha até Berlim, e na consequente expansão da comunidade soviética; e, da avó no atendimento aos enfermos; esses papéis são menos opostos do que parecem. Primeiro, porque a contribuição da avó não é descrita de maneira familiar, ou solidária, mas como de igual “importância”, conforme disse, na estratégia soviética da guerra. E, segundo, porque a ação da avó é fundamental para a evolução do sentido de pertencimento *glocal*, uma vez que ela é colocada no centro estratégico que ordena a junção entre o *local* e o *global* na sua narrativa. O relato de Anna subverte portanto o discurso de imanência da categoria mulher ao apontar para a inesgotabilidade do querer “ser” alguma coisa, posto que sempre se estabelecem interseções com modalidades sexuais, geracionais, regionais e assim por diante.

Apesar de Anna tratar de assuntos do *front*, é no relato de Elena, no entanto, que fui surpreendido com ações violentas e, no limite, mortíferas. O papel protetor desempenhado pela

⁴⁵ TRAVERSO, *A melancolia de esquerda... op. cit.*, p. 34.

⁴⁶ SENNA, *Mulheres soviéticas em... op. cit.*, p. 42.

⁴⁷ SALVATICI, *op. cit.*, p. 37-39.

⁴⁸ SENNA, *Mulheres soviéticas em... op. cit.*, p. 287.

avó, indo em busca do sustento da família, levou suas ações para fora da esfera familiar e, mesmo dentro desta, é a mãe, cuja idade precoce para assumir tais responsabilidades é assinalada, que as cumpre. Adiante na passagem atrás citada, os papéis sugeridos por Salvatici são completamente revertidos. Se o Estado socialista na maioria da vezes apresentou o signo da mulher não-combatente como aquela incumbida de “parir e cuidar das crianças”, além de prestar “apoio emocional e afetivo ao marido” no *front*,⁴⁹ nada disso é oferecido à avó de Elena. Pelo contrário, ela tanto não é capaz de dedicar-se exclusivamente ao filhos, quanto é impedida de concluir a sua gestação justamente pela afetividade que ela mesma não recebeu, resultando em violência e morte. O que naquelas condições narradas por Elena só restaria consolo nas palavras “*graças a Deus ele morreu*”. Devo confessar que não foi fácil ouvir sobre a brutalidade da vida de sua família, sobretudo em um momento em que o mundo inteiro enfrentava perdas em massa. Foi provavelmente por isso, junto da afirmação de Elena sobre a “raridade” do assunto em casa, que resolvi não insistir no tema e concordar com a dificuldade de elaborá-lo.

Histórias sobre a guerra, tendo o sofrimento como um dos articuladores das diferenças, também apareceram nos relatos de Cristina. Preocupada em apresentar uma dimensão mais ampla da época, com base em experiências particulares, sua narrativa em nossa segunda conversa não recorreu apenas ao meio familiar, transitando por outras relações afetivas.

Então, têm várias histórias. A minha melhor amiga lá, amiga da escola, o pai dela, por exemplo, ele nasceu, acho que em 5 de janeiro de [19]42. Então era muito frio, inverno. A mãe dele, a avó dela, estava grávida, tinha já outras crianças pequenas, e grávida dele. Ela estava fugindo de Moscou, de trem. E aí, o trem foi bombardeado, eles tiveram que correr pro campo, cheio de neve, e ela pariu ele no meio, nessa zona toda. Então têm várias histórias assim.

O meu avô também, eles foram fugir de trem e pegaram o trem o errado, estavam indo pra linha do *front*, ao invés de ir na direção contrária [...] Já a família da minha avó, eles ficaram nos Urais. Então a minha bisavó contava muitas histórias também. Que colocaram eles pra morar com uma família de lá e a família era anticomunista, porque eram justamente aqueles camponeses que perderam sua terra depois da Revolução, e que foram expropriados. Então eles não gostavam de gente de Moscou e tratavam eles muito mal. Eles passaram muito frio. Ela conta que eles comiam, a única comida que eles tinham, cascas de batata, que faziam sopa. Tem gente que chegou a comer grama sabe. Então todo mundo lembra que era *um período de muita dificuldade* mesmo [...].
L: Dificuldades de vida.

C: Depois, quando voltaram, depois do fim da guerra, para as suas cidades, era tudo muito destruído. Tinha prédio que caiu bomba, muita coisa foi roubada.⁵⁰

Cristina começou enfatizando o signo da mãe em meio ao conflito, ou melhor, em “*um período de muita dificuldade*”, à maneira de Elena. Mas ao contrário desta, quem está na mira dos bombardeios não é uma figura paterna, ainda que criança à época; e sim, uma mãe, solitária e responsável pelo sustento de filhos e filhas. Fora do ambiente doméstico, ela protagoniza

⁴⁹ *Ibid.*, p. 246.

⁵⁰ DUNAEVA, *Entrevista 2... op. cit., s.p.*

situações tão terríveis quanto as da avó de Elena e em um cenário semelhante ao do pai desta, como procura contar. Em seguida, Cristina divide a história do avô e da avó, como fizera Anna, dentro da mesma cadeia de acontecimentos decorrentes da invasão da *Wermacht*. Também da mesma forma que Anna, ela destaca a dispersão populacional, em um sentido de desordem, que, como os avós daquela, não se sabe como, “acabaram no Cazaquistão”; e, os seus, rumo a “linha do *front*”. Mesmo sem uma mobilidade territorial tão significativa, a família da avó é apresentada de maneira não menos dramática, na medida em que as mudanças na vida ordinária atravessam as fronteiras entre o espaço público e o privado, quando ela assinala as dificuldades de convívio entre refugiados internos; e, tal qual Elena, pelas restrições de alimentos e de aquecimento. Além disso, a duração do período descrito extrapola o simples término da guerra. Não pela expansão da União Soviética ou pela “pobreza” das condições de vida, como dito pelas outras, mas pela destruição de tudo que se conhecia antes, conforme sugere Cristina. Este sentido, segundo ela, persistiu por muitos anos na União Soviética. Porém, sem implicar em uma sintonia de percepções, ainda que seja uma história de “todas as famílias”, como disse:

Na minha família direto ninguém morreu, mas o meu bisavô, na família dele, uma irmã dele perdeu quatro filhos. A outra também perdeu marido e filho. Então é assim uma lembrança muito *dolorosa* [...] *9 de maio*, assim oficialmente, era uma comemoração festiva, toda aquela coisa, mas dentro das casas geralmente é um momento que lembram sabe, dessas dificuldades. Lembram os parentes que morreram, perderam a vida. É um assunto que marcou a *história de todas, todas, absolutamente todas as famílias*.⁵¹

Devo admitir que foi este trecho específico do relato de Cristina que me proporcionou o *insight* que faltava para articular nestas últimas páginas a relação entre as recordações promovidas pelas instituições mnemônicas, como as comemorações do 8 de maio – ou, o que se poderia chamar de *memória-monumento*, segundo Portelli – e as individuais, terreno muitas vezes do involuntário ou do perturbador.⁵² Nele, é possível observar uma ideia de passado comum, de “todas as famílias”, narrado em forma de síntese do pretérito – visto igualmente nos outros relatos –; e, outra individual, isto é, as lembranças singulares dos “parentes que perderam a vida”. No plano simbólico, o primeiro é motivo de “celebração festiva”, enquanto o segundo de recordar “dentro das casas”. Mas essas modalidades são bem menos antagônicas do que parecem, e a narrativa de Cristina é facunda nesse sentido. Como disse Traverso, as percepções sobre uma efeméride mudam conforme o ponto de vista do observador. Exemplo disso está na própria referência à data no relato dela: dia 9, e não dia 8 de maio, como se convencionou

⁵¹ *Id., ibid.*

⁵² PORTELLI, Alessandro. Sobre os usos da memória: memória-monumento, memória involuntária e memória perturbadora. In. *História oral como arte de escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 48.

celebrar na União Soviética. Este ponto não evidencia apenas o caráter político das edificações nacionais, muitas vezes se contrapondo a outras, mas a circulação e a aderência, ou não, aos seus signos. As trocas, porém, não acontecem unilateralmente, pois os alicerces da “história de todos” são construídos a partir das milhares de lascas de “histórias dolorosas”.

Nesse processo de flotação do passado, muitas histórias permanecem afogadas, outras nas margens e muitas que emergem passam por assepsias. Basta ver todas as não conformidades que venho assinalando nas narrativas acima. Corpos antes reduzidos à esfera doméstica ou à retaguarda do *front*, sob a justificativa de serem o resultado de uma “realidade ontológica anterior”,⁵³ adquiriram resistências *ativas* e assumem papéis não menos desafiadores do que os convencionalmente oferecidos pelas imagens da guerra. Enquanto as ouvia, logo pensei nas palavras de Martin Cruz Smith, em seu romance policial *O fantasma de Stalin* (2007): “Vieram para glorificar o passado e o passado lhes deu a vítima errada”.⁵⁴ Dito de outra forma, outros signos, além daqueles que eu conhecia através do discurso heroico da guerra, surgiram de suas vozes e dispersaram-se pelo corpo na maneira incisiva em que reforçavam o caráter exaustivo da vida naquelas circunstâncias “para colocar em dúvida as certezas que nos tranquilizam”.⁵⁵ Como disse, essa interpretação dos modos de lembrar a partir dos relatos iniciais delas, pensada mais como uma *tensão relacional* do que como um *antagonismo inconciliável*,⁵⁶ não é uma leitura que fiz sozinho. Na verdade, apenas dialoguei com noções que já estavam na narrativa de Cristina a fim matizarem as suas recordações na forma como contava a sua vida.

Entretanto, deixei de mencionar um ponto importante sobre o que ela conta sobre a guerra. Diferente de Anna e Elena, não é este o assunto escolhido para começar a falar de si. O que de certo modo explica porque não há tantas referências de tempo e espaço como as outras. No que ela disse inicialmente há, de fato, aspectos que a aproximam das demais em termos de diferenciações. Porém, desde cedo, persistem noções de memória, como tratarei em seguida.

Mitos, silêncios e histórias tardias

Cristina, como mencionado na passagem do capítulo anterior,⁵⁷ começa contando que era filha de “pai brasileiro” e “mãe russa” e sobre o primeiro, por ser de uma “família de comunistas exilados”, possuir um *status* mais próximo ao das elites partidárias da época. Ela conta que “sempre teve acesso a lojas, com produtos especiais, que pouquíssima gente

⁵³ BUTLER, *Problemas de gênero... op. cit.*, p. 42.

⁵⁴ SMITH, Martin Cruz. *O fantasma de Stalin*. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 361-362.

⁵⁵ PORTELLI, *Sobre os usos... op. cit.*, p. 48.

⁵⁶ Ver a quinta seção do capítulo 3.

⁵⁷ Ver a primeira citação direta de Cristina na décima primeira seção do capítulo 1.

consumia na União Soviética”; e, que “morava em um bairro, que assim, não era um bairro de elite, mas era um bairro novo, construído na década de 19[80], mas que tinha muita gente que era filho de cientista”; embora tivessem “algumas pessoas também de famílias mais simples”. Em um tom bem humorado, Cristina brinca que “as memórias do meu pai não dá pra contar muita coisa” porque “depois eles ficavam falando que a União Soviética era maravilhosa, as condições eram ótimas”.⁵⁸ De início, fiquei admirado com essa narrativa que caminhava em um sentido bem diferente das de Anna e Elena, eivadas de dificuldades em sua expressão. O mesmo aconteceu quando ela passou a falar sobre a família da mãe:

Minha avó materna era de uma família simples. Era filha de operário, mas também era um operário mais destacado, e que trabalhou para a KGB. Então eles também tinham acesso a algumas coisas. O pai dela [da mãe] era filho de general. Então eles também tinham condições melhores que o resto do país. Ela [a mãe] também estudou em uma escola especializada em espanhol, no centro de Moscou. Estudou em uma boa faculdade.⁵⁹

Cabe destacar neste trecho que, embora siga o padrão de descrição das condições de vida, Cristina caracteriza com mais profundidade os laços familiares da mãe, referindo-se igualmente à proximidade dos avós com certas estruturas do Estado. Adiante, quando percebe que não falou sobre os avós paternos, ela se apressa em dizer que seu pai é filho de Luiz Carlos Prestes, especificando quem eram os “comunistas exilados”:

Todos eles foram pra lá [União Soviética]. Tanto o Prestes, quanto a minha avó Maria, e todos os nove filhos. Eles foram pra lá. E aí, metade se casou com russos, com mulheres russas, e tiveram filhos. Outros se casaram com um pessoal brasileiro que estava por lá mesmo. Mas meu pai foi um dos que ficou mais tempo. Ele saiu de lá em 19[92], 19[93], por aí. Ele foi com 16 anos pra União Soviética. Ele fez lá a faculdade, de graduação; e, depois trabalhou na rádio. Depois começou a trabalhar com comércio, quando ‘liberaram’ as coisas lá um pouco. Comerciante, vendia coisas, ia pro Brasil, e do Brasil pra Rússia.⁶⁰

Durante a última ditadura militar brasileira, a expulsão formal ou a perseguição incisiva que levava ao exílio foram práticas adotadas para afastar indivíduos e grupos identificados pelo próprio regime como “inimigos” de Estado, sendo Luiz Carlos Prestes uma das mais notórias figuras.⁶¹ Desde antes do golpe de 1964, o político gaúcho carregava consigo toda uma *mitologia* construída no âmbito da esquerda brasileira. Da marcha conhecida como Coluna Prestes, passando pela sua prisão durante a ditadura de Getúlio Vargas, até o referido exílio na União Soviética, Prestes representou por muito tempo a imagem do comunismo no Brasil, com

⁵⁸ DUNAEVA, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

⁵⁹ *Id., ibid.*

⁶⁰ *Id., ibid.*

⁶¹ ROLLEMBERG, *op. cit., p. 53.*

a sugestiva alcunha de *Cavaleiro da Esperança*.⁶² Cristina, porém, não se ocupa muito dos feitos do avô. Não apenas por considerar que talvez ela seja uma figura que “dispensa apresentações” para um pesquisador familiarizado com a história do século XX, mas porque, como disse em nossa segunda entrevista, havia “muita gente exilada” na União Soviética, “líderes de Partidos Comunistas de todos os países”. De modo que a imagem do avô “lá” era de alguém “comum”, comparada à das esquerdas brasileiras.⁶³

Da mesma forma como interpreta os diferentes pontos de vista do ser “comunista”, com um pouco mais de atenção Cristina passa pela situação do “exílio”. Com base na história dos tios e tias e sobretudo do pai, ela colore a definição jurídico-sociológica do termo quando as “vantagens econômicas e formas de vida, estabelecendo um quadro familiar”, não levam a um retorno da condição anterior ao exílio, mesmo depois do fim das razões políticas que o originaram.⁶⁴ Novamente, há aí uma ênfase nas condições de vida da sua família, com o objetivo de sublinhar a particularidade do seu ponto de vista. Em contrapartida, entre a descrição dos vínculos de um e outro, Cristina insere uma importante observação colocando em dúvida a aparente positividade das lembranças familiares.

E assim, as memórias deles eram essas, muito positivas. A única coisa, segundo ela [a mãe]. Ela só soube de todas as coisas que estavam acontecendo, repressões, perseguições, só na década de [19]80, durante o período de *Glasnost* etc. [...] Então as pessoas começaram a falar sobre as histórias familiares que eram ocultas, sabe. Então ela, por exemplo, contou pra gente que a avó dela... Então, o pai dela era filho de general. Este general casou com a minha bisavó, que era de uma família nobre, mas assim, não muito rica, e o irmão desta bisavó fugiu com os brancos em 1919 pra França, e aí ninguém nunca mais ouviu falar dele. Era uma história que ninguém podia saber, nem falar. Ela soube por acaso e só contou já nos anos [19]90. E, na família da minha vó também tinha um parente que foi pros *gulags* e também ninguém podia saber, nem mencionar. E também falaram disso só em [19]90. Então eu acho que esse período foi muito importante, de transição, porque realmente muitas coisas, que assim, estavam silenciadas, elas acabaram vindo à tona.⁶⁵

Num primeiro momento, Cristina narra o passado pessoal, carregando consigo outras vidas, como fizeram Anna e Elena. Mas, diferente destas, sem adentrar muito em casos específicos ou em situações dolorosas. Na verdade, ela caracteriza tudo aquilo que fez com que sua família tivesse, desde cedo, uma visão muito positiva sobre a União Soviética. É somente depois disso que ela irá contar histórias menos tranquilas, colocando em dúvida a perspectiva que ela havia acabado de descrever. As dificuldades do tio-bisavô que se exilou na França durante a Guerra Civil Russa (1917-1922) e de um “parente” da família da avó condenado ao

⁶² GAUDÊNCIO, *op. cit.*, p. 29.

⁶³ DUNAEVA, *Entrevista 2... op. cit.*, s.p.

⁶⁴ GUINSBERG, *op. cit.*, p. 163.

⁶⁵ DUNAEVA, *Entrevista 1... op. cit.*, s.p.

Gulag, não são inscritas no começo de sua narrativa, mas após a menção de um período bem mais recente, entre as décadas de 1980 e 1990.⁶⁶ Com isso, Cristina desenvolve a ideia de que tais lembranças nem sempre encontraram abrigo nas palavras ligadas ao passado familiar. A mera posição no tempo não carrega privilégio algum se “ninguém podia saber”. Por isso, não há razão para organizar – pela linha cronológica, por exemplo – memórias que dizem mais sobre o presente em que elas emergiram do que sobre qualquer “conteúdo” do que passou.

Cristina articula seu relato desta maneira como uma crítica à positividade das memórias. Seu silêncio inicial sobre assuntos mais perturbadores, é o silêncio dos que por muito tempo tiveram seu brilho ofuscado pelos holofotes da *memória-monumental* familiar, os quais só voltaram a viver, segundo ela, quando os cidadãos soviéticos foram convidados a “relembrar seus próprios passados sob luzes diferentes”.⁶⁷ Constatando assim que no pensamento dela há tanto uma noção mais espontânea do lembrar – esse espaço sideral de “1 bilhão de galáxias; poesia, paixão, memória, imaginação” –,⁶⁸ quanto teórica, no sentido de vê-lo enquanto um *artefato político*. Afinal, como disse, ela articula as lembranças esquecidas com as políticas de memória vigentes durante o governo de Mikhail Gorbachev, entre as décadas de 1980 e 1990, consolidadas no termo *Glasnost* (Гласность), “transparência”.⁶⁹ Em grande parte, as medidas memoriais do dirigente buscaram superar, por meio da deliberação pública sobre o passado, o *mito político* construído ao redor da Grande Guerra Patriótica, a fim de reconhecer o quão longe a sociedade estava da conquista do comunismo e qual caminho seguir dali em diante.⁷⁰

⁶⁶ Cabe notar que, frequentemente, o *Gulag* stalinista é colocado ao lado do *Lager* nazista, ou até mesmo como um antecessor deste, conforme as teses de Ernst Nolte, durante a já mencionada *Historikerstreit*. NOLTE, Ernst. O passado que não quer passar. *Novos Estudos*: CEBRAP, v. 3, n. 25, 1989. De fato, ambos partem de um mesmo fenômeno concentracionário do século XX. Contudo, seus objetivos não eram iguais. Segundo Traverso, “o terror stalinista nascia de uma verdadeira guerra desencadeada contra a sociedade tradicional a fim de transformar o país, com métodos extremamente violentos, em uma grande potência industrial [...] O terror nazista, pelo contrário, era aquele de um regime que não colocava em questão as poderosas elites latifundiárias, industriais e militares da Alemanha [...] A partir de 1939, será a violência de uma guerra pela conquista do ‘espaço vital’ e pela destruição do ‘judeu-bolchevismo’.” TRAVERSO, *El totalitarismo... op. cit.*, p. 145-146. Deste modo, certamente concordo com os limites conceituais das duas estruturas, sobretudo quando pensadas na ordem de seus usos e abusos. Porém, preciso assinalar que isto não deve colocar em dúvida que, tanto o stalinismo, quanto o nazismo, tornaram a vida humana um lugar de dor, sofrimento, humilhação e morte, ou negar as marcas deixadas nas carnes de suas vítimas.

⁶⁷ WOLFE, *op. cit.*, p. 269.

⁶⁸ SMITH, *op. cit.*, p. 217.

⁶⁹ Junto ao termo *Perestroika* (Перестройка), “reconstrução”, essas duas palavras, que designam as duas principais políticas de governo de Gorbachev, se difundiram pelo mundo a partir de 1985. Embora transparência seja uma tradução correta para *Glasnost*, Schnaiderman adverte que é preciso verificar algumas sutilezas. “Em russo, *golos* significa ‘voz’, e *glás* é sua forma arcaica, que se conservou em linguagem elevada. Por conseguinte, *glasnos* é aquele estado em que tudo é anunciado, em que nada pode ser escondido. Ao substantivo *glasnost* corresponde o adjetivo *glásni*, quer dizer, ‘que é público’, ‘posto ao alcance de todos’”. SCHNAIDERMAN, *op. cit.*, p. 15. *Grifos originais*.

⁷⁰ Nas palavras de Gorbachev, a “apresentação de uma realidade *sem problemas* foi um tiro que saiu pela culatra: havia cisão entre palavras e atos que gerou uma passividade no público e a descrença nos lemas proclamados [...] Precisamos do funcionamento saudável e vigoroso de todas as organizações públicas, grupos de produção e sindicatos criativos, formas novas de atividades dos cidadãos e o renascimento daqueles que foram esquecidos.

Em outro momento, enquanto Cristina falava sobre a sua vida nos anos 1980, ainda na mesma conversa, aproveitei para perguntar se foi nessa época que a sua mãe havia descoberto a história do tio-bisavô dissidente. Em sua resposta, a dimensão política e conflituosa da memória fica ainda mais evidente, pois não se tratava apenas de não conhecer o passado, como o discurso da *Glasnost* mais vinculado ao vocabulário historiográfico procurava sugerir muitas vezes, mas de que, até então, ele simplesmente não era *ativo* na esfera pública, conforme Alexei Miller.⁷¹ Até porque, segundo Cristina, ao mesmo tempo que haviam histórias realmente desconhecidas, como a de um familiar enviado aos *Gulags*, outras já eram conhecidas, porém silenciadas, antes da *Glasnost*:

Ela [a mãe], na realidade, já soube disso na década de [19]60, com a avó dela, porque ela achou um cartão de felicitações, endereçado a esse avô e ao Vladimir. Vladimir é o nome que essa avó dela deu pro filho, que era o pai da minha mãe. Só que minha mãe fez as contas e viu que era, sei lá, 1910, alguma coisa assim, então meu avô ainda não era nascido. Ela perguntou quem que era esse Vladimir, e aí ela ficou muito tempo, não quis falar, mas depois disse que ela tinha um irmão e que ele foi embora. Mas, só na década de [19]90 ela tentou procura-lo, mas não achou nada assim, sabe. Ela até viajou depois pra França, pra ver se achava algum registro, mas realmente foi uma pessoa que se perdeu. E, da parte da mãe dela, minha avó materna, aí sim minha bisavó contou que o marido dela, meu bisavô, ele tinha um irmão mais velho que foi preso, e aí eles não tinham notícias dele. Uma vez ele mandou uma cartinha, já devia estar muito mal e doente, pedindo pra mandar umas comidas que eles comiam, sabe, na infância. Mas também ninguém sabe onde ele morreu, em que ano foi isso.⁷²

Ademais, é possível dizer que Cristina também busca situar-se geracionalmente em sua narrativa. Embora diferente de Anna e Elena, ela se coloca como parte de um grupo de idade, posicionando outros, para articular as noções de memória que opera. Quando corrijo-me, depois da pergunta feita acima, elucidando que havia compreendido então que apenas a segunda história veio a público em 1990, Cristina aproveita para falar que,

[...] a minha mãe, acho que ela ficou com muita vergonha, porque ela, a *geração* dela, tinham muitos dissidentes, muitas pessoas que já lutavam por direitos humanos na União Soviética. Mas ela realmente não sabia de nada, sabe. Então, pra ela acho que foi mais pesado, porque ela era mais jovem e ela ficou muito meio, sabe, complexada. Nesse sentido de ‘aí, como é que eu não sabia?’ [...] Pra gente já foi uma coisa mais

Em resumo, *precisamos da ampla democratização de todos os aspectos da sociedade*”. GORBACHEV, Mikhail. *Perestroika: novas idéias para o meu país e o mundo*. São Paulo: Best Seller, 1987. p. 21; 32. *Grifos originais*. Nenhum desses conceitos, porém, “correspondem com exatidão a seus pares na teoria liberal”, mas com um senso de participação popular, como as associações assinaladas por Gorbachev, revertendo o quadro de afastamento da sociedade das esferas de poder. ALBUQUERQUE, *Perestroika em curso... op. cit.*, p. 108. A *Glasnost*, nesse sentido, foi uma nova agenda política consoante ao diagnóstico do governo de que havia um *déficit* de crença e compreensão do socialismo como uma organização moralmente superior a ser alcançada. Para isso, o discurso público soviético, as “palavras”, deveriam sair das relações públicas para uma efetiva deliberação pública sobre os problemas da sociedade, os “atos”, sobretudo aqueles relegados ao esquecimento. WOLFE, *op. cit.*, p. 270.

⁷¹ MILLER, Alexei. *The Turns of Russian Historical Politics, from Perestroika to 2011*. In: MILLER, Alexei; LIPMAN, Maria (org.). *The convolutions of historical politics*. Budapeste, Nova Iorque: Central European University Press, 2012. p. 253.

⁷² DUNAEVA, *Entrevista 1... op. cit.*, s.p.

orgânica né, porque nós éramos muito novos, mas esta geração da minha mãe, dos meus avós, pra eles foi bem complicado mesmo.⁷³

Como dirá em nosso segundo encontro, muitos de seus antepassados passaram por inúmeras dificuldades, à maneira dos de Anna e Elena, durante a guerra. Porém, como é possível saber agora, essas histórias contêm para ela mais um valor de sintoma de mudança de época, em que elas puderam florescer, do que de simples *dado* sobre o seu passado. Na passagem anterior, enquanto falava, notei como sua percepção se traduzia de igual forma em termos geracionais. Cristina coloca-se dentre aqueles que tiveram um maior distanciamento da importância da guerra, como aprofundarei mais adiante; da segurança nas promessas de futuro do Estado socialista; e que, de certa forma, começaram a ver a União Soviética com outros olhos. Diferente da mãe, para quem essas mudanças foram muito difíceis de serem absorvidas, na medida em que ela cresceu com a certeza de que, por trás do horizonte prometido, “se abre no futuro um novo espaço de experiência”. Seu desconforto nasce justamente quando os que ficaram pelo caminho da geração dos “veteranos” começam a reclamar o seu lugar. Afinal, segundo Portelli, “todas as coisas mortas, quando voltam a viver, doem”.⁷⁴

Apesar das diferentes localizações geracionais, não é possível dizer que não existam trocas, e mesmo identificações, entre a experiência dela e de sua mãe na forma como narra. Longe disso, Cristina coloca a experiência dela ao lado da sua para encontrar pontos em comum, construir diferenciações e mesmo elaborar-se narrativamente. Procedimento este que não é uma exclusividade sua, como indicarei em seguida.

Vidas entrelaçadas e diferenciadas

Antes de chegar nas histórias familiares conhecidas tardiamente pela família de Cristina, ela havia avançado um pouco mais nas lembranças da mãe, especialmente sobre ela contar “que desde cedo ia sozinha pra escola, que era em outro bairro, e pegava metrô”; o que “era comum pra todas as crianças”. Fala que teria passado “sem muito destaque”, conforme ela disse, não fosse o fato dela descrever as suas primeiras lembranças com um sentido muito semelhante:

Eu fui pra escola em 19[82], com sete anos. Era escola de bairro mesmo. São aqueles bairros que tinham em todas as cidades grandes, que foram construídos em massa na década de [19]70, [19]80, que são aqueles prédios enormes [...] Ele tinha 16 andares, eram oito entradas. Era muita gente morando junta. Era um paredão e na frente tinha outro paredão. No meio tinha um hotel e a escola, que era a nossa escola de bairro; e, do lado uma creche. Então era muito perto, assim, a escola. Essa era a vantagem, você via a escola da janela, e era pertinho [...] Então, as memórias que tenho era que *a gente*

⁷³ *Id., ibid.*

⁷⁴ PORTELLI, *Sobre os usos... op. cit.*, p. 48-49.

*brincava muito na rua sozinho, porque os pais trabalhavam, os avós geralmente também trabalhavam, ninguém se preocupava muito com questões de segurança.*⁷⁵

Ela não estabelece uma localização no tempo vinculada tão diretamente a alguma imagem mais coletiva, como fizeram Anna e Elena. Em compensação, recorre a um “espaço de experiência” comum, informada por noções de tempo e espaço, para falar de suas “origens”; ideia que, como em todas as narrativas vistas até agora, “só se torna disponível retroativamente e através da tela”, ou melhor, das *janelas*, “da fantasia”, conforme Butler.⁷⁶ O solo que Cristina compartilha é o mesmo que, em tom de trivialidade, ganhou poucas linhas ao falar sobre a mãe, mas transposto a si adquire nova vida, intercalando a sua experiência com a dela. Além disso, cabe ressaltar o fato de Cristina localizar geracionalmente como “criança” a mãe, e a si própria na narrativa, algo já feito por Elena e que irá aparecer entre as outras entrevistadas.⁷⁷ Quando associa as duas experiências, ela permite sugerir que essa categoria da diferença não é apenas uma etapa ou uma fase numerável da vida humana, conforme Silvia Cárcamo, mas uma relação intensiva com o movimento.⁷⁸ A sua noção de espaço não ultrapassa os limites do seu bairro. É o mundo de prédios largos e paredes estéreis, bem como do ambiente escolar, que Cristina descreve, gesticulando suas formas no ar, o palco da narrativa. Nele, a lembrança que as une, é da despreocupação com a circulação das crianças fora de casa, de modo que os espaços públicos ganham uma proximidade, como se fossem tão íntimos quanto o próprio lar.

Enquanto acompanhava Cristina, não pude deixar de recordar da descrição detalhada de Anna sobre o seu apartamento.⁷⁹ Deixo essas semelhanças, porém, para outra ocasião mais adiante.⁸⁰ Nestas páginas, como disse, me ocupo de outras relações que, da mesma forma, surgiram através da lembrança, no momento da entrevista, de construções narrativas muito semelhantes. Neste caso, da apresentação das “origens” por meio das vidraças de outras vidas. Antes de ouvir Cristina, eu já havia me deparado com esse *jogo de espelhos* para falar do “si mesmo” no depoimento de Irina. Filha de pai egresso do Brasil e mãe nascida na Rússia, ela começou igualmente caracterizando os seus familiares e as suas condições de vida.

Eu nasci em 1965. 23 de janeiro de 1965. Na cidade de Moscou. Meu pai era Esmeraldino Aragão dos Santos, baiano. Foi pra [...] Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba, em 1961. Ele foi pra lá pra cursar medicina. E lá, depois, ele conheceu minha mãe, Galina Seminovna Dubovtseva, que na época ela já estava formada. Ela trabalhou como engenheira físico química. E nós nascemos lá. No caso

⁷⁵ DUNAEVA, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

⁷⁶ BUTLER, *Relatar a si mesmo... op. cit., p. 73.*

⁷⁷ Ver as próximas duas seções deste capítulo e da segunda até a quinta do capítulo 3.

⁷⁸ CÁRCAMO, Silvia. Infância e memória. In. GONZÁLEZ, Elena Palmero; COSER, Stelamaris. *Em torno da memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Letra 1, 2017. p. 210.

⁷⁹ Ver a segunda seção da introdução.

⁸⁰ Ver a sexta seção deste capítulo.

eu e meu irmão. Eu nasci em [19]65. Meu irmão nasceu em 1967. O meu pai passou na Rússia... na União Soviética, nove anos. Ele morou lá nove anos. Ele fez a residência, ou seja, ele fez toda a formação médica lá [...] Lógico que haviam, inclusive, alunos que foram estudar lá, brasileiros ou outras nacionalidades, vinculados com o Partido Comunista. Mas, nesse caso, o meu pai não era do partido. Ele, assim como vários outros, também não eram. Foram pessoas que tinham restrições, digamos, financeiras, econômicas, a gente pode dizer assim, na cidade de origem; e, a família não podia pagar, por exemplo, um estudo de ensino superior [...] Ele vinha de uma *família humilde*, que não teria a menor condição de pagar pra ele, ou mantê-lo estudando medicina por tanto tempo, sem que pudesse trabalhar, alguma coisa do gênero. Então ele chegou muito jovem lá. Saiu daqui com 18 anos.⁸¹

Ao contrário de Cristina, Irina informa a sua data de nascimento, e não de entrada na escola, antes de apresentar quem eram os seus pais. Apesar disso, ela também divide a sua sequência narrativa entre a história do pai e da mãe, destacado as suas condições de vida na União Soviética. É importante notar como não há, por um lado, uma descrição da ascendência (avós, avôs, etc.). No máximo, a afirmação de que a família do pai era muito humilde. Por outro, isso explica os pontos que a distinguem de Cristina que, à primeira vista, pareciam partilhar origens similares. Esmeraldino, embora brasileiro, não se deslocou para a União Soviética por razões sociopolíticas, nem possuía no país natal qualquer vínculo partidário, muito menos os de uma figura tão mítica quanto Prestes. Segundo Irina, a busca por “melhores condições de vida” foi o que moveu seu pai,⁸² com a possibilidade de cursar ensino superior, sem impor nenhum custo à família no Brasil, na Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba.⁸³ Deste modo, a ausência dos laços familiares mais extensos evidencia como as suas circunstâncias de brasileiro na União Soviética eram outras, sem o precedente da atuação política que, no exílio, dava acesso a outros patamares sociais.

Em um primeiro momento, ouvindo sobre o pai, imaginei que Irina não havia falado sobre a infância deste por achar que eu não teria interesse em saber sobre a sua vida no Brasil. Contudo, quando passa para a mãe, ela também não menciona nenhuma lembrança mais distante, começando exatamente pelo mesmo momento da vida do primeiro, o de aquisição de uma profissão. Sua escolha fica mais evidente conforme a narrativa avança, embora ela já tivesse deixado um sinal logo no início, isto é, o “*eu nasci em...*”. Em outras palavras, quero

⁸¹ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

⁸² ROLLEMBERG, *op. cit.*, p. 41.

⁸³ A Universidade da Amizade dos Povos foi criada em fevereiro de 1960, em Moscou, ligada ao Comitê Soviético de Solidariedade dos Povos da Ásia e da África; a União das Sociedades Soviéticas de Amizade e Relações Culturais com Países Estrangeiros; e, o Conselho Central dos Sindicatos da União Soviética. No ano seguinte, ela recebeu o nome de Patrice Lumumba, em homenagem ao líder do movimento de libertação nacional da República do Congo. Segundo sua cartilha de 1970, sua principal tarefa é dar oportunidade aos jovens dos países da Ásia, da África e da América Latina de adquirirem ensino superior na União Soviética. UNIVERSIDAD DE LA AMISTAD DE LOS PUEBLOS PATRICIO LUMUMBA. *Prospecto*. Moscou: [s. e.], 1970. p. 3-4.

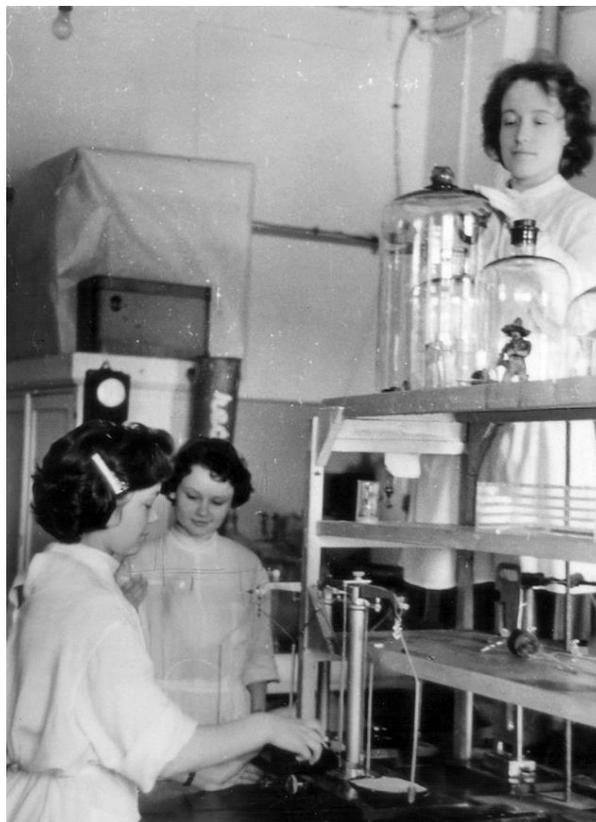
dizer o seguinte: era ela, desde sempre, a protagonista da história, intercalando-se com seus pais em tempos variados. Mas isso só pude perceber depois de ouvir várias vezes o mesmo trecho.

Figura 1. Esmeraldino, década de 1960



Fonte: Irina Aragão dos Santos (arquivo pessoal), 2021.

Figura 2. Galina (centro), década de 1960



Fonte: Irina Aragão dos Santos (arquivo pessoal), 2021.

Depois de situar quem eram seus pais, Irina traça um itinerário dos estudantes que chegavam na União Soviética para cursar a Patrice Lumumba. Assim como o bairro de Cristina, o espaço universitário vai adquirindo forma e sentido de proximidade com o uso das palavras e dos gestos. O roteiro de viagem e o estudo do idioma são descritos detalhadamente. Em seguida, ela abre um pequeno parêntese para explicar os exames médicos que os recém chegados à universidade precisavam realizar, “como se fosse uma quarentena”, destacando a importância destes cuidados em paralelo com a situação de isolamento que nós vivíamos naquele momento.⁸⁴ Até então, tudo isso era contado como se o sujeito da narrativa fosse seu pai. Contudo, o percurso de Esmeraldino não é traçado a partir das lembranças que este compartilhou com Irina, mas do ponto de vista dela, quando ela foi estudante da Patrice

⁸⁴ Ver a primeira seção do capítulo 1.

Lumumba em meados de 1980. “Estou te falando como foi o roteiro, comigo foi assim, igual”;⁸⁵ e; segue ela sua jornada pelos dormitórios, salas de aula e bibliotecas da universidade.

É somente após a construção desse mundo de letras, com entonação professoral e gestos que buscam desenhar cada local, que Irina passa a apresentar algumas fotografias selecionadas. As primeiras correspondem, justamente, à época de seu pai na universidade. Conforme passa cada imagem, ela busca reconhecer as pessoas, os locais, as ocasiões, as estações do ano, além de marcas que conferem o sentido de mostrá-las para mim. “Repara, tá vendo esse casaco que eles estão usando aqui”, pergunta ela, quando chega em uma fotografia de Esmeraldino (*Figura 1*). “Todos os alunos recebiam o mesmo casaco”, responde em seguida. “Aqui minha mãe no laboratório, no trabalho dela, no laboratório de físico-química. Ela trabalhava com gases”, explica ao descrever uma fotografia de Galina, junto de outras colegas (*Figura 2*). Por sinal, objetos, vestimentas e outros tantos elementos, não lhe servem apenas para identificar as fotografias enquanto *artefatos estáveis*, mas como vetores de “inquietantes estranhezas de tudo que é suscetível de se metamorfosear” no tempo.⁸⁶ Assim, de um pequeno detalhe das roupas dadas pela universidade, que paramentavam os estudantes “com uma infraestrutura mínima pra essa nova realidade”, Irina explorava, por exemplo, questões relativas à diferenciação, que não estão presas apenas ao passado:

I: [...] não foi meu caso, mas eu vi muitos alunos que vinham, por exemplo, do Afeganistão, da África. Gente que veio, por exemplo, do Siri-Lanka, da Índia. Você vê que essas pessoas elas não tinham algo que a gente pode falar, tipo assim, *um sapato mais quente*. Você vê que as pessoas não faziam ideia do que era o inverno. E pessoas muito pobres também. Muito, muito, muito pobres [...] Tanto que eu tenho uma história muito engraçada [...] Eu fui na mesma época que uma moça de Goiânia, chamada Ivanira [...] Embora eu não precisasse de alojamento [...] porque tinha parente [lá,] [...] eu fiquei no quarto com uma moça síria que fazia medicina; e, a Ivaniria foi para outro quarto, que era um quarto de três [...] Uma das moças que estava no quarto era do Iêmen. A moça levava panela de comida pra debaixo da cama...

L: Nossa...

I: Com comida... A gente chegou depois da aula [e] [...] ficamos assim ‘mas que cheiro é esse!’ A gente não conseguia identificar de onde vinha o cheiro. Aí nós começamos a examinar o quarto delas pra saber que cheiro era aquele; e, por acaso, [...] alguém resolveu levantar a colcha da cama [...] Encontramos inúmeras panelas com comida dentro, azeda. E você vê [...] *pra ela simplesmente aquilo não era um problema...*

L: Sim.

I: Aliás, esse é um dos aspectos que eu... Quer dizer, estar em contato com outras culturas [...] é a parte da experiência mais incrível. *Assim como com ele e assim quando eu estive*, também lembro de ter convivido com quem você nunca imaginou. Que gente é essa, quem são essas pessoas? Por exemplo, você de repente... eu não sabia até então onde era o Iêmen. Quer dizer, fora o mapa geográfico. Eu acho que isso também é uma outra coisa bacana. Não é apenas você estar dentro de outra *estrutura*, mas dentro de uma outra estrutura com as suas *relações*. Então você começou a conhecer culturas que não são do seu eixo anterior de alinhamento [...]

⁸⁵ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

⁸⁶ DIDI-HUBERMAN, *O que vemos... op. cit., p. 56.*

L: Sim.

I: Então era um circuito muito diferente de realidades. Eu volto a dizer, *não era só na minha época, como na do meu pai também*.

E aí, depois disso, você começava a ter as aulas. Por um momento, os alunos vão ter aula de russo e vão ter também aulas de, das outras disciplinas, nos idiomas. Então é como se eu fosse aprender o russo com os termos, as teorias básicas, no russo. E assim é um ano inteiro. E nesse ano, faziam uma outra coisa [também], que eu achava sensacional. Eles levavam os alunos em várias excursões. Excursões a museu, teatro.⁸⁷

Neste trecho, não há como não lembrar da crítica de Irina à noção de *Cortina Ferro*.⁸⁸ Amparada pelas imagens pessoais, a atenção ao vestuário permite que ela aborde, por meio de sua experiência pessoal, a diversidade de modos de vida que ela diz ter enxergado durante a sua passagem pela Lumumba. Cada componente lhe serve para demonstrar tanto como o local de destino foi um ponto de cruzamento de culturas diversas, quanto as ideias que ela própria adquiriu ao conviver com “outras culturas”.⁸⁹ De certa maneira, segundo Peter Burke, Irina sugere que a sua experiência foi uma “forma de educação”.⁹⁰ Não apenas pelo caráter, de fato, educacional de seu retorno à União Soviética. Mas por aprender no *encontro* com “essas pessoas” que, segundo Brah, o “diferente” é uma questão “contextualmente contingente”.⁹¹ Como afirma no caso da colega de quarto, ele não representa, universalmente, sempre um “problema”. Antes disso, é preciso saber de que lugar ele resulta. E, para tanto, é preciso passar da autópsia das *estruturas* para o mergulho em suas *relações* – tomando emprestado as suas palavras –, como lhe foi permitido pelo espaço universitário. Com as imagens, Irina também busca expressar esta dinâmica na medida em que ela não as olha “de cima”, mas “debruçada”, conforme Didi-Huberman,⁹² para assinalar as dezenas de outras possibilidades de vida e as que se intercalam a sua, como a de seu pai, na diversidade.

⁸⁷ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

⁸⁸ Ver a nona seção do capítulo 1.

⁸⁹ A universidade Lumumba “aprofundou o envolvimento de Moscou com as áreas não europeias do mundo e constituiu a tentativa mais ambiciosa do socialismo soviético de ‘se globalizar’ por meio de educação”. KATSAKIORIS, Constantin. The Lumumba University in Moscow: higher education for a Soviet–Third World alliance, 1960-91. *Journal of Global History*, v. 14, n. 2, 2019. p. 283.

⁹⁰ BURKE, Peter. *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*. São Paulo: Unesp, 2017. p. 32.

⁹¹ BRAH, *op. cit.*, p. 347.

⁹² DIDI-HUBERMAN, *Pensar debruçado... op. cit.*, s.p

Figura 3. Esmeraldino (terceiro, à esquerda), década de 1960



Fonte: Irina Aragão dos Santos (arquivo pessoal), 2021.

Figura 4. Irina (centro), década de 1980



Fonte: Irina Aragão dos Santos (arquivo pessoal), 2021.

Assim, Irina segue entrelaçando não apenas experiências de vida, ou as descrevendo a partir daquilo que ela mesma passou, mas imagens que, mesmo referidas à outras épocas e protagonistas, recebem o mesmo tipo de descrição. Em dado momento, ela se concentra em uma fotografia em que o pai surge rodeado de colegas sentados em um gramado aberto, à frente de uma paisagem campestre (*Figura 3*). Todos eles usando o mesmo casaco da universidade, os quais ela vai apontando quem “também era médico”, os “engenheiros” ou quem hoje “é

aposentado”. Algumas fotografias depois, ela irá cortar para dizer “essa aqui já sou eu”, apresentando uma imagem muito semelhante a do pai (*Figura 4*). Embora de pé e em um ambiente urbano, a mesma disposição de grupo, com ela ao centro rodeada de colegas, é apontada. Com mais atenção aos detalhes, Irina conta que se tratava de uma viagem a uma colônia de férias, durante o inverno, para “São Petersburgo, que era Leningrado”, onde “a gente ficava um mês”; e, procurando me situar, descreve que “essa praça aqui, tá vendo, é uma praça em frente ao [Museu] Hermitage” e quem a acompanhava na ocasião.⁹³

Antes dela começar a mostrar essas fotografias, eu havia reforçado a questão, que ela mesma já havia apresentado, sobre ter estudado “na mesma universidade que o pai”. Até aquele instante, este ponto em comum era o principal elo entre essas duas experiências em sua narrativa. Contudo, quando assinalo em minha fala tal ligação, Irina procura imediatamente estabelecer mais laços de vida com a sua, recorrendo assim aos motivos que a fizeram retornar para Moscou, de modo que a mãe adquira uma grande importância nesse momento.

É, eu consegui a bolsa, porque na época havia uma organização chamada *Obshchestvo Rodina* [Общество Родина], Sociedade Pátria, [...] que fazia a ligação com os soviéticos fora da União Soviética [...] Eu estava na faculdade já. Eu estava no terceiro ano de Desenho Industrial na UFRJ, Escola de Belas Artes, aqui no Rio [...] O que eu acho importante sempre dizer é que a minha memória de infância na Rússia e a minha memória da fala do meu pai, da fala da minha mãe, da fala dos meus parentes, que tinham uma importância enorme, ela sempre foi muito *positiva*. Muito positiva. Então eu ficava remoendo constantemente, ‘mas eu tenho possibilidade’, ‘por que você não vai estudar, você tem o idioma, por que não vai?’ [...] Outra informação que eu acho importantíssima, minha mãe [...] com toda bagagem que ela tinha, intelectual, era pra mim uma *grande referência*. O que eu quero dizer com grande referência? Minha mãe é responsável por eu ser leitora hoje [...] Minha memória de minha mãe jovem, era minha mãe com um livro na mão, [...] minha mãe na rede com livro, minha mãe na cama com livro. Nós sempre tivemos muitos livros. Ela leu Jorge Amado pela primeira vez em russo, não em português. Nós temos esses livros. Castro Alves, Jorge Amado, Machado de Assis. Eu vou te dizer, tenho eles originais da década de [19]60 aqui em casa, que foram traduzidos para o russo. Ela conheceu esses autores lá [...] Bom, e aí eu fui pra Moscou em [19]85 [...] Eu tranquei a faculdade na UFRJ e fui pra lá, pra Patrice Lumumba, pro curso de Engenharia Civil.⁹⁴

Logo depois de descrever o funcionamento da universidade e a importância do contato com “outras culturas”, Irina contou rapidamente sobre a decisão, “quando meu pai resolveu”, após terminar “toda a trajetória de estudos”, de ir para o Brasil, em 1971. Como ele, muitos brasileiros que estudaram na Lumumba, segundo ela, também retornaram, os quais constituíram o seu principal “círculo de amizades” no país. De certa forma, a passagem anterior soma-se a isso revelando como o caráter “educativo” do deslocamento é encarado por Irina como algo até mesmo anterior ao seu retorno à União Soviética; e, como a circulação por diferentes lugares,

⁹³ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

⁹⁴ *Id., ibid. Grifos meus.*

reforça a fluidez de qualquer classificação, como ela salientou ao não se considerar uma migrante.⁹⁵ Primeiro, porque a sua experiência de ir para o Brasil não é igual a de seu pai. Esmeraldino, conforme conta, viveu no exterior “junto da expectativa de retornar em algum momento”, segundo Burke.⁹⁶ Já ela, procura expressar como até 1985 construiu no Brasil um desejo de voltar para o mundo que para ele era “estrangeiro”, a partir das lembranças dos parentes que lá ficaram, dos amigos que vieram e, principalmente, das “referências” que a mãe trouxe na “bagagem”. Segundo, porque o próprio conteúdo de suas malas é, ao mesmo tempo, *insider* e *outsider*.⁹⁷ Embora falem em russo, seus livros de cabeceira são de Castro Alves, Jorge Amado e Machado de Assis.

Os vínculos espaciais, como os arredores do lar ou o *campus* universitário, nos casos de Cristina e Irina, respectivamente; além das sobreposições dos fragmentos das suas lembranças com as de seus pais; em grande medida as auxiliam a falar de si e buscar os sentidos de suas escolhas. Procedimento este que, com todas as suas nuances, resulta em decisões até mais duradouras, como a escolha de uma profissão, conforme as narrativas que observo em seguida.

Cantar e traduzir a vida

Antes de me adiantar no relato de Elena e perguntar sobre a vida dos avós,⁹⁸ ela havia sutilmente entrado em alguns aspectos da vida dos pais, os quais retornaria depois de salientar a dificuldade de falar em casa sobre aqueles assuntos que a indaguei. De maneira breve, Elena comentou como eles se conheceram. Sem deixar de reforçar o caráter precário das condições de sobrevivência à época, o encontro de seus pais é, de certa forma, um *interlúdio*, para utilizar uma metáfora musical, das possibilidades de vida naquele momento em que o país se encontrava ainda arrasado pela guerra. Depois da catástrofe, era preciso voltar a cantar.

Meus pais, nessa época, sempre falavam que a vida era, materialmente e financeiramente, muito pobre, muito difícil. Mas, ao mesmo tempo, essa era a época quando começou o *jazz*, e eles se conheceram, justamente, em um baile de *jazz*. Que a minha mãe organizava e o pai tocava piano e saxofone [...] As pessoas se juntavam, em qualquer mesa, ou na rua, qualquer festa, todo mundo junto cantava.⁹⁹

Mais adiante, quando retornamos a esta passagem, não há, por sua vez, uma quebra muito drástica em relação ao que ela já vinha contando sobre as condições de vida dos avós, na medida em que a escassez de alimentos, acompanhada pela fome, segue como uma das

⁹⁵ Ver a nona seção do capítulo 1.

⁹⁶ BURKE, *op. cit.*, p. 33.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 34.

⁹⁸ Ver a segunda seção do capítulo 2.

⁹⁹ GAISSIONOK, *Entrevista 1... op. cit.*, s.p.

principais marcas daquele momento. Apesar disso, a lembrança que aflora em meio à penúria, conforme surgiu ao falar dos pais, é outra vez a da música, proveniente tanto das canções que ela canta “até agora”, quanto dos sons do ambiente em que morou durante a infância:

Dos anos [19]60, [19]70, que a minha infância [se] passou. Eu tenho só *lembranças lindas* [...] Com três anos, meus pais moravam na cidade de Miass, perto das montanhas Urais. Trabalhavam lá; e, por isso, a minha infância é muito ligada à natureza, aos bichos que eu via, selvagens. Bem perto, junto com o pai, com três, cinco anos de idade, alimentando os animais no inverno. Muita, muita coisa. E, muita fome. O meu pai, por isso, foi obrigado a caçar e pescar, porque na loja não tinha comida suficiente não. Tinha pão, as crianças tinham um litro de leite por semana [risos]. Tenta distribuir [risos]. Mas, a infância é linda. E muita música [...] Alguém pegava o violão, o pai o saxofone [...] sempre, sempre tinha música [...] Até agora eu canto essas músicas.¹⁰⁰

Na esteira de Cristina e Irina, Elena se estende pela descrição do mundo que lembra ter vivido na infância, e a persistente nota de encanto na sua voz e no seu olhar ressoa uma certa musicalidade em seu depoimento. Da mesma forma, ela entrelaça o ambiente campestre e as outras vidas que sobrevivem em suas palavras para falar das suas “origens”. “Pra gente, o peixe mais cotidiano era a truta”, conta ela. “No lago, os peixes estão de baixo do gelo, se escondem, mas a truta não e a gente comia truta”, explica sorrindo. “Tinha muito bicho. Quando você deixa, eu lembro, muito bicho chegava. A gente alimentava ‘assim’”, acena ela com a mão, como se estivesse diante dos cervos, veados e coelhos que viviam nos arredores de sua casa. Além do convívio com a natureza, a fauna e a flora também são vistos como lugares de sociabilidade. “Cada primavera, na cidade, na aldeia, todo povo sai de casa, cada um com o seu instrumento. Limpa, planta árvores que não aguentaram o inverno...” e, em tom de brincadeira, conclui, “esse ditado, o homem deve plantar uma árvore, ter filho e escrever um livro. A gente tá rindo, mas a gente plantou tantas árvores que já não precisa nem de livro, nem de filho, porque eu já não lembro quantas árvores eu plantei durante toda a minha vida”.¹⁰¹

Semelhante ao relato de Irina, depois de falar sobre os anos em que viveu na região montanhosa dos Urais, ela narra o retorno à Moscou. Em 1968, a “gente voltou pra Moscou. Eu nasci em 19[61]. No mesmo ano, ou meio ano depois, eles foram pra” Miass, comenta Elena. Apesar de não ser uma movimentação internacional, igual a de Irina, ela também esboça uma ideia de bagagem que carregou consigo para viver agora longe do espaço de infância. Neste caso, é a música que a segue novamente para descrever e dar sentido ao novo lar.

Os meus pais receberam um apartamento, não pagavam nenhum tostão [...] Isso foi [com] aquele [Nikita] Khrushchov [...] Tinha uma mesa grande, televisão, armário, tudo, tudo estava lá... tudo pequeno. Quando tinha festas, a mãe colocava a toalha

¹⁰⁰ *Id., ibid.*

¹⁰¹ *Id., ibid.*

nessa mesa pra visita, pra festa. A festa no máximo eram oito pessoas. Era o máximo. A gente bebia, comia e cantava.¹⁰²

Até a década de 1950, em que Elena situa a juventude dos pais, o nível de conforto dos soviéticos era baixo, com muitas famílias tendo que dividir uma mesma habitação, as chamadas *komunalkas* (коммуналка).¹⁰³ Frente a isso, Khrushchov “iniciou a construção em massa de prédios altos, de fabricação rápida e barata, para abrigar famílias individualmente e diminuir o déficit habitacional”.¹⁰⁴ Eu, no entanto, não havia compreendido qual era o tipo de domicílio que Elena estava falando e, ao perguntar se tratava-se de uma *komunalka*, ela logo responde “não, não, não um apartamento”. Por um lado, ao dizer isso, ela reforça a ideia expressa no trecho anterior de que, apesar de simples e pequeno, pertencia a sua família e atendia a todas as necessidades. Por outro, não se tratava apenas das condições financeiras e materiais, como já havia dito, mas especialmente dos laços afetivos que, de certa forma, preenchiam os quartos do apartamento de música e vida. Assim, tanto para Irina quanto para Elena, a capacidade de se mover e viver em outro ambiente, cidade, casa, lugar e assim por diante emerge sempre “entrelaçada às relações amorosas”, segundo Passerini.¹⁰⁵

Para Elena, a música é um aspecto afetivo que a auxilia na elaboração das lembranças; na descrição dos espaços, no entrelaçamento de histórias adjacentes e na transposição do que ela enxerga como momentos de *passagem* na sua vida – do campo para a cidade –; e, na dos outros – o *jazz* para seus pais enfrentarem as asperezas do mundo. Nessa direção, a musicalidade da sua narrativa não é restrita a momentos específicos, em que se exige alguma saída diante das dificuldades de elaborar alguma situação. Pelo contrário, ela perpassa os mais diversos momentos da sua vida, os quais apresentarei no próximo capítulo,¹⁰⁶ para chegar até *quem ela busca ser no presente*. Depois de seguirmos conversando sobre outros assuntos, na sequência da vida que ela começava em Moscou, em 1968, Elena resgatou essas primeiras lembranças para falar sobre a decisão de “viver e trabalhar no teatro”. Em suas palavras, “desde criança, desde pequena, eu nunca tive medo de entrar no palco. Nunca tive. Isso é muito estranho. Pra mim o palco sempre foi óbvio.” Conforme sugeri na seção anterior, muitos dos vínculos estabelecidos pelas narrativas, reforçando a ideia de Butler sobre o que é falar de “origens”, servem para colocar, de modo retrospectivo e duradouro, quem está diante de mim.

¹⁰² *Id.*, *ibid.*

¹⁰³ Criadas de modo embrionário durante as primeiras décadas da União Soviética, as *komunalkas* eram moradias comunitárias subsidiadas pelo Estado, em que várias famílias dividiam o mesmo espaço. Elas se expandiram, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial. SEGRILLO, *O declínio da URSS... op. cit.*, p. 20.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 21.

¹⁰⁵ PASSERINI, *op. cit.*, p. 128.

¹⁰⁶ Ver a segunda seção do capítulo 3.

O fato de não haver um *é*, e sim um *querer ser*, não quer dizer que toda narrativa ouvida é pura ilusão; significa que no momento em que alguém narra, segundo Butler, este se torna um filósofo especulativo, um romancista ou, no caso de Elena, uma cantora da sua própria vida, ainda que entre as *janelas* da imaginação.¹⁰⁷ Seu caso, obviamente, não é o único. Não em relação ao caráter contingencial da narrativa, mas ao desejo de transmitir, com uma durabilidade que retrocede até às “origens”, quem está falando no presente, enquanto resultado da uma vida cantada pela narrativa. Na medida em que Elena falava sobre a “obviedade” de trabalhar desde então com as artes cênicas, eu recordava de minha primeira entrevista com Anna. Nesta, depois de descrever aquele “espaço de experiência” de sua família, ela prosseguiu de maneira muito semelhante falando sobre a vida dos pais, identificando transições e continuidades. Depois de contar sobre a passagem deles pela Polônia,¹⁰⁸ Anna passa para o retorno destes à cidade natal do pai, Donetsk, na Ucrânia, onde, disse ela, “eu nasci”. Em função de alguns problemas de saúde, e para ser liberado do serviço militar, Anna conta que Yakov começou a fazer faculdade e, depois de formado em Engenharia de Alimentos, foi convidado para trabalhar no Instituto Científico de Kiev, na década de 1970. O que demandou a mudança da família para a capital.

Os primeiros anos em Kiev não eram muito fáceis para nós [...] Nos primeiros dois anos dividimos com uma família de três pessoas [...] O pai adoeceu, apareceu a doença de rins, pela qual ele saiu do militar. Então, foi muito complicado, isso eu lembro, porque tinha que mudar a cada ano. Mas depois, eu já quase com 14 anos, 14 anos, conseguimos, pelo trabalho do pai, conseguimos um apartamento só nosso.¹⁰⁹

É possível notar em sua fala muitas semelhanças com várias outras mencionadas. Primeiro, a entrada no assunto pelas condições de vida, como fizeram Cristina e Elena, ainda que diferentes entre si. No caso de Anna, não apenas “materiais ou financeiras”, como disseram as outras duas, mas em relação à saúde do pai, de modo que as primeiras lembranças não são de lugares propriamente afetivos, como um bairro ou um bosque de infância, mas do ambiente hospitalar. “Eu lembro que ele ficava bastante tempo, já que era um problema no rim”, disse Anna logo depois, porque “ele chegava a ficar tipo três semanas, depois ficava em casa, daí convalescia e voltava” para o hospital. Segundo, embora seja uma memória mais aflitiva do que afetiva, as dificuldades iniciais são recompensadas na narrativa com a passagem do ambiente hospitalar para a sua primeira moradia. Ainda que isso, segundo ela, também não tenha sido “fácil”, a julgar pelo tempo que levaram para conseguir um apartamento individual, como comenta. Mesmo assim, “nunca foi por causa do dinheiro”, adverte, o problema foi que “eram

¹⁰⁷ BUTLER, *Relatar a si mesmo... op. cit.*, p. 103.

¹⁰⁸ Ver a segunda seção do capítulo 2.

¹⁰⁹ SAVITSKAIA, *Entrevista I... op. cit.*, s.p.

muito poucos, foi questão de achar.” Na sequência, Anna segue enfim pela já avultada descrição em detalhes dos cômodos até a procedência dos móveis, passando pelas relações de convivência com “os vizinhos de baixo”, com quem dividiam a mesma “linha telefônica”. Como disse Irina, não se trata de estar dentro de *estruturas* diferentes, mas das *relações* que são cultivadas e, em grande medida, explicam a necessidade de lançar mão de descrições tão detalhadas. É o brincar na rua do bairro; o conhecer “outras culturas” na universidade; o alimentar os animais e cultivar coletivamente o campo, o que, de fato, se quer transmitir.

Conforme indicarei no próximo capítulo,¹¹⁰ os lugares afetivamente descritos até aqui não são os únicos. E, embora o relato de Anna sobre sua moradia talvez tenha soado em minha escrita como uma espécie de “narrativa inaugural”, que avivou a minha atenção para outras descrições de mesmo tipo, foi sobre outro lugar que ela teceu uma fala ainda mais apaixonada. Da mesma forma que Elena, Anna conta uma situação de imersão em *relações* coletivas que, como foi a música para a primeira, a acompanhou em diversos momentos vida.

Tanto no segundo grau, e antes eu acho, na sexta, sétima série, sempre era uma prática coletiva, como a gente chamava. No verão, normalmente, em torno de 30 dias, uma coisa entre 25, 30 dias. A gente morava perto de um *kolkhoz*, perto de Kiev, e ajudava na colheita. O que dava. Por exemplo, no colégio, a gente juntava lúpulo [...] Olha, olhando pra trás é uma das experiências mais legais. Na faculdade é a mesma coisa. O primeiro ano era beterraba, que a gente juntava. Beterrabas, não essas pequenas, umas beterrabas maiores, que usava na alimentação do gado. No segundo ano, se não me engano, eram umas abóboras. Enfim, o que precisava.¹¹¹

O termo *kolkhoz* (колхоз) é um acrônimo de *kollektivnoe khoziaistvo* (коллективное хозяйство), que pode ser traduzido como “fazenda comunitária”.¹¹² Afora os períodos e os alimentos que eram colhidos, como também mencionou Elena ao descrever a vida no campo, a importância do *kolkhoz* para Anna está na interação com as pessoas, no trabalho coletivo e na persistência desta atividade ao longo de sua vida. Como conta mais adiante, foi durante os anos de faculdade, em práticas assim, que ela conheceu seu futuro marido, Oleg, egresso da cidade ucraniana de Ostroh. Portanto, há entre os relatos de Anna e Elena uma ideia de *oportunidade* e *finalidade* dos espaços para além dos imperativos habitacionais ou econômicos. Oportunidade no sentido do que eles puderam lhes oferecer em termos de trocas e experiências de vida; e,

¹¹⁰ Ver a terceira e a quarta seção do capítulo 3.

¹¹¹ SAVITSKAIA, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

¹¹² Este modelo surgiu a partir da coletivização agrária de 1928. Nas palavras de Stalin, a saída para o desenvolvimento econômico está “na transição [um eufemismo para expropriações, deportações e um sem número de conflitos entre as forças do Estado e os camponeses] das pequenas propriedades camponesas espalhadas e atrasadas para as grandes fazendas comunitárias, amalgamadas e de larga-escala, equipadas com maquinário, armadas com conhecimento científico e capazes de produzir um máximo de grãos para o mercado.” *apud* SEGRILLO, Angelo. A questão do “fardo” da agricultura na economia soviética e sua influência no desencadeamento da Perestroika. *Estudos de História*, v. 5, n. 1, 1998. p. 175.

finalidade, enquanto aquilo que elas conquistaram, como brincou Elena com o provérbio do livro, da árvore e dos filhos. Além disso, ainda que de maneira bem mais sutil, é possível notar a subversão de alguns papéis de gênero por meio das práticas de trabalho coletivo. A imagem da camponesa, ou da “agricultora coletiva”, foi uma constante no sistema simbólico soviético, oscilando sempre entre a analogia da “fertilidade”, próxima da ideia da mulher não-combatente discutida anteriormente; e da “produção”, fruto de um preparo físico supostamente ligado à função laborativa.¹¹³ Em suas narrativas, porém, se expressa uma horizontalização das relações de trabalho, em que elas não atribuem a si próprias as tarefas ligados ao campo.

Entretanto, em outros trechos, os quais apresentarei no próximo capítulo,¹¹⁴ essa transversalidade também será contraposta por situações em que determinadas tarefas são reconhecidas como atribuídas apenas ao signo da mulher soviética. O que mesmo enquanto um denúncia delas também funciona como crítica ao universalismo. Nas passagens anteriores, convém sublinhar que elas circunscrevem muito bem em quais situações a horizontalidade é sentida. Durante a chegada da primavera no campo e nos períodos de colheita no *kolkhoz*. Para Anna, no entanto, o sentido do trabalho coletivo vai um pouco mais além das oportunidades de adquirir alguma coisa em termos de aprendizado ou experiência. A cooperação, assim como foi a musicalidade para a primeira, perpassa vários momentos da sua vida. Quando fala sobre dividir a linha telefônica com o vizinhos, ela logo acrescenta que “já que era convivência socialista se achava um jeito, não tinha briga” – no próximo capítulo discuto o que elas compreendem por “socialismo”.¹¹⁵ Em 1983, ao ingressar na Universidade Taras Shevchenko, como comentou antes, os sentimentos de coletividade não estão apenas nas atividades no *kolkhoz*, mas nos significados que ela atribui ao próprio curso escolhido, Letras romano germânicas; e, na carreira desejada, tradutora.

A: [...] era bem concorrido, porque a gente era considerado, considerada, vamos dizer, os soldados e combatentes do *front* da Guerra Fria.

L: Pela necessidade de saber outras línguas?

A: Exatamente [...] A gente recebia... No caso dois, era um diploma secular e também uma patente militar. Sou tradutora militar, nunca cheguei de reserva. O meu marido, o Oleg, chegou depois a trabalhar como tradutor militar em Angola.¹¹⁶

Como disse, da mesma forma que Elena, Anna busca apresentar as suas “origens”, enfatizando a continuidade de alguns aspectos mais duradouros – no seu caso, de sentir-se como parte de relações de convivência cooperativas – para dizer a mim quem ela acredita ser no

¹¹³ SENNA, *Mulheres soviéticas em... op. cit.*, p. 260.

¹¹⁴ Ver a sexta seção do capítulo 3.

¹¹⁵ Ver a quarta seção do capítulo 3.

¹¹⁶ SAVITSKAIA, *Entrevista I... op. cit.*, s.p.

presente. De certa forma, na passagem anterior, toda a importância que os avós e depois os pais tiveram na resistência e, posteriormente, na conservação da esfera de influência soviética, segundo ela, se soma aos sentimentos de afeição pelas relações sociais experimentadas, conectando “o pessoal e o político”.¹¹⁷ Não por acaso, junto ao passaporte que ela me trouxe em nossa última entrevista, Anna trouxe também o seu diploma (Figura 5), adquirido em 1988, sob o qual, novamente, discorre sobre a importância da linguística no quadro das relações internacionais durante a Guerra Fria, assumindo a ideia de que, como foi com os antepassados, é necessário defender a existência da União Soviética.

Figura 5. Diploma de Letras romano germânicas, 11 de junho de 1988



Fonte: Anna Savitskaia (arquivo pessoal)

Mas se, por um lado, a continuidade dessa lógica de defesa percebida, para Anna, reforçou os laços de convivência entre os soviéticos, integrando-os ainda mais nas relações sociais de cooperação; por outro, há também experiências que a enxergam sob outro prisma, o do medo. De modo que a busca pelas “origens” é atravessada pela tentativa de colocá-la à parte do convívio, como trarei a seguir.

Pasárgada e os seus pesadelos

Enquanto Elena recordava, de maneira muito positiva, sua infância ligada à natureza, Cristina, ao seguir falando sobre os tempos em que podia brincar sozinha no bairro onde morava, ressalva certas memórias menos felizes e que, segundo ela, despertavam o sentimento

¹¹⁷ PASSERINI, *op. cit.*, p. 113.

de medo. Apesar dela atribuir uma forte intimidade a este espaço, o associando com as mesmas emoções que a mãe sentia quando era criança, ela não o exime de riscos. “Era um pouco perigoso, tinham várias lendas urbanas”, sobretudo porque, segundo ela, “naquela época começou a aparecer um monte psicopatas. Não sei se você ouviu falar, tinha um famoso chamado Chikatilo, que matava meninas pequenas. Tinha polícia na escola pra falar pra andar junto, não entrar sozinho no elevador com pessoas desconhecidas”. Aliás, como conta, o ambiente escolar “era um lugar sempre muito tenso”, porque “era tudo muito rígido”, conquanto a educação fosse sempre “muito eficiente”, na medida em que “todo mundo já com 7 anos era letrado”.¹¹⁸

O relato de Cristina, nesse sentido, acompanha a lógica dos elementos autobiográficos que destaquei no seu *cartão de visitas*, quando nos conhecemos, a primeira vez, por meio de trocas de mensagens.¹¹⁹ De certa forma, persiste em sua narrativa a expressão que ela havia empregado para situar o seu ponto de vista sobre seus temas de pesquisa, isto é, com um “pé dentro e outro fora”.¹²⁰ Ainda que seja a mais profunda expressão sentimental, conforme ela mesma procura evidenciar, Cristina não abandona em sua fala o exercício hermenêutico, em que ao lado da memória haverá sempre o esquecimento, ao lado da paixão haverá o medo. Não como dimensões completamente opostas, mas coalescentes. Afinal, elas são capazes de existir no mesmo bairro, na mesma escola, enfim, nas mesmas lembranças. É por isso que prefiro falar em uma *hermenêutica do movimento*,¹²¹ pois a capacidade de interpretar de “longe”, aquilo que ficou para trás, não se restringe apenas à razão; há também a emoção.¹²²

Junto da ambivalência dos sentimentos, quando ela fala sobre a sua educação, é possível notar o mesmo cuidado de quem lembra e, ao mesmo tempo, analisa as suas memórias para expressar o seu ponto de vista. Ainda que rigorosa ou, segundo ela, de maneira mais humorada, com “aquela pedagogia soviética”, a competência da educação não deixa de ser valorizada. Não obstante, Cristina não se permite esquecer que, apesar dos temores nos “corredores escolares”, ela era muito bem tratada porque, como acredita, “era filha de estrangeiros, meu avô era essa figura importante do Partido Comunista”.¹²³ Essas constantes sutilizas da sua narrativa, sempre buscando assinalar a existência de mais de um ponto de vista, e assim situando o seu, encontram em nossa segunda entrevista, porém, um caminho menos aberto à validação de outros ângulos.

¹¹⁸ DUNAEVA, *Entrevista I... op. cit., s.p.*

¹¹⁹ Ver a sétima seção do capítulo 1.

¹²⁰ DUNAEVA, *Preconceito racial... op. cit., p. 21.*

¹²¹ TRAVERSO, *La historia como campo... op. cit.*; PASSERINI, *op. cit.*

¹²² Ver a quinta seção da introdução.

¹²³ DUNAEVA, *Entrevista I... op. cit., s.p.*

Passada quase metade da conversa, voltamos a falar sobre a sua experiência escolar e Cristina retoma o tema dos medos que sentia durante a infância. Dessa vez, no entanto, ela prefere abordá-los não mais pela questão das lendas e advertências das autoridades sobre as “perversões” em meio a vida cotidiana, como fala, mas pela lógica da Guerra Fria:

[...] nos primeiros anos de escola, era ainda a Guerra Fria, então sempre tinham umas palestras sobre guerra nuclear. O que fazer se tocar sirene. Eu lembro que eu tinha *pesadelos*. Eu acordava à noite e pensava: se tocar a sirene eu vou ter 10 minutos pra chegar até o metrô. Tinha que correr até a estação de metrô para se esconder lá, e eu ficava pensando o que eu ia levar comigo [...] Então era uma paranoia assim bem pesada [...] As orientações da escola eram: se tocar a sirene a gente tinha que pegar essas máscaras, que a gente tinha em casa, e ter que se posicionar no estádio em fileiras [risos]. No estádio, lá na quadra da escola [...] Então, a minha memória principal é esta, que a gente tinha muito medo da guerra nuclear.¹²⁴

Antes de chegar neste trecho, ela havia comentado ainda que, na mesma época, “o pessoal aprendia [na escola] a costurar as máscaras, se for algum ataque químico, de usar aqueles respiradores”. Acima, é possível notar como mesmo dentro do espaço escolar, em que apesar do rigor Cristina reconhece seus valores, a temática da Guerra Fria não encontra espaço para interpretações menos amedrontadoras. Como disse mais adiante, “as pessoas tinham muito medo, [porque] era visto como algo bem provável de acontecer, um conflito nuclear”. Para Cristina, portanto, a lógica de defesa não necessariamente implicava em uma experiência de integração das pessoas, o que eventualmente poderia ser lido como um aspecto, guardadas as devidas proporções, “positivo” da Guerra Fria. Aos seus olhos, ela podia levar até mesmo a uma desunião. Por um lado, quando conta que pensava como, individualmente, poderia se salvar de um ataque nuclear. Por outro, mais à frente, expressando a opinião que muitos tinham, segundo ela, sobre a questão. “Minha mãe achava isso um absurdo”, disse, “achava que não podia assustar as crianças. Eram umas orientações meio ridículas também, de correr pro metrô, ficar em fileiras na quadra. Então ninguém levava muito a sério.”¹²⁵

Nessa direção, os depoimentos de Cristina e Anna divergem sobre os efeitos da Guerra Fria nas relações interpessoais. Para a segunda, enquanto conversávamos sobre os anos escolares, a memória da “preparação para ataque nuclear, uso de máscara”, que se “fazia tanto no segundo grau, quanto na faculdade”,¹²⁶ não despertava os mesmos temores, nem afetava o convívio. Entretanto, devo insistir que a diferença de olhar, como disse, está nos efeitos da lógica de defesa. Em que para Cristina é difícil imaginar que algum valor mais coletivo consiga sair de um “horizonte de expectativa” cujo resultado pode ser a aniquilação, como é a guerra.

¹²⁴ *Id.*, *Entrevista 2... op. cit., s.p. Grifos meus.*

¹²⁵ *Id.*, *ibid.*

¹²⁶ SAVITSKAIA, *Entrevista 2... op. cit., s.p.*

Mas isso não significa que, à maneira de Anna, ela acredite que a tensão infiltrada até mesmo nos seus “pesadelos” seja fruto apenas das políticas de estado soviéticas.

Em minha segunda entrevista com Anna, perguntei a ela qual a sua visão sobre a Guerra Fria e que tipo de sentimentos despertava. Diferente de Cristina, ela não comentou sobre o que as tensões do conflito lhe causavam e, imediatamente, começou a falar sobre como os Estados Unidos eram vistos na União Soviética:

[Era] um país onde tu podes resolver as questões econômicas, de dia a dia, nas roupas, na música, que poderia resolver e a gente ficaria ‘felizes para sempre’ [...] É aquele lugar imaginário na verdade [...] Quando mostravam algumas coisas, porque é Guerra Fria, tem que mostrar algumas coisas negativas, então mostravam, por exemplo, algumas pessoas dormindo na rua, os sem teto, as atrocidades que aconteciam. Quando a gente olhava, meio que, não com desconfiança, mas dizendo ‘a mas sei lá se é assim’. É, é verdade.¹²⁷

Cristina, por sua vez, logo depois de falar sobre o medo da guerra nuclear, complementou: “os Estados Unidos eram algozes totais, sempre mostravam nas notícias. Alguma notícia sobre como era tudo ruim no mundo capitalista.” Depois de ouvi-la, recordando a passagem citada acima, perguntei então como os Estados Unidos, segundo ela, eram apresentados. Sua resposta, já sorrindo, foi muito parecida com a de Anna:

Era apresentado mais ou menos como ele era [...] tinha muita gente morando na rua, tinham pessoas ricas, que detinham muita riqueza, e muita gente sem direitos [...] Tudo com muita dificuldade [...] e, óbvio, era sempre uma imagem muito negativa, muito crítica, no sentido de mostrar como era muito melhor a vida nos países socialistas.¹²⁸

Apesar dos sentimentos que o caráter bipolar da Guerra Fria desperta em uma e outra serem diferentes – Anna sentindo-se parte do *front* dentro da sua área de atuação e Cristina mais reticente em relação a qualquer positividade que poderia surgir dela –, ambas compreendem que as suas emoções não são apenas produto do lugar em que se situam, isto é, a esfera de influência soviética. Com todas as críticas à propagação do medo, como expressa Cristina, ela se afasta, da mesma forma que fez Irina ao falar da *Cortina de Ferro*, de qualquer esquematismo que poderia reduzir a União Soviética à pecha de “império do mal”, que ficaria famosa nas palavras do presidente estadunidense Ronald Reagan.¹²⁹ Quando questiono sobre o porquê da imagem dos Estados Unidos como um “algoz”, ela não hesita em dizer que a responsabilidade deste pela perpetuação das tensões não pode ser subestimada. Em contrapartida, para

¹²⁷ *Id., ibid.*

¹²⁸ DUNAEVA, *Entrevista 2... op. cit., s.p.*

¹²⁹ Em 8 de março de 1983, o então presidente dos Estados Unidos, em um discurso em Orlando, na Flórida, se referiu à União Soviética como *the evil empire*. Seu governo, a propósito, implementou o aumento do poderio militar estadunidense, ampliando as tensões entre os dois países na década de 1980. POWASKI, Ronald. *La Guerra Fria. Estados Unidos y la Unión Soviética, 1917-1991*. Barcelona: Crítica, 2000. p. 288.

compreender este outro lugar, a lógica do antagonismo bipolar, típico da Guerra Fria, não é facilmente introjetado, por nenhuma das duas, para entendê-lo. Por um lado, ambas assumem que o suposto “rival” abriga inúmeras contradições e aspectos “negativos” que impedem qualquer idealização. Por outro, elas não perdem de vista que, embora ele tenha sido “apresentado mais ou menos como ele era”, como brincou Cristina, elas não o viram senão como isto, uma *apresentação*. Em outras palavras, suas críticas não buscam esconder que partem de um lugar *entreaberto*; que estão baseados naquilo que era escolhido mostrar, “porque é Guerra Fria”, segundo Anna; e que, enfim, não expõem aquilo que narram de maneira integral.

Enquanto as ouvia falando sobre este “outro”, através das minhas brechas de incompreensão, notei como elas igualmente assinalavam os limites de querer ver algo por inteiro, como se não existissem, entre uma posição e outra, molduras, ângulos, vidraças e rachaduras que compõem as *janelas entreabertas* do olhar. Até mesmo Anna, que concluiu dizendo que tudo que lhe foi apresentado era “verdade”, advertiu desde o início que, para ela, os Estados Unidos sempre apareceram como um “lugar imaginário”. O que, a partir de Butler, não compreendo como algo contraditório, na medida em que assumo o caráter “interlocutório, espectral, carregado, persuasivo e tático” da narrativa, que pode “muito bem buscar comunicar uma verdade, mas só pode fazê-lo, se puder realmente fazê-lo, exercendo uma dimensão relacional da linguagem”.¹³⁰ Aliás, para explicar o que seria este “lugar imaginário”, Anna recorre ao poema *Vou-me embora pra Pasárgada*, de Manuel Bandeira. Através de um de seus versos, que diz ser Pasárgada uma “outra civilização”, onde tudo é permitido vivenciar, Anna traça uma analogia de como os Estados Unidos se representavam, em oposição à União Soviética; e, ao mesmo tempo, da “desconfiança” em relação à crítica a essa imagem.¹³¹ De qualquer forma, ela demonstra como para descrever qualquer coisa é sempre preciso recorrer à imaginação. Consequentemente, ao apontar o caráter imaginário do “outro”, segundo Cristina, evidencia-se o mesmo sobre o olhar do espectador, isto é, dos “países socialistas”. No dizer de Didi-Huberman, “somos olhados por aquilo que vemos”.¹³²

As singularidades de cada olhar, e mesmo aquilo que os afastam, não impedem o diálogo, nem que eu consiga extrair sentidos que podem ser colocados lado a lado. Diante disso, retornarei logo abaixo à divergência temporal dos relatos de Anna e Elena, com os quais iniciei este capítulo, que me serviu de *pré-texto*, para tramar os relatos de todas entrevistadas.

¹³⁰ BUTLER, *Relatar a si mesmo... op. cit.*, p. 86.

¹³¹ SAVITSKAIA, *Entrevista 2... op. cit.*, s.p.

¹³² DIDI-HUBERMAN, *op. cit.*, s. p.

O que a gente está construindo?

A partir da segunda seção deste capítulo, estabeleci alguns paralelos que fui observando entre as apresentações iniciais de Elena e Anna, a fim de demonstrar que a suposta divergência temporal dos seus pontos de vista sobre a dissolução da União Soviética não resulta de narrativas inconciliáveis. Pelo contrário, na mesma medida em que elas divergem, muitos diálogos puderem ser estabelecidos, principalmente quando foram feitas combinações de geração, gênero, pertencimento cultural, além daquelas categorias da diferença que são “difícilmente identificáveis como pertencentes a qualquer lugar específico”.¹³³ O que me permitiu articular todas narrativas produzidas pelas demais entrevistadas. Com isso, retorno agora ao que havia sugerido naquela seção. Isto é, de que a diferença de olhar apontada não é contraditória em relação aos pontos em que todos os relatos convergem entre si, como acabei de assinalar com a leitura das percepções sobre a Guerra Fria.

A propósito, seguirei por este mesmo caminho. Para isso, peço licença para apresentar duas passagens de minhas entrevistas com Anna, começando por um trecho da parte final de nosso primeiro encontro, em que ela voltou a falar sobre a carreira do pai, dizendo que,

[...] uma vez, isso já depois do fim da União Soviética, inclusive durante a minha viagem, a primeira viagem daqui do Brasil, isso depois de uns 13, 15 anos aqui no Brasil [...] A gente sentou e conversou. Aí eu perguntei: ‘Pai por que tu não quis entrar [no Partido Comunista da União Soviética]? Ele disse: ‘Lembra, uma vez eu te falei’. Porque disseram para ele: ‘Se tu quer seguir com teu mestrado, na carreira acadêmica, mas também administrativa, e tu tens todas as possibilidades, tem que entrar no Partido Comunista’. E aí ele mesmo, eu lembro a gente sentado na cozinha, disse: ‘É, mas eu vi que muitas vezes muitas pessoas escolheram isso para se auto promover, e não acreditando nisso’. E ele disse que ele não quis, e que também conheceu muitas pessoas que foram [...] E isso é uma realidade [...] No começo, no caso, o Partido Comunista, eram umas pessoas que, muitos deles, morreram nos campos batalhando com o nazismo. [Eles] entravam *porque não sabiam como não entrar*. Porque era o *Homem Novo*, a gente nova para *construir uma sociedade nova*.¹³⁴

Sem adentrar-me ainda nos meandros da citação, destaco apenas dois aspectos da sua fala: as condições de vida daqueles que se aproximavam de determinados aparatos do Estado soviético, como o Partido Comunista, em décadas mais recentes; e, dos que passaram pela experiência da guerra na primeira metade do século XX. Em nossa segunda entrevista, tais temas retornaram, ainda que não na mesma ordem, quando ela lamentou que,

[...] os melhores membros do Partido Comunista, ainda talvez porque a gente está falando de 1940, da reconstrução do país, anos [19]20, [19]30, os melhores membros, as pessoas que realmente eram assim, *comunistas como deveriam ser*, como a gente entende, eles todos pereceram, foram mortos. Muitos nas primeiras fileiras, a defender o seu país. Então, eu acho que a União Soviética nunca conseguiu se reconstruir [...]

¹³³ HANNERZ, *op. cit.*, p. 18.

¹³⁴ SAVITSKAIA, *Entrevista I... op. cit., s.p. Grifos meus*.

Depois, na reconstrução da União Soviética, depois da Grande Guerra Patriótica foi tipo ‘*como reconstruir?*’ Reconstruir o mais rápido possível [...] Mas não ‘*pra que?*’, não focou no ‘*pra que?*’. *O que a gente está construindo? O que a gente está construindo?* Socialismo e tudo mais? [...] A gente perdeu de vista. Foi visto como se fosse para tu, na verdade, dar um pouco de aceleração na tua carreira acadêmica, política, porque [tinham] os *privilégios*, a *elite partidária*, burocrática partidária.¹³⁵

As duas falas surgiram sempre em momentos que, de alguma forma, sua narrativa acabava caminhando para a questão da dissolução, mesmo a minha pergunta não sendo diretamente relacionada ao assunto. A primeira, veio na sequência daquela nossa conversa sobre a sua profissão e,¹³⁶ a associando com a vida do pai, ela aproveitou para falar sobre a decisão dele, mesmo usufruindo do *status* militar, de nunca ter entrado no partido. Da mesma forma que Cristina, embora seus “privilégios” viessem de outros fatores, Anna procura expor como as condições de vida daqueles que assentiam ao convite, em vista das possibilidades de ascensão profissional e social, eram diferenciadas dentro da União Soviética. Apesar de colocar-se fora desse mundo, ela considera, mais adiante, ter tido uma vida “bastante privilegiada”, quase “que de elite”, como conta rindo, em função da boa moradia, da educação, do acesso ao atendimento hospitalar e assim por diante.¹³⁷ Mas o que de fato Anna busca dizer contanto essas histórias é que, em dado momento, houve uma espécie de perda de sentido na aderência partidária. Para fundamentar seu ponto de vista, ela recorre então ao que vê como os motivos “originais” para alguém defender as bandeiras do socialismo de Estado. Assim, ela retoma não os processos de 1917, que culminaram na Revolução Russa, mas a “Grande Guerra Patriótica”, que muitos morreram, “batalhando com o nazismo”; e, outros serviram à resistência e à reconstrução.¹³⁸

Não é estranho que o elemento fundador dos valores soviéticos seja, para Anna, a guerra. Afinal, tanto a sua narrativa quanto a de Elena, começam por situar-se, geracionalmente, dentro dela. Para ambas, ela é, me servindo novamente das palavras de Cristina, “uma história de todas as famílias”, no sentido de ser apresentada como um evento único, experimentado pela maioria da população,¹³⁹ que, como disse Anna, fez com que muitos não enxergassem senão a entrada no Partido Comunista como o único “horizonte de expectativa” possível. Sem esquecer, obviamente, de todas as nuances do que é lembrar em “público” e “dentro de casa”, como aprendi com Cristina.¹⁴⁰ De todo modo, é o sentido do impacto da guerra que Elena busca expressar quando diz que a história do seu país “reflete muito na família” e discorre longamente

¹³⁵ *Id.*, *Entrevista 2... op. cit.*, s.p. *Grifos meus*.

¹³⁶ Ver a quinta seção do capítulo 2.

¹³⁷ SAVITSKAIA, *Entrevista 1... op. cit.*, s.p.

¹³⁸ Ver a segunda seção do capítulo 2.

¹³⁹ WOLFE, *op. cit.*, p. 266.

¹⁴⁰ Ver a terceira seção do capítulo 2 e a sexta do capítulo 3.

sobre como foi a vida dos “filhos da guerra”.¹⁴¹ Por isso, ouvir que o seu fim não lhe abalou soou-me, naquele momento, no mínimo curioso. Porém, olhando a segunda passagem de Anna, em que ela afunila as suas ideias, pude perceber como o sentido do “nada” de Elena segue ligado à lógica da narrativa da guerra e acompanha a crítica da ex-tradutora militar.

Anna apresenta em sua crítica ao partido o dilema filosófico que, ainda sob circunstâncias totalmente diferentes, tanto eu quanto Irina havíamos feito: o que fazer?¹⁴² A velha pergunta leninista, herdeira da tradição kantiana, era a base dos seus questionamentos.¹⁴³ Para ela, o segundo momento em que essa indagação deveria ter sido colocada era, justamente, depois da guerra, dada toda a destruição, material, humana e espiritual, já avultada não só em seu relato. No entanto, ao seu ver, a atenção ao que se “está construindo”, qual o caminho para uma “sociedade nova”, foi ofuscada pela necessidade de se reconstruir a qualquer custo, ou o “mais rápido possível”, o que teria redundado na formação de uma elite partidária que “perdeu de vista” o horizonte original. Há ainda, uma identificação com o signo do *Novo Homem*, aqui representado como sinônimo do *homo sovieticus*, com vistas a demonstrar quais seriam, especificamente, os valores que se perderam, sobretudo porque este, mesmo após a guerra, foi apresentado pelo Estado como a encarnação do “senso de coletividade”.¹⁴⁴

Além disso, preciso lembrar da crítica de Cristina à visão positiva de seus familiares que, quando estiveram próximas destas mesmas elites, acreditavam, segundo ela, que as condições de vida na União Soviética eram sempre “ótimas”.¹⁴⁵ Para Anna, o favorecimento deste grupo na sociedade, reconhecendo os seus próprios privilégios, representava uma perda de rumos em vista dos esforços e das privações daqueles que até perderam a vida durante a “Grande Guerra Patriótica”. De certa forma, essas perspectivas ressoam as críticas dos primeiros anos da *Glasnost*,¹⁴⁶ quando a nova liderança, buscando romper com o discurso do antecessor, pregava uma reestruturação das formas de governança.¹⁴⁷ Assim falava Gorbachev:

A liderança do partido estava frouxa e perdeu-se a iniciativa em alguns dos processos sociais vitais. Todos começaram a notar a estagnação da liderança e as violações de seus processos naturais de mudança [...] A sedução política e a distribuição indiscriminada de prêmios, títulos e bonificações freqüentemente [*sic*] substituíram uma preocupação genuína para com o povo, suas condições de vida e de trabalho, e uma atmosfera social favorável.¹⁴⁸

¹⁴¹ Ver a segunda seção do capítulo 2, p. 92.

¹⁴² Ver a terceira e a oitava seção, respectivamente, do capítulo 1

¹⁴³ LÊNIN, Vladimir. *Que Fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

¹⁴⁴ SENNA, *Mulheres soviéticas em...* *op. cit.*, p. 43.

¹⁴⁵ Ver a quarta seção do capítulo 2, p. 103.

¹⁴⁶ WOLFE, *op. cit.*, p. 268. Ver ainda a quarta seção do capítulo 2, especificamente a nota 70.

¹⁴⁷ Ver a oitava seção do capítulo 3.

¹⁴⁸ GORBACHEV, *op. cit.*, p. 21-22.

Da mesma forma que as outras duas, depois de proferir o seu enfático “nada”, Elena disse, de maneira breve, que o fim da União Soviética decorreu de “poderosos que dividiram o seu poder”, remetendo-se aos mesmos elementos do aparato partidário.¹⁴⁹ Dessa maneira, sua expressão não indica uma simples quebra no “reflexo sobre a família”, mas uma crítica, como fizeram as demais entrevistadas, sobre o “perder de vista” do Estado socialista. A percepção de tempo, portanto, segue o mesmo “espaço de experiência” compartilhado e a leva a uma crítica que não a afasta das percepções das demais; porque não é a história do mundo em que ela viveu que torna-se um “nada”, mas os marcos oficiais ligados a um grupo que é identificado, justamente, como progressivamente distante dos horizontes soviéticos. Apesar disso, conforme as palavras de Irina do início deste capítulo, “a vida continua”, ou seja, as emoções, as ideias e os sentimentos em relação aos espaços permanecem, mesmo diante dessas mudanças.¹⁵⁰ Aliás, até mesmo Irina, com toda a circularidade da sua vida entre o Brasil e a União Soviética, não deixou de desenvolver uma narrativa muito semelhante sobre a dissolução.

Conforme havia contatado, parte do seu desejo de retornar em 1985 veio de querer reencontrar os familiares e das lembranças que a mãe trouxe na “bagagem”.¹⁵¹ Em nossa terceira entrevista, realizada em 25 de novembro de 2021, eu havia perguntado como era, depois de morar no Brasil, a vida na União Soviética na década de 1980, que muitas identificaram como um período de mudanças. Do mesmo modo que Elena, mais do que o fim do socialismo de Estado, é a lembrança do que seus familiares contavam sobre a guerra que dá significado aos (des)caminhos do país. “Acho que a guerra impactou muito mais”, disse Irina, e assim passa a falar sobre a sua tia Ludmila Dubovtseva, irmã de Galina, com quem morou.

C: Ela contava a experiência dela, mas contava também dos outros familiares [...] Contava do racionamento dos alimentos [...] A maior parte do pessoal que viveu a guerra, mais próxima, ninguém desperdiça nada.

L: Sim.

I: Comida. Ninguém joga comida fora. Não tem essa de você está com um prato e não está gostando, você vai afastando pra direita, pra esquerda, não existe isso. Você coloca aquilo que você vai comer e se colocou no prato você vai comer até o final [...] Uma vez aconteceu uma coisa engraçadíssima, que eu acho que reflete bem isso. Agora recentemente, 2012, 2013, alguma coisa por aí, eu me lembro que eu comprei um sorvete, um pacote de sorvete, e a gente então tomou o tal do sorvete. Ainda sobrou um pouco e na geladeira não tinha mais lugar.

L: Sim.

I: Já estava lotada a geladeira. Aí eu falei ‘tia, mas o sorvete já derreteu joga fora!’ Ela, ‘imagina se eu vou jogar fora, claro que não, é produto’ [...] E eu falei ‘joga fora, é muito pouco, têm duas ou três colheres aí’ [...] Aí, daqui a pouco eu sai, eu falei assim: ‘então tá, você jogou fora?’ Ela virou e falou: ‘Joguei’ [...] Aí de repente eu

¹⁴⁹ GAISSIONOK, *Entrevista 2... op. cit., s.p.*

¹⁵⁰ Ver a primeira seção do capítulo 2.

¹⁵¹ Ver a quinta seção do capítulo 2.

vejo a embalagem do tal do sorvete. ‘Mas você não tinha dito pra mim que jogou fora?’ Ai ela faz aquela cara, ‘eu não consigo jogar comida fora’ [...].

L: Sim.

I: [...] Ela não jogava fora. E ai eu estou falando dela, mas não é só ela. A *geração* inteira. Ou seja, o alimento está ali disponível, ela tinha condição de comprar mais um pacote de sorvete, dois, três, sei lá.

L: Sim.

I: Mas ela não conseguia. *A relação com isso era outra*. Outra coisa que eu também observava. Eu gostava muito de passar as férias com ela ou quando eu morei [lá]. Lógico, como toda a relação, a gente volta e meio discutia um pouco. Essa do sorvete virou uma discussão, é obvio né [risos], como várias coisas. Mas ela era assim, aquele ar de preservar, guardar. Você entrava na casa dela, você abria um armário, e de repente no armário tem uma lanterna que era da década de [19]50.

L: Sim.

I: De alumínio, sabe. Aí você olha, o nosso olhar pra aquilo, ‘que relíquia, que coisa legal’. Ela não olha assim, pra ela é a lanterna dela. Por que ela trocaria de lanterna se aquela lanterna está funcionando?¹⁵²

Ao ouvir a história da sua tia, que Irina contava gesticulando as suas expressões de estranhamento, imediatamente recordei do que Elena havia contado sobre o pai. Nas duas narrativas persiste uma ideia de sobrevivência das experiências da guerra, sobretudo a restrição alimentar, percebidas pelas entrevistadas por meio de pequenos hábitos de seus familiares no presente. Das migalhas de pão até a lanterna da década de 1950, há uma identificação de “grupos de idade” através de uma diferenciação das “relações com isso”, como disse Irina.¹⁵³ Ambas, portanto, buscam assinalar as já muito referidas condições de vida das “gerações de guerra”, as contrapondo, como fizeram Anna e Cristina, com as das elites partidárias mais recentes, para dizer o que significou o fim da União Soviética. Em última instância, trata-se de reivindicar, em todas as narrativas, do que era feito o dito *homo sovieticus*, quem compôs e acreditou, emocional e taticamente, na construção de uma nova sociedade; e, por isso, colocou suas “expectativas” no futuro apontado pelo Estado socialista. Isto é, as vidas daqueles que vivem em suas palavras, adquirindo novas formas e sentidos, através das *janelas* da narrativa.

Por isso, como trouxe no início deste capítulo,¹⁵⁴ que Cristina, contrariando as percepções “presentistas” sobre a década de 1980,¹⁵⁵ reivindica esta época, contra o “nada” do *establishment* partidário, como um momento em que muitos de sua geração puderam exercer uma “grande participação” ao debaterem sobre o passado. Sua esperança era de mudar as coisas de “baixo para cima”, resgatando o antigo senso de coletividade das “experiências” passadas.¹⁵⁶

¹⁵² SANTOS, Irina Aragão. *Entrevista 3*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Rio de Janeiro (entrevistada). 25 nov. 2021. s.p. *Grifos meus*.

¹⁵³ DANIEL, *op. cit.*

¹⁵⁴ Ver a primeira seção do capítulo 2.

¹⁵⁵ HARTOG, *Regimes de historicidade... op. cit.*

¹⁵⁶ DUNAEVA, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

3. DISTANTE

Como qualquer criminalista sabe por experiência própria, as declarações das testemunhas oculares nem sempre devem ser tomadas ao pé da letra. Mesmo os relatos bem-intencionados muitas vezes são omissos ou contraditórios. O afã de prestígio ou a edulcoração podem causar tanta confusão quanto a memória curta ou a mentira deslavada. As fontes escritas não são melhores. A palavra documento sugere uma fidedignidade com a qual geralmente não se vai muito longe.

Hans Magnus Enzensberger.¹

Documentos e lugares

Quem chegou até aqui pode perceber que sempre comecei meus capítulos pela posição que alguém procurava se colocar no tempo. No primeiro, dividi a minha angústia de achar que estava fora dele. No segundo, lancei mão de uma aparente contradição na narrativa de Elena que, do contrário, parecia estar presa a um tempo imutável, para explorar as formas como todas as minhas entrevistadas constituem sua proximidade com a União Soviética. Sem dúvida, há uma diferença importante entre os dois começos. De um lado, há a minha *autorreflexão*. De outro, há a minha *reflexão sobre elas*. Seja como for, sou sempre eu que pareço tomar a palavra e o direito à interpretação. No entanto, como repeti diversas vezes, nada do que elas me disseram, nem o que eu disse, emergiu em estado “puro”. Tudo passou pelas *janelas* dos nossos olhares. Por isso, para romper com qualquer impressão de que somente eu consigo enxergar as posições que nos encontramos, abrirei este capítulo com uma fala de Irina que reflete, categoricamente, a temporalidade das fontes de qualquer pesquisa histórica, como pretexto para abordar o sentido e o lugar que ela se coloca para narrar a sua vida.

¹ ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Hammerstein ou a obstinação: uma história alemã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 317-318.

I: O documento, por si só, ele não é nada. Tem que saber o que você vai fazer com ele, com esse documento. O documento não tem agencia. A gente dá ou a gente tira a agencia dele.

L: O olhar de quem olha é importante.

I: Ele sozinho é nada. Como falei, são peças que ficaram em reserva, que ninguém sabia que tinha, não tinha visibilidade. Ele era totalmente, como posso dizer? Nulo. Mas isso, não é porque é soviético, isso a gente pode pegar na própria Alemanha, provavelmente muito documento. Aqui no Brasil sobre a ditadura, quer coisa melhor. Então eu só acho que a gente tornou muito *exótico* tudo aquilo que é *natural* pra nós, como se tudo que acontecesse lá é exótico.²

O trecho acima foi dito por Irina em nossa última entrevista. Na ocasião, conversávamos sobre as discussões que surgiram na União Soviética durante a *Glasnost*, assunto que já havia escutado das outras três. Irina, por sua vez, assumiu primeiramente o olhar crítico de historiadora para falar não sobre o impacto da política de memória de Gorbachev, mas sobre como ler os materiais que começaram a circular na década de 1980,³ revelando as histórias de “dentro de casa”, no dizer de Cristina. Qualquer documento, segundo Gomes, é produto de um dado momento.⁴ É o que resta das vidas que se chocaram com o poder.⁵ No entanto, o alerta de Irina vai um pouco mais longe. Para ela, nada disso é intrínseco, na medida que nenhum documento possui um único sentido, uma essência. Enquanto passava suas fotografias, Irina não buscava extrair delas, por exemplo, uma “imitação da realidade factual”, mas o seu *movimento*, o que elas têm a dizer sobre o seu *agora*, por meio do *outrora*.⁶ Em suas palavras, oferecendo ou retirando a “agencia” delas.

Embora o trabalho de historiadora pareça ganhar mais peso contra o de recordação na citação acima, Irina não busca abdicar deste último. Afinal, não se trata apenas do “documento em si”, mas do que se quer fazer com ele. Como disse Hans Magnus Enzensberger sobre seu polêmico livro, baseado em acervos documentais, acerca do general prussiano Kurt Von Hammerstein, que ao mesmo tempo em que recusa o gênero do romance diz não ter pretensões

² SANTOS, *Entrevista 3... op. cit., s.p. Grifos meus.*

³ Para colocar a *Glasnost* em prática, segundo Wolfe, Gorbachev começou a encorajar a imprensa “a encontrar novas maneiras de ajudar o partido a reformar o socialismo e, em troca, o partido deveria garantir mais liberdade aos jornalistas na ‘cobertura’ da sociedade soviética. Isso incluía permitir uma prática de reportagem que não era conhecida desde a década de 1960. Os jornalistas podiam escrever, por exemplo, sobre temas como acidentes de trem e crimes de rua cuja publicação havia sido proibida anteriormente porque notícias negativas eram consideradas prejudiciais à saúde espiritual da política soviética. A combinação de uma flexibilização da censura e o incentivo à reportagem crítica resultou em uma situação em que, segundo um ditado que circulou em Moscou no final dos anos 1980, ‘era mais interessante ler do que viver’”. WOLFE, *op. cit.*, p. 270. Com a liberalização da imprensa, obras memorialísticas também passaram a ocupar a cena pública, bem como a investigação dos crimes do regime de Stalin. O livro de Aleksandr Soljenítsyn, *Arquipélago Gulag*, escrito entre 1958 e 1967, publicado na União Soviética apenas em 1989, foi um dos principais expoentes dessa época. SOLJENÍTSYN, Aleksandr. *Arquipélago Gulag: um experimento de investigação artística 1918-1856*. São Paulo: Carambaia, 2019. Alguns historiadores, como Miller, colocam em dúvida, porém, a oferta de materiais de qualidade, bem como a ideia de que generalizou-se uma visão crítica sobre Stalin. MILLER, *op. cit.*

⁴ GOMES, *op. cit.*

⁵ FOUCAULT, *A vidas dos homens... op. cit.*, p. 208.

⁶ HUBERMAN, *Livres olhos... op. cit.*

científicas, “cada um, mesmo o escritor, faz o melhor que pode”.⁷ Com isso, quero dizer que Irina, mesmo elaborando uma narrativa a partir de lembranças, não deixa de pensar que estas, assim como os “documentos”, são agenciados pelos contadores. Nesse sentido, ela assinala o seu próprio procedimento de recordar para dizer que as histórias que passaram a circular na década de 1980 não foram simplesmente reveladas em sua “pureza”, mas cercadas de sentidos por aqueles que as repercutiram. Novamente, persiste em sua fala o risco de tornar o passado soviético algo “exótico”, subestimando tudo aquilo que é “natural para nós”.

Na sequência, enquanto falávamos sobre suas passagens pela Rússia pós-soviética, Irina fez uma ligação curiosa entre o que disse anteriormente e o que é ser, ou pertencer, a algum lugar. “Documento é apenas coisa, matéria”, afirmou mais uma vez, “o lugar também é apenas lugar se você não tem vínculos com pessoas”.⁸ A ideia de que qualquer “peça em reserva” não quer dizer nada “sozinha”, é trasposta aos espaços. De modo que ela retoma sua crítica sobre ver apenas as *estruturas*, deixando de lado suas *relações*;⁹ e, sobre toda camada de vida que pode se perder ao aceitar os esquematismos que predeterminam o “outro”.¹⁰ No entanto, a relação entre os documentos e os lugares é mais do que uma maneira de voltar a falar sobre a lógica da *Cortina de Ferro*. É dizer que, se a agência não é inerente aos primeiros, tampouco é aos segundos. Quando alguém se debruça sobre os registros de outras épocas, o faz dentro de um outro tempo, como os arquivos de meados do século XX que passaram a circular na União Soviética somente a partir de 1980. O mesmo acontece com os lugares. Ao falar sobre os seus vínculos com a União Soviética, Irina o faz assumindo que os interpreta em um outro lugar, de um outro ângulo – tanto no tempo, quanto no espaço.

Em outros momentos, já apresentei esse sentimento de dupla posição, de sentir-se dentro e falar de fora, sobretudo através das considerações teóricas de Cristina.¹¹ Contudo, conforme a passagem de Irina atesta, tal aspecto está presente, e é evidenciado, em outras narrativas. Não obstante essa combinação entre o trabalho intelectual e os vínculos pessoais, há também uma espécie de olhar que deseja-se retrospectivo, apresentando as perdas e os ganhos de passar de uma posição para outra. “Eu acho que, no final das contas, *eu encontrei o meu lugar*, o meu espaço para trabalhar”, disse Elena sobre a vida que construiu no Brasil; sem esquecer que, “foi muito pesado, muito sofrido, decepcionante, mas eu consegui fazer isso e sustentei minha

⁷ ENZENSBERGER, *op. cit.*, p. 319.

⁸ SANTOS, *Entrevista 3... op. cit.*, s.p.

⁹ Ver a quinta seção do capítulo 2.

¹⁰ Ver a nona seção do capítulo 1.

¹¹ Ver a sétima seção do capítulo 1.

família”.¹² Anna, em nossa última entrevista, também terminou dizendo que, “o Brasil, eu também agradeço sempre, vou eternamente agradecer. Ele me possibilitou ver o meu país *com outros olhos, de longe*”.¹³ Essa aprendizagem pode assim ser vista tanto como de ordem prática – trabalhar e sustentar a família, no caso de Elena –, quanto como perspectiva – conseguir olhar como foi a vida de “longe”, segundo Anna.

Por um lado, muito daquilo que se conquistou no país de destino é visto como fruto do que veio com elas de fora. Por outro, só foi possível ver o que foi recebido no país natal longe dele, de modo que as duas posições nunca são antagônicas, mas relacionais. São elas, enfim, que *agenciam* o que as narradoras querem dizer sobre os seus respectivos lugares e é isto que irei explorar nas próximas seções.

Receber sem pedir

Conforme mencionei anteriormente, a musicalidade é um aspecto que não apenas embala o ritmo da narrativa de Elena, como a auxilia a elaborar, afetivamente, as suas lembranças para chegar em quem ela *busca ser* no presente. Em contrapartida, como também já disse, os motivos “óbvios” que a levaram aos palcos, valendo-me de suas próprias palavras, não se restringem apenas ao convívio, desde muito cedo, com as canções dentro de casa e as rodas de amigos.¹⁴ No entanto, resolvi segurar esses outros momentos que, da mesma forma, são carregados de sentidos “fundadores”, porque eles trazem de maneira eloquente a interpretação do movimento que quero tratar neste capítulo. Já próximo do final de nossa última entrevista, enquanto Elena falava sobre a decisão de deixar a ex-União Soviética, perguntei se ela mantinha contato com os familiares que permaneceram em Moscou. “Tenho muito”, disse ela, “com os meus colegas, meus amigos do teatro e outros, como pai, primas”. Em seguida, Elena fala sobre como essas pessoas foram importantes para ela, pois a ensinaram muitas coisas. Na mesma linha, ressalta que nada disso era evidente enquanto viveu lá. Foi preciso de uma certa distância para conseguir mensurar o papel que elas tiveram em sua vida. O que me levou à pergunta se julgava “necessário se *afastar* daquilo que se viveu para refletir”; a qual respondeu: “Sim, com certeza. E, com essa *distância*, viver em um outro país, você tem muito mais claro as possibilidades de avaliar o que você tinha, recebeu, sem pedir. Entendeu? Quando você avalia é bem diferente. *As referências são diferentes*”.¹⁵

¹² GAISSIONOK, *Entrevista 2... op. cit., s.p.*

¹³ SAVITSKAIA, *Entrevista 3... op. cit., s.p. Grifos meus.*

¹⁴ Ver a sexta seção do capítulo 2.

¹⁵ GAISSIONOK, *Entrevista 2... op. cit., s.p. Grifos meus.*

Antes de chegarmos até essas considerações sobre a distância, Elena vinha me contando sobre como foram seus primeiros anos no Brasil e as dificuldades de conseguir encontrar trabalho na sua área de formação. Depois de concluir o ensino regular, ela se formou em duas faculdades de artes cênicas e canto de Moscou. A primeira, no Teatro Musical Gnéssiny, em 1982; e, a segunda, no Instituto Estatal do Teatro e Cinema, em 1988. Do Gnéssiny até 1990, ano em que engravidou da primeira filha, Elena trabalhou em diferentes casas de teatro em Moscou e Kirov, tanto atuando quanto lecionando para jovens estudantes. “Na Rússia”, disse Elena, “eu era atriz, trabalhava no teatro de repertório, com salário”. Quando chegou no Brasil, porém, descobriu que sua técnica “não existia, aquela matéria não existia na América Latina, e eu fui rejeitada em todas as instituições, mesmo fazendo revalidação de dois diplomas”. Por isso, conta que resolveu começar a trabalhar como professora de maneira autônoma, em sua própria casa, oferecendo o que denominava de “técnica de fala cênica e canto”. Nesse instante, percebi um tom doloroso em sua voz ao falar sobre o assunto, sentimento que ela mesma resolveu assinalar contanto que, “de vez em quando, eu lembro dessa sensação”, isto é, de ter sido inicialmente rejeitada naquilo que exerceu por tanto tempo em sua país.¹⁶

Novamente, é a musicalidade que a ajuda a superar esses momentos de transição em sua narrativa. Passadas as dificuldades apontadas, Elena muda de tom e diz que, apesar de ter sido “bem difícil”, colocou para si que: “eu tenho que convencer, eu tenho que fazer alguma coisa boa”. E assim, “desde 2001”, quando diz ter conseguido os três primeiros alunos, não teve mais “sossego”, conseguindo finalmente, em 2012, o primeiro emprego com “carteira assinada” na CAL.¹⁷ A narrativa que ela me oferecia sobre sua carreira no Brasil, devo confessar, não era muito diferente da que ela já havia apresentado a Boesche dos Santos.¹⁸ No início, “alguns brasileiros que trabalhavam na área, me disseram que no Brasil não iam entender esse conjunto de fala cênica”, contou à autora.¹⁹ A ela, porém, Elena aprofunda-se no que de fato consistia esse método, “criado no início do século XX pelo mestre teatral russo [Constantin] Stanislávski”, com vistas ao “treinamento conjunto da respiração e da dicção”.²⁰ Comigo, sobretudo por estar ciente de que “você estuda história”, ela dispensa essa descrição mais detalhada, até porque eu mesmo me abri para escutar outros aspectos da narrativa.

Eis então aquilo que Elena havia me dito sobre a importância da “distância” e das diferentes “referências” para avaliar o que recebeu, mesmo “sem pedir”. Quando ela fala sobre

¹⁶ *Id., ibid.*

¹⁷ *Id., ibid.*

¹⁸ Ver a décima seção do capítulo 1.

¹⁹ SANTOS, *A fala cênica e o trabalho... op. cit.*, p. 24.

²⁰ *Ibid.*, p. 26.

o começo de sua vida profissional no Brasil, fica evidente uma certa ideia de transposição daquilo que ela exercia na União Soviética para o país de destino. Na impossibilidade de trabalhar da mesma forma, procura expressar as brechas que encontrou para, ainda assim, não abandonar o “palco”. Ao mesmo tempo, há o movimento inverso. O que ela diz ter recebido, isto é, a sua formação e experiência artística, são vistas, no presente, a partir do lugar que a fez readaptá-las, o Brasil. Nesse sentido, Elena está se referindo ao que havia dito em nossa primeira entrevista, quando descreve os outros momentos de sua vida em que a música esteve presente e que começou a encará-la de maneira mais incisiva. Da mesma forma como narra o início de sua vida no Brasil, ela começou igualmente pelas dificuldades que enfrentou nos primeiros anos de ensino para, na sequência, chegar aos pontos positivos que “descobriu”, ou melhor, que a ajudaram a descobrir:

E: Eu desde a primeira série me senti muito diferente dos outros. E, esses problemas, de vez em quando, durante a escola, eu senti na minha pele, de verdade. Mas, ao mesmo tempo, eu encontrei lá duas professoras, que eu lembro com a maior paixão, porque uma delas trouxe pra mim a paixão pela matemática e a outra a paixão pela história.

L: É, eu sou historiador, também, adoro.

E: Porque essas duas professoras, eu lembro, pra elas essas nossas aulas não eram trabalho. A felicidade delas era passar a paixão delas para as crianças e adolescentes. Entendeu? Pra cada um de nós descobrir que a história é muito interessante, tem muito valor, e a matemática pode ser muito divertida e não pesada.

L: Sim. Era um ensino diferenciado.

E: É. Tinham outras também, como duas, três professoras, que eu gosto muito. A minha primeira professora, eu acho que o meu agradecimento pra ela é o maior. Porque, como eu tinha muitos defeitos na fala e comecei a tratar a minha fala, o meu ouvido e muita coisa, eu fui obrigada a ler muita poesia, decorar textos, que na escola também tinha, e por isso eu muito rápido aprendi a fazer isso. *A arte de falar*. E *ela descobriu isso*. Quando tinha um dever de casa de decorar poesia, na outra aula ela sabia que eu vou fazer o melhor de todos. E, desde a primeira série, eu comecei a participar, graças a ela, de concursos de leitura artística [...] As professoras [também] levaram pra galerias, levaram pra museus de história, Tsaritsyno, vários museus dentro de Moscou. Por isso, quando a gente termina a escola a nossa *bagagem* é enorme. Da literatura, da música. Desde a quarta série, não, primeira série, era obrigatória a aula de música e, na quarta série, começa história da música. Você imagina, a gente sai da escola sabendo quem é [Franz] Liszt, [Johannes] Brahms, [Piotr] Tchaikovski, [Frédéric] Chopin, [Johann] Bach, [Ludwig van] Beethoven.²¹

À maneira de Cristina, apesar dos obstáculos, Elena busca valorizar a educação que recebeu durante os tempos soviéticos.²² No entanto, diferente da primeira, os “problemas” que ela diz ter passado estão ligados a um nível bem mais pessoal, por sentir-se “diferente dos outros” em função de suas necessidades especiais de dicção e audição. Além disso, o

²¹ GAISSIONOK, *Entrevista 1... op. cit., s.p. Grifos meus*.

²² Antes da reforma de 1984, os primeiros nove anos, depois da pré-escola, no sistema educacional soviético, correspondem à escola primária, iniciada aos sete anos de idade; e, à escola secundária incompleta; formando a base para o prosseguimento no ensino médio. BRITTAR, Marisa; FERREIRA JUNIOR, Amálio. A última reforma da educação soviética. *Histedbr*, v.17, n.3, 2017. p. 743.

acolhimento recebido na escola não decorre do *status* de seus familiares, como apontado por Cristina, mas justamente por não se ver como parte daquele mundo. Obviamente, há uma vez mais em sua narrativa uma busca pelos aspectos que explicam as “origens” do seu interesse pelas artes, de modo que o estudo da música, da literatura e, inclusive, de disciplinas não ligadas diretamente, aparecem como os principais componentes de sua “bagagem” cultural – expressão também empregada por Irina. A declamação de poesias, as visitas aos museus e galerias de Moscou e o estudo de Liszt, Brahms e tantos outros que Elena arrola com propriedade, igualam-se ao embalo do *jazz* para enfrentar as dificuldades da vida. Contudo, pensando em como ela narra as transformações que a mudança para o Brasil acarretaram, não há como desconsiderar os laços afetivos que ela procura estabelecer com a União Soviética por meio, sobretudo, de suas professoras. Elena conta de maneira emocionada como elas não apenas a fizeram sentir-se parte daquele mundo por meio da arte, como a incentivaram a seguir na carreira. De certa forma, a dedicação de suas professoras é colocada como o espelho de sua persistência, “em convencer”, no Brasil, que ela poderia continuar trabalhando com as artes. Assim, o que ela “recebeu” é mais do que a instrução técnica, mas o desejo de “fazer alguma coisa boa”, que a identifica com a União Soviética, e que só é capaz de avaliar depois dela ter ficado para trás.

A interpretação de Elena sobre a vida no Brasil a partir da União Soviética, e vice versa, é muito similar a de Anna, que no país de destino também procurou seguir com a sua profissão, sem deixar de enfrentar evidentes obstáculos. Depois de se formar em 1988, assim como Elena, Anna trabalhou como secretária no Departamento de Línguas Estrangeiras da Academia de Ciências da Ucrânia. O marido, antes de concluir a faculdade, foi convocado para servir na Guerra do Afeganistão. Encaminhado para a fronteira com o Turcomenistão, Oleg retornou em 1989.²³ Em Kiev, concluiu os estudos, sendo convocado, logo em seguida, para trabalhar como tradutor em Angola. Com a retirada das tropas soviéticas das regiões de disputa por esferas de influência,²⁴ Oleg regressou novamente ao seu país. No entanto, como conta Anna, esta seria a última vez, pois desde antes de 1991, ambos já vinham levantando recursos, principalmente os obtidos por meio do serviço militar, com a perspectiva de deixar a União Soviética que, diz ela, estava sob um clima de “salve-se quem puder”.²⁵ No Brasil, em nossa última entrevista, Anna conta, da mesma forma que Elena, como foi difícil para ela e o marido conseguirem ser

²³ O Afeganistão foi o primeiro país a estabelecer relações diplomáticas com a União Soviética a partir de 1919. O envolvimento dos soviéticos na guerra, em decorrência das mudanças na política interna afegã, durou de 1979 a 1989. POWASKI, *op. cit.*, p. 316.

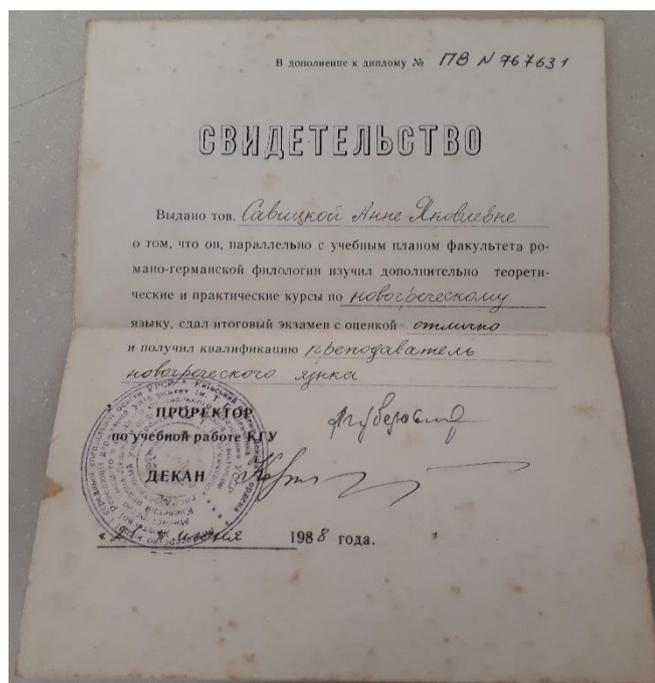
²⁴ A manutenção das tropas soviéticas no exterior e a produção de armamentos, desde que Gorbachev assumiu, sempre foram os principais alvos de suas críticas em relação à política externa. Em abril de 1988, começa a retirada do exército do Afeganistão, seguida pelas negociações para pôr fim nos conflitos em Angola. *Id.*, p. 317.

²⁵ SAVITSKAIA, *Entrevista 3... op. cit.*, *s.p.* Ver ainda a última seção deste capítulo.

reconhecidos institucionalmente como eram antes, recorrendo desta forma ao trabalho autônomo. Nos dois casos há, por um lado, uma quebra nos “horizontes” do que se conhecia no país de origem e do que se esperava realizar no de destino, assinalando a dimensão dolorosa da perda. Por outro, há uma ênfase na mediação entre a “bagagem” dos seus locais de origem e do país para onde migraram. Assim, se Elena conseguiu tornar sua técnica artística cobiçada justamente por ser “desconhecida” no Brasil, a língua nativa de Anna e Oleg, bem como as outras tantas que conheciam, tornaram-se “uma forma de capital intelectual, que lhes [permitiu] ganhar a vida ensinando idiomas” até hoje,²⁶ como conta a ex-tradutora.

De maneira similar, Anna interpreta essa oportunidade identificando o que “recebeu” na União Soviética. Outra vez, não apenas em termos de instrução, mas de desejo. Junto aos demais documentos que já apresentei, ao falar sobre como tornou-se professora particular, sob a mesa que dividíamos, Anna empurrou em minha direção um certificado de formação em grego e seu histórico escolar do curso de Letras romano germânicas (*Figuras 1, 2 e 3*).

Figura 1. Certificado de formação em grego, 21 de junho de 1988



Fonte: Anna Savitskaia (arquivo pessoal)

²⁶ BURKE, *op. cit.*, p. 35.

Figura 2. Histórico escolar, lado A

Приложение к диплому № 467631
ПВ

ВЫПИСКА ИЗ ЗАЧЕТНОЙ КНИЖКИ
(без диплома недействительна)

Савицкая Анна Ивановна за время пребывания в
(фамилия, имя, отчество)
Киевском государственном университете имени Т.Г.Шевченко

с 19 68 года по 19 68 год и в _____ высшем учебном заведении
с 19 68 года по 19 68 год сдал экзамены и зачеты по следующим дисциплинам
специальности романско-германские языки и литература и специализации
филолог, преподаватель английского и немецкого языков, переводчик
английского языка

	Количество часов	
1. История КПСС	170	хорошо
2. Марксизм-ленинская философия	140	хорошо
3. Политическая экономия	140	удовлетворительно
4. Научный коммунизм	80	хорошо
5. Основы научного атеизма	24	хорошо
6. Психология	60	хорошо
7. Педагогика	80	хорошо
8. Введение в языковедение	68	хорошо
9. Общее языковедение	40	хорошо
10. Введение в спецфилологию	72	хорошо
11. Латинский язык	100	удовлетворительно
12. Русский язык	100	удовлетворительно
13. Украинский язык	72	удовлетворительно
14. Литовский язык (основной)	1372	отлично
15. История основного языка	104	хорошо
16. Литовский язык (второй)	780	отлично
17. История зарубежной литературы	288	хорошо
18. Специдоготовка	450	хорошо
19. Педагогическая практика	450	отлично
20. История русской советской литературы	36	зачтено
21. История украинской советской литературы	32	зачтено
22. Логика	36	зачтено
23. Методика преподавания иностранного языка	60	хорошо
24. Введение в литературоведение	32	зачтено
25. География и история страны изучаемого языка	80	хорошо
26. Специальные курсы	204	зачтено

Fonte: Anna Savitskaia (arquivo pessoal)

Figura 3. Histórico escolar, lado B

27. Советское право	40	зачтено
28. Технические средства обучения	18	зачтено
29. Физвоспитание	140	зачтено
30. История КП	18	зачтено
31. Основы марксизм-ленинской этики	18	зачтено
32. Основы марксизм-ленинской эстетики	18	зачтено
33. Переводческая практика	68	зачтено
34. Теория и практика перевода	68	зачтено

Савицкая Анна Ивановна зашил(а)
дипломную работу на тему: Семантика прилагательных отрицательной
восточноевропейского языка _____ с оценкой
отлично _____

Сдал(а) государственные экзамены по предметам:

1. Марксизм-ленинизм	удовлетворительно
2. Немецкий язык	отлично

гор. Киев № 21 и имя: 19 68 год.

Регистрационный № 49

Савицкая Анна Ивановна

Зак. 581, тир. 500, КТУ.

Fonte: Anna Savitskaia (arquivo pessoal)

Através destes últimos, assim como todo o conjunto de documentos selecionados, Anna procura projetar a “bagagem” que referenda a sua imagem de mulher intelectual e politicamente engajada com os princípios fundadores do Estado socialista. Mais do que o acesso ao ensino superior que ela tanto valoriza, sua formação, na esteira de tudo que já disse, é colocada sempre ao lado das experiências de convívio coletivas, como no *kolkhoz*; e, dos fortes sentimentos que nutre pela participação de seus familiares na “Grande Guerra Patriótica” e na construção da União Soviética. A importância de apresentar “documentos probatórios de atuação dos titulares”,²⁷ como certificados e históricos escolares, além do referido diploma,²⁸ pesa mais pela associação com as ações de seus familiares e as relações coletivas, do que a efetiva graduação ou o exercício dos cargos. Seus papéis, assim como as fotografias de Irina, adquirem sentido não simplesmente por aquilo que lhe conferiram no passado, mas o que a permite dizer sobre si no presente. Guardadas as devidas proporções, poderia dizer que Anna busca apresentar tais aspectos, à maneira de Elena, como os espelhos que refletem no Brasil o que ela trouxe, afetivamente, da União Soviética.

²⁷ HEYMANN, *op. cit.*, p. 271.

²⁸ Ver a sexta seção do capítulo 2.

Embora muito semelhantes, a narrativa de Elena, porém, oferece um pouco mais de arestas na construção da relação entre as oportunidades encontradas no Brasil e o que, da União Soviética, a mobilizou, especialmente quando comenta sobre suas dificuldades de “sentir-se parte”. Aproximando-se da divergência de Cristina sobre a lógica de defesa, aprofundo em seguida o que é esse “ser diferente” e a relação disso com o seu país de origem.

A menina que pensa diferente

O que Elena “recebeu”, como se sabe, refere-se ao incentivo e à dedicação, ainda na escola, dela e de suas professoras pela música. Seja falando sobre a vida de seus pais ou sobre a sua chegada no Brasil, é recorrente que sua narrativa comece sempre pelas dificuldades de sobrevivência, adaptação e assim por diante. O que não muda ao descrever o ambiente escolar. Contudo, diferente das outras situações, em que a guerra ou a precariedade das condições de vida, respectivamente, estão ligadas às limitações dela e de seus pais, na primeira entrevista, quando ela fala sobre os problemas que passou na infância, Elena não estabelece nenhuma relação que não seja para além de si mesma. Como visto anteriormente, a narrativa só deixa de ser totalmente idiossincrática quando a fase de superação entra em cena, aí sim vinculada aos laços mais coletivos das suas lembranças. Isso não significa, porém, que Elena não veja as suas particularidades relacionadas “ao entretido de narrativas coletivas compartilhadas dentro de sentimentos de comunidade”.²⁹ Em nossa segunda entrevista, sem que tais questões passassem pela minha cabeça, Elena me surpreendeu resgatando o que havíamos conversado, procurando evidenciar os sistemas socioculturais soviéticos – os quais eram o foco da minha pergunta naquele momento – com as suas dificuldades pessoais durante a infância.

Semelhante à interpretação da passagem da União Soviética para o Brasil, Elena destaca novamente a importância da distância para a “avaliar” aquilo que “recebeu”. Antes, ela situa que, “praticamente,” toda a sua infância e juventude foi durante o período de Brejnev, mas,

[...] a gente pode avaliar isso só bem depois. Agora a gente começa a perceber o que foi bom, o que não foi bom. Mas, mesmo assim, tinham coisas bem boas e tinham coisas bem ruins. Por isso, a gente *não quer voltar a isso*, porque [era uma] *uniformidade do comportamento* da própria sociedade, entendeu? Muito... às vezes, oprimido, porque se você não... não combina com [a] maioria você ‘apanha’ de verdade. Como eu era a menina, desde a primeira série, *a menina que pensa diferente*, que tem jeito diferente, meus pais um dia me levaram para o psiquiatra, entendeu? Depois que fizeram pesquisa comigo, vários testes na Universidade de Moscou, eles constataram que eu, a minha lógica, a minha maneira, não é sempre adequada.³⁰

²⁹ BRAH, *op. cit.*, p. 363.

³⁰ GAISSIONOK, *Entrevista 2... op. cit.*, s.p. *Grifos meus*.

No capítulo anterior, a dimensão da idade e do gênero, sobretudo, foram assinaladas para inquietar a pretensa estabilidade do *homo sovieticus*. A passagem atrás citada, que quer ser a de alguém que vê de *longe*, não faz diferente. Não creio ser exagero repetir que, da primeira vez em que conversamos, Elena preferiu silenciar a relação das suas dificuldades de convívio social com a sua percepção sobre os sentidos de pertencimento comunitário. Na primeira vez, devo confessar, minhas perguntas se direcionaram muito mais aos seus itinerários particulares, do que a sua leitura contextual, como na entrevista seguinte. Obviamente, as experiências vividas “não habitam espaços mutuamente exclusivos”.³¹ A minha separação entre “macro” e “micro”, todavia, é muito mais instrumental do que definidora, nenhuma delas opera em um nível mais alto de abstração do que o outro. E isto fica evidente quando ela coloca em primeiro plano a articulação entre o singular e o coletivo. Mas para chegar nessa perspectiva, como observei, parece ter sido necessário situar-se particularmente, em um primeiro momento, para depois partilhar os seus significados com as relações da vida cotidiana.

No âmbito geracional, é necessário sublinhar como o silêncio inicial reflete, de certa forma, a própria etimologia da palavra latina infância, em “que *ifans* é aquele que não fala”.³² Na verdade, ela não fala duas vezes. A primeira, quando a “uniformidade do comportamento” a impede de “ser” da maneira que gostaria, demonstrando o “grau de ficção que existe na própria ideia de infância, uma invenção do adulto”, que a antecede querendo projetar o seu futuro.³³ E, a segunda, quando é necessário mais de um encontro para ela sentir-se confiante em dividir um assunto que a “gente não quer voltar”. Próxima do relato de Cristina, Elena recorda da escola como um ambiente uniformizador que, segundo ela, refletia a “própria sociedade” da época de Brejnev. Embora identificado com a chamada “linha dura”,³⁴ não houve um retorno dos métodos stalinistas de governo quando o Comitê Central do Partido Comunista, em 1964, derrubou Khrushchov e o colocou em seu lugar.³⁵ Ainda assim, a KGB seguiu persuadindo as pessoas consideradas suspeitas de infringir o sistema; as publicações não escaparam dos olhos dos censores; e, os críticos do regime continuaram sendo “convidados” a emigrar ou acabaram

³¹ BRAH, *op. cit.*, p. 364.

³² HARTMANN, Luciana. História, memória e performance em narrativas orais de crianças. In. RODEGHERO, Carla Simone; GRINBERG, Lúcia; FROTSCHER, Méri. *História oral e práticas educacionais*. Porto Alegre: UFRGS, 2016. p. 109.

³³ CÁRCAMO, *op. cit.*, p. 210.

³⁴ Na linguagem da ciência política, o termo “linha dura” em geral se refere a um grupo que defende o uso de medidas pragmáticas, ou até repressivas, para defender os interesses do regime em curso. Na União Soviética, a “linha dura” do Partido Comunista designa os opositores da ala reformista, um grupo de jovens lideranças que viveram as transformações pós-stalinistas das décadas de 1950 e 1960. ALBUQUERQUE, *op. cit.*, p. 93.

³⁵ Algumas facções do Comitê Central, incluindo o próprio Brejnev, tentaram reabilitar ao menos a imagem de Stalin, ainda que sem sucesso. Sua premissa era de que “seus crimes deveriam ser lembrados juntamente com suas conquistas”. FRANCISCON; OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 73.

internados de maneira compulsória em clínicas psiquiátricas.³⁶ No plano discursivo, a promessa de uma sociedade comunista em 20 anos, como anunciou Khrushchov, foi substituída pela da modernização científica e tecnológica. Internacionalmente, mais do que liderar o movimento comunista, sua principal preocupação era a manutenção do *status quo* do país. Conforme alguns analistas, uma piada soviética resumia essa época da seguinte forma: “os patrões nos pagam, nós fazemos o trabalho.”³⁷

Evidentemente, Elena não está narrando nenhuma situação de dissidência política que acarretou em algum tipo de coerção ou violência. E sim, uma lembrança das dificuldades de “combinar com a maioria” durante a sua infância. Entretanto, ela não deixa de estabelecer uma relação entre o que via como o *modus operandi* da sociedade e a forma como se sentia no ambiente escolar; entre o ideal do *homo sovieticus* e a “menina que pensa diferente”, contrastando suas matizes e identificações de gênero e geração. Entre uma situação e outra, há também o silêncio diante da persuasão para adequar-se ou, no mínimo, aparentar-se aos “patrões”. Este aspecto sobrevive no presente e necessita da distância, e do tempo, para ser rompido. Tal qual a música, quando olho agora para a primeira entrevista, o silêncio também a acompanha na construção de diversos momentos de sua vida. Depois de falar sobre sua passagem pela escola, Elena parte para os primeiros anos nas faculdades que frequentou e o início de sua carreira profissional. No entanto, o silêncio não é apenas uma metáfora para os seus sentimentos ou um não-dito, como nas duas outras ocasiões, mas uma condição aflitiva, conforme ela me narrou:

L: E como é que foi, como era o curso, os ensaios...

E: Não. Foi pesado, foi pesado. Porque no mesmo verão eu tentei quatro escolas de teatro. Academias, melhores academias.

L: Que ano?

E: Isso em 19[78], depois da escola. Não passei em nenhuma, fiquei muito triste, em agosto. E, de repente, o pai da minha amiga me fala: ‘Elena, de repente, eu vi no jornal que tem uma faculdade de teatro musical e eles vão fazer só agora o vestibular, tenta fazer.’ Eu não estava preparada para nada disso, eu queria teatro dramático, mas como eu já gostava de cantar e cantava bem, eu já tinha princípios de música, eu gostava de dançar, dançava um pouquinho, aí eu fiz e passei. Depois eu soube que o concurso foi 70 pessoas pra uma vaga.

L: Nossa, bem concorrido.

E: Bem concorrido. Mas não somente isso Lúcio, quando eu entrei, eu entrei com a voz muito pequena e pra falarem mim que ‘se até o final do primeiro ano a sua voz não vai abrir, você está fora da faculdade’. A turma era de 20 pessoas. O meu *pavor foi tão forte que a voz abriu* [risos]. No dia em que Yuri Gagarin foi pro espaço, 16 de abril, lembro muito bem desse dia, a minha vida melhorou, começou a melhorar, com

³⁶ Caso dos irmãos historiadores Roy e Zhores Medvedev, que enfrentaram, respectivamente, o exílio e a internação no início da década de 1970. MEDVEDEV, Zhores; MEDVEDEV, Roy A. *Uma questão de loucura*. Rio de Janeiro: Artnova, 1972.

³⁷ NOVIKOVA, *op. cit.*, p. 78;

os estudos. Eu terminei a faculdade com a melhor nota, a mais alta da turma, pelo canto justamente.

L: Abriu mesmo.

E: Sim. E depois, como eu fui pra outra cidade, trabalhar no teatro, pra crianças e juventude, não tinha nada com música, teatro dramático pra juventude.

L: Qual cidade?

E: Kirov, mil quilômetros de Moscou. Hoje em dia é Vyatka. Vyatka, não de Leningrado, não. Aí um ano depois a minha professora fala: ‘Elena a gente aqui dentro do nosso teatro abriu estúdio, vem pra cá fazer a prova’. Eu fui, fiz a prova. Muitas perturbações, muitas coisas estranhas, e passei. Quantas pessoas tinha pra uma vaga? 120.

L: Mais do que antes.

E: Depois, no outro ano, pra mesma faculdade, foram 200 pra uma vaga. Hoje em dia é 400 pessoas pra uma vaga [risos]. Muita gente. Três etapas artísticas. Depois tem entrevista, prova de história, prova de literatura e redação. Sete provas pra entrar na academia de teatro. Mas depois como eu fiquei, justamente, no teatro, eu comecei a estudar na faculdade e logo comecei a participar de pequenos papéis no teatro. Por isso, a minha vida artística é muito muito grande.³⁸

Antes de sua fala sobre o começo da vida no Brasil, o tom desafiador e doloroso já havia aparecido na sequência narrativa acima. Da mesma forma, as rejeições, as decepções, os sonhos não realizados e as “perturbações” surgem logo no início, demarcando o lado mais “pesado” de toda a sua experiência, para depois chegar em um ponto de virada, que abre caminho a uma fase de “melhora”. O trecho em questão, porém, intercala dentro da passagem de um momento para outro três aspectos recorrentes da narrativa de Elena. A musicalidade, o silêncio e uma informação pontual direcionada ao interlocutor. O primeiro corresponde ao elemento que, em geral, a ajuda a transpor os momentos de dificuldade. O segundo, visto muito recentemente, representa os temores e também a *necessidade* – assim como é o esquecimento para a memória –, de se preservar diante das consequências que imagina gerar ao dizer algo.³⁹ O último, finalmente, é uma estratégia, chamada “função fática”, para atrair a audiência com a inserção de uma informação pontual.⁴⁰ Neste caso, valendo-se de uma já utilizada, isto é, a viagem de Gagarin. Em conjunto, música e silêncio, que são tanto formas da narrativa quanto componentes da sua experiência – o trabalho com o canto e a “pequenez” da voz –; e, o uso do mesmo elemento factual do começo de sua apresentação,⁴¹ ainda que com um pequeno equívoco,⁴² tornam este ponto de virada uma espécie de segundo nascimento de Elena.

Do ponto de vista da narrativa em que Elena se dizia uma “menina que pensava diferente”, a ideia de uma nova vida carrega um sentido de amadurecimento, de alguém que

³⁸ GAISSIONOK, *Entrevista 1... op. cit., s.p. Grifos meus.*

³⁹ RAGO, *op. cit.*, p. 212.

⁴⁰ HARTMANN, *op. cit.*, p. 114.

⁴¹ Ver a segunda seção do capítulo 2.

⁴² Gagarin foi para o espaço em 12 de abril de 1961, e não 16. No entanto, do ponto de vista do significado, segundo Bulter, é “impossível não cometer equívocos ao falar do ‘meu inconsciente’, porque ele não é uma posse, mas algo que não posso possuir”. BUTLER, *Relatar a si mesmo... op. cit.*, p. 74.

tornou suas dificuldades um trunfo rumo a uma “vida artística” independente e agitada. Ao mesmo tempo, quando evidencia o gênero e a geracionalidade, mostra como todo esse processo foi fragmentado e, até mesmo, doloroso. A propósito, próxima do final de nossa segunda entrevista, ela fala muito emocionada, e com certa satisfação no olhar, como se tornou “mama Elena Gaissionok” – *mama* (мама), equivale a “mãe”:

Eu agora, com tantos anos, 30 anos passaram praticamente, eu vejo que tem muita coisa boa que eu não tinha como avaliar. E agora eu falo, sobretudo na minha educação, eu agradeço muito, pra muita gente. Até pra grosseria, até pra força mesmo, entendeu? Tinha muita coisa que eu agradeço, porque era boa e suave. Muito afeto. Professores ajudavam muito. Você não tem como na hora avaliar, só agora. Entendeu? Mesmo as brigas, pancadas, você fala: ‘obrigado que você fez isso, obrigado’. Entendeu? Eu tenho até agora paixão e amizade com minhas professoras, uma desde 19[75]. Ela, com 94 anos, até agora trabalha. Outra, desde 19[78], de canto, até agora. Ela já está com *alzheimer*, mas olha só como o afeto foi forte. Com *alzheimer*, a filha dela fala que ela de repente levanta e pergunta: ‘Onde está Elena Gaissionok? Ele cantava bem, mas tem que ensaiar mais’. Olha só, com *alzheimer*. Ela gravou e me mostrou. Eu fiquei muito emocionada, porque isso significa que foi muito forte pra nós duas. Essa dedicação. *É amor de verdade*. Preocupação pelo outro. A minha professora de interpretação agora está em Moscou. Ela não tem família própria, ela me conta como uma filha. ‘Você é minha filha’, [e eu digo] ‘você é minha mãe’. Todo mundo no teatro sabe que é mama Elena, mama Elena Gaissionok. [...] O meu retrato está lá. *Eu faço parte da história do meu teatro* e isso me traz muita felicidade.⁴³

Depois de ouvi-la, imediatamente recordei de sua narrativa, e também de Anna, sobre suas avós durante a guerra.⁴⁴ Nelas, não há apenas a subversão dos ideais do *homo sovieticus*, mas a construção de uma identificação com a União Soviética pautada por elementos descritos como igualmente desafiadores e que carregam a marca das categorias da diferença. Anna iguala a importância das ações dos antepassados, atribuindo certa centralidade à avó. A de Elena, por sua vez, passa longe da figura incumbida de apenas distribuir afeto dentro do ambiente doméstico, algo que ela mesma não recebe, conforme retratado. Mesmo assim, elas não deixam de as associar com os sentimentos de comunidade, como faz Elena ao contar como ela própria “tornou-se parte da história” do seu teatro em Moscou. Da mesma forma que Anna, ela pede que eu visite o memorial digital do Teatro Acadêmico da Juventude Russa – lugar onde trabalhou de 1983 a 1990 –, e veja como de fato o seu “retrato está lá” e *confirma* o seu sentimento de pertencimento (*Figura 4*). Contudo, não se trata de aceitar, apesar dos sofrimentos, qualquer União Soviética. Em todas as narrativas mencionadas, elas “acrescentaram suas próprias dimensões culturais a um entendimento de si mesmas” como mulheres soviéticas.⁴⁵ O relato anterior é construído em cima de um sentido de paixão profunda, ou melhor, de “amor de verdade”, que explicita as diferenciações de suas subjetividades. Trata-

⁴³ GAISSIONOK, *Entrevista 2... op. cit., s.p. Grifos meus*.

⁴⁴ Ver a terceira seção do capítulo 2.

⁴⁵ PASSERINI, *op. cit.*, p. 110.

se portanto de criticar o processo de construção do Estado socialista “em terrenos culturais”.⁴⁶ Sem perder de vista que essa capacidade de interpretar a vida e a antiga comunidade parte de um olhar que se vê como distante, tanto no tempo, há “30 anos”, quanto no espaço, pois as “referências são diferentes”.

Figura 4. Elena, década de 1980



Fonte: Teatro Acadêmico da Juventude Russa, 2022.

Entretanto, nem todo olhar sobre o entendimento de si, enquanto parte de uma coletividade, passa pela dimensão da dor e do sofrimento. Assim como demonstrei que a lógica de defesa da União Soviética algumas vezes despertou mais medo do que integração, comparando as narrativas de Anna e Cristina,⁴⁷ na próxima seção analiso a existência de outros aspectos sob os quais a visão de longe pode fundar-se.

Dividir a chave dourada

Quem leu até estas páginas, pode ter ficado com a impressão de que Irina foi a única que não fez uma descrição detalhada de sua casa. No entanto, esse silêncio não é seu, mas meu. Como fizeram as outras três, ela constrói uma narrativa igualmente apaixonada pelos ambientes por onde passou durante suas andanças. Eu não a posterguei, contudo, por julgar que as outras

⁴⁶ *Id, ibid.*

⁴⁷ Ver a sétima seção do capítulo 2.

eram mais elucidativas ou articuláveis do que as dela, e sim porque vi ali aspectos que deixei para tratar neste capítulo. Consoante a experiência de Anna, Irina conta ter vivido em uma *komunalka* com sua família durante os primeiros anos em Moscou. Aliás, em nosso encontro de apresentações, ela ficou curiosa para saber o que minha primeira entrevistada havia dito sobre a União Soviética. Naquele momento, fui mencionando vários dos aspectos já abordados neste e em outros capítulos. Dentre eles, a questão da moradia. Durante a entrevista, depois de passar por algumas fotografias da família de sua mãe, as quais apresentarei logo adiante, Irina lembrou do que conversamos na semana anterior e resolveu falar de sua *komunalka*.

Esse apartamento comunal, ele era um apartamento de aproximadamente 400 metros quadrados. Ele era dividido por cinco unidades menores, cinco cômodos... um... dois... três. Não. Quatro cômodos. Fora a área comum, que era cozinha, banheiro e um corredor de entrada. Cada um desses cômodos foram dados de acordo com o número de pessoas dentro. Por exemplo, a porta em frente a nossa, era um quarto menor, mas morava apenas uma pessoa. A família que era maior, ela morava à direita. Ela tinha um quarto bem maior. Era uma família de quatro pessoas. [...] Era distribuído dessa maneira. Então, aquilo que você falou, *da pessoa que você entrevistou*, sim, tinha papel de parede, aquecimento, calefação. E eu vou te falar, apenas cinco anos de idade, *a minha memória não é de conflito*, não tenho memória de briga. Me lembro de visitar o quarto dessa moça que tinha em frente ao nosso. Eu me lembro que ela adorava dar guloseimas para as crianças. Me lembro que ela tinha muitas plantas dentro de casa. A vizinha do lado também tinha muitas plantas [...] Hoje em dia, esse endereço é um endereço muito caro. Na época era um apartamento comunal, hoje ele pertence a uma única pessoa, ou seja, todos os cômodos agora foram vendidos pra essa pessoa. Essa pessoa mora num apartamento de 400 metros quadrados novamente, bem em frente ao Rio Moscou.⁴⁸

Baseada na ideia que eu já possuía certa familiaridade com esse tipo de descrição, Irina acompanha a fórmula das outras entrevistadas, sendo até mais concisa e enfatizando a lógica de distribuição das unidades habitacionais. Há também um destaque para a “convivência socialista”, conforme as palavras de Anna,⁴⁹ com os moradores do entorno. Nesse sentido, ela busca demonstrar como este modelo possibilitou a lembrança de uma atmosfera menos conflituosa e que oferecia condições mínimas de subsistência a todos os seus residentes. De certa forma, isso explica o rumo que a sua narrativa toma em seguida. Irina deixa de falar sobre o que recorda para comentar sobre o que aconteceu com as *komunalkas* depois da dissolução. Em tom de decepção, ela lamenta que “hoje” um local que atendia a várias pessoas pertence a apenas uma, acarretando a perda de todos aqueles sentidos comunitários. Seu olhar, porém, não é apenas em relação ao antigo país. Adiante, Irina expressa o ponto de vista do seu local de fala:

Eu sou professora, tenho trinta anos de trabalho e com o meu salário eu não consigo comprar nada, entende? Não me passa pela cabeça comprar um apartamento, um

⁴⁸ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit., s.p. Grifos meus.*

⁴⁹ Ver a sexta seção do capítulo 2.

imóvel, porque não dá. Simplesmente não dá [...] Então assim, o Estado resolvia várias questões, de saúde, de educação...⁵⁰

Por um lado, a passagem de um lugar para o outro está na base de sua interpretação sobre como vivia, e convivia, na União Soviética, através do caso das *komunalkas*. Por outro, sua *hermenêutica do movimento* reconhece, segundo Traverso, “a impossibilidade de dissociar a interpretação do passado de um luta inscrita no presente”.⁵¹ São as suas condições de vida hoje que, em grande medida, orientam a forma como ela descreve como *eram* no passado, em um mundo em que o antigo Estado socialista “resolvia” questões que, trinta anos depois, sob outros paradigmas de governança, não são mais facilmente acessíveis, sobretudo individualmente. Não obstante a sugestão de um tipo diferente de convivência, preciso sublinhar que, até aqui, muitas outras alusões ao “socialismo”, *grosso modo*, foram feitas não apenas por Irina, mas por todas as outras entrevistadas. E, da mesma forma que segurei as narrativas que acabei de apresentar, não ofereci nenhuma indicação do que elas entendem, de fato, enquanto tal. Apenas algumas associações a partir de determinados aspectos de suas vidas. Minha justificativa para tanto, é a mesma. Suas compreensões sobre o modelo soviético de sociedade estão diretamente relacionadas ao *modelo que elas acreditam viver atualmente*, ou que leem, se informam etc., em um outro país. Portanto, a partir do movimento.

No primeiro capítulo, tratei brevemente sobre o que Elena compreendia enquanto União Soviética, concluindo que ela não incluiu, por exemplo, elementos da estrutura organizacional do Estado, e sim percepções sobre o modo de vida e certos valores que puderam ser vistos sistematicamente ao longo dos capítulos seguintes.⁵² O mesmo cabe à noção de *Cortina de Ferro*, aprofundada por Irina. Ainda que ela tenha recorrido às críticas das teses *cold warriors*, pesa em sua narrativa a forma como ela recorda ser “colocada” dentro desse esquema explicativo.⁵³ A construção de uma percepção sobre o “socialismo” não é diferente. Ela acompanha, como se pode observar nos dois relatos anteriores de Irina, o mesmo procedimento, assim como nos de todas as outras entrevistadas. Diferente de expressões como *Cortina de Ferro* – longamente citada por Irina, mas apenas sugerida, ou até mesmo ausente, entre outras –, o “socialismo” é uma constante, chegando a ser vicário de “União Soviética”. Nele, coabitam igualmente algumas noções teóricas, próprias do pensamento marxista, e das representações do Estado soviético, a exemplo da crítica de Anna ao Partido Comunista, no final do capítulo

⁵⁰ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit., s.p. Grifos meus.*

⁵¹ TRAVERSO, *La historia como campo... op. cit., p. 239.*

⁵² Ver a décima seção do capítulo 1.

⁵³ Ver a nona seção do capítulo 1.

anterior;⁵⁴ e os demais exemplos que trago na seção seguinte. Além disso, o termo é intensamente associado às garantias sociais dadas à população, como todas as narrativas sobre o sistema habitacional atestam. Contudo, o aspecto que mais as aproximam de um entendimento comum sobre o “socialismo”, não está na junção de noções teóricas e o que elas recordam sobre suas vidas, mas de que ele se constitui com um processo de aprendizado.

Para todas elas, o conceito de “socialismo” não é algo acabado, mas um modo de convivência que foram *aprendendo*, e *aprendendo*, a partir de suas próprias experiências. Este processo, mesmo com a dissolução e o seus deslocamentos, não é visto como algo concluído, o que evidencia a relação de suas compreensões com o reconhecimento de que suas vidas são igualmente *móveis*, tanto corporalmente, quanto emocionalmente. Em outras palavras, o “socialismo” é algo que foi e continua sendo aprendido, porque elas o veem a partir de suas próprias movimentações, das mudanças pelas quais suas vidas passaram, e do proveito que tiraram do *tempo* e da *distância* para “avaliar” constantemente *quem foram e quem buscam ser*. Grande parte dessa minha interpretação, devo admitir, surgiu de uma pequena história que Irina me contou em nossa primeira entrevista. Não que eu a tenha tomado de modelo para enquadrar as percepções das demais. O que eu vi, e ouvi, em seu relato, também esteve presente nos outros. Eu estou afirmando apenas que, foram com as suas palavras, que consegui colocar em palavras o que acabei de argumentar.

Explico. Perto do final da entrevista, Irina passou a falar sobre um assunto que já havia aparecido nos outros relatos, as suas experiências no jardim de infância.⁵⁵ Com a mesma valorização empregada na descrição de sua *komunalka*, ela começa contando que,

Eu fui pra creche a partir do segundo ano de vida, minha mãe tinha licença, até dois anos de licença maternidade [...] Eu nunca tive nenhuma doença infantil, nenhuma. Nem sarampo, nem coqueluche, nem, sei lá, rubéola, caxumba, nunca, nenhuma, nenhuma. Se tivesse, no máximo, era um resfriado e olhe lá. Eu fui pra creche, como eu te falei, com dois anos. Eu amava. A gente ficava na creche das oito horas da manhã até cinco horas da tarde. A gente tinha uma *série de atividades*. Você tinha aula, por exemplo, de ensinar a escrever, contar [...] A gente no verão tinha uma horta e tomava conta dela. A gente fazia passeios. Tinha aula de desenho, enfim. Imagina o que uma criança vai fazer em uma creche de segunda a sexta, de oito da manhã às cinco da tarde. A gente dormia lá. Enfim, eu amava ir pra creche, amava, só tenho assim, as *melhores recordações*.⁵⁶

⁵⁴ Ver a oitava seção do capítulo 2.

⁵⁵ Depois de 1917, foi criada uma rede de jardins de infância “a fim de livrar a mulher da carga legada historicamente”, isto é, trabalho doméstico e cuidado com os filhos. Porém, parte da tendência de passar essa carga a mulher permanece, ao invés de conceber que esta não era necessariamente feminina. SENNA, *op. cit.*, p. 191.

⁵⁶ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit., s.p. Grifos meus*.

A descrição deste espaço escolar é muito semelhante à feita do ambiente universitário no início da entrevista.⁵⁷ Os cuidados médicos, mais uma vez, abrem a sua narrativa no intuito de reforçar essas “questões que o Estado resolvia”, parafraseando uma de suas falas anteriores. Na sequência, diferente de Elena, ela busca mostrar como se sentiu acolhida desde o início e, seguindo a mesma linha da narrativa da *komunalka*, como isto resultou do tipo de convivência possibilitado neste lugar. Se antes Irina havia dito não guardar “memórias de conflitos” do apartamento onde morava, agora ela apresenta um outro lugar, de maneira apaixonada, para afirmar que só possuía as “as melhores recordações”, estabelecendo uma relação igualmente afetiva entre os espaços domésticos e coletivos. Sorridente, ela mostra então uma fotografia dessa época, em que aparece cercada de colegas, alguns deles com fantasias de animais – ela própria, inclusive (*Figura 5*). “Aqui tá aparecendo eu lá no teatro da creche, esse pato aqui sou eu”, afirma depois de identificar-se. “A menina chorona é o porquinho, olha só”, segue ela apontando para as outras crianças. “Era o pato, o gato, o porco e ... eu não me lembro dos outros dois. Não dá pra ver aqui. Acho que isso era uma raposa. A raposa e o chofer”, conclui.⁵⁸

Figura 5. Irina (de pé), década de 1960



Fonte: Irina Aragão dos Santos (arquivo pessoal), 2021.

Esta fotografia, ainda que relacionada a outros espaços de convivência, segue uma lógica muito semelhante das que ela havia selecionado para falar sobre seus tempos de

⁵⁷ Ver a quinta seção do capítulo 2.

⁵⁸ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit., s.p. Grifos meus.*

faculdade. Na verdade, tanto os seus, quanto os de seu pai (*Figuras 3 e 4, capítulo 2*). Embora não esteja exatamente no centro da imagem, Irina aparece igualmente acompanhada e de pé, à maneira das outras. Dentro de uma narrativa deslumbrada, ela busca municiar-se de exemplos compatíveis com a ideia de coletividade e integração do mundo que diz ter vivido.⁵⁹ No caso específico da imagem acima, tais aspectos procuram afugentar em sua fala qualquer tipo de silêncio que possa rodear a categoria criança, atribuindo *ação* a esta através de uma “série de atividades” que protagonizavam.⁶⁰ Não obstante esses significados atribuídos às experiências, Irina os reconhece na forma como vai construindo a narrativa, buscando mostrar-se consciente daquilo que afirma. Com a mesma imagem projetada na tela, ela passa a contar uma outra história que, ao final, considera como o mais importante aprendizado sobre como era o mundo do “socialismo”; e, como aquelas formas de convivência experimentadas, foram percebidas com as principais características daquele modelo de sociedade.

E: [...] eu tenho uma coisa que eu sempre conto, até pros meus alunos eu já contei. Até pros meus sobrinhos, inclusive. A gente ia, como eu gostava muito da creche, quando chegava o verão, que são três meses de verão, a gente ia lá pra colônia de férias. A colônia de férias era fora da cidade. Era longe, tinha que pegar um trem. A gente ficava nessa colônia de férias com vários professores e a gente dormia, comia, brincava, fazia tudo isso, ia pro bosque [...] De dez em dez dias, ou de quinze em quinze, eu não me lembro qual a periodicidade, os pais vinham visitar. E, eu não esqueço nunca, isso tá gravado como se fosse a fogo, uma vez eu recebi a visita da minha tia e da minha mãe. Elas trouxeram uma bolsa cheia de guloseimas, balas, biscoitos, brinquedos. Eu gostava muito de um doce, de uma bala de leite, que quando elas me mostraram, era uma embalagem grande, eu sai correndo e coloquei dentro do meu armário. A gente passou o dia juntas, na floresta, passeando, enfim, elas passam o dia junto com a gente, depois elas vão embora e, no final, depois que elas foram embora, eu voltei correndo pro meu armário [risos].

L: [Risos].

I: E, o tal do caramelo tinha desaparecido. Eu chorava, eu chorava. Falando pra você parece que eu estou vendo a cena. Eu soluçava que desapareceu o meu caramelo. O nome do caramelo era *Zolotoy klyuchik* [Золотой ключик], ou seja, ‘chave dourada’. E, professora virou pra mim, tipo assim, ‘você não tem razão pra chorar, porque quem pegou os caramelos foi a professora’, e que depois do jantar a gente ia ganhar. Aí eu sosseguei, mas ainda estava com olho meio vermelho. Arrumaram todo mundo pra ir tomar banho. Eu não vou esquecer isso nunca. Depois do jantar, as crianças todas lavadinhas, penteadinhas, roupinha limpinha, ela trouxe, embalados em um pacote, [...] os doces que os pais trouxeram pra todo mundo [...] Elas misturavam e entregavam as mesmas coisas pra todo mundo, na mesma porção. E aí quando eu vi aquilo, Lúcio, sem brincadeira, eu me lembro que eu parei de chorar.

L: [Risos].

I: Achei *justo* sabe, eu achei frescura todo o meu chique e eu me acalmei e falei bacana, afinal de contas, não só *compartilhamos*, como vieram coisas *diferentes* ali dentro. Você vê, *quando eu falo da educação*, que isso estava na *rotina*, você dizer o que é ser *coletivo*. Porque, por exemplo, poderia ter um aluno que não recebeu uma visita ou então alguém que recebeu, por exemplo, alguma coisa menor. Então você imagina, vai ter um que vai ter *muita coisa* e outro não, ou *nada*, ou muito *pouco*.

⁵⁹ HEYMANN, *op. cit.*, p. 279.

⁶⁰ HARTMANN, *op. cit.*, p. 114.

Então, eles pegavam, dividiam, juntavam e *dividiam de formas iguais pra todo mundo*. [...] *Eu sempre tenho essa memória, porque foi bastante importante.*⁶¹

Passada a já por mim conhecida descrição dos ambientes, hábitos e procedimentos, com os quais Irina geralmente iniciava uma nova história, sempre demarcando uma relação com o presente, ela relata uma situação particular que ficou intensamente “gravada” em sua memória. Segundo Cárcamo, “as imagens dos primeiros anos, formadas a partir do contato lúdico e material com o mundo, permanecem no adulto e explicam a criação” de sua narrativa, uma vez que a infância, nesse caso, não está situada no “tempo passado”.⁶² Nela, é possível lembrar do significado que foi atribuído à história da “moça [que] levava panela[s] de comida pra debaixo da cama”.⁶³ Isto é, de que ela encarou aquilo como uma “forma de educação” a partir do *encontro* com a diferença. No caso da história da “colônia de férias”, porém, o aprendizado é construído como um tipo de desenvolvimento da consciência diante dos próprios costumes que a cercavam. Dito de outra forma, diferente das outras, em que ela se colocava como uma “expectadora” do ambiente e dos eventos ao seu redor, ainda que ela estivesse envolvida neles, aqui são as suas próprias sensações que ditam o ritmo da história e explicitam como o sentido é atribuído às atitudes percebidas. Primeiro, há a descrição de um objeto cobiçado, o “caramelo”. Depois, a explicação do desejo de querê-lo apenas para si. No meio, surge a frustração de tê-lo perdido. E, por fim, um entendimento do porquê lhe foi tirado, resultando, enfim, em uma espécie de lição “justa”.

Contada dessa maneira, Irina empresta as suas próprias emoções a um princípio fundamental dos movimentos à esquerda do espectro político: a igualdade. Contudo, embora ela nem esteja falando de correntes políticas, e sim da União Soviética, ela não o define em termos *topológicos*, isto é, conforme o ponto de vista da ciência política. Mas por meio de “alguns valores morais, como a solidariedade e a simplicidade” que, em geral, aparecem em muitas pesquisas de opinião, quando é solicitado que os entrevistados definam o que é, ou foi, o “socialismo”.⁶⁴ Conforme a sua narrativa, não há espaço para que alguns tenham “muita coisa” e outros muito “pouco”, ou “nada”. É preciso “compartilhar”, “coletivamente”, para que “todo mundo” receba de maneira “justa”. O que até mesmo pode servir para conhecer coisas “diferentes”, superando aquela frustração de perder o objeto de desejo individual. Tudo isso, porém, demanda aprendizado e, portanto, precisa estar inscrito nas rotinas de convivência, ainda

⁶¹ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit., s.p. Grifos meus.*

⁶² CÁRCAMO, *op. cit.* p. 209.

⁶³ *Id., ibid.*; Ver a quinta seção do capítulo 2.

⁶⁴ RODRIGUES, Henrique Canary. Back in the USSR? Nostalgia soviética na Rússia contemporânea. *RUS*, v. 8, n. 10, 2017. p. 69.

que seja para dividir um simples “caramelo”. Este aprendizado, por sua vez, não diz respeito apenas ao passado. Afinal, ao manter a mesma fotografia na tela, Irina apresenta não só um “tempo que passou, como uma rajada de vento”,⁶⁵ considerando as relações que ela estabelece com o seu lugar de professora atualmente, buscando ensinar o “que é ser coletivo”, quando diz contar a história do caramelo até para os seus alunos.

Os valores e hábitos que constituem o que Irina, e as demais entrevistadas, compreendem por socialismo não são portanto inerentes ao “ser soviético”. Do seu ponto de vista, é preciso sempre aprender com o *viver*. Naturalmente, como a crítica teórica feita por Anna sugere, não há apenas metonímias, ou melhor, “caramelos”, para expressar esses processos, mas noções que aspiram o *status* conceitual, informadas por noções bem elaboradas de história da União Soviética, como indico abaixo.

A parte ideológica

De volta às “lembranças esquecidas” de Cristina, resgato que quando as apresentei discuti o fato dela as narrar tanto como um trabalho de rememoração, quanto como uma explicação do caráter político da memória, ligadas ao contexto da *Glasnost*.⁶⁶ Esta não foi, contudo, a única parte de nossa primeira entrevista em que a socióloga estabeleceu tal relação. Digo isto, porque é justamente no momento em que ela começa a desenvolver uma narrativa, ao estilo “o que é o socialismo”, que a sua dinâmica entre *lembrar* e *historicizar* entra em ação. Coincidentemente, é agora na rotina do ambiente escolar que essas questões são apresentadas. Se distanciando das relações calorosas que Irina preserva dessa época, Cristina conta outra vez os temores que sentia, fruto de uma aparente rigidez do sistema de ensino. No entanto, como de costume, ela procura inserir mais pontos de vista, atribuindo outros fatores para o “tratamento” severo de suas professoras e professores, como o cansaço e o valor dos salários. Neste ponto, ela não deixa de evidenciar que compartilha, no presente, da mesma profissão descrita, o que a permite buscar compreender de maneira mais *empática* aquelas impressões. Seu olhar de *movimento* a permite tomar como ponto de partida “mais a diferença do que a comunalidade”, o que pressupõe, segundo Andreea Ritivoi, “uma concepção *hermenêutica* da situação como uma espécie de quadro que sustenta uma projeção imaginativa em experiências que reconhecemos como diferentes, mas que podemos ainda assim compreender a partir das perspectivas daqueles que as vivem”.⁶⁷

⁶⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Grisalha: poeira e poder do tempo*. Lisboa: KKYM, 2014. E-book Kindle.

⁶⁶ Ver a quarta seção do capítulo 2.

⁶⁷ RITIVOI, Andreea Deciu. *Empatia, intersubjetividade e compreensão narrativa: lendo as histórias, lendo as vidas (dos outros)*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 16-17. *Grifos meus*.

Não obstante essa interpretação que busca se aproximar, a partir da distância, dos problemas da época, Cristina apresenta, antes disso, uma leitura sobre a situação do país durante os anos de Gorbachev. Baseada em uma noção de público e privado, à maneira da divisão que ela havia proposto sobre as memórias da guerra,⁶⁸ a socióloga insere a adoção das novas medidas econômicas pelo governo na década de 1980 dentro do primeiro; e, como elas impactaram nas discussões cotidianas dentro do segundo; para chegar na interpretação da situação descrita no parágrafo anterior.

Tinha uma professora de história, mas isso já foi o que, 80, 89, 89, 87, quando fui pro quinto ano, 87, 88, então já é período de *Perestroika*, sabe. E essa professora de história ficava muito empolgada com tudo que estava acontecendo no país [tosse]. Então, a gente sempre chegava na sala de aula e falava pra ela: ‘professora você viu as notícias de manhã, e não sei o que’. Aí ela falava depois a aula inteira sobre o assunto e esquecia de fazer perguntas e avaliar [risos], mas era muito gente boa. Depois dela foi o professor de história, que também foi muito gente boa e conversava, porque poucos tinham *tratamento* humano, sabe. Geralmente, elas eram, todas as professoras, muito bravas. Eu acho que elas tinham salários muito pequenos, sabe. Eram muito cansadas, *mesma coisa que aqui hoje em dia*. Mas, não eram assim muito simpáticas com as crianças, digamos assim [risos].⁶⁹

O ano de 1987 marca o início das reformas da administração econômica e das políticas institucionais da União Soviética. O discurso oficial, como visto, sustentava que as medidas adotadas, ao lado da *Glasnost*, buscavam “fortalecer o socialismo”,⁷⁰ descentralizando o poder de decisão do Estado sobre a economia, a fim de aumentar a iniciativa individual, rumo a uma separação deste do Partido Comunista.⁷¹ Outro ponto, era a necessidade de melhorar o padrão de vida. Contudo, os resultados saíram muito abaixo do esperado e, em alguns casos, trouxeram uma piora, principalmente no âmbito do abastecimento e do mercado de consumo.⁷² Dessa maneira, Cristina estabelece uma relação entre as referências históricas daquele período, como a *Perestroika*; as situações que ela conta ter vivido; e, a interpretação a partir do seu lugar no presente. Embora essas dificuldades perceptíveis para Cristina estruturem a narrativa em questão, peço licença para articulá-las com as demais entrevistadas um pouco mais adiante.⁷³ Aqui, quero passar diretamente para o movimento que parte dessas primeiras considerações sobre o ambiente escolar em direção a uma compreensão sobre o “socialismo”. Afinal, depois retomar esse assunto, Cristina começa a contar como ela, de uma maneira diferente de Irina, lembra da forma como determinados valores eram implementados nas “rotinas” diárias.

⁶⁸ Ver a terceira seção do capítulo 2.

⁶⁹ DUNAIEVA, *Entrevista 1... op. cit.*, s. p.

⁷⁰ Ver a quarta seção do capítulo 2, especialmente a nota 70.

⁷¹ SEGRILLO, Angelo. As diferentes fases da Perestroika Soviética do ponto de vista histórico e da economia política. *Fronteiras*, v. 5, n. 10, 2001. p. 104-105.

⁷² ALBUQUERQUE, *op. cit.*, p. 200.

⁷³ Ver a última seção deste capítulo.

Bom, e aí tinha aquela *parte ideológica* [...] quando a gente entrava na escola, a gente tinha que ser convertido em *neto* de Lênin, que era uma cerimônia, e aí davam os broches, com uma estrelinha e o retrato do Lênin bebê, e tinha que fazer um juramento e sempre andar com esse broche. Depois, com nove anos, a gente era convertido em *pioneiro*. E era também uma cerimônia, tinha que beijar a bandeira e andar com aquele lenço vermelho, de pioneiro. E, a última fase, seria a Juventude Comunista, mas quando a gente chegou lá, já não tinha mais [risos]. Acabou [...] Mas antes, se fosse cinco anos antes, se você não entrava nessa Juventude Comunista e não tinha boa característica você não entrava na faculdade [...] A gente achava isso extremamente chato.⁷⁴

Se o horizonte prometido pelo socialismo de Estado era a edificação de uma sociedade comunista, que portanto exigia a formação de um *novo ser humano*, o sistema de ensino deveria atender aos anseios do projeto societário vigente. Páginas atrás, o depoimento de Irina buscou colocar como os fundamentos educacionais, decorrentes das proposições teóricas do pensamento de esquerda – soviético, obviamente –, foram percebidos em termos de experiência. Já o relato acima, descreve uma certa liturgia do cotidiano escolar correspondente à “ideologia” oficial. A “defesa ideológica do socialismo”, como constou, a propósito, até nos últimos programas de reforma do ensino soviético, sempre foi uma das principais bandeiras, ao lado da “formação para o trabalho”, do discurso estatal direcionado à educação.⁷⁵ Segundo Cristina, as suas recordações sobre “essa parte” eram ligadas principalmente à imagem de Lênin. Afinal, antes da construção do culto à “Grande Guerra Patriótica”, o corpo do “líder fundador” jazia na Praça Vermelha, em Moscou, desde 1930, tornando-se uma fonte inesgotável de representações do Estado. No plano educacional, o dirigente não era celebrado apenas pelos seus feitos durante a Revolução de 1917, mas também pelo seu papel na luta contra o analfabetismo e na criação do próprio sistema soviético de instrução pública, geral-secundário e técnico-profissional.⁷⁶

Em sua narrativa, Cristina busca evidenciar portanto como Lênin era uma figura que a acompanhou desde o início do colegial. Por um lado, envolto em cerimônias que representavam a passagem do estudante de um estágio para outro de sua formação. Por outro, considerando a semântica dos termos empregados – “neto”, “pioneiro” e “jovem” –, a projeção dos que definem tais categorias dos “horizontes” afiançados pelo socialismo de Estado.⁷⁷ Institucionalmente, cada um dos três níveis representava uma instância política de vinculação ao Partido Comunista, consideradas “organizações sociais necessárias para a ‘formação comunista’ e também ‘pilares dos coletivos pedagógicos’”.⁷⁸ Contudo, ao final de sua narrativa, ela sugere um tipo de hiato entre a liturgia oficial e a percepção do público, afirmando ainda que “você tinha que fazer

⁷⁴ DUNAEVA, *Entrevista 1... op. cit., s. p. Grifos meus.*

⁷⁵ BRITTAR; FERREIRA JUNIOR, *op. cit.*, p. 743.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 742.

⁷⁷ CÁRCAMO, *op. cit.*

⁷⁸ BRITTAR; FERREIRA JUNIOR, *op. cit.*, p. 748.

esses juramentos à bandeira e ficar lá ouvindo coisas. E aí, era Lênin pra lá, Lênin pra cá né, ninguém respeitava Lênin.” De certa forma, Cristina nota como todos aqueles ritos, naquelas circunstâncias de dúvidas e dificuldades em relação ao modelo de sociedade, acabavam produzindo o efeito oposto ao esperado. Ao mesmo tempo, há uma presença das críticas que o próprio discurso oficial, durante o início da implementação das reformas, direcionava ao funcionamento do Estado, em sua fala. Como dizia Gorbachev, em meio a sociedade, “havia um cisão entre palavras e atos”, gerando uma “descrença nos lemas proclamados”.⁷⁹ Apesar disso, Cristina não hesita em avaliar sua percepção sobre esses anos pelas lentes do presente e do movimento. Como afirma, “*hoje em dia* eu penso que era boa a educação. A gente acabou saindo com o conteúdo, apesar de todos *poréns*.”⁸⁰

Entre as narrativas de Cristina e Irina, há nítidas diferenças de sentido. Primeiro, pelos posicionamentos geracionais de cada uma delas. Enquanto a socióloga procura construir uma experiência de idade mais “larga”, ligada a uma percepção de desencontro entre o celebrado e o sentido, que perpassa ao menos três estágios iniciais do ideal de vida soviético; a historiadora foca nas lembranças dos primeiros anos, sugerindo que naqueles tempos ainda havia certa eficiência na promoção dos valores anunciados. Segundo, Cristina assenta as suas recordações e o seu modo de avaliá-las em um quadro de referências históricas e conceituais; e, Irina, na recuperação de experiências sensíveis da vida de criança. Ainda assim, ambas desenvolvem sentidos de “aprender o que é socialismo”. Em contrapartida, nada impede que, da mesma forma que Irina recorreu a uma ideia conceitualmente elaborada de *Cortina de Ferro*, Cristina não pese, em outros momentos, as suas sensações para contrabalancear o uso das suas referências. Aliás, na sequência de sua narrativa, quando pergunto se ela lembrava de outras imagens tão marcantes quanto a de Lênin, ela mesma buscou assinalar a sua subjetividade, explicitando o caráter geracional e genderizado da “ideologia”.

C: A gente lia muito quando era criança sobre os pioneiros-heróis, que era um tipo de literatura comum, que eram crianças que fizeram atos heroicos durante a guerra civil ou durante a Segunda Guerra Mundial. Aí sempre elas tinham um *fim muito trágico*. Sei lá, uma criança ia com uma granada e explodia um tanque, ou coisas do tipo. Eram histórias, não sei se eram todas reais, mas a maioria acho que era. Então este tipo de literatura era muito marcante e os nomes desses personagens também na escola eram muito pautados. Todo mundo queria ser como eles sabe. E dos outros grandes líderes acho que ninguém assim sabia. Era mais Lênin mesmo, o predominante.

L: Sim.

C: E as figuras da literatura clássica, [Alexandre] Pushkin, [Fiódor] Dostoiévski, [Liev] Tolstói, eles também eram muito presentes.

L: Sim.

C: Tanto *imageticamente*, quanto como *estudo*.

⁷⁹ Ver a citação completa na nota 70 da quarta seção do capítulo 2

⁸⁰ DUNAEVA, *Entrevista 1... op. cit., s. p. Grifos meus.*

L: Sim. É agora tu falou das crianças, tem aquele filme, acho que é do [Andrei] Tarkovski, *A infância de Ivan*, que também é a história de um garoto que vive na guerra. Acho que ele é informante, enfim, ele leva informações de um lado para o outro do *front*. Não sei se é mais ou menos isso, se é desse gênero.

C: É, esse tipo de coisa. Agora assim, o filme do Tarkovski é *muito poético*, mas é esse tipo de história. Eram pequenos livros infantis, de umas cinco ou dez páginas, eram vários, vários, vários.⁸¹

Ao lado de Lênin, Cristina recorda de um gênero literário que, segundo ela, era “comum” durante seus anos de colegial, isto é, as histórias de crianças que realizaram “atos heroicos” durante os principais conflitos bélicos da União Soviética. Com isso, ela aponta como o incontável número de histórias de sofrimento, sobretudo da Segunda Guerra Mundial, eram exploradas “imagética” e “estudiosamente” pelo sistema educacional. Diferente das “narrativas em que a infância e a violência formam um par atroz”,⁸² como na história da avó de sua amiga que fugiu de Moscou com os filhos, grávida, em meio aos bombardeios,⁸³ o aspecto valorizado nestas outras é a coragem e o sacrifício. Para buscar me situar no assunto, pergunto se elas eram parecidas com a narrativa do filme do cineasta russo Andrei Tarkovski, *A infância de Ivan*, de 1962, que retrata a Segunda Guerra Mundial “pelos olhos de uma criança” órfã no *front*,⁸⁴ que havia assistido meses atrás. Ela confirma que eu estava correto em minha comparação. Porém, em um tom reticente, adverte que, como aqueles “pequenos livros infantis”, o filme é muito “poético”. Sua ressalva, nesse sentido, não deixa de espelhar a mesma *tensão relacional* que apresentou sobre as celebrações do 9 de maio. Quando usa o termo “poético”, ela não está se referindo à trama narrativa em si, mas à forma “heroica” como essas histórias que, “dentro de casa”, eram sempre muito mais lembradas pelo viés das dificuldades e da perda.⁸⁵

O vínculo entre os mitos da guerra e as histórias infantis, que competiam com a imagem de Lênin, tornam-se ainda mais evidentes quando ela procura expor, em primeiro lugar, suas feições geracionais. Durante o feriado de 9 de maio, conta Cristina na sequência do trecho anterior, “geralmente vinha alguém que participou da guerra pra falar. Se na turma tinha algum avô que lutou na guerra, eles geralmente visitavam pra fazer relato”. No plano político, a partir de meados da década de 1960, o Estado de fato expandiu seus esforços para tornar a comemoração da guerra um dever sagrado de todo cidadão. Por um lado, isso incluiu, por exemplo, o encorajamento dos veteranos a assumirem um novo papel público como testemunhas, a visitarem escolas, clubes e bibliotecas “para contar histórias de suas façanhas

⁸¹ *Id., ibid.*

⁸² CÁRCAMO, *op. cit.*, p. 211.

⁸³ Ver a terceira seção do capítulo 2.

⁸⁴ STELMACH, Yuri Leonardo Rosa; GELER JR., Lúcio. O príncipe e o poeta: o passado russo e transcaucásio pelas lentes de Sergei Eisenstein e Parajanov. *Em tempo de histórias*, n. 37, 2020. p. 379.

⁸⁵ Ver a terceira seção do capítulo 2.

heroicas,” conforme Wolfe. Por outro, o historiador observa nisso um sinal de afastamento das gerações, “sem experiência pessoal, do projeto revolucionário e transcendente no tempo que foi a União Soviética”.⁸⁶ No relato de Cristina, é possível observar como toda a liturgia, primeiro com Lênin e depois com a guerra, é narrada dentro daquela perspectiva de cisão entre os ritos oficiais e os seus sentimentos. Quando fala daqueles que “participaram da guerra”, tampouco há uma identificação maior com a forma com que suas experiências eram contadas, ao assumirem o lugar de testemunhas da memória oficial.

Como de costume, Cristina indica, porém, que esse era o seu ponto de vista. Seu irmão mais novo, Vladimir, nascido em 1978, e “todos os meninos”, disse ela, “adoravam as histórias sobre a guerra. Eles assistiam [os filmes], escutavam as músicas, todo esse tipo de coisa”. Assim, o afastamento geracional que ela propôs em relação às falas das testemunhas, bem como a lacuna de interesses pelo mito dos “pioneiros-heróis”, encontram alguns limites no momento de “genderizar a idade e dar uma dimensão de idade ao gênero”.⁸⁷ Conforme sugere, quando essas histórias e testemunhos são pensados no “masculino”,⁸⁸ certas barreiras geracionais são transpostas pelos “meninos”, permitindo uma identificação com os valores incitados. Inclusive, esse discurso do “mártir”, baseado na “ideia de que todos poderiam ser guerreiros, heróis e morrer pela pátria”,⁸⁹ resistiu à passagem dos tempos da guerra com o auxílio da lógica de defesa, em que todos poderiam ser, eventualmente, “combatentes do *front* da Guerra Fria”, como disse Anna.⁹⁰ Da mesma maneira que o *homo sovieticus*,⁹¹ esses mártires foram aludidos na narrativa a partir de uma concepção masculina de sujeito, tendo em vista que Cristina fala em “avôs” que lutaram na guerra, assim como o filme citado é protagonizado por um “menino”. Consequentemente, se Cristina reconhece uma possibilidade de identificação de seu irmão, permitindo um diálogo geracional, a ela resta o afastamento decorrente da “formulação que pressupõe e impõe a restrição de gênero dentro desse par binário”, masculino e feminino.⁹²

Nesse instante, recordei da passagem com a qual comecei a escrever esta seção. Afora as questões já discutidas, nela Cristina havia sugerido a predominância de professoras durante

⁸⁶ WOLFE, *op. cit.*, p. 265.

⁸⁷ PASSERINI, *op. cit.*, p. 103.

⁸⁸ Chamo de “masculino” as várias formulações discursivas que produzem significados sobre o corpo, sejam elas individuais ou da cultura ao redor. Consequentemente, diferentes pessoas, assim como diferentes culturas, atribuem significados diferentes ao corpo masculino. Ainda assim, segundo Reeser, “isso não significa que ali há algum gênero subjacente sobreposto àquilo que ele está fazendo”. Um pessoa pode performar masculinidade, mas ela “não está trabalhando sobre algum tipo de *script* cultural originário”. REESER, *op. cit.*, p. 83.

⁸⁹ SENNA, *op. cit.*, p. 310.

⁹⁰ Ver a sexta seção do capítulo 2.

⁹¹ Ver a terceira seção do capítulo 2.

⁹² BUTLER, *Problemas de gênero... op. cit.*, p. 45.

a sua experiência escolar. Instigado pela sua leitura do peso das relações de gênero na percepção sobre a forma como os valores do socialismo eram apresentados, resolvi perguntar se de fato as mulheres eram predominantes a fim de ouvir como ela articulava isso com o ideal masculino soviético. Prontamente, Cristina respondeu que,

C: Eram a maioria mulheres. Acho que quem era professor homem, era o professor de educação física. Era uma disciplina que na nossa época já chamava-se *Consciência cidadã*. Era meio que um treino militar. Tinha também aulas de trabalho. Então as meninas aprendiam a *cozinhar* e a *costurar* e os meninos aprendiam *marcenaria*. E, era um homem. Os únicos professores homens, o resto era *tudo mulher*. E depois só no final a gente teve um homem professor de história.

L: Acho que tu tinha mencionado.

C: Que era muito *raro* sabe.

L: Sim. Os homens davam as disciplinas, pelo menos quando tu teve aula, mais ligadas a essas questões mais, não sei, *viris*, não sei qual o termo.

C: De corpo.

L: De corpo, isso.⁹³

Um ano antes do início do governo Gorbachev, passou a vigorar na União Soviética uma reforma do sistema educacional, prevista para ser integralmente implementada até 1990. Seu principal objetivo era elevar o nível de ensino para o prosseguimento dos estudantes no centros acadêmicos superiores e, ao mesmo tempo, orientá-los para o assim chamado “trabalho socialmente útil na economia nacional”.⁹⁴ Assim, desde o primário, os estudantes deveriam “dominar as técnicas elementares de trabalho manual com diversos materiais, necessários na vida cotidiana”.⁹⁵ No trecho acima, fica evidente o entendimento de Cristina sobre esses princípios norteadores do ensino soviético à época. Entretanto, sua narrativa busca ressaltar como, apesar da construção de um ideal que buscasse atender a “todas as crianças e adolescentes”,⁹⁶ havia distinções de gênero no interior das práticas educacionais. Da “raridade” que era ter um professor não associado à disciplinas do “corpo”, passando pela divisão sexual das técnicas aprendidas, até a predominância de professoras no quadro maior de áreas do conhecimento, ela espelha uma imagem dos valores que compõe o socialismo soviético, inscrito na liturgia e nas práticas escolares, muita mais fragmentada e articulada pelas suas percepções, se comparada ao discurso oficial e a universalidade do *homo sovieticus*. Esta categoria, aliás, não escapa das “práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes”, amparadas, neste caso, no “corpo”.⁹⁷

⁹³ DUNAEVA, *Entrevista 1... op. cit.*, s. p. *Grifos meus*.

⁹⁴ A expressão, conforme Marisa Bittar e Amarílio Ferreira Junior, “está relacionada à função social da instrução”, incluindo o trabalho doméstico. Pelos postulados da reforma, “qualquer que fosse o destino dos egressos da escola, necessitariam dos hábitos de trabalho em qualquer atividade”. BRITTAR; FERREIRA JUNIOR, *op. cit.*, p. 745.

⁹⁵ *Ibid.*

⁹⁶ MANACORDA, Mario Alighiero. *História da educação: da antigüidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez, 1992. p. 315.

⁹⁷ BUTLER, *Problemas de gênero... op. cit.*, p. 38.

Como bem colocou Senna em relação à construção do “ser soviético”, “a igualdade concreta entre os gêneros havia sido marginalizada, como se já conquistada, mas certo paradigma da igualdade permaneceria até o fim da União Soviética.”⁹⁸ O que explica tanto a conservação dos papéis atribuídos ao masculino e ao feminino, quanto a segurança do Estado em afirmar que a instrução pública atendia do mesmo modo os “dois sexos”⁹⁹ – divisão que está na base da própria manutenção do primeiro aspecto. Em minha segunda entrevista com Elena, pude notar como em sua narrativa, apesar da sobrevivência de certo binarismo, ao olhos de Cristina, essa ideia de igualdade já conquistada estava presente na percepção sobre o ensino da história da União Soviética.

A história da Rússia sempre foi colocada como orgulho [...] Naquela época colocaram justamente a pergunta, nunca esqueço: ‘como, por que, na Rússia, as mulheres foram as primeiras a começar a votar?’ [...] Entendeu? Oito horas de trabalho, de onde veio? Da revolução. Dentro da revolução, muita coisa negativa, muita coisa. Concordo. Mas neste caso, justamente, eles prepararam a gente, porque aconteceu uma mudança do pensamento. Eles ensinaram a avaliar. Pensar! *Não simplesmente receber informação* [...] Avaliação, *capacidade de avaliar*. Infelizmente, às vezes, pensam logo: ‘o que foi mau, o que foi mau. Isso também tem no russo. O russo sempre logo começa com: ‘tem alguma coisa errada’. Isso vem primeiro na nossa cabeça, mas *é por causa da escola*. Por isso, a gente não aceita qualquer tipo de informação [risos].¹⁰⁰

Processos revolucionários, segundo Senna, “são fenômenos que abrem as maiores possibilidades para que haja grandes transformações em um curto espaço de tempo”,¹⁰¹ os quais, como inscrito na referida passagem, permitiram a implementação de algumas demandas históricas das chamadas “questões femininas” no país.¹⁰² Conforme Elena, essas conquistas, que vieram de “dentro da revolução”, eram apresentadas sempre como motivo de “orgulho”. Comparada à narrativa de Cristina, é possível perceber as duas faces do ideário soviético, quando atravessado pela alusão ao gênero. Isto é, a persistência de uma divisão sexual dos valores socialistas para a primeira; e, apesar de todos os seus reveses posteriores,¹⁰³ a promoção das “conquistas” adquiridas durante a revolução no discurso oficial, estabilizando as novas reivindicações. Apesar disso, Elena não deixa de colocar em dúvida, por um lado, a própria defesa que faz dos legados de revolução, sublinhando que haviam, ao mesmo tempo, aspectos negativos. Por outro, essa “capacidade de avaliar” que, levada ao extremo, pode até fazer com que se pense que há sempre “alguma coisa errada”, como conclui, é também fruto de uma

⁹⁸ SENNA, *op. cit.*, p. 18.

⁹⁹ MANACORDA, *op. cit.*

¹⁰⁰ GAISSIONOK, *Entrevista 2... op. cit., s.p.*

¹⁰¹ SENNA, *op. cit.*, p. 58-59.

¹⁰² Ver a terceira seção do capítulo 2, especialmente a nota 44.

¹⁰³ Segundo Senna, “foi a da entrada das mulheres na atividade produtiva a que mais se aprofundou e ampliou – e uma das únicas que restou” com o passar dos anos. SENNA, *op. cit.*, p. 58.

aparente “mudança de pensamento” decorrente do mesmo processo histórico. Tais competências adquiridas, são vistas ainda sob o prisma da distância, considerando sua gratidão às experiências de ensino mencionadas na mesma entrevista.¹⁰⁴ O que também pode ser dito sobre o olhar de Cristina, que desde o começo da narrativa tratada nesta seção, sempre procurou evidenciar sua posição de professora; egressa da União Soviética e residente no Brasil; e, sobretudo em suas últimas passagens, de mulher.

Como disse páginas atrás, há elaborações sobre a ideia de “socialismo” que ora pesam mais o caráter subjetivo das experiências, ora procuram fundamentos teóricos para conferir um *status* mais conceitual à narrativa. Seja como for, categorias da diferença sempre acabam surgindo para tirar o véu de estabilidade de qualquer “ideologia”. Embora tenha aparecido de maneira sutil nas últimas narrativas abordadas, o gênero, quando combinado a outros aspectos, tornou-se bem mais evidente em outros momentos, como analiso em seguida.

Penso em minha mãe

Depois de ouvir Cristina sobre seus tempos escolares, procurei explorar na segunda entrevista recordações de seus primeiros anos a fim de articulá-las com as das demais entrevistadas. Elena, de um lado, remeteu-se à “infância ligada à natureza”, quando os pais viviam em Miass. Irina, de outro, às atividades, professoras e colegas do jardim de infância, em Moscou. Para ambas, essas memórias eram sempre as mais “lindas” e “melhores”, e também muitas vezes as mais “importantes”. Cristina, tanto no início quanto no final da narrativa que concebeu, as considera, igualmente, as “mais marcantes”. Para minha surpresa, porém, ela não falou sobre o ambiente doméstico ou escolar em que viveu, conforme Elena e Irina. E sim, de uma experiência que naquele momento me pareceu uma zona de confluência entre ambas. Como mencionado anteriormente, ela deu muita ênfase, inclusive entremeando-se às memórias da mãe, de ter vivido em um espaço urbano em Moscou desde que nasceu, ao contrário de Elena.¹⁰⁵ Apesar disso, segundo ela, ainda mais marcante do que o mundo de prédios altos e extensos, eram as férias de verão escolares, as quais passava na aldeia rural de sua avó materna. Uma “estrutura social” que, como caracteriza, moravam apenas mulheres de mais idade, encarregadas de todo tipo de trabalho, inclusive “braçal”.

C: O que me *marcou* muito Lúcio, a gente tinha férias muito longas, sabe. Escolares e da creche. Era junho, julho e agosto, férias de verão. Três meses. E aí a gente passava essas férias numa aldeia, era uma vila assim bem rural mesmo. Então naquela época parecia muito longe, era um dia de viagem de carro ou de trem. Hoje em dia você

¹⁰⁴ Ver a terceira seção do capítulo 3.

¹⁰⁵ Ver a quinta seção do capítulo 2.

chega em duas três horas, mas naquela época era bem interior, sabe. E aí era uma aldeia, aquelas aldeias russas, com casinhas de madeira sabe. Era tipo uma rua, com umas vinte casas. Tinha uma floresta muito grande do lado. O que me impressionava muito – a gente passava lá junho, julho, agosto, acho que a gente foi pra lá uns seis, sete, oito anos seguidos – que lá *só moravam mulheres velhas*. Assim, acho que não deviam ser tão velhas [risos]. Mas, pareciam muito velhas. Eram mulheres e a maioria delas era viúva. E eram então umas vinte mulheres. Cada casa era uma. Algumas *poucas tinham marido* e os maridos geralmente eram alcoólatras. Assim, meio inúteis sabe [risos].

L: [Risos].

C: E as mulheres faziam tudo, porque lá [...] não tinha água encanada, então água tinha que pegar no poço. Gás também, era botijão, mas muita coisa era feita com lenha mesmo. Então eram essas mulheres que faziam tudo. Cortavam madeira, buscavam água, cada uma delas tinha uma vaca, aí ordenhavam a vaca. Faziam todos aqueles *trabalhos bem pesados*. Isso me marcou muito sabe [...] A gente ficava lá com minha avó e bisavó. Então era muito assim sabe, *uma coisa de muitas mulheres né, sem homens*. E aí eu não prestava, até prestava atenção quando era criança, mas *hoje em dia eu fico pensando muito neste tipo de estrutura social*. Isso é muito comum no campo lá, porque muitos homens morreram na guerra. Era aquela geração que foi pra guerra, morreram de doenças, e a *mulherada segurava a vida toda*. E as gerações mais novas geralmente já saiam pra cidade, não ficavam lá.

L: É, eu até ia perguntar isso, se elas eram viúvas por causa dos maridos serem veteranos ou porque foram pra guerra. Então era isso.

C: Isso, isso, isso. Era isso. Então, faz assim uns seis anos que eu fui lá visitar, não tem mais ninguém quase, é um lugar meio assim, abandonado.

L: Sim.

C: Mas era muito legal, porque a gente ficava livre o dia todo, tinham muitos bichos, a gente ia na floresta pegar cogumelos e frutas, tinha um rio. Pra gente era bem legal, mas pra minha avó, ela reclamava muito, era muito difícil, porque era tudo *trabalho braçal, sem fim* [risos].

L: Sim.

C: Era um tipo de veraneio muito comum sabe, pra muita gente.

L: Sim, era o contato com a natureza, pelo menos pra quem saía da cidade, quem morava na cidade.

C: Sim, sim, nossa era incrível. Então acho que essa é uma das *lembranças mais marcantes*.¹⁰⁶

Quando Anna havia descrito suas experiências no *kolkhoz*, ela procurou destacar a oportunidade de conviver com pessoas diferentes em um espaço de trabalho coletivo, ao mesmo tempo em que desenvolveu uma ideia de horizontalização das tarefas ligados ao campo.¹⁰⁷ Já no relato de Cristina, as relações de convivência e trabalho mudam um pouco de sentido. O local é descrito em tom de simplicidade e o seu olhar não se dirige mais a mim, mas a algum ponto flutuante, como se ela não estivesse mais ali, na minha frente, e sim na aldeia. O ponto principal, que a torna uma das “lembranças mais marcantes”, é o fato de, segundo Cristina, ser uma espaço dirigido apenas por “mulheres”. Ainda que houvessem alguns “homens”, como não deixa de notar, eles tinham pouco, ou mesmo nenhum, protagonismo. Além disso, diferente do caso do *kolkhoz*, a maioria das atividades eram realizadas pelas mulheres, justamente pela sua predominância naquele espaço. Conforme o esperado, Cristina apresenta algumas referências

¹⁰⁶ DUNAEVA, *Entrevista 2... op. cit., s.p.*

¹⁰⁷ Ver a sexta seção do capítulo 2.

históricas para adiantar-me certos porquês daquela situação. A principal delas é a Segunda Guerra Mundial, com a qual é estabelecida uma relação geracional e de gênero. Primeiramente, parecia haver em sua fala uma reiteração da imagem da “agricultora coletiva”, incumbida de alimentar os “filhos que lutam por ela”, recorrente nas representações da guerra.¹⁰⁸ E, em segunda instância, uma ideia de choque entre a “geração de guerra”, especificamente aquela que ficou na retaguarda do *front*, segundo o aspecto anterior; e, aqueles que se distanciaram de suas representações e, conseqüentemente, da vida no campo.¹⁰⁹

Entretanto, essa primeira impressão que tive de sua explicação sobre a vida na “aldeia”, mudou logo em seguida. Afinal, a aparente uniformidade do encadeamento de papéis de gênero – em que os “homens” (*ativos*) se lançam no campo de batalha e as “mulheres” (*passivas*) provém alimentos, além dos primeiros muitas vezes perderem a vida deixando as segundas “viúvas” –, é rompida pelo caráter duro das atividades por elas desempenhadas. Solitárias, essas mulheres trabalharam pesado e, o mais importante, não apenas durante a guerra, mas décadas adiante, ou melhor, como foram descritas, a “vida toda”. Apesar da força e da importância atribuída a elas, Cristina é cuidadosa em observar que, mesmo como exemplos de “heroísmo diário”,¹¹⁰ não havia nelas o mesmo encanto com o qual as observava. Suas tarefas eram “bem pesadas” e sob nenhum aspecto podem ser positivadas enquanto tal. O foco da narrativa está muito mais na crítica ao universalismo do que na simples inversão essencialista dos papéis de gênero, correndo o risco de amplificar os mesmos estereótipos. O aspecto geracional, por sua vez, tampouco é estático. Se, por um lado, as “gerações mais novas” já deixavam a vida na aldeia para trás; por outro, há o desejo, do ponto de vista daquelas mulheres, de “segurar a vida” no mesmo lugar e daqueles mais jovens, como Cristina busca situar-se, que se impressionavam com aquela “estrutura social”. Em suma, o longo trecho acima acrescenta diferentes dimensões culturais ao assim chamado “convívio socialista”, uma das tantas características que foram aprendidas sobre o que o constitui.

Embora eu tenha tomado de Cristina essa história das “mulheres da aldeia”, a fim de assinalar como o gênero adquire relevância no seu entendimento sobre o mundo em que viveu, não foi dela que ouvi pela primeira vez. Já em minha primeira entrevista com Irina, tomei conhecimento de narrativas sobre a vida pesada de mulheres mais velhas no interior de Moscou.

¹⁰⁸ SENNA, *op. cit.*, p. 261.

¹⁰⁹ WOLFE, *op. cit.*, p. 255.

¹¹⁰ SALVATICI, *op. cit.*, p. 40.

Depois de falar sobre a época da faculdade,¹¹¹ Irina exibiu uma sequência de imagens de sua família materna, começando por uma dela, ainda bebê, no colo da mãe (*Figura 6*).

Figura 6. Galina e Irina, década de 1960



Fonte: Irina Aragão dos Santos (arquivo pessoal), 2021.

I: Aqui já tá a minha mãe comigo, essa sou eu.

L: Mais ou menos quantos meses ou já tinha um ano?

I: Eu estava completando um ano.

L: Um ano.

I: É, um aninho. A pessoa com carinho de meio emburrada [risos].¹¹²

Em seguida, da imagem em que divide a cena com a mãe, ela passa rapidamente para uma em que esta está acompanhada de outros familiares (*Figura 7*). Neste caso, da direita para a esquerda, de sua bisavó Sania, que ela chama carinhosamente de *baba* (баба);¹¹³ sua outra tia, Larissa; sua tia-avó Natasha; sua mãe; e, dois primos, os quais não identifica. Galina permanece no centro e, seguindo a mesma disposição das anteriores (*Figuras 3 e 4, capítulo 2; Figura 5,*

¹¹¹ Ver a quinta seção do capítulo 2.

¹¹² SANTOS, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

¹¹³ O termo *baba* tem diferentes conotações em russo, “significando a mulher camponesa ou as mulheres em geral”. SENNA, *op. cit.*, p. 34. Em outros momentos da entrevista, Irina também se referiu à Sania como *babushka* (бабушка), que significa “avó”.

capítulo 3), cercada de outras pessoas. Irina, contudo, detém-se bem mais nesta, comentando sobre o local da imagem, como era a vida daquelas pessoas e alguns de seus hábitos.

Figura 7. Galina e família, década de 1960



Fonte: Irina Aragão dos Santos (arquivo pessoal), 2021.

I: Essa daqui é a mãe dessa minha tia-avó aqui. Ela é irmã da minha vó, da minha tia-avó. E a *baba* Sania era a mãe. Elas também, lógico, são falecidas. Essa fotografia foi tirada na aldeia. O lenço é comum, muito usado pela mulher russa camponesa, tradicionalmente. Aí tem a ver com a religião. Na Igreja Ortodoxa, pra você entrar, sendo mulher, você tem que cobrir a cabeça. Então o lenço é normal, sem falar que é frio, enfim, tem uma série de razões locais.

L: E elas eram camponesas? Era próximo de Moscou ou de qual região?

I: É. Próximo, quando a gente fala aldeia parece que fica lá longe. Eram uns 150 quilômetros do centro.

L: Sim.

I: Não era tão distante assim. A Rússia têm distâncias muito grandes. Então quando você fala ‘vou pra aldeia’ é logo ali, não é tão longe assim. Era uma família pequena também. Não era uma família de posses nem nada. Tinham uma casa de madeira, a plantação era o que elas comiam, tinham três cabras, galinhas, essas coisas.¹¹⁴

Irina procura descrever uma “estrutura social” muito semelhante à recordada por Cristina – não posso dizer que tomo a expressão de empréstimo apenas da última, porque a primeira já havia a utilizado para falar sobre o ambiente universitário. Não obstante, ela destaca a predominância das mulheres naquele espaço, bem como nas atividades cotidianas. Amparada

¹¹⁴ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

nas imagens, a historiadora também detalha outros aspectos. Do lenço preto que envolve a cabeça de sua *baba*, ela aponta, por exemplo, para uma permanência da religiosidade na vida diária, apesar dos muitos anos de ateísmo apoiado pelas autoridades na União Soviética.¹¹⁵ Na sequência desta imagem, ela aprofunda o que chama de “rituais de sociabilidade”, ao falar sobre um retrato em que seus familiares dividem um mesa para tomar chá, sem a presença de Galina e com sua bisavó Sania ao centro (*Figura 8*). Nela, certos aspectos se aproximam dos evidenciados por Cristina, como o interesse das gerações mais novas em apenas visitar eventualmente a aldeia; e outros, acrescentam dimensões diferentes, principalmente quando enfatiza que algumas dessas mulheres tanto trabalharam no campo, quanto lutaram na guerra.

Figura 8. Família reunida na aldeia, final da década de 1970



Fonte: Irina Aragão dos Santos (arquivo pessoal), 2021.

I: Assim, chegava o verão, todo mundo queria ir lá. Era a casa da *baba* Sania e da tia Natasha, que era essa tia avó. Ela era *heroína de guerra*, condecorada. Ela perdeu marido e filha na guerra, na Segunda Guerra [Mundial]. Ela foi *partisan* e morreu têm uns 15 anos já [...] Ela, como eu falei, era heroína de guerra, tanto que a aposentadoria dela, o salário dela, era diferenciado.

L: Pela contribuição [durante a guerra]?

I: Pela contribuição, é. Depois que a guerra terminou, ela viveu a *vida inteira* lá. Ela *não quis ir pra cidade* e até praticamente morrer essa mulher *fazia tudo*. Desde aquecimento, até [cortar] lenha. Cuidava da horta. A família era longeva, minha bisavó morreu com 96. Infelizmente minha tia morreu de câncer, mas com 85. Esse é o marido dela, da minha tia. Todos, engraçado, infelizmente nesse retrato todos já são falecidos. E aqui tem alguns *ícones do russo*. O samovar. O tomar chá lá é um *ritual* que significa *socialização* mais do que qualquer coisa. Aí você põe água aqui dentro

¹¹⁵ SCHNAIDERMAN, *op. cit.*, p. 161. A próxima seção explora mais detalhadamente a questão religiosa.

e você tem um bule pequeno onde tá o chá muito concentrado, muito forte, quase preto.

L: Ele é dissolvido ali?

I: É, na xícara de cada um [...] Esse samovar desapareceu depois que a minha tia-avó faleceu. Ele é uma relíquia. Aqui, tá vendo essa entrada aqui, aqui é colocado um tubo, tem um tubo aqui dentro e você coloca carvão, carvão em brasa. Ele mantinha a água quente. Ele era muito quente. Era um *hábito*. Por exemplo, têm pinturas russas onde você vai ver a pessoa tomando chá no pires. Por isso, o meu tio tá segurando o pires, você virava a xícara com o chá quente, ele esfriava e você tomava no pires. Isso é, como eu falei, tradicional. Pinturas do século XVII você vai ver isso, pinturas do século XIX você vai ver isso. E o que que acompanhava o chá? Um biscoito, um bombom, um chocolate, às vezes tinham uns pãezinhos. Enfim, quando era feito pela família. Nossa só de falar eu fico com água na boca [risos].¹¹⁶

Em termos geracionais, o distanciamento entre as mulheres do campo e os jovens netos e bisnetos que escolheram viver nos centros urbanos, à maneira de Cristina, é colocada sob a ótica do desejo delas de quererem, de fato, passar “a vida inteira lá”, evitando reduzi-las a uma condição de simples “atraso”. Já quando fala sobre as experiências delas durante a guerra, Irina até mesmo evita passar por qualquer explicação que subestime o papel dessas mulheres, as colocando na retaguarda dos maridos. O que para Cristina, como pude perceber, foi apenas uma porta de entrada para a subversão dos papéis de gênero. Irina prefere oferecer uma história em que a figura do “combatente” seja desde o início ocupada pela signo da mulher, e não do homem. Por isso, conta com orgulho que sua tia-avó Natasha foi condecorada “heroína de guerra” pelos serviços prestados como *partizanki*, sem ignorar o sofrimento de ter perdido o marido e a filha.¹¹⁷ Ainda que tal posto seja muito associado à falta de escolha das pessoas que “não tinham como se esconder ou do que viver”, ela é retratada como alguém que lutou pela conservação do território.¹¹⁸ Além disso, mesmo engrossando as fileiras do *front*, ela não deixou de desempenhar tarefas “pesadas” anos depois do término do conflito, constituindo uma espécie de duplo esforço para “segurar a vida”, como disse Cristina em relação à sua avó.

Se na segunda imagem Irina havia focado no lenço de sua *baba* para falar sobre a sobrevivência da religião na União Soviética; nesta última, depois de falar sobre o protagonismo de sua tia-avó, ela se debruça sobre a cena capturada pela fotografia para oferecer mais “movimento”, acompanhando a lógica de sua crítica à *Cortina de Ferro*, à vida na aldeia. Diferente das anteriores, apenas Sania está com o olhar direcionado para a câmera, sentada logo ao lado do samovar com o qual Irina procura expor outros “hábitos” para além das atividades laborais. Com o olhar fixo na imagem, ela gesticula os mecanismos de funcionamento do

¹¹⁶ SANTOS, *Entrevista I... op. cit., s.p.*

¹¹⁷ Os *partisans* (партизаны) eram membros de tropas irregulares que lutavam nos territórios ocupados, “em funções, por exemplo, de sabotagem”. Às vezes traduzidos como “guerrilheiros”, sua forma feminina, que em russo é *partizanki* (партизанки), não encontra um correspondente na língua portuguesa. SENNA, *op. cit.*, p. 301.

¹¹⁸ Segundo Senna, ao final da guerra, “28.500 mulheres haviam se tornado *partizanki*, constituindo 2,59% do total de 1,1 milhão de *partisans*”. *Ibid.*, p. 303.

utensílio e suas mãos procuram reproduzir o ato de beber no pires da xícara. Conforme Butler, encenando “o inconsciente tal como ele é revivido na própria cena de interpelação”.¹¹⁹ Sua narrativa, ao mesmo tempo que quer dar nova vida àqueles “rituais”, bem como aos seus sabores, articula referências históricas e artísticas de muitos séculos atrás para fundamentar a importância e a longevidade daquele tipo de “socialização”. De certa forma, a ênfase na permanência desses costumes, ligados ao interesse que ela expressa em os narrar, procura aproximar a vida das mulheres da aldeia das outras tantas práticas de convivência e aprendizado mencionadas. Afinal, lá “não é tão longe assim” e Irina descreve o hábito de tomar chá como parte dele, ainda que não tenha participado daquela cena.

Outro aspecto carregado de significados é o próprio ordenamento das três fotografias, dispostas em um sentido retroativo. Primeiro, há apenas ela e sua mãe. Depois, somente Galina acompanhada de outros familiares, já na aldeia. E, por fim, um número bem maior de parentes, “todos eles já falecidos”, no mesmo local. Em conjunto, elas são apresentadas como os fragmentos de convivência, sociabilidade e diferenciação que sobreviveram ao tempo, e também ao espaço, chegando até quem Irina busca ser no presente.¹²⁰ Ela liga a si a forma heroica como a história daquelas foi contada e os costumes da aldeia por meio dos fios da sequência fotográfica. E, o seu olhar, não esconde a posição que ocupa. Em outro momento da mesma entrevista com Cristina, ela procurou igualmente identificar-se com a vida daquelas mulheres para “pensar” as relações e as condições sociais da “mulher soviética”, em um sentido amplo, situando-se a partir do movimento de sua vida.

C: Eram extremamente trabalhadoras as mulheres soviéticas, porque elas tinham totalmente um tripla jornada sabe. Todo mundo trabalhava, não existia isso de ser dona de casa. Era raríssimo. Eu não consigo lembrar de nenhuma mãe de amiga que era assim dona de casa, acho que nem podia. Então todas as mulheres trabalhavam, oito horas por dia, total, e faziam tudo em casa. Era uma sociedade extremamente *machista*, os homens não faziam nada, nada. E muitos homens bebiam. Alcoolismo era uma questão extremamente séria sabe.

L: Sim.

C: Então, as mulheres trabalhavam, cuidavam de casa, cuidavam de criança, lá não existia babá, nem empregada doméstica. Não existia isso. E aí hoje em dia eu *penso na minha mãe, na minha avó*. Eu não sei como elas davam conta, sinceramente viu.¹²¹

Embora suas interpretações tenham evidenciado o caráter fragmentado dos ideais de masculino e feminino com base nos signos da guerra, da idade e do trabalho, é nítido o seu cuidado para que “o desafio de uma forma de opressão” não leve “ao fortalecimento de

¹¹⁹ BUTLER, *Relatar a si mesmo... op. cit.*, p. 75.

¹²⁰ DIDI-HUBERMAN, *Luz contra... op. cit.*

¹²¹ DUNAEVA, *Entrevista 2... op. cit.*, s.p;

outra”.¹²² Isto é, de que a capacidade de assumirem papéis ativos dentro dos sistemas simbólicos não sirva de pretexto ou justificativa, do ponto de vista da “sociedade machista”, para que elas continuem então em uma “tripla jornada de trabalho”. Ao invés de “compartimentalizar opressões”, parece preferível em suas narrativas um entendimento de como elas “se interconectam e articulam”.¹²³ Por isso, ao final, ambas apontam como a recordação da vida de suas mães, tias, avós e bisavós no campo demandou tempo, e distância, para se tornarem “marcantes”; e, se associam a elas por meio da sobrevivência dos laços de convivência familiar e hábitos cotidianos. Elas espelham o seu “querer ser” no instante da narrativa na forma como viram elas “serem”; até porque, segundo Butler, “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados”.¹²⁴ Ou, como disse Cristina, “até prestava atenção quando era criança”, mas é “hoje em dia [que] eu penso na minha mãe, na minha avó”.

A recordação dos espaços por onde elas passaram, todas elas atravessadas pelo olhar das diferenças, foram fartamente discutidas no capítulo anterior. Inspirado nas narrativas de Irina e Cristina sobre a “vida na aldeia”, retomarei algumas destas lembranças em minhas duas últimas seções. Porém, irei privilegiar agora essa dimensão descrita por elas como dos “hábitos” e “rituais”, conforme a ótica do presente capítulo, ou seja, da interpretação do movimento.

Cultura e socialismo

Após reger toda aquela apresentação sobre quem eram os parentes de sua mãe até a cerimônia do chá, passando pelas vidas de sua tia-avó e de sua *baba*, Irina para de falar por alguns instantes. A fotografia da reunião de família permanece na tela (*Figura 8*). A história que ela queria me contar parecia ter terminado e ela voltou a falar de si. Foi o momento em que trouxe aquele assunto da *komunalka*. Depois disso, Irina exhibe novamente uma fotografia de sua mãe junto a algumas amigas, em Moscou. Todas elas abrigadas da chuva logo abaixo da aba de uma banca de jornal (*Figura 9*). “Essa aqui é bem na década de [19]60”, disse ela, como se a imagem revela-se por si mesma a sua idade. “Isso é uma banca de jornal”, comenta, “esse modelo de banca de jornal até recentemente tinha muito, elas eram todas de vidro e vendiam jornais, revistas, selos, calendários, botons, livros infantis...” Enquanto ela terminava de listar todos esses itens, eu disse rapidamente como achei “bonita” aquela banca “toda de vidro”, oportunidade que ela aproveitou para comentar que “todo mundo aqui [no Brasil] achava que

¹²² BRAH, *op. cit.*, p. 376.

¹²³ *Id.*, *ibid.*

¹²⁴ BUTLER, *Problemas de gênero... op. cit.*, p. 48.

você não fazia nada lá, que todo mundo andava com a mesma cor, com o mesmo sapato [...] [ou] que todo mundo era triste [...] Está longe de ser triste”.¹²⁵

Figura 9. Galina e amigas, década de 1960



Fonte: Irina Aragão dos Santos (arquivo pessoal), 2021.

De fato, na imagem que ela exibiu, Galina estampava um sorriso largo em meio ao chão molhado de um dia chuvoso. A vitrine ao fundo ostentava a variedade de publicações que Irina buscava lembrar com atenção. A menção ao vestuário, todavia, referia-se à outra imagem que ela passou antes de começar a falar sobre a vida na aldeia. Nela, aparecia mais uma vez sua mãe, agora acompanhada de sua prima Tatiana, em um bosque (*Figura 10*). “Eu gosto dessa foto por algumas coisas”, justificou. “Sempre adoram colocar a União Soviética como se todo mundo se vestisse com a mesma roupa. ‘Não há moda’ [dizem]. Repara, ela tá com uma saia que é quase um *new look*.”¹²⁶

¹²⁵ SANTOS, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

¹²⁶ *Id., ibid.*

Figura 10. Galina e sua prima, final da década de 1950



Fonte: Irina Aragão dos Santos (arquivo pessoal), 2021.

Embora meus conhecimentos de vestimenta não tenham me permitido encontrar alguma referência que pudesse ajudar na compreensão do que era uma saia *new look*, como busquei em relação aos livros infantis de Cristina, pude captar o sentido da narrativa. Por meio do riso, da variedade de materiais escritos e das roupas, sua intenção era quebrar com a noção de uma suposta uniformidade dos padrões de vida na União Soviética. Nas palavras do economista austríaco Ludwig von Mises, cujas teses da década de 1950 foram retomadas depois da dissolução pelo pensamento *cold warrior*, “o homem é como um soldado num exército” no mundo socialista, pois não “cabe a um soldado o direito de escolher sua guarnição, [ou] a praça onde servirá”.¹²⁷ Juntas, as duas imagens operam para mostrar como, a partir das suas *relações* – me servindo de termos já empregados –, esses olhares são “exteriores”. Não no sentido do lugar de onde ecoam, mas da capacidade de compreensão das experiências que escapam dessas generalizações. Até porque, Irina também busca se situar fora do objeto de sua narrativa. O “aqui” de onde ela parte é um lugar estrangeiro, o Brasil. É nele que ela aprendeu o que era ser “soviética”, em outras partes do mundo. E é dele, com a “bagagem” que trouxe do país natal, que ela articula uma olhar que se movimenta entre as referências de *dentro*, e de *fora*, para lhe oferecer uma imagem menos “triste” e “sem cor”. Cabe sublinhar, contudo, que ao acrescentar o ponto de vista “interno”, ela não o exime de críticas, pois dentro dele subjazem as diferenças de gênero, geração e assim por diante, presentes em suas narrativas e das demais entrevistadas.

¹²⁷ MISES, Ludwig von. Socialismo. In. *As seis lições*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1998. p. 29.

A ênfase de Irina na literatura e no vestuário não designa apenas o “direito de escolher”, mas a possibilidade de consumir bens produzidos fora da União Soviética, problematizando tanto o discurso da bipolaridade, quanto da própria ideia da liberalização da economia ter ocorrido somente durante a *Perestroika*.¹²⁸ Na passagem de uma imagem para outra, ela acrescentou brevemente que “dançava-se *rock in roll*, dançava-se *Beatles*”. Seu desejo de mostrar um mundo bem mais polissêmico do que ela acreditava ser comumente reproduzido, recorre também a outros aspectos, além da *permissibilidade* de elementos do mundo “não socialista”. Naquele instante, em função do assunto, recordei do lenço que envolvia o rosto de sua *baba* e pedi que Irina falasse um pouco mais dela. Com isso, além de atender ao meu pedido, ela aproveitou a questão para seguir na mesma empreitada argumentativa. Porém, falando agora da *continuidade* de aspectos anteriores ao socialismo de Estado, “enraizados” na cultura.

I: Minha bisavó eu conheci, porque foi minha madrinha de batismo. Essa é outra questão interessante. Fala-se da religião. Ela era, por ser muito idosa, religiosa. Ela tinha um ícone dentro de casa. É verdade que nas outras casas mais jovens não tinha. Ela falou pra minha mãe que não tomava conta de criança pagã [risos]. Então minha mãe me batizou [risos]. Me batizou e batizou o meu irmão, mas a nossa vida religiosa começou e acabou no batismo.

L: Ela era ortodoxa?

I: É, ortodoxa. Eu tinha uma relação muito boa com a minha tia. A minha tia era pra mim um mãe não biológica. Eu me lembro que, porque que eu ia, não ia só sempre pra lá, eu ficava com ela. Eu *gostava de ficar com ela*. Ela depois que começou a ficar mais velha, depois que caiu o Muro principalmente, lá pelo início dos anos 2000, eu me lembro que apareceu em casa um ícone. Ela comprou um ícone e começou a frequentar a Igreja. Ela dizia que todas as doenças vieram um dia porque ela era pecadora, porque ela não ia a Igreja e que ela tinha ficado muito doente por causa disso. Eu lembro da gente discutindo por causa disso. Eu falei assim: ‘tia, que isso, não tem nada a ver, que pecado você fez?’. Enfim, mas é interessante né. Por que estou falando que é interessante? Pelo seguinte, *o que é a tradição? O que é cultura?* Nos anos 2000 apareceu, assim, como que de um dia pro outro, *todo mundo virando religioso de novo* [...] Eu acho engraçado, porque é isso né, *o socialismo não teve tempo de criar uma nova cultura*, de fato. Então a cultura, que era *enraizada*, era do russo, que é extremamente religioso, *historicamente*.¹²⁹

Apesar da União Soviética ter criado seus próprios mitos, cultos, liturgias e ícones em cima da morte de Lênin e da “Grande Guerra Patriótica”, ela possui um “passado de intolerância e repressão violenta” em relação às práticas religiosas.¹³⁰ Fundada em uma interpretação da ciência como motor do progresso, ela adota uma concepção confessional de Estado, o ateísmo, e não laica.¹³¹ Em seu relato, a historiadora destaca como, apesar dos limites, certa religiosidade ainda permeava pela sociedade. Obviamente, de maneira discreta, “dentro de casa”, como

¹²⁸ SEGRILLO, *As diferentes fases...* op. cit., p. 108-109.

¹²⁹ SANTOS, *Entrevista 1...* op. cit., s.p.

¹³⁰ SCHNAIDERMAN, op. cit., p. 163.

¹³¹ BENTO, Fábio Régio. Sobre o ateísmo do Socialismo Soviético – origens exógenas, influência internacional e repercussão nas políticas públicas locais. *Correlatio*, v. 16, n. 2, 2017. p. 475.

afirma, em que ela própria se insere nessa relação. Isto, em um primeiro momento. Em seguida, demarcando o período posterior a queda do Muro de Berlim, ela aponta para uma reversão da situação da religião no país, de modo que os anos de silêncio, através do exemplo de sua tia, foram vistos como os motivos dos males daquela época. Embora fale das enfermidades que recaíram sobre Ludmila, Irina as concebe como uma metáfora para a própria dissolução da União Soviética, pois é disto que ela fala logo depois. O “socialismo” é interpretado como um novo projeto de sociedade e, enquanto tal, compreende a necessidade de criar uma “tradição”, ou uma “cultura”, coesa; muitas vezes se opondo às construções “historicamente” mais “enraizados”, como a religião. Há assim uma ideia de disputa entre o “novo” e o “antigo”, bem como a capacidade de cada um em oferecer “horizontes de expectativas” para as pessoas. O que, segundo ela, talvez tenha faltado ao primeiro.

Contudo, não se trata de uma simples oposição. Ao começar pela permanência de algumas práticas religiosas no seio familiar, persiste em sua narrativa os limites de todo e qualquer esquematismo. Até porque, no próprio plano estatal, as “nações da União Soviética baseavam-se no que era concebido como comunidades étnicas, religiosas ou lingüísticas [sic] preexistentes”, cujo efeito paradoxal foi “criar populações nacionais cada vez mais coerentes, compactas e conscientes nas repúblicas, enquanto prometia um futuro supra-étnico, materialmente muito promissor.”¹³² Isso explica, por exemplo, a importância que Elena atribui, em um dos momentos em que lembrava dos tempos escolares, da “história da Rússia”, precedendo a do Estado socialista.

Na história a gente viu que, sobretudo a partir do século XVI, como a história da Rússia tinha importância para o mundo inteiro. Entendeu? Como os russos conseguiram a sua firmeza nos séculos VIII e VII, quando o mundo ainda estava ‘assim’ [risos]. Ainda não tinha limites. E como é que foi mesmo entrar em contato com os vikings, porque a Rússia tem nome *Rus* por causa da família viking [...] A gente tem muito *orgulho* do próprio povo, porque quem parou os mongóis, para não entrar na Europa? A Rússia, há 300 anos [...] E depois, Napoleão, quem combateu [risos]? [...] Para você vai ser interessante. O meu pai era menino, garotinho, no ano de [19]49. Não, pera aí, [19]46, quando tinha essa parada na Praça Vermelha, quando jogavam os estandartes alemães. Ele estava lá.¹³³

Como em trechos passados, Elena se dirige a mim considerando a minha posição de historiador, a julgar pelo caráter “interessante” que ela atribui à presença do pai nas comemorações do fim da guerra. Contudo, além de narrar o episódio como uma espécie de curiosidade, são as referências de muitos séculos atrás, quando nem se poderia falar em Rússia, conforme ela mesma adverte, que ocupam mais lugar. De qualquer modo, a listagem de que

¹³² SUNY, *Ascensão e queda... op. cit.*, p. 89.

¹³³ GAISSIONOK, *Entrevista 2... op. cit.*, s.p.

trata denota um “sentimento de pertença a uma mesma coletividade”.¹³⁴ Em suas palavras, um “orgulho do próprio povo”. Este, porém, recorre à conservação de aspectos de identificação preexistentes, que se conjugam, à maneira de Irina, dentro do “novo”. Em contrapartida, ela não fala apenas de continuidades para compreender o que era o mundo do “socialismo”. Há, seguindo a forma da historiadora, acesso a elementos de fora. A “União Soviética era fechada, mas naquela época começou tudo a ficar aberto”, afirma em nossa primeira entrevista. Assim como o vestuário e a literatura, havia “muito cinema”, segundo Elena, com “os filmes de [Federico] Fellini e todos os filmes de [Luchino] Visconti”.

Para minha surpresa, ao contar sobre os filmes que assistia, Elena passa rapidamente a listar os preços de alguns eventos culturais. “Cinema e conservatório custavam 10 *copéques* [копéйка], orquestras, em sábado ou domingo, de Tchaikovski, 10 ou 20 *copéques*.¹³⁵ Assim, aproveito este pequeno comentário para articular em seguida as questões econômicas que havia deixado para trás na narrativa de Cristina.

Fazer o socialismo

Um elemento fundamental na explicação de Cristina sobre as condições de vida de suas professoras, que refletiam, segundo ela, nas relações interpessoais em sala de aula, é a situação econômica da União Soviética, na esteira da *Perestroika*, em meados da década de 1980. Para a grande maioria da população, do fim do regime de Stalin até o início das reformas de Gorbachev, a situação da moradia e a quantidade, qualidade e disponibilidade de alimentos melhorou muito, bem como o acesso à roupas e outros bens de consumo. *Tendências gerais* que, de um forma ou de outra, aparecem na narrativa das *situações particulares* de cada entrevistada. Conforme Segrillo, isto “não era uma mera descrição rósea” da vida na União Soviética, nem significa que os seus níveis fossem próximos aos de outros países.

O uso de subsídios, a alta do preço de algumas matérias-primas produzidas na URSS [...] e a possibilidade de transferência de recursos de um setor da economia para outro através do controle de órgãos centralizadores como a Gosplan, Gosnab etc. possibilitava esta aparente ‘mágica’ (em termos de capitalismo) de se ter um país com índices decrescentes de desenvolvimento global e níveis crescentes (anos 60 e 70) ou estabilizados-‘estagnados’ (início dos anos 80) de padrão de vida.¹³⁶

Como resultado, a inflação de preços ao consumidor – em padrões soviéticos – era considerada bastante baixa em níveis internacionais. Antes das reformas, o último aumento de

¹³⁴ VIANNA, Arnaldo Rosa. Nação e memória. In. GONZÁLEZ, Elena Palmero; COSER, Stelamaris. *Em torno da memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Letra 1, 2017. p. 302.

¹³⁵ GAISSIONOK, *Entrevista 1... op. cit., s.p.*

¹³⁶ SEGRILLO, *O declínio da URSS... op. cit., p. 22.*

alimentos, como pão, massas e óleos ocorreu em 1954 e das carnes e laticínios em 1962.¹³⁷ Por isso, tanto em pesquisas sobre as percepções da população realizadas à época,¹³⁸ quanto algumas bem mais recentes, depois da dissolução,¹³⁹ confirmam as seguidas referências, sobretudo entre aqueles que viveram as últimas décadas, a uma certa estabilidade da vida cotidiana em termos de bem-estar num período de quase três décadas antes da *Perestroika*. De certa forma, acredito que tenha sido isto que Elena quis apontar ao citar os valores daqueles atividades culturais. Para ela, não se trata apenas da presença das trocas com o mundo “não socialista”, mas da garantia de que os bens resultantes desta dinâmica eram economicamente disponíveis à população. Em nossa segunda entrevista, ao mesmo tempo em que criticou uma certa uniformidade do comportamento, a partir de sua experiência de sentir-se “diferente”, ela resgata aquilo que havia dito sobre os preços para expressar, em tom de tranquilidade, uma ideia de segurança social mínima.

E: [...] não tinha inflação.

L: Sim.

E: Você imagina?

L: Nesse período?

E: Trinta anos sem inflação. Trinta. Trinta anos sem inflação. A gente lembra o preço de várias, várias coisas. Sorvete, 19 copéques. A vodca, 3, 62. O conhaque, 4, 12. O queijo, 3,60. Entendeu? Manteiga, 2, 80. Dois rublos e oitenta centavos. Tudo isso é o mesmo preço, igual, há trinta anos.

L: Os produtos, no caso, essenciais, básicos de alimentação?

E: É. O preço do pão, do leite, tudo, tudo, foi trinta anos o mesmo.¹⁴⁰

Dessa amenidade nos padrões de vida, que todas elas circunscrevem até por volta de 1987, surge uma percepção de piora, como sugeriu Cristina, que resulta em uma sensação de “salva-se quem puder”, expressão tomada de Anna. Inclusive, quando esta conta, em nossa segunda entrevista, sobre a época em que trabalhou de secretária na Academia de Ciências da Ucrânia, é essa percepção de mudanças visíveis no cotidiano que acompanha a descrição da rotina que levava anos antes de deixar a União Soviética.

[19]88, já era Gorbachev, plena Perestroika e tudo mais. Então, a situação econômica estava meio que, não estavam funcionando muito as reformas do Gorbachev. O salário era muito pouco, muito pouco. Eu começava de manhã, as nove, e sai de lá cinco e meia, seis [...] A mãe já estava quase se aposentando, professora do colégio. A situação não era muito legal, financeira sabe. Começaram, não dificuldades, mas essa guinada para o... não digo capitalismo, mas essa abertura para o mercado [...] [Começou] a inflação, que nunca existiu na União Soviética [...] Bom, aí comecei a dar aulas particulares, ainda na faculdade.¹⁴¹

¹³⁷ *Id.*, *ibid.*, p. 287.

¹³⁸ *Id.* *Um brasileiro na perestroika*. Rio de Janeiro: Serthel, 1992.

¹³⁹ RODRIGUES, *op. cit.*, p. 72.

¹⁴⁰ GAISSIONOK, *Entrevista 2... op. cit.*, s.p.

¹⁴¹ SAVITSKAIA, *Entrevista 2... op. cit.*, s.p.

Sua narrativa acompanha a interpretação de Cristina no que concerne a associação entre a situação financeira e as políticas do novo governo, destacando principalmente o surgimento da “inflação”, depois de tantos anos de estabilidade, como indicou Elena. No encontro anterior, Anna já havia dado ênfase ao caráter quase que inédito do aumento dos preços. “Começou a existir essa questão, porque tu viu que o pão custava tanto e depois passou a custar tanto, de um dia um dia para o outro, e tu começa ‘mas como assim?’”, explica ela em tom questionador.¹⁴² Curiosamente, na sequência do penúltimo trecho citado, enquanto falava sobre a redução do abastecimento e da circulação de alimentos e outros bens de consumo, ela também estabelece uma relação entre as condições de vida naquelas circunstâncias e uma percepção sobre os humores das pessoas, semelhante à visão de Cristina. Com a diminuição da oferta de alguns produtos, longas filas começaram a surgir em frente aos locais de venda, conforme descreve, para garantir a sua aquisição. “Normalmente era bom ter alguma coisa para ler, isso lembro sempre”, disse ela humoradamente, porque “a gente reclamava que ficavam umas vovozinhas na fila e a gente ficava ouvindo as *baboseiras* delas”.¹⁴³

No final do capítulo anterior, havia demonstrado, porém, como as críticas das entrevistadas, sobretudo as de Anna, que atribui ao Partido Comunista um distanciamento dos princípios que fundaram a governança soviética, ressoavam um pouco do discurso do próprio Gorbachev.¹⁴⁴ Suas reformas, dizia, foram “inspiradas pela consciência de que o potencial do socialismo não tem sido utilizado totalmente”.¹⁴⁵ Mas nas últimas passagens o que me chamou atenção foi um tipo de reavaliação da discursividade histórica sobre os anos que precederam a implementação das novas medidas, de modo que todas elas se afastam das explicações oferecidas pelo reformadores. Neste caso, também não se trata, creio eu, de uma guinada radical da narrativa delas, conforme advoguei naquele mesmo capítulo sobre as diferenças nas percepções de cada uma sobre o desaparecimento da União Soviética. O diagnóstico de que o “socialismo” carecia de uma revisão de seus princípios, acompanhada de novas alternativas, se mantém. E eu diria que até mesmo a constatação de um hiato entre a percepção das pessoas e os ideais defendidos pelo Estado, nos termos de Gorbachev, permanece. O que ocorre é que nem mesmo as ações do dirigente escaparam das críticas que ele formulou, e que foram por elas assumidas na narrativa para falar sobre os seus resultados. A exemplo do que disse Anna, “de

¹⁴² *Id.*, *Entrevista 1... op. cit.*, s.p.

¹⁴³ *Id.*, *Entrevista 2... op. cit.*, s.p.

¹⁴⁴ Ver a oitava seção do capítulo 2.

¹⁴⁵ GORBACHEV, *op. cit.*, p. 9.

um dia para o outro, com essas reformas de Gorbachev, a gente foi *jogado*. Porque a ideia, porque apoiamos a *Perestroika* [...] era [de] um ‘socialismo melhorado’.¹⁴⁶

Afora todos os outros aspectos que constituem o que elas aprenderam e passaram a compreender sobre o “socialismo”, a proteção social oferecida pelo Estado, como saúde e educação; e, um nível de vida que parecia atender às necessidades básicas, pesam bastante em suas percepções sobre os efeitos da *Perestroika*. Daí a necessidade de Elena de acrescentar em sua fala a não alteração dos preços durante décadas. Para ela, além de mostrar como as dinâmicas culturais do país, sejam elas de continuidade ou de trocas externas, como sugeriu Irina, colocam em *xequê* qualquer tentativa de enquadrá-lo dentro de uma explicação única; é importante evidenciar como o modelo socialista permitia que estas ocorressem. Mesmo Cristina, que desde o início destaca as particularidades de sua família na União Soviética, buscando afastar-se de visões que poderiam ser tachadas de “muito positivas”, constatou que, referindo-se à seguridade social,

[...] mal ou bem, o Estado dava. Às vezes você ficava uns 20 anos na fila, porque nem todo mundo vivia bem sabe. Eu tinha vários colegas de escola, isso já na década de [19]80, que acabaram de sair de apartamentos comunais. Era a primeira *geração* que tinha o seu próprio apartamento, e muita gente ainda vivia nos apartamentos comunais nesta época. Mas assim, *mal ou bem, tinha teto, tinha escola, tinha acesso ao sistema de saúde e aí eles privatizaram tudo* [...] Os salários se desvalorizaram, as coisas ficaram caras. Muitos empreendimentos estatais fecharam ou foram privatizados. Então, foi uma *tragédia*.¹⁴⁷

Até o início de 1990, segundo Segrillo, oficialmente “ainda não se empregava o termo capitalismo e sim o eufemismo ‘economia de mercado’ que continha um tom ideologicamente menos ofensivo”, como expressou Anna na passagem atrás citada, denotando a sua subjetivação político cultural.¹⁴⁸ A partir da segunda metade daquele ano, quando as reformas caminhavam na direção do fim do governo do Partido Comunista, do colapso da economia soviética e do rompimento da estrutura do socialismo de Estado, o primeiro passa a ter uma aceitação dos próprios círculos governamentais.¹⁴⁹ Para todas elas, porém, o termo que melhor expressa os anos finais da União Soviética, é a “privatização”, como indica Cristina, à época chamada comumente de *razgosudarstvleniye* (разгосударствление), ou “desestatização”.¹⁵⁰ No sentido em que é empregado pela socióloga, há um ideia de perda das garantias que, “mal ou bem”, eram asseguradas pelo Estado, sobretudo o direito à moradia, educação e saúde. Sem deixar de

¹⁴⁶ SAVITSKAIA, *Entrevista 2... op. cit., s.p. Grifos meus.*

¹⁴⁷ DUNAEVA, *Entrevista 1... op. cit., s.p. Grifos meus.*

¹⁴⁸ SEGRILLO, *As diferentes fases... op. cit., p. 112.*

¹⁴⁹ WOLFE, *op. cit., p. 268.*

¹⁵⁰ SEGRILLO, *As diferentes fases... op. cit., p. 115.*

ressaltar suas condições de vida, ela se situa como parte de uma geração em que, pela primeira vez, muitos puderam adquirir “o seu próprio apartamento”. Dessa maneira, dentro da forma como todas compreendem o socialismo, o resultado de seu “melhoramento” soou no mínimo contraditório em relação ao que foi prometido. Em minha última entrevista com Anna, a ex-tradutora, depois de me responder quais foram suas primeiras impressões sobre a queda do Muro de Berlim, esboçou uma interpretação em que aponta não só para os paradoxos da dissolução, mas da sua própria percepção naquele momento.

Na verdade, o que que a gente [esperava], com essa mudança, era pra uma *utopia, que não existia!* Então, [foi] exatamente isso que sempre dizem: ‘junto com a água do banho, joga a criança’. Jogamos a criança! Mas isso *a gente só vê agora*, olhando pra trás. A mudança! Ruiu o Muro de Berlim! Agora que vai *começar!* O que que vai começar? Vai continuar tudo isso, de tu ter acesso a esses espaços quase de graça. A comida, sem muita variedade, mas de boa qualidade, bem barato. Que tu vai ter escolas de graça, umas melhores, outras menos, um pouco piores. Faculdade de graça. Então, a gente achava que vai continuar tudo isso, só que agora vai ter um pouco de competição, alguns vão seguir a linha de negócios, outros vão seguir a carreira acadêmica, tudo vai se ajustar e... *acabou*.¹⁵¹

Neste trecho, é importante notar o uso da expressão “utopia”. Para Anna, o “horizonte” que imaginava abrir-se com a queda era o de um novo “começo” para o mundo socialista soviético, sem que ele perdesse as conquistas acumuladas pela sociedade. No entanto, o seu desejo de que “vai continuar [com] tudo isso” e a expectativa de, ao mesmo tempo, “se ajustar” às mudanças em curso, são interrompidos pela ruptura do modelo vigente, que “acabou”. De certo modo, essa era uma negociação que o discurso do melhoramento do socialismo tomou para si como desafio, e que Anna assume em sua fala. Já suas consequências, carregam a marca da crítica dos rumos seguidos, a partir dos próprios valores proclamados inicialmente pela *Perestroika*, como havia dito. Anna, por sua vez, não atribui apenas à forças superiores os processos que levaram à completa inversão da utopia que sonhava. Ela se coloca como parte deles, demarcando a sua identificação com o modelo de sociedade da mesma forma que as demais. Quando diz que “junto com a água do banho, jogamos a criança”, por exemplo, ela não apenas demarca esse pertencimento, ao falar como um “nós”, como o ponto de vista que a permite avaliar a situação. Em outras palavras, ela interpreta suas recordações a partir do movimento de sua vida, que hoje a torna capaz de fazer essas considerações.

Quando elas falam em movimento, como sugeri, mais do que a simples mobilidade do corpo está em questão. Há também as emoções que as motivam. Anna questiona a forma como pensavam mudar o socialismo “olhando pra trás” no tempo e no espaço, mas também pensando em como ele poderia ter sido construído. Sem fazer “tudo bruto”, como disse Elena, nem perder

¹⁵¹ SAVITSKAIA, *Entrevista 3... op. cit.*, s.p. Grifos meus.

o que, “bem o mal”, era garantido, conforme Cristina. Em minha segunda entrevista com Irina, aliás, ela expressa a ideia de que, não apenas o socialismo, mas todo tipo de modo de convivência é uma construção – a qual aproveito para encerrar este capítulo.

Eu diria pra você que fazer socialismo dá muito trabalho [...] Dá muito trabalho. Significa que tem que abrir mão de coisas, significa que você tem que mudar de *hábitos*, significa que você vai ter que partilhar, significa que os *padrões*, que são *históricos*, antigos, têm que ser reconfigurados. Então, dá muito trabalho [...] Dentro do socialismo se pede o quê? Que todos, dentro da coletividade, façam a sua parte [...] E aí você vê que, de repente, quando a gente está falando do capitalismo não, é uma selva, cada um faz o seu [...] Aí a minha pergunta pra você é, será que isso é liberdade? Será que é isso que as pessoas querem como liberdade? Lógico, em relação a sociedade, propriamente dita, o russo, de um modo geral, ele é muito tradicional, ele é muito religioso, ele é muito apegado aos seus valores, que podem ser conservadores. Mas aí a gente tem que falar de que russo a gente está falando? É o russo das grandes cidades? É o russo das aldeias, mais pra Sibéria ou mais próximo dos outros? [...] E novamente, o que é ser conservador? O que não é ser conservador frente aos padrões? [...] As pessoas levam o ‘nosso’ modo de vida pra lá. Você não vai entender [...] A gente começa a estudar a União Soviética pelos padrões da gente aqui.¹⁵²

Escolhi esta passagem porque há nela, de certa forma, uma síntese do que foi visto até aqui. Em primeiro lugar, as dinâmicas culturais presentes na forma como compreendem o socialismo e que são subjetivadas pelas diferenciações na narrativa, como os hábitos, os padrões e as trocas. Em segundo, o referencial histórico que, quando assumido, evidencia como este não se constrói independentemente dos significados atribuídos. Em terceiro, o aprendizado do que se pede que seja uma coexistência socialista. Em quarto, os valores e as relações percebidas através do convívio. Em quinto, os aspectos que escapam da percepção sobre o mundo em que uma das suas principais bandeiras foi a igualdade, como a permanência dos papéis conservadores de gênero. Em sexto, como compreender outras experiências sem as essencializar ou as predeterminar. Em sétimo, o ponto de vista do movimento entre os lugares no momento de sua interpretação. E em oitavo, finalmente, o olhar *entreaberto* da idade, do gênero etc. que constitui o recordar.

¹⁵² SANTOS, *Entrevista 2... op. cit., s.p.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das histórias de Anna, Cristina, Elena e Irina, procurei mostrar as possibilidades de identificação de si como soviéticas e como isso se relaciona com o movimento de suas vidas, entre um mundo cujo modelo de sociedade sofreu drásticas transformações no final do século passado e o que se encontram no presente, na interpretação do vivido. Com base na análise de suas narrativas de vida, quis igualmente mostrar como o processo de construção de um tipo de entendimento de si não pode ser expresso por uma única categoria da diferença, mas apenas pela combinação delas, tais como geração, gênero, região, pertencimento cultural e assim por diante. Por um lado, isso permitiu acrescentar as suas próprias subjetividades nesse processo de identificação; e, por outro, criticar imagens e discursos que se fazem sobre o que é ser “soviético”. As diferenciações, porém, não precisam ser pensadas em termos substantivos na tentativa de reivindicar qualquer pertencimento, correndo o risco de apenas substituir um signo por outro. Em minha decisão de privilegiar suas palavras, encontrei como as diferenças são construídas, ou melhor, *verbalizadas*, de maneira diferente, dentro de narrativas que se estruturam não apenas por meio da recordação, do gesto e da linguagem, mas do desejo de *transmitir* uma ideia ao interlocutor.

Naturalmente, compreendo que nem as narrativas, muito menos as identificações, podem espelhar o vivido, conforme toda a velha aporia de não reiterar o seu caráter “ilusório”. Ainda assim, não é possível desdenhar de nenhuma delas, na medida em que todas as representações do passado também se constroem dentro de um determinado momento, incutem as idiossincrasias de alguém e, ao recorrerem às palavras, jamais conseguem ser definitivas. Porém, isso não significa que, quando se encontram limites semelhantes ao do outro, nada resta

senão a resignação. A saída que encontrei para tal dilema, foi assinalar, em primeiro lugar, o caráter “incomensurável” entre o contar e o viver, bem como entre a história e o passado, para explorar justamente como essa tensão age no momento de narrar algo a um outro alguém. Ao enfatizar o que chamei de caráter *entreaberto* da narrativa, passível não só de perdas, mas também de trocas, busquei ao menos aliviar os receios – meus e delas – de falar sobre as suas vidas. Na verdade, não posso dizer que elas próprias, em várias ocasiões, já não tenham reconhecido em suas falas as rachaduras, as cinzas e todas as demais obstruções que constituem a narrativa, bem como a necessidade de *imaginar* para contar, a exemplo da citação do poema de Manuel Bandeira feita por Anna.¹

A propósito, quando lembro desta e de outras compreensões que antecederam as minhas, é porque também procurei demonstrar como, ao observá-las, elas me observaram de volta, conseguindo com isso aprender muitas coisas. Não apenas em relação ao entendimento delas sobre o processo narrativo, mas de minha própria posição enquanto pesquisador. A maneira inquieta e questionadora de Elena, sempre preocupada com a apreensão daquilo que disse, me motivou, como disse,² a admitir os medos e as inseguranças que cercavam a minha pesquisa, que transcorreu inteiramente durante um período de inúmeras perdas – humanas, materiais e afetivas – e mudanças de vários hábitos e modos de vida. Foi assim que resolvi trabalhar a partir da dúvida, sem omitir as minhas sensações e agregando os tempos da pandemia, com todos os seus efeitos práticos e emocionais, nestas páginas. Tornei analíticos alguns elementos que antes não havia dado a devida atenção, como diários de campo, *e-mails* e conversas preliminares, a fim de apresentar como encontrei minhas entrevistadas, quais foram os meus passos – muitos deles em falso –, como viabilizamos as nossas conversas e, sobretudo, o que pude aprender nesse processo. Sem deixar de revirar minhas referências, mas principalmente observando a tensão entre o isolamento social e a maneira como as contatei, demonstrei as contradições da minha noção de presença,³ o caráter ativo, e não meramente instrumental, da tecnologia e a persistência do temor de deslegitimar minhas fontes e, conseqüentemente, a história oral.⁴

Além dos aspectos teóricos e dos procedimentos de investigação, acredito que tenha conseguido sublinhar a importância desses meios e etapas, que muitas vezes podem ficar à margem da situação de entrevista, propriamente dita, pela sua capacidade de trazer descobertas, problemas e, inclusive, de tirar a tranquilidade das escolhas feitas pelo historiador. Se demorei

¹ Ver a sétima seção do capítulo 2.

² Ver a décima seção do capítulo 1.

³ Ver a quarta seção do capítulo 1

⁴ Ver a sexta seção do capítulo 1.

para conseguir conversar com Cristina, ao mesmo tempo percebi como ela buscava se apresentar e identificar com a União Soviética por meio de seu “cartão de visitas”.⁵ Nele, identifiquei um cuidado de situar seu ponto de vista – teórico, político e social – que persiste no trabalho de rememoração.⁶ Antes de encontrar Irina, fiquei confabulando comigo mesmo sobre a relevância da minha pesquisa e a possibilidade de ser “aprovado” por alguém que desfrutava da mesma profissão que a minha, em um nível institucionalmente superior. Dúvidas que evaporaram quando descobri que não se tratava de nada disso e que até mesmo haviam convergências entre os nossos pontos de vista sobre as representações do passado. Para ela, sabendo das incompletudes das narrativas históricas, era preciso advertir sobre as que ela me ofereceria, enquanto narradora da sua vida.⁷ Sentido este que acompanhava o uso das fotografias por ela organizadas. Isto é, não como apêndices iconográficos, mas imbuídas de sentidos dados durante a entrevista. Em contrapartida, tanto pelo seu olhar de historiadora, quanto de testemunha, fui instigado a reavaliar minhas referências, como a expressão *Cortina de Ferro*, com a qual eu inadvertidamente “reiterava” um essencialismo em que ela não se reconhecia; e, a categoria “migrante”, distante da forma como compreendia sua experiência. Em suma, foram diálogos que me permitiram perceber as negociações que envolvem as trocas de olhares *entreabertos*.⁸

Amparadas em documentos, fotografias ou apenas em suas imagens verbais, todas elas desenvolveram uma identificação com a União Soviética fundadas em afeições, paixões, impressões e medos. Suas narrativas, como percebi nestes primeiros contatos, salientam constantemente a dificuldade de compreendê-la de uma única maneira, seja pelos limites das representações *dela*, e *sobre ela*; seja pelo caráter geracional, genderizado, social, local de suas subjetividades. Apesar dos limites, narrativos e circunstanciais, cada uma procurou, a partir dos recursos que lhes eram disponíveis naquele momento ou que acreditavam dizer alguma coisa sobre si, me “ajudar”, como disse Anna anos atrás, a entender seus “vínculos com a União Soviética” – parafraseando o primeiro *e-mail* que recebi de Irina. Por sinal, ao valorizar, primeiramente, a *proximidade* que elas buscaram construir com o país, notei como algumas delas preferem começar a falar justamente das dificuldades que acompanharam suas experiências. Não apenas suas, devo corrigir-me, mas também as de seus familiares, os inserindo dentro de um “espaço de experiência” comum, como o da assim chamada “Grande

⁵ Ver a sétima seção do capítulo 1.

⁶ Ver a décima primeira seção do capítulo 1.

⁷ Ver a oitava seção do capítulo 1.

⁸ Ver a nona seção do capítulo 1.

Guerra Patriótica”, para pensar a si próprias em termos geracionais. Assim, Anna e Elena, por exemplo, se situam como parte de uma geração na medida em que colocam pais, mães, avós e bisavós dentro da expressão “filhos da guerra”, ligando o grupo de idade a um acontecimento disruptivo.⁹ Contudo, não se trata de mostrar simplesmente como a vida delas é menos difícil do que foi a deles, mas de alertar para que aquela situação não seja normalizada, nem fique presa apenas ao passado, como querem dizer Elena e Irina ao recordarem das migalhas de pão e da lanterna da década de 1950 de seus respectivos familiares.¹⁰

As outras vidas que sobrevivem em suas palavras também acumulam outras tantas identificações que, muitas delas, competem com representações oferecidas pelo Estado socialista e são por elas percebidas. Carregada de diferenciações regionais e de gênero, a história que Anna conta sobre a sua avó não apenas subverte a imanência da categoria mulher e desestabiliza o ideal, pensando no masculino, do *homo sovieticus*, como mostra que ninguém é somente uma categoria isolada. Além de ser capaz de interligar várias delas ao mesmo tempo; da mais ampla, até a mais local, em um sentido *glocal*. Suas percepções sobre o próprio ato de recordar esses episódios que pertencem, segundo Cristina, “a todas as famílias”, carregam ainda uma distinção entre uma *memória-monumental*, narrada em forma de síntese do pretérito; e, as recordações de “dentro de casa”, muitas delas eivadas de sentimentos de dor e sofrimento.¹¹ Isso não significa, contudo, que não ocorram trocas, de modo *relacional*, entre uma e outra, conforme a socióloga mesmo buscou me lembrar. Esta, inclusive, foi sempre muito eloquente ao enfatizar o caráter político e perspectivo das memórias que a ligam a União Soviética. Primeiro, expressando a relação de sua família com o projeto comunista de futuro; os mitos que cercam seu avô, Luiz Carlos Prestes; e, as condições de vida que permitiram uma “visão muito positiva” sobre o país. Segundo, ao não reservar o início de sua narrativa para as lembranças da guerra e de perseguições que alguns “parentes” sofreram, à maneira das outras entrevistadas, compreendendo que algumas memórias dizem mais sobre o presente do que sobre o passado.¹²

Entretanto, falar sobre os outros nem sempre é uma forma de se diferenciar. Cristina e Irina, por exemplo, interligam as vidas de seus pais a si mesmas para falar de suas “origens”. Outras, a exemplo de Elena, para dizer como suas decisões foram influenciadas, culminando em quem ela busca ser “agora” de maneira duradoura. Além disso, mais do que indivíduos, as relações de convivência, como a de Anna e Irina na faculdade ou a de Elena com a música,

⁹ Ver a segunda seção do capítulo 2.

¹⁰ Ver a oitava seção do capítulo 2.

¹¹ Ver a terceira seção do capítulo 2.

¹² Ver a quarta seção do capítulo 2.

também procuram evidenciar aquilo que as aproxima da União Soviética em termos de trocas de experiências, oportunidades e laços coletivos. O que nem sempre pode levar a um sentimento de proximidade, mas de afastamento, segundo as lembranças de Cristina sobre os exercícios de defesa da Guerra Fria.¹³ Seja como for, ao lado dos aspectos que apontam a sua identificação, ou não, com a União Soviética, há uma preocupação em pensar o seu processo de construção, apesar da dissolução, por meio de suas próprias dimensões culturais. O mesmo ocorre quando elas resolvem pensá-la não mais a partir da *proximidade*, mas do *movimento* de suas vidas. Ao assumirem que falam de um outro lugar, a partir de diferentes “referências”, segundo Elena, todas enfatizam a importância de não pensar o seu mundo como o *centro* diante do desafio de construí-lo. Não obstante, no exercício de reavaliação daquilo que elas experimentaram no país de origem e trouxeram na bagagem, pesam não apenas a mera instrução técnica ou os saberes adquiridos, mas os sentimentos que elas acreditam ter contribuído para superarem a quebra de seus “horizontes” com o deslocamento. Ainda que tortuosos para quem “pensava diferente”.¹⁴

Pela ótica do *movimento*, todas as suas narrativas, acompanhadas de fotografias, documentos pessoais ou não, não adquirem sentido por meio daquilo que lhes conferiram no passado, mas do que lhes permitem dizer sobre si no presente. Assim é a compreensão delas sobre o “que é o socialismo”, ou seja, está diretamente relacionado com o modelo de sociedade que elas acreditam viver nesse instante e com o qual julgam ser um processo de constante “aprendizado”.¹⁵ Da mesma forma que emprestam as suas emoções para desenvolver o seu pertencimento a União Soviética, elas o definem através de uma combinação de valores morais apreendidos e um quadro de referências históricas que se cruzam. Dessa maneira, elas novamente oferecem uma imagem mais fragmentada e articulada de práticas e liturgias oficiais, destacando, por exemplo, a permanência da divisão sexual dos valores socialistas, apesar da promoção do discurso de igualdade, como busca expressar Cristina em sua narrativa sobre os tempos escolares.¹⁶ Contudo, há um cuidado, sobretudo nas críticas desta e de Irina, de não simplesmente inverter os papéis de gênero, correndo o risco de trocar uma forma de opressão por outra, a exemplo da história das “mulheres da aldeia”.¹⁷

Finalmente, segue em suas narrativas, ao demarcarem sua mobilidade, o desejo de quebrar com a ideia de uma *uniformidade* irrestrita dos padrões de vida e da não *permissibilidade* de elementos do mundo “não socialista” na União Soviética; e, ao mesmo, de

¹³ Ver a sétima seção do capítulo 2.

¹⁴ Ver a terceira seção do capítulo 3.

¹⁵ Ver a quarta seção do capítulo 3.

¹⁶ Ver a quinta seção do capítulo 3.

¹⁷ Ver a sexta seção do capítulo 3.

mostrar a *continuidade* de aspectos do passado, tal como a religiosidade e a promoção de referências históricas anteriores ao socialismo de Estado, como visto nas narrativas de Irina e Elena, respectivamente.¹⁸ Por um lado, segundo elas, quando não apontados, estes aspectos informam mais o que é “ser soviético” fora da União Soviética, do que qualquer outra coisa. Por outro, eles não são narrados como simples curiosidades ou anedotas da vida cotidiana, como o modelo da saia da mãe de Irina ou o preço que Elena pagava pela manteiga. Tudo isso faz parte do conjunto de ideais que elas expressam sobre o seu mundo, as quais buscam identificar-se. Contudo, elas não querem qualquer União Soviética. Ao lado das garantias e das conquistas reconhecidas, há uma preocupação, informada pelas suas ligações subjetivas, de seguir projetando novas “utopias”, como disse Anna. Por isso, o entusiasmo de algumas delas pelas críticas que surgiram no interior do sistema de governança, projetando um “socialismo melhorado”.¹⁹ E mesmo quando acabam não atendendo as suas expectativas, persiste um interesse de continuar pensando, por meio do olhar que o deslocamento permite, o que fazer.

Imaginar uma vida melhor continua sendo um dos principais desafios deste mundo que vive no rescaldo da crise dos grandes projetos de transformação de séculos atrás. Espero que estas narrativas, costuradas por uma variedade de identificações com a União Soviética, sem abrir mão da crítica e da subjetividade, possam oferecer experiências de vida e visões de mundo mais plurais, quiçá promotoras de *brechas* para o olhar, a troca e o convívio.

¹⁸ Ver a sétima seção do capítulo 3.

¹⁹ Ver a oitava seção do capítulo 3.

REFERÊNCIAS

Fontes Orais:

DUNAEVA, Cristina Antonioevna. *Entrevista 1*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Brasília (entrevistada), 05 jan. 2021a. 1 arquivo .m4a (00:57:04).

DUNAEVA, Cristina Antonioevna. *Entrevista 2*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Brasília (entrevistada), 11 jan. 2021b. 1 arquivo .m4a (01:04:21).

GAISSIONOK, Elena Constantinovna. *Entrevista 1*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Rio de Janeiro (entrevistada), 13 nov. 2020a. 1 arquivo .m4a (01:03:30).

GAISSIONOK, Elena Constantinovna. *Entrevista 2*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Rio de Janeiro (entrevistada), 18 nov. 2020b. 1 arquivo .m4a (01:02:25).

SANTOS, Irina Aragão. *Entrevista 1*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Rio de Janeiro (entrevistada). 23 out. 2020.

SANTOS, Irina Aragão. *Entrevista 2*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Rio de Janeiro (entrevistada). 18 nov. 2021.

SANTOS, Irina Aragão. *Entrevista 3*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Venâncio Aires (entrevistador). Rio de Janeiro (entrevistada). 25 nov. 2021.

SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista 1*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 31 jul. 2018a. 1 arquivo .m4a (01:21:52).

SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista 2*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 13 set. 2018b. 1 arquivo .m4a (01:15:41).

SAVITSKAIA, Anna. *Entrevista 3*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 25 out. 2018c. 1 arquivo .m4a (21:03).

Fontes virtuais:

DUNAEVA, Cristina Antonioevna. *Preconceito racial e xenofobia na Rússia contemporânea: os mecanismos de categorização étnica e a dicotomia entre “nós” e “outros”*. 2013. 263f. Tese

de Dourado (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

DUNAEVA, Cristina Antonioevna. [Resposta] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Cristina Antonioevna Dunaeva. *GMAIL*. Enviado em: 10 out. 2020.

DUNAEVA, Cristina Antonioevna. [Resposta 2] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. *GMAIL*. Enviado em: 26 out. 2020.

DUNAEVA, Cristina Antonioevna. [Resposta 1] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Cristina Antonioevna Dunaeva. *GMAIL*. Enviado em: 09 out. 2020.

GAISSIONOK, Elena Constantinovna. [Resposta] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Irina Aração dos Santos. *GMAIL*. Enviado em: 31 out. 2020.

GAISSIONOK, Elena Constantinovna. [Resposta 2] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Irina Aração dos Santos. *GMAIL*. Enviado em: 03 nov. 2020.

GELLER JR., Lúcio. Pesquisa sobre imigrantes da URSS. *GMAIL*. Enviado em: 23 set. 2020.

GELLER JR., Lúcio. Pesquisa sobre memórias da URSS. *GMAIL*. Enviado em: 24 set. 2020.

GELLER JR, Lúcio. [Resposta 1] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. *GMAIL*. Destinatário: Cristina Antonioevna Dunaeva. Enviado em: 10 out. 2020.

GELLER JR, Lúcio. [Resposta 2] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Cristina Antonioevna Dunaeva. *GMAIL*. Enviado em: 12 out. 2020

SANTOS, Irina Aragão dos. [Resposta] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Irina Aração dos Santos. *GMAIL*. Enviado em: 13 out. 2020.

GELLER JR, Lúcio. [Resposta] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. *GMAIL*. Enviado em: 14 out. 2020

SANTOS, Irina Aragão dos. [Resposta 2] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Irina Aração dos Santos. *GMAIL*. Enviado em: 16 out. 2020.

SAVITSKAIA, Anna. *Mensagens no Facebook*. Entrevistador: Lúcio Geller Junior. Porto Alegre, 03 mai. 2018d.

SANTOS, Irina Aragão dos. [Resposta 3] Pesquisa sobre imigrantes da URSS. Destinatário: Irina Aração dos Santos. *GMAIL*. Enviado em: 31 out. 2020.

SANTOS, Irina Aragão. *Tramas de afeto e saudade: em busca de uma biografia dos objetos e práticas vitorianos no Brasil oitocentista*. 2014. Tese (Doutorado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SANTOS, Michelle Boesche Alves dos. *A fala cênica e o trabalho vocal do ator: propostas de Elena Constantinovna Gaissionok e Antunes Filho*. 2019. 128f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade de São Paulo.

Diários de campo:

GELLER JR, Lúcio. *Diário de campo de 19 de outubro, 06 de novembro e 14 de dezembro de 2020*. Venâncio Aires; Rio de Janeiro; Brasília.

Bibliografia:

- ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALBUQUERQUE, César Augusto. *Perestroika em curso: uma análise da evolução do pensamento político e econômico de Gorbachev (1984-1991)*. 267 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Narrar vidas, sem pudor e sem pecado: as carnes como espaço de inscrição do texto biográfico ou como uma biografia ganha corpo. *Albuquerque*, v. 12, n. 24, 2020.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *As últimas testemunhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *Meninos de Zinco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *O fim do homem soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016c.
- AMADO, Janaina. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. *Revista História*. São Paulo, 14, p. 125 - 136, 1995.
- ANTUNES, Ricardo. *Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ASSMANN, Aleida. The Holocaust – a Global Memory? Extensions and Limits of a New Memory Community. ASSMANN, Aleida; CONRAD, Sebastian (orgs.). *Memory in a global age: discourses, practices and trajectories*. Houndsmills, Basingstoke, UK ; New York, NY: Palgrave Macmillan, 2010.
- AZOULAY, Ariella. Potential History: Thinking through Violence. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 39, n. 3, 2013.
- BATISTA JR., Natalício. Cinema e revolução: o construtivismo russo e a montagem dialética, bases da pedagogia política das imagens de Eisenstein. *Lutas Sociais*, v. 21, n.39, 2017.
- BEDÁRIDA, François. Tempo presente e presente da história. In. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única. Infância berlinense*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: *Obras Escolhidas, vol. 1: magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- BENTO, Fábio Régio. Sobre o ateísmo do Socialismo Soviético – origens exógenas, influência internacional e repercussão nas políticas públicas locais. *Correlatio*, v. 16, n. 2, 2017.
- BORGES, Jorge Luís. *Obras completas. 1923-1972*. Buenos Aires: Emecé. 1987.

- BRITTAR, Marisa; FERREIRA JUNIOR, Amarílio. A última reforma da educação soviética. *Histedbr*, v.17, n.3, 2017.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, n. 26, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo*. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- CARR, Edward. *A Revolução Russa de Lênin a Stálin (1917-1929)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- CAUVIN, Thomas. A ascensão da História Pública: uma perspectiva internacional. *Revista NUPEM*, v. 11, n. 23, p. 8–28, 2019
- CEZAR, Temístocles. Barteby & Nulisseu: a arte de contar histórias de vida sem biografias. In: AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito (org.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CHURCHILL, Winston. *The Sinews of Peace. Selected Speeches of Winston Churchill. The Churchill Centre and Museum at The Cabinet War Rooms*. 5 mar. 1946. Disponível em: < <https://bit.ly/3Dle8fn> > Acesso em 28 mar. 2022.
- CONQUEST, Robert. *The Great Terror: Stalin's Purge of the Thirties*. Nova Iorque: Vintage Books, 2018.
- COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. *História Oral*, v. 17, n. 2, p. 47-67, jul./dez. 2014.
- CRUZ, Manuel. *Adiós, historia, adiós. El abandono del pasado en el mundo actual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.
- DANIEL, Ute. Historia geracional. In. *Compendio de Historia Cultural*. Madrid: Alianza, 2005.
- DIAS, Reginaldo Benedito. O revisionismo histórico na União Soviética e na Rússia pós-soviética: anotações sobre a obra de Dmitri Volkogonov. *Espaço Acadêmico*, n. 189, p. 12–24, 2017.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da Imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Grisalha: poeira e poder do tempo*. Lisboa: KKYM, 2014. E-book Kindle.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Livres olhos da história*. Lisboa: KKYM, 2019. E-book Kindle.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Luz contra luz*. Lisboa: KKYM, 2015. E-book Kindle.

- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Pensar debruçado*. Lisboa: KKYM, 2015. E-book Kindle.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vagalumes*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- DOSSE, François. História do Tempo presente e historiografia. *Tempo e Argumento*. Florianópolis, v.4, n.1, p.5-22, 2012.
- ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Hammerstein ou a obstinação: uma história alemã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- EVANGELISTA, Marcela; ROVAI, Marta; RIBEIRO, Suzana. Audiovisual e história oral: utilização de novas tecnologias em busca de uma história pública. *Oralidades: Revista de História Oral*, v. 5, n. 10, 2011.
- FEDOR, Julie; KANGASPURO, Markku; LASSILA, Jussi; et al (orgs.). *War and Memory in Russia, Ukraine and Belarus*. Cham: Springer, 2017.
- FERNANDES, Luis. Leituras do Leste: O Debate sobre a Natureza das Sociedades e Estados de Tipo Soviético. *BIB*, v. 2, n. 38, p. 15–49, 1994. p. 15.
- FIGES, Orlando. *Sussurros: a vida privada na Rússia de Stalin*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- FITZPATRICK, Sheila. *La revolución rusa*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In. CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe (org.) *Questões para a história do presente*. São Paulo: Edusc, 1999.
- FRANCISCON, Moisés; OLIVEIRA, Dennison de. A ocupação da Polônia (1939) na historiografia oficial soviética. *Recôncavo*, Nova Iguaçu, v. 8, n. 14, p. 47–86, 2018.
- FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; e SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra & Voz, 2016.
- FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- FURET, François. *Pensar la Revolución francesa*. Barcelona: Petrel, 1980.
- FURET, François. *The Passing of an Illusion: The Idea of Communism in the Twentieth Century*. Chicago: University of Chicago Press 1999.
- GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. *A política da memória na construção biográfica de Luiz Carlos Prestes (1945-2015)*. Doutorado em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- GELADO, Roberto; COLÓN, Pedro. Hollywood and the representation of the Otherness. A historical analysis of the role played by movies in spotting enemies to vilify. *Index Comunicación*, v. 1, n. 6, 2016.

GELLER JR., Lúcio. Além da Cortina de Ferro: memória e narrativa autobiográfica de imigrantes soviéticos (1964-1992). *IV Seminário Internacional História do Tempo Presente*. Florianópolis: UDESC, 2021.

GELLER JR., Lúcio. Anna Savitskaia: ou, como narrar uma vida na União Soviética (1964-1988). *Aedos*, v. 11, n. 25, p. 114-139, 2019.

GELLER JR., Lúcio. *Os tremores da queda: memória e trajetória de Anna Savitskaia, das reformas à dissolução da URSS (1985-1992)*. 2018. 88 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Licenciatura em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GENTILE, Giovanni. The Philosophic Basis of Fascism. *Foreign Affairs*, v. 6, n. 2, jan., 1928.

GEVEHR, Daniel; BORTOLI, Gabriel. Contribuições para os estudos culturais no campo das migrações contemporâneas: uma revisão da literatura recente. *Aedos*, v. 12, n. 27, 2021.

GHEITH, Jehanne; JOLLUCK, Katherine. *Gulag Voices*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GOLDMAN, Wendy. *Mulher, Estado e Revolução: política da família soviética e da vida social entre 1917 e 1936*. São Paulo: Boitempo, 2014.

GOMES, Angela de Castro. História oral, historiadores e questões sensíveis: um giro no parafuso. In. *História oral e historiografia: questões sensíveis*. São Paulo: Letra e Voz, 2020.

GONZÁLEZ, Wenceslao. *La reforma del calendario*. Las tentativas de transformar el calendario gregoriano. Cádiz: eWT, 2012.

GOODMAN, Glen; WEBER, Regina. Comparada, conectada, mundial/global ou transnacional: a história da imigração entre tantos rótulos. In. ELMIR, Cláudio P.; WITT, Marcos Antônio; TRUZZI, Oswaldo (Orgs.). *Imigração nas Américas: estudos de história comparada*. São Leopoldo: Oikos: Unisinos, 2018.

GORBACHEV, Mikhail. *Perestroika: novas idéias para o meu país e o mundo*. São Paulo: Best Seller, 1987.

GUINSBERG, Enrique. Migraciones, exílios y traumas síquicos. *Política y Cultura*, n. 23, p. 161-180, jan., 2005.

HABERMAS, Jürgen. A Kind of Settlement of Damages (Apologetic Tendencies). *New German Critique*, n. 44, p. 25, 1988.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, v. 3, n. 1, 1997.

HARTMANN, Luciana. História, memória e performance em narrativas orais de crianças. In. RODEGHERO, Carla Simone; GRINBERG, Lúcia; FROTSCHER, Méri. *História oral e práticas educacionais*. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade*. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

- HEYMANN, Luciana Quillet. O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, n.1. 2012.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HOBSBAWM, Eric. Manifesto pela renovação da História. *Biblioteca Diplô*. 01 dez. 2004. Disponível em: < <https://bit.ly/3aI91ae> >. Acesso em: 30 mar. 2021.
- JAMESON, Friedric. O fim da temporalidade. *ArtCultura*, v. 13, n. 22, 2011.
- JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.
- KALININ, Ilya. Nostalgic Modernization: the Soviet Past as “Historical Horizon”. *Slavonica*, v. 17, n. 2, 2011.
- KANGASPURO, Markku; LASSILA, Jussi. From the Trauma of Stalinism to the Triumph of Stalingrad: The Toponymic Dispute Over Volgograd. In: FEDOR, Julie (ed.) et al. *War and Memory in Russia, Ukraine and Belarus*. Cham: Palgrave Macmillan Memory Studies, 2017.
- KIND, Luciana; CORDEIRO, Rosineide. Os encontros que compõem o ofício de pesquisar. *Athenea Digital*. Revista de pensamento e investigación social, v. 16, n. 2, 2016.
- KLEINBERG, Ethan. *Historicidade espectral: teoria da história em tempos digitais*. Vitória: Milfontes, 2020.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- LAITANO, Bruno Grigoletti. (Con)figurações do historiador em um tempo marcado pela disrupção tecnológica. *Esboços*, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 170-186, maio/ago. 2020.
- LEH, Almut. Problemas ético-investigativos na pesquisa com testemunhas históricas. *Tempos Históricos*, v. 17, n. 2, 2013.
- LEMONTE, Marco. *Profetas do apocalipse: os autores ocidentais com visão catastrofista sobre o problema das nacionalidades na URSS*. Mestrado em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- LÊNIN, Vladimir. *Que Fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- LEVADA ANALYTICAL CENTER. *Russian Public Opinion 2018*. Moscou: [s. n.], 2019. p. 163-164. Disponível em: < <https://bit.ly/3cvxMHY> > Acesso em: 18 mar. 2020.
- LEWIN, Moshe. *O século soviético*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- LORIGA, Sabina. O eu do historiador. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 5, n. 10, p. 247-259, 2012.
- LOTMAN, Yuri. *Cultura y explosion: lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social*. Barcelona: Gedisa, 1999.
- MALIA, Martin. The Hunt for the True October. *Commentary Magazine*. 10 out. 1991. [s.p] Disponível em: < <https://bit.ly/3vAgt0V> />. Acesso em: 30 mar. 2021.
- MANNHEIM, Karl. El problema de los generaciones. *Reis*, n. 62. 1993.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. “Me adiciona?/ pode entrevistar pelo Facebook?”: (Re/Des) Conectando procedimentos operacionais através de etnografia, história oral e observação ciborgues. *Poder & Cultura*, v. 3, n. 6, 2016.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *(Re/des)conectando gênero e religião - peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook*. 2014. 686f. Tese de Doutorado (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MEDVEDEV, Zhores; MEDVEDEV, Roy. *Uma questão de loucura*. Rio de Janeiro: Artnova, 1972.

MEIER, Andrew. *Terra Negra*. Uma viagem pela Rússia pós-comunista. São Paulo: Globo, 2005.

MILLER, Alexei. The Turns of Russian Historical Politics, from Perestroika to 2011. In. MILLER, Alexei; LIPMAN, Maria (org.). *The convolutions of historical politics*. Budapeste, Nova Iorque: Central European University Press, 2012.

MISES, Ludwig von. Socialismo. In. *As seis lições*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1998.

MÜLLER, Herta. *O rei se inclina e mata*. São Paulo: Globo, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NICODEMO, Thiago Lima; CARDOSO, Oldimar. Meta-história para robôs (bots): o conhecimento histórico na era da inteligência artificial. *História da Historiografia*. v. 12, n. 29, 2019.

NOLTE, Ernst. O passado que não quer passar. *Novos Estudos*: CEBRAP, v. 3, n. 25, 1989.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. *Liinc em Revista*, v.11, n.1, p. 28-51, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, dez. 1993.

NOVIKOVA, Olga. La política de la memoria: moldear el pasado para construir la sociedad democrática (la URSS y el espacio postsoviético). *Historia del presente*. Madrid, n. 9, 2007.

OLIVEIRA, Maria da Glória. Para além de uma ilusão: indivíduo, tempo e narrativa biográfica. In: AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito (org.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

PASSERINI, Luisa. *A memória entre política e emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. Atualismo: Pandemia e historicidades no interminável 2020. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 47, n. 1, 2021.

PORTAL, João Camilo; GELLER JUNIOR, Lúcio. “Chegou a hora de ucranizar!”: usos do passado e nacionalismo nas manifestações públicas em defesa de Jair Bolsonaro. *Esboços*, v. 28, n. 48, 2021.

PORTAL, João Camilo; GELLER JUNIOR, Lúcio; BATISTELLA, Pedro. Pandemia, fronteiras regionais e estudos da memória: conexões e virtualidades a partir do IV Encontro Discente de História da UFRGS. In. DARSKI, Bárbara et al. (orgs.). *A produção historiográfica*

em tempos de crise: IV Encontro Discente de História da UFRGS. Porto Alegre: Editora Fi, 2022.

PORTELLI, Alessandro; NECOECHEA GRACIA, Gerardo. Elogio de la grabadora: Gianni Bosio y los orígenes de la historia oral. *Historias*, n. 30, p. 3–8, 1993.

PORTELLI, Alessandro. História oral: uma relação dialógica. In. *História oral como arte de escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, n. 14, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. Para além da entrevista: Uma autoetnografia da minha prática. In. *História Oral como arte de escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. Sobre os usos da memória: memória-monumento, memória involuntária e memória perturbadora. In. *História oral como arte de escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

POWASKI, Ronald. *La Guerra Fria. Estados Unidos y la Unión Soviética, 1917-1991*. Barcelona: Crítica, 2000.

RAGO, Margareth. Autobiografia, gênero e escrita de si: Nos bastidores da pesquisa. In: AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito (org.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

RAMOS, Alcides Freire. Eisenstein, a Utopia do Cinema Revolucionário. In. BLAJ, Ilana; MONTEIRO, John. (Org.). *História & Utopias*. São Paulo: ANPUH/CNPq, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. *Ainda se pode falar em democracia?* KKYM: Lisboa, 2014.

REED, John. *Os dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

REESER, Todd. *Masculinities in Theory. An Introduction*. Sussex Ocidental: Wiley-Blackwell, 2010.

REPHO. *Manual de Procedimentos do Repositório de Entrevistas de História Oral – REPHO/UFRGS*. Porto Alegre, nov. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3ACaNaI>> Acesso em: 12 set. 2020.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

RITIVOI, Andreea Deciu. *Empatia, intersubjetividade e compreensão narrativa: lendo as histórias, lendo as vidas (dos outros)*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

RODEGHERO, Carla Simone; WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Pode a história oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid 19: tempo, testemunho e história. *Estudos Históricos*, v. 34, n. 74, 2021.

RODRIGUES, Henrique Canary. Back in the USSR? Nostalgia soviética na Rússia contemporânea. *RUS*, v. 8, n. 10, 2017.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, 2014.

- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral das mulheres. *História Oral*, v. 8, n. 1, p. 29-42, jan.-jun., 2005.
- SANTHIAGO, Ricardo; BARBOSA DE MAGALHÃES, Valéria. Rompendo o isolamento: Reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. *Anos 90*, v. 27, p. 1–18, 7 set. 2020.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 1997.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Os escombros e o mito: a cultura e o fim da União Soviética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SCHWARCZ, Lilia. *Quando acaba o século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SCOTT, Joan. History-writing as critique. In: JENKINS, Keith; MORGAN, Sue; MUNSLOW, Alun (orgs.). *Manifestos for History*. London: Routledge, 2007.
- SEBALD, W. G. *Austerlitz*. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.
- SEGATA, Jean. Há um grande pesadelo por trás da ideia de um “novo normal”, diz antropólogo. *Sul 21*, 3 out. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3metWrg>>. Acesso em: 26 nov. 2020.
- SEGRILLO, Angelo. A questão do “fardo” da agricultura na economia soviética e sua influência no desencadeamento da Perestroika. *Estudos de História*, v. 5, n. 1, 1998.
- SEGRILLO, Angelo. As diferentes fases da Perestroika Soviética do ponto de vista histórico e da economia política. *Fronteiras*, v. 5, n. 10, 2001.
- SEGRILLO, Angelo. Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens. *Projeto História*, v. 41, p. 63–92, 2010.
- SEGRILLO, Angelo. *O declínio da URSS. Um estudo das causas*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SEGRILLO, Angelo. *Um brasileiro na perestroika*. Rio de Janeiro: Serthel, 1992
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- SENNA, Thaiz Carvalho. *Mulheres soviéticas em múltiplos fronts - discursos estatais e pessoais confrontados (1941-1945)*. Doutorado em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2021.
- SHEFTEL, Anna; ZEMBRZYCKI, Stacey. Who’s Afraid of Oral History? Fifty Years of Debates and Anxiety about Ethics. *The Oral History Review*, v. 43, n. 2, 2016.
- SIMON, Zóltan Boldizsár. *Os teóricos da história têm uma teoria da história?* Vitória: Milfontes, 2020.
- SLEZKINE, Yuri. The USSR as a Communal Apartment, or How a Socialist State Promoted Ethnic Particularism. *Slavic Review*, v. 53, n. 2, 1994.
- SMITH, Bonnie. *Gênero e História: homens, mulheres e prática histórica*. Bauru: EDUSC, 2003.

- SMITH, Martin Cruz. *O fantasma de Stalin*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SMITH, Steve. Writing the history of the Russian revolution after the fall of communism. *Europe-Asia Studies*, v. 46, n. 4, p. 563–578, 1994.
- SOLJENÍTSYN, Aleksandr. *Arquipélago Gulag: Um experimento de investigação artística 1918-1856*. São Paulo: Carambaia, 2019.
- STELMACH, Yuri Leonardo Rosa; GELER JR., Lúcio. O príncipe e o poeta: o passado russo e transcaucásio pelas lentes de Sergei Eisenstein e Parajanov. *Em tempo de histórias*, n. 37, 2020.
- SUNY, Ronald. Ascensão e queda da União Soviética: o império de nações. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 75, p. 77–98, 2008.
- SUNY, Ronald. Revision and Retreat in the Historiography of 1917: Social History and Its Critics. *Russian Review*, v.53, n.2, p.165-182, 1994.
- TALMON, Jacob. *The origins of totalitarian democracy*. Londres: Secker & Warburg, 1952.
- THE BEATLES. *Back In The U.S.S.R.* Londres: Abbey Road Studios: 1968. CD (2:43).
- THOMSON, Alistair. Four Paradigm Transformations in Oral History. *The Oral History Review*, v. 34, n. 1, 2007.
- THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341,-364 2002.
- THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e memória. *Projeto História*, v. 15, 1997.
- TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. *Revista de Letras*, v. 39, p. 13–24, 1999.
- TOPOLSKI, Jerzy. Polish historians and Marxism after World War II. *Studies in Soviet Thought*, v. 43, n. 2, p. 169–183, 1992.
- TRAVERSO, Enzo. *A melancolia de esquerda*. Marxismo, História e Memória. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
- TRAVERSO, Enzo. *El totalitarismo: historia de un debate*. Buenos Aires: Eudeba, 2001.
- TRAVERSO, Enzo. *La historia como campo de batalla*. Buenos Aires: FCE, 2012.
- TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa*. 3 Volumes. Brasília: Senado Federal, 2017.
- TROTSKY, Leon. *A revolução traída*. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005.
- UNIVERSIDAD DE LA AMISTAD DE LOS PUEBLOS PATRICIO LUMUMBA. *Prospecto*. Moscou: [s. e.], 1970.
- VIANNA, Arnaldo Rosa. Nação e memória. In. GONZÁLEZ, Elena Palmero; COSER, Stelamaris. *Em torno da memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Letra 1, 2017.
- VON PLATO, Alexander. A descontinuidade da ruptura do sistema e reorientação pessoal. *História Oral*, v. 10, n. 2. 2007.
- WEBER, Regina. Estudos sobre imigrantes e fontes orais: identidade e diversidade. *História Oral*, v. 16, n. 1, 2013.

WEBER, Regina. Relatos de quem colhe relatos: pesquisas em história oral e ciências sociais. *Dados*, v. 39, n. 1, 1996.

WANIEK, Katarzyna. Jovens migrantes poloneses na Alemanha de 1989 a 1999: autoalienação e anomia interacional. *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, 2014.

WHITE, Duncan. *Cold warriors: writers who waged the literary Cold War*. Londres: Little, Brown Book Group 2019.

WHITE, Hayden. O passado prático. *Artcultura*, Uberlândia, v. 20, n. 37, p. 9 - 19, 12 dez. 2018.

WOLFE, Thomas. Past as Present, Myth, or History? Discourses of Time and the Great Fatherland War. In. LEBOW, Richard Ned; KANSTEINER, Wulf; FOGU, Claudio (ed.). *The Politics of Memory in Postwar Europe*. Durham, EUA: Duke University, 2006.

ZHURZHENKO, Tatiana. Geopolitics of memory. *Eurozine*, 10 mai. 2007. [s.p.]. Disponível em: <<https://bit.ly/2O6hB6p>>. Acesso em: 18 set. 2019.

ZWEIG, Stefan. *Êxtase da transformação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.